

JONAS DE OLIVEIRA BONI JÚNIOR

O estágio do espelho de Jacques Lacan:  
gênese e teoria

Dissertação apresentada ao  
Instituto de Psicologia da  
Universidade de São Paulo para  
obtenção do título de Mestre em  
Psicologia Clínica

Área de Concentração:  
Psicologia Clínica

Orientador: Prof. Dr. Christian  
Ingo Lens Dunker

SÃO PAULO  
2010

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação  
Biblioteca Dante Moreira Leite  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Boni Júnior, Jonas de Oliveira.

O estádio do espelho de Jacques Lacan: gênese e teoria / Jonas de Oliveira Boni Júnior; orientador Christian Ingo Lenz Dunker. -- São Paulo, 2010.

215 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicanálise 2. Constituição do sujeito 3. Lacan, Jacques, 1901-1981 4. Corpo I. Título.

RC504

Nome: BONI JÚNIOR, Jonas de Oliveira

Título: O estádio do espelho de Jacques Lacan: gênese e teoria

Dissertação apresentada ao  
Instituto de Psicologia da  
Universidade de São Paulo para  
obtenção do título de Mestre em  
Psicologia Clínica

Aprovado em: \_\_\_\_\_

Banca examinadora:

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

*A meus pais, amor que me fez vida ...*

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Christian Ingo Lenz Dunker, meu orientador, pela paciência em me ensinar que o tempo de aprender nem sempre coincide com o tempo de desejar, e que ainda assim eles estão inseparáveis como propulsores um do outro, num eterno círculo de desejo em aprender.

A Michele Roman Faria, minha supervisora, pela disposição em compartilhar minha experiência clínica e abrir meus ouvidos para as particularidades e possibilidades dos sujeitos diante de situações tão difíceis e arrebatadoras.

A Maria Amélia Matos, minha primeira orientadora em pesquisa, por me acolher com todo carinho e dedicação, quando eu ainda era apenas um estudante recém ingresso na Psicologia e por me mostrar até o último dia em vida que pesquisa exige rigor e dedicação.

Ao grupo de orientação, Paulo, Letícia (Lê), Rafael (Rafa), João, Leandro, Marcelo, Abenon, Ronaldo, Tatiana e Cris, por lerem os meus textos e me sinalizarem onde as coisas não funcionavam.

Aos meus amigos de Consultório, Beatriz, Maíra, Karina, Rafael (Rafa), Pedro e Tiago, pelas discussões sobre meu texto, sobre psicanálise, sobre a clínica e, principalmente, sobre amizade.

A Camila Popadiuk, pelo primeiro projeto em psicanálise, e por ser companheira, amiga, confidente e presente (nos dois sentidos) mesmo trilhando seus caminhos tão longe na França.

Ao Arthur, por me suportar nos momentos mais tensos e difíceis de toda a experiência de mestrado.

A todos os meus amigos que diante de minha ausência mantiveram-se presentes, Rosana, Diogo, Felipe, Diego (Bruno), Gisele, Érika (POP), Bárbara, Giorgio, Vanessa (Minante), Tati, Samanta, Ingrid, Tici, Cris, e tantos outros que estão marcados em minha vida.

A todos os meus pacientes,

A Nilton, Flávia e Sandro, que sem a presença do rosto em minha memória, fizeram ponte para muitas de minhas conquistas até então.

A Raul Pacheco,

A meus irmãos, Neude, Elaine e Elder, e meus pais, por entenderem que eu também sou amor à clínica e à psicanálise.

*O estádio do espelho não é a palavra mágica.  
O que é chato não é tanto o fato de repeti-lo,  
porém de mal empregá-lo.*  
LACAN, 1955/1985, p. 134

## RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo o texto "O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica" (1949/1998) e a teoria do estádio do espelho estabelecida por Jacques Lacan entre 1936 e 1964. A proposta investigativa concentra-se em três vertentes: (1) Acompanhar a gênese da formulação lacaniana do estádio do espelho entre os anos de 1936 e 1938; (2) Analisar a estrutura temática da concepção apresentada em 1949; e (3) Organizar as reformulações e inflexões para a teoria do estádio do espelho realizadas por Lacan, a partir do modelo do esquema óptico entre os anos de 1954 e 1964. O objetivo geral concentra-se em examinar os principais temas e noções psicanalíticas desenvolvidos, de acordo com os três momentos para a teoria do estádio do espelho. Em adjacência, especificamente nas vertentes (1) e (2), objetiva-se recuperar as principais referências teóricas utilizadas por Lacan, enquanto na vertente (3) o exercício metodológico consiste em organizar as referências na própria obra de Lacan. As duas principais considerações finais apontam para a distinção entre o texto de 1949 a teoria e os temas desenvolvidos em torno do estádio do espelho, e a definição do conceito enquanto demarcação dos três registros Real Simbólico Imaginário (RSI) pela inscrição do *objeto a*, traço unário e imagem especular.

## ABSTRACT

This work aims to study the text "The mirror stage as formative of the function of the I as revealed in psychoanalytic experience" (1949/1998) and the mirror stage theory proposed by Jacques Lacan between 1936 and 1964. The research proposal focuses on three aspects: (1) To present the genesis of Lacan's formulation of the mirror phase theory between 1936 and 1938; (2) To analyze the thematic structure of the concept presented in 1949; and (3) To organize the reformulations and inflections of the mirror stage theory Lacan carries out in view of the optical model, between the years 1954 and 1964. The overall goal is to examine the main themes and psychoanalytic notions developed, in regards to the three moments proposed for the mirror stage theory. Secondly, specifically in sections (1) and (2), the objective is to recover the main theoretical references used by Lacan, while in part (3) the methodological exercise is to organize the references in Lacan's own work. The two main conclusions point to the distinction between the 1949 text, the theory itself and the themes related to the mirror stage, and the definition of the concept as a demarcation of the three orders Real Symbolic Imaginary (RSI) by the inscription of the *objet (petit) a*, the unary trait and the specular image.

## SUMÁRIO

1	
APRESENTAÇÃO.....	12
2 INTRODUÇÃO.....	17
3 MÉTODO: <i>OBJETIVOS, MATERIAL E ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO</i> .....	28
3.1 <i>OBJETIVOS</i> .....	29
3.2 <i>SOBRE O MATERIAL DO "ESTÁDIO DO ESPELHO" DE J. LACAN</i> .....	29
3.3 <i>DA ESTRUTURA EM CAPÍTULOS E OS OBJETIVOS ESPECÍFICOS</i> .....	34
3.3.1 <i>THE LOOKING-GLASS PHASE: GÊNESE DA TEORIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO</i> .....	34
3.3.2 <i>O ESTÁDIO DO ESPELHO DE 1949</i> .....	35
3.3.3 <i>TEORIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO ENTRE 1954 E 1964</i> .....	35
3.3.4 <i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i> .....	36
4 <i>THE LOOKING-GLASS PHASE: GÊNESE DA TEORIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO</i> .....	37
4.1 <i>OS TÍTULOS E A ESTRUTURA PARA O ESTÁDIO DO ESPELHO DE 1936</i> .....	37
4.2 <i>O SUJEITO E O EU (JE) EM 1936</i> .....	44
4.3 <i>THE LOOKING-GLASS PHASE: O EU [MOI] E O CORPO</i> .....	58
4.4 <i>KOJÈVE E WALLON: DUAS REFERÊNCIAS PARA A TEORIA DE 1936</i> .....	70
5 <i>O ESTÁDIO DO ESPELHO DE 1949</i> .....	82
5.1 <i>O ESTÁDIO DO ESPELHO: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ORIGENS DO EU</i> .....	82
5.2. <i>O ESTÁDIO DO ESPELHO, O CORPO E A FUNÇÃO DA IMAGEM</i> .....	100
5.3. <i>OS ARROLAMENTOS DO EU E INTERLOCUTORES TEÓRICOS</i> .....	116

5.4 TRECHOS FINAIS: FILOSOFIA E CLÍNICA.....	133
6 TEORIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO DE J. LACAN ENTRE 1954 A 1964.....	143
6.1 O ESQUEMA ÓPTICO NA TEORIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO DE J. LACAN.....	146
6.2 O EU E O SUJEITO NA TEORIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO ENTRE 1954 E 1964.....	160
6.3 OS REGISTROS DO CORPO NA TEORIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO.....	181
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	188
BIBLIOGRAFIA.....	193
ANEXO A.....	203
ANEXO B.....	211
ÍNDICE 1.....	215

## 1 APRESENTAÇÃO

(...) se lembrava, de repente, de que havia algo chamado corpo, um território próprio, com efeito, mas meio abandonado, do qual o frenesi da tradução passava horas distraíndo-o. ALAN PAULS, O PASSADO, p. 85.

A experiência de pesquisa em psicanálise não é um mero exercício epistemológico, pois qualquer interesse teórico deveria estar implicado em alguma perspectiva clínica. Obviamente, nem sempre essa relação emerge ao final da travessia em torno do objeto investigado, contudo, em sua gênese encontrar-se-ão impasses clínicos, dúvidas diagnósticas, casos mal sucedidos e um desejo do analista pela teoria que seja no mínimo equivalente ao desejo do analisante ao cuidado de si.

Assim ocorreu comigo. Ao fim do percurso, a evidência clínica parece não estar em primeiro plano, porém toda a gênese está sustentada em raízes profundas tanto com a clínica psicanalítica quanto com o desejo de analista do investigador.

Este trabalho apresenta um compêndio de referência para a teoria do estágio do espelho de Jacques Lacan, num intervalo de quase trinta anos da obra deste autor, desde as construções hipotéticas das primeiras palavras em 1936 até a última menção ao esquema óptico em 1964.

Para o leitor que se dispuser a enveredar pelas construções arquitetadas nestes capítulos, fica o alerta que nem sempre as palavras escritas condizem com toda profundidade pretendida no pensamento. Algo se perde, e sempre se perderá. É a lógica própria da linguagem. Desta forma, acredito que há sempre três dimensões em jogo na construção de um texto, especialmente com a dimensão que tem o de um mestrado. Há o sujeito que se dispõe ao trabalho investigativo, em torno de um objeto de estudo principal e a materialização de todo percurso no processo de escrita. Nenhum dos três separa-se integralmente ao longo de toda experiência e hora ou outra um prevalece.

No início era o verbo ou no início era a palavra, alguns dizem. Neste caso, o início é a clínica. A origem deste trabalho está nos impasses encontrados na experiência clínica hospitalar em torno do corpo na cena analítica. Ao longo do ano de 2007, no Programa de Aprimoramento Profissional do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP

(PAP/HCFMUSP), no curso de Psicologia Clínica Hospitalar em aids<sup>1</sup>, coloquei-me à escuta de pacientes, que ou espontaneamente procuravam o serviço de psicologia, ou eram encaminhados por outros profissionais da instituição, para acompanhamento psicológico. No geral, a demanda se configurava em torno do impacto sofrido, e esta palavra cabe perfeitamente, com os efeitos da Lipodistrofia<sup>2</sup>. Minha experiência clínica na instituição hospitalar foi marcada pela síndrome lipodistrófica e seus efeitos adversos no organismo e no corpo dos sujeitos na cena analítica.

O termo Lipodistrofia refere-se à descrição pela clínica médica de modificações da forma do corpo e alterações do metabolismo lipídico e glicídico dos indivíduos vivendo com HIV/aids, e pode ser apontado como um dos efeitos adversos do uso prolongado de medicações Anti-retroviral (ARV)<sup>3</sup>,

Por diversas vezes no tempo dos atendimentos, a questão trazida para a análise transcendia a fala e se presentificava no corpo dos sujeitos. Lembro-me de uma paciente que falava sobre não se olhar no espelho e não frequentar piscinas ou praias há mais de cinco anos, pois sentia seu corpo deformado. Ela dizia já não ter músculos nas pernas, mas ao cruzá-las, nada falava sobre as veias saltadas, estas apenas se acentuavam e pulsavam.

De repente, o corpo me despertou interesse. Mas qual corpo minha experiência clínica convocava à escuta e à investigação? O corpo marcado pela fala ou o corpo cuja língua me era inaudível? O que fazer com esse corpo na cena analítica? Quais as referências da psicanálise para este organismo em transformação? Estas perguntas situaram-se como pano de fundo no projeto de pesquisa a ser desenvolvido em formato de monografia no curso citado.

Meu trabalho de conclusão realizou uma leitura psicanalítica da lipodistrofia, a partir de Sigmund Freud (1856-1939), Jacques Lacan (1901-1981) e Françoise Dolto (1908-1988), e centrou-se nas questões da imagem corporal e os processos de acomodação da imagem com o corpo em mudança, configurando hipóteses sobre o impacto desse processo nas estruturas

---

<sup>1</sup> No início da epidemia por HIV/aids, AIDS referia-se a “*Acquired Immune Deficiency Syndrome*”, cuja tentativa no Brasil centrava-se no termo SIDA (Síndrome da Imuno Deficiência Adquirida). Entretanto, o uso corrente para AIDS e as relações de estigma construídas socialmente levaram teóricos a postular o uso para AIDS em letras minúsculas numa tentativa de amenizar os efeitos sociais para os sujeitos que vivem com a infecção viral. O site oficial do Ministério da Saúde brasileiro refere-se à aids, em letras minúsculas, em raras exceções com todas as letras maiúsculas. ([www.aids.gov.br](http://www.aids.gov.br))

<sup>2</sup> Estas alterações foram posteriormente denominadas de síndrome lipodistrófica do HIV, conceituada como perda dos depósitos de gordura periférica (lipoatrofia) e/ou acúmulo de gordura central (lipo-hipertrofia) e/ou manifestações metabólicas lipídicas e glicêmicas (GUIMARÃES et al/2007).

<sup>3</sup> Proposta terapêutica de medicamentos que atenuam a multiplicação do HIV no corpo do sujeito, quando em contato com o vírus. Iniciou em 1987 com a aprovação da Zidovudina e no período de 1987 a 2003, havia 15 novos agentes ARV's distribuídos no Brasil pelas instituições do Sistema Único de Saúde (SUS).

clínicas propostas por Lacan. O título do trabalho foi “*Uma Aproximação Psicanalítica da Lipodistrofia*” entregue ao PAP/HCFMUSP no ano de 2008.

O trabalho rodeou um problema em psicanálise a respeito das nuances sobre o corpo, a carne e o organismo humano, no campo psicanalítico, e da indeterminação dos elementos metapsicológicos que *falem* sobre fenômenos clínicos do invólucro composto por órgãos, músculos, sangue e toda obscuridade que há por detrás da pele. As fronteiras teóricas sobre o corpo eram pouco comentadas pela literatura, a saber, das diferenças entre organismo, carne, corpo<sup>4</sup>. Quando usar estes termos? Seriam nomenclaturas de diferentes campos teóricos para o mesmo objeto em questão? Enfim, duas entre outras perguntas que foram suscitadas.

O termo *imagem corporal* é o operador conceitual do corpo mais retomado em trabalhos científicos com a ótica psicanalítica, muitas vezes atrelado à noção de *auto-estima*, como se fossem concepções de mesmo estatuto teórico. As três principais teorias utilizadas para a questão do corpo ou sobre o termo imagem corporal são de S. Freud, J. Lacan e F. Dolto. O aporte teórico a estes autores nem sempre faz jus às posições muito distintas, colocando-os em diálogo sem considerar suas particularidades epistemológicas quando comparados determinados conceitos, ou internamente em suas respectivas obras.

Por exemplo, sobre S. Freud, faz-se menção ao corpo erogeneizado, e à citação comumente reafirmada, quanto ao corpo como projeção de uma superfície e sobre o *eu*-corpóreo do texto de 1923 “O Eu e o Id”, como sinônimos conceituais ou como termos análogos em psicanálise. De J. Lacan, o uso de imago, miragem, antecipação imaginária do *eu* ocorre sob a nomenclatura do registro Imaginário, ao qual se fixa o domínio para o texto “*O Estádio do Espelho como formador da função eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*” de 1949. Para F. Dolto lança-se mão da imagem inconsciente do corpo, de livro de mesmo título, como sinônimo de imagem corporal.

Diante deste cenário, três questões principais foram formuladas:

- (1) De qual corpo trata a psicanálise?
- (2) Qual a extensão teórica e clínica para o termo *imagem corporal*? Tratar-se-ia de um conceito?
- (3) O corpo tratado pela psicanálise se sustenta por um escopo condizente a uma clínica?

A partir da experiência clínica citada anteriormente e dos questionamentos teóricos que se despertaram, poderia situar meu novo objeto de pesquisa em torno do corpo em

---

<sup>4</sup> Dunker (2005) sustenta a tese de que a tripartição entre corpo, carne e organismo ainda exige uma metapsicologia a ser desenvolvida no âmbito teórico em psicanálise.

psicanálise, porém o seguimento da pesquisa no campo da corporeidade levantou algumas constatações intrigantes a respeito do *estádio do espelho* de Jacques Lacan.

Primeiramente a surpresa diante da extensão do título do texto, “*O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*”, embora sempre seja referido apenas como “O Estádio do Espelho”. Talvez, trata-se de um processo metonímico para o trabalho de Lacan justificado pela própria extensão do título, composto por dois períodos (“o estádio do espelho como formador”... “tal como nos é revelada na experiência...”), mais de dez palavras e no qual há pelo menos três idéias: 1. “*estádio do espelho*” enquanto modelo, metáfora, gramática... etc; 2. formação da “*função do eu*”; 3. “*a experiência psicanalítica*”.

Repetem-se duas célebres frases (reproduzidas abaixo) aos moldes de “*como compreender o estádio do espelho de Lacan*”.

Basta compreender o estádio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago* (LACAN, 1998/1949, p. 97).

Pois a forma total do corpo pela qual o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua potência só lhe é dada como *Gestalt* [...] (LACAN, 1998/1949, p. 98).

A compulsão à repetição dessas duas sentenças pode ser justificada por diferentes caminhos:

(1) O recurso da síntese de uma única idéia do texto pela repetição, em virtude da complexidade da escrita de Lacan, embora a maioria de seus textos ou apresentações orais tenha esta característica retórica;

(2) A ilusão do desenvolvimento de uma única concepção teórica diante do número de páginas do texto (oito!), relativamente curto (“Escritos”, 1949/1998, pp. 96-103), o que nos leva à terceira;

(3) Por ser um texto curto, e por ser o primeiro texto de Lacan, estas duas frases resumem o que Lacan procura desenvolver em 1949. Nada mais do que isso.

Conota-se o caráter inaugural em psicanálise de Lacan para a apresentação de 1949, embora no primeiro parágrafo do texto, o autor revela que tal concepção já fora “trazida à

atenção” treze anos antes, isto é, em 1936, inclusive sendo apresentadas duas vezes em duas instituições de psicanálise: na Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) e na *International Psychoanalytical Association* (IPA).

Ainda mais, há uma superposição entre a teoria do estádio do espelho, o texto de 1949 e o uso do modelo do esquema óptico, amplamente conhecido pela comunidade psicanalítica como se fossem sinônimos entre si. Porém, a teoria do estádio do espelho tem sua gênese em 1936, com a publicação de um texto com o mesmo nome em 1949 e a inserção do modelo óptico ocorrido no início dos anos de 1950, modelo qual empregado por dez anos na obra lacaniana, especificamente até 1964.

Diante dessas considerações, as duas citações célebres podem ser conclusivas das teses a respeito do tema desenvolvido no estádio do espelho? Elas resumem todas as concepções desenvolvidas no texto de 1949? Por fim, dado que Lacan retomou esta concepção ao longo de toda sua obra, o desenvolvido no texto de 1949 contempla toda a extensão teórica conceitual do estádio do espelho? Qual a concepção temática desenvolvida pelo estádio do espelho de Lacan? Qual a abrangência teórica que o texto de 1949 comporta? De que forma Lacan o concebeu? Como compreender a teoria do estádio do espelho?

Diante da formulação de tais perguntas, o objeto de estudo deste projeto é tanto o texto “O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica” (1998/1949) de Jacques Lacan quanto à teoria estabelecida pelo autor entre os anos de 1936 e 1964

E eis que o pesquisador, o novo objeto de estudo e a escrita foram lentamente sendo levados ao texto, aos temas e à teoria em si definidos por estádio do espelho de Lacan

## 2 INTRODUÇÃO

De partida, aventamos a hipótese de que é possível argumentar uma distinção entre os temas, o texto de 1949 e a teoria em si definidos por estádio do espelho no escopo psicanalítico de Jacques Lacan. Nesta perspectiva, orientamos o percurso do trabalho segundo a questão: “Qual a extensão conceitual para o termo *estádio do espelho*?”

Em 1949, Lacan realiza a amplamente conhecida comunicação denominada de “O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”. Por se tratar do único trabalho publicado e diretamente vinculado à teoria do estádio espelho, costuma-se centralizar para este texto qualquer referência conceitual ao estádio do espelho, muitas vezes atribuindo a ele reformulações e inflexões que ocorrerão anos depois de sua apresentação.

Convém ter como ressalva que até 1966, data da primeira publicação da obra “Escritos”, o presente texto só havia sido publicado em 1949, na *Revue Française de Psychanalyse*, n.4, outubro-dezembro de 1949, nas páginas 449 a 455. Ainda que o texto de 1949 tenha sido publicado logo após a apresentação em Zurique, há rumores de que a inclusão na obra “Escritos” (1966/1998) tenha sido efetivada após inúmeras revisões textuais pelo próprio Lacan em conjunto com o editor Jacques-Alain Miller. Outros trabalhos do autor que contêm referências ao tema ou à teoria do estádio do espelho também tinham sido publicados em revistas de psicanálise e psiquiatria da França aos moldes do ocorrido com o texto de 1949. Entretanto, as principais indicações de compreensão para a concepção do estádio do espelho ocorrem desde o início dos anos 50 até o final dos anos 80, tempo em que o autor realizou os famosos seminários semanais em importantes instituições de ensino na França. A publicação deste material só se efetivou anos depois, tanto que ainda restam alguns seminários a serem publicados. Portanto, estes dados da história de publicação dos trabalhos de Lacan podem justificar uma leitura para o estádio do espelho que não contemple a extensão de seu conceito na obra do autor, porém esta posição deve ser reconsiderada.

A primeira apresentação de Lacan sobre a concepção do estádio do espelho ocorreu numa reunião da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), em 16 de junho de 1936 e logo em seguida retornando a tal temática no XIV Congresso Internacional da International Psychoanalytical Association (IPA) em *Marienbad*, no mesmo ano. Lacan não entregou ou publicou o material destas apresentações. Contudo, em 2003, Gérard Guillerault publicou integralmente as notas de Françoise Dolto sobre a leitura preliminar de Lacan na SPP.

Em 1938, Lacan escreveu o texto “Os complexos familiares na formação do indivíduo” e encontramos indícios historiográficos que permitem correlacionar este material com a concepção apresentada em 1936, obviamente considerando que tenham ocorrido alterações importantes nestes dois anos de intervalo entre um e outro.

A identificação afetiva é uma função psíquica cuja originalidade a psicanálise estabeleceu, especialmente no complexo de Édipo [...]. Mas o emprego desse termo, na etapa que estamos estudando, é mal definido na doutrina: foi isso que tentamos suprir com uma teoria da identificação cujo momento genético designamos pela denominação de estágio do espelho (LACAN, 1938/2003, p.46)

Em síntese, o estágio do espelho é apresentado sob a égide de esclarecimentos para um momento importante do sujeito humano, estabelecido entre os seis meses e dois anos (LACAN, 1938/2003, p. 43), sobre as funções psíquicas oriundas das transformações ocorridas pelas identificações. O recurso teórico que o autor encontra para sustentar sua concepção é organizado sobre os termos *complexo* e *imago*, aos quais podemos estabelecer duas operações simultâneas que podem ocorrer no tempo determinado. A primeira está vinculada às operações simbólicas que decorrem da experiência de três complexos primordiais, quais sejam: Desmame, Intrusão e Édipo, e permitem localizar as inscrições da posição subjetiva nas relações de objetos. A segunda concentra na descrição da identificação que se opera com a assunção da imago do corpo próprio e o reconhecimento de uma superfície que delimita um continente referente ao *eu*. Em adjacência, é possível arquitetar relações de influência de autores na concepção citada, por exemplo Henri Wallon (1879-1962) e Alexandre Kojève (1902-1968).

É por intermédio do *complexo* que se instauram no psiquismo as imagens que dão forma às mais vastas unidades do comportamento: imagens com que o sujeito se identifica alternadamente para encenar, como ator único, o drama de seus conflitos. Essa comédia [...] é uma comédia dell’arte, no sentido de que cada indivíduo improvisa e a torna medíocre ou sumamente expressiva [...], mas também segundo uma lei paradoxal que parece mostrar a fecundidade psíquica de toda insuficiência vital” (LACAN, 1936/1998, p. 93).

Em comparação com a apresentação de 1936, Lacan sustenta sua argumentação, no ano de 1949, em torno dos efeitos produzidos pela assunção da imagem especular pelo sujeito diante do espelho, que se reconhece como tal na imagem vislumbrada de seu corpo. Ainda assim, é possível vincular a esta operação, a influência da matriz simbólica e a posição do sujeito na inscrição de uma *Urbild* do eu.

O que chamei de assunção triunfante da imagem, com a mímica jubilatória que a acompanhar, a complacência lúdica no controle da identificação especular, após o mais breve balizamento experimental da inexistência da imagem atrás do espelho, contratando com os fenômenos opostos no macaco, pareceu-me manifestar um desses fatos de captação identificatória pela imago que eu estava procurando isolar. Ele se relacionava da maneira mais direta com a imagem do ser humano que eu já encontrara na organização mais arcaica do conhecimento humano. (LACAN 1946/1998, p. 187)

Lacan realiza um desenvolvimento de suas teses intercalando com referências a autores de campos teóricos variados, demarcando uma composição influenciada por diversos estilos e campos semânticos na composição de 1949. Encontramos referências a Jean-Paul Sartre (1905-1980), Wolfgang Köhler (1887-1967), James Mark Baldwin (1861-1934), Claude Lévi-Strauss (1908-2009), Jakob von Uexküll (1864-1944), Roger Caillois (1913-1978), Charlotte Bühler (1893-1974), Louis Bolk (1866-1930), Hieronymus Bosch (1450-1516), Sigmund Freud (1856-1939), Anna Freud (1895-1982), Melanie Klein (1882-1960).

Ao que tange as hipóteses temáticas desenvolvidas neste texto, por exemplo, Muller e Richardson (1982) dividem-no em campos temáticos:

(I) Psicanálise e Filosofia: “Experiência sobre a qual convém dizer que nos opõe a qualquer filosofia diretamente oriunda do *Cogito*” (LACAN, 1998/1949, p.96).

(II) Corpo: “Pois a forma total do corpo pela qual o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua potência só lhe é dada como *Gestalt* [...]” (LACAN, 1998/1949, p. 98).

(III) Subjetividade: “a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (LACAN, 1998/1949, p. 97).

(IV) A Experiência Clínica: “Os sofrimentos da neurose e da psicose são, para nós, a escola das paixões da alma [...]” (LACAN, 1998/1949, p. 103).

A apresentação de 1949 comporta uma multiplicidade temática que necessita ser investigada em direção a abri-lo em possibilidades de leitura, para que a concepção apresentada por estádio do espelho no ano referido seja compreendida pela sua própria exposição teórica. Como não saber que tal concepção não abarque uma perspectiva diferente das inflexões e reformulações estabelecidas por Lacan nos anos posteriores?

Por fim, o terceiro momento que se pode definir para a teoria do estádio do espelho compreende a inserção ocorrida com o modelo do esquema óptico, inspirado em Henri Bouasse. (1866-1953). A primeira inserção deste modelo ocorre em 24 de fevereiro, na aula denominada “A tópica do imaginário” (1954/1986, p. 94) incluída no livro 1, “Os escritos técnicos de Freud”. A única publicação de Lacan que inclui o esquema óptico ocorre com o texto “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura de personalidade” (1960/1998, p. 680). Entretanto, a recorrência deste modelo em correlação com a teoria do estádio do espelho permanece até o ano de 1964, em 22 de abril, na aula intitulada “Análise e verdade ou fechamento do inconsciente” do livro 11 “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”.

Trata-se de um modelo óptico, ao qual sem dúvida o exemplo de Freud me autoriza, não sem se motivar, para mim, numa afinidade com os efeitos de refração condicionados pela clivagem entre o simbólico e o imaginário (1960/1198, p.679)

Neste período entre 1954 e 1964, é possível localizar a retomada das concepções elaboradas nos anos anteriores, por exemplo o tema da assunção da imagem especular, sob a indicação de  $i(a)$ :

[...] ao conceber a chamada dinâmica do estádio do espelho como consequência de uma prematuração do nascimento, genérica no homem, da qual resulta, no tempo demarcado, a identificação jubilatória do indivíduo ainda *infans* com a forma total em que se integra esse reflexo do nariz, ou seja, com a imagem de seu corpo [...] (LACAN, 1956/1998, p. 429).

Para tanto, torna-se fecundo acompanhar as reformulações e inserções conceituais a partir de novas influências teóricas para Lacan, por exemplo, do campo da lingüística, matemática, sociologia e da própria psicanálise. Isto implica em considerações a respeito da

identificação simbólica neste momento, passível e necessária para a compreensão do enodamento dos três registros (RSI), para o sujeito, diante do espelho. A sustentação desta retórica ocorre pela via do conceito de significante e de traço unário, que nos momentos anteriores poderiam ser relacionados com o conceito de complexo (1938) e matriz simbólica (1949).

Vocês terão que ver aí que é no Outro (A) que o sujeito se constitui como ideal, que ele tem que regular o acerto do que vem como eu, ou o eu ideal, que não é o ideal do eu – quer dizer, a se constituir em sua realidade imaginária. Este esquema torna claro – eu o sublinho a propósito dos últimos elementos que trouxe, em torno da pulsão escópica – que ali onde o sujeito se vê, isto é, onde ele se forja essa imagem real e invertida do próprio corpo que é dado no esquema do eu, não é de onde ele se olha. (LACAN, 1964/2008, p. 143)

Em nosso trabalho, definimos um terceiro momento de inflexão teórica fundamental para a teoria do estádio do espelho, sobre a inserção do *objeto* pequeno *a*, resto que é impossível de ser atribuído de sentido, e permanece enquanto elemento Real da perda irreparável da inscrição subjetiva na linguagem, no modelo do esquema óptico no início da década de 60.

A sistematização das principais reformulações teóricas para a teoria do estádio do espelho e, conseqüentemente, para o modelo do esquema óptico, entre os anos de 1954 e 1964, tornam descontextualizada qualquer atribuição para a teoria do estádio do espelho enquanto constructo teórico essencialmente delimitado pela inscrição da imagem especular pelo sujeito. Este recorte pode ser referente ao desenvolvido em 1949, ainda que neste, possamos localizar uma dupla referência para o termo, tanto para a inscrição da *Urbild* do eu quanto para a matriz simbólica possível de ocorrer no momento precoce descrito entre os seis e dezoito meses de vida.

Por se tratar de um termo amplamente conhecido e estudado na comunidade psicanalítica, especialmente as de orientação lacaniana, é conveniente mapear brevemente a inserção do estádio do espelho no campo temático de pesquisas em psicanálise, primeiro para situarmos o leitor em qual perspectiva nosso objeto de estudo é abordado e segundo, dado que é este o efeito que encontramos, para justificarmos como há a tendência de correlacionar, de maneira unívoca, o texto de 1949, os temas e a teoria em si estabelecida por estádio do espelho.

O estádio, ou a fase do espelho é a “vassourinha com a qual [Lacan] entrou na psicanálise”. Ele renova as teorias do eu [*moi*] – recusando qualquer concepção que tenda a fazer do eu uma instância do conhecimento do real – e funda a dimensão do imaginário. Essa “vassourinha” limpa até mesmo a casa de Freud, por ser aí que se acha a descrição do eu como núcleo do sistema percepção consciência. Em compensação, Lacan reconhece em Freud a pertinência de referir o eu ao corpo (e à superfície), como também à divisão da segunda tópica entre eu, isso e supereu. Longe de ser aparelho de conhecimento, o eu é o lugar do desconhecimento e da *Verneinung* (denegação); sua gênese com o estádio do espelho o explica (PORGE, 2006, p. 67)

No mesmo movimento que descrevemos do que ocorre com o título do texto e na repetição das frases célebres enquanto definição da concepção estabelecida em 1949, há a tendência de enquadrar o campo temático para o estádio do espelho em torno do “*corpo*”, do “*narcisismo*” ou da “*identificação*”. É bem provável que estas respostas ou estes modos de leitura estejam vinculados à época em que foram realizados, mesmo porque essencialmente Lacan correlaciona o estádio do espelho a uma sorte de conceitos pré-definidos em psicanálise.

A introdução ao narcisismo na obra lacaniana se faz em seu texto *Le stade du miroir comme formateur de La fonction du Je*. É neste texto que Lacan vai retomar a tese freudiana sobre a constituição do eu, posterior à sua formulação de segunda teoria das pulsões e que, para que se realize, ele se apodera da libido de objeto que vem do Isso e se impõe ao Isso como objeto erótico. (BEHAR, 1994, p. 15).

Behar (1994) afirma que a introdução do conceito de narcisismo ocorre com a apresentação de 1949 e na publicação pelo texto “O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica” (1949/1998). A partir desta hipótese a autora realiza o recorte da concepção estabelecida por Lacan como uma releitura do tema do narcisismo aos moldes da relação especular e da formação do eu, sob a égide da segunda teoria das pulsões.

Nasio (1997) se refere ao estádio do espelho como qualificação dado por Lacan para o momento inaugural da constituição subjetiva, através da estruturação do *eu* do sujeito,

enquanto marca de uma experiência de percepção fundamental para o *infans*. Faria (2010) afirma que o conceito do estágio do espelho descreve o percurso do bebê em estabelecer uma imagem de seu próprio corpo como uma unidade, e que fornece à criança o ponto de partida para uma primeira e rudimentar identificação. (FARIA, 2010, p. 45-46)

[...] modo de identificação que chamamos imaginária e que determina a estrutura do eu. Encontramos mais uma vez o desafio teórico que levou Lacan a designar pelo nome de identificação o processo de formação de uma nova instância psíquica, neste caso o eu. No momento inaugural desse processo formador, qualificado por Lacan como estágio do espelho, o eu é antes de mais nada, um esboço, a marca de uma experiência perceptiva excepcional deixada na criança (NASIO, 1997, p. 116).

As inúmeras abordagens para a concepção do estágio do espelho também podem ser localizadas em psicanalistas que desenvolveram um conjunto teórico distinto do que fora realizado por Lacan, como vemos no caso de Françoise Dolto e D. W. Winnicott (1896-1971).

Dolto, famosa psicanalista francesa, tinha estudado medicina e mantinha um percurso suficientemente próximo das teorizações psicanalíticas da França a partir do ano de 1936. Em entrevista a E. Roudinesco (ROUDINESCO & DOLTO, 1989, pp.36), no ano de 1986, Dolto relata seu primeiro encontro com Lacan e os textos que levaram a se interessar por ele. O primeiro contato ocorreu com o artigo “Motivos do crime paranóico. O crime das irmãs Papin” de 1933 e, em seguida, com o texto “Os complexos familiares na formação do indivíduo” de 1938. A influência de Lacan pode ser vislumbrada no livro “A criança do espelho”<sup>5</sup>, ainda que a leitura realizada por Dolto tenha particularidades teóricas (GUILLERAULT, 2005) principalmente, por exemplo a diferença entre esquema corporal e imagem inconsciente do corpo.

Dolto postula que a organização do *eu*, representada pela hipótese teórica do estágio do espelho, e a organização da imagem corporal, inicia-se a partir das referências viscerais, do real do corpo, e das nomeações pelo outro, porém:

“[...] é apenas após a experiência especular, que a criança repete experimentalmente por suas idas e vindas

<sup>5</sup>

DOLTO, F. & NASIO, J.D. *A criança do espelho*. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2008.

deliberadas diante do espelho, que ela começa, de certa forma, a se apropriar de seu próprio corpo e armadilhar além de seu narcisismo. (...) Em particular, seu próprio rosto, que o espelho lhe revela e que será doravante indissociável de sua identidade, solidária de seu corpo, tórax, tronco membros, convence a criança de que ela é semelhante aos outros humanos, um dentre eles” (DOLTO, 2004, p. 129).

Contudo, a autora declara que Lacan realiza uma construção sob a supremacia do olhar diante do espelho. O curioso é notar que Dolto está diretamente vinculando a teoria do estágio do espelho ao texto de 1949, pois as afirmações da autora na citação abaixo nos direcionam para o que Lacan, posteriormente a 1949, insere no esquema óptico sobre a dimensão do não especularizável.

Acrescento que valorizamos frequentemente a dimensão escópica das experiências ditas especulares: sem razão, se não insistimos suficientemente no aspecto relacional, simbólico, destas experiências que a criança pode fazer. Não é suficiente que exista um espelho plano. De nada serve se o sujeito é confrontado, de fato, com a falta de um *espelho de seu ser no outro*. Pois é isto que é importante (DOLTO, 2004, p.121).

Outro autor que se utilizou da concepção lacaniana de estágio do espelho foi Winnicott, importante médico psiquiatra de crianças, em sua formação acadêmica, mas que gradativamente tornou-se um influente teórico em psicanálise. Em seu famoso texto de 1967, “O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil”, o autor faz referência direta à teorização lacaniana do estágio do espelho e a apreende em tom de contribuição para suas próprias construções psicanalíticas, concedendo à descrição da experiência do espelho .uma formulação completamente distinta da pronunciada por Lacan.

Sem dúvida, o artigo de Jacques Lacan, ‘Le Stade du Miroir (1949), me influenciou. Ele se refere ao uso do espelho no desenvolvimento do ego de cada indivíduo. Lacan, porém não pensa no espelho em termos do rosto da mãe do modo como desejo fazer aqui (WINNICOTT, 1967/1975, p. 153).

Porém, a tradição oriunda da psicanálise de Winnicott não mantém boas relações com a produção lacianana, pelo menos é assim que Peter Sloterdijk pronunciou e publicou uma análise a respeito da apresentação de Lacan sobre o estádio do espelho. O título do trabalho deste autor se chama “Onde começam os erros de Lacan”, no qual dissecou a apresentação de 1949 com olhar particularmente enviesado e crítico sobre a experiência descrita por Lacan.

[...] é possível mostrar sem muito esforço que este inicial e mais famoso fragmento teórico do corpo da doutrina lacaniana apresenta uma brilhante construção enganosa que se erige na base da voluntariosa e patética falsa avaliação da comunicação inicial diádica entre a criança e seu acompanhante-complemento, o qual via de regra é a mãe, sem falar nos meios de complementação pré-natais. A imagem própria especular, como tal, não pode acrescentar à “auto”-averiguação da criança nada que não estivesse plantado desde há muito no nível dos jogos de ressonância vocais, táteis, interfaciais e emocionais e dos sedimentos internos destes. Antes de todo e qualquer encontro com a própria imagem no espelho um *infans* não descuidado “sabe” muito bem e com precisão o que significa viver de maneira não traumatizada no interior de uma dualidade continente e sustentadora (SLOTERDIJK, ANEXO B).

O título do trabalho comentado, obviamente, munido de duplo sentido, correlaciona tanto o erro de Lacan com o estádio do espelho quanto com o erro de toda a obra do autor, como se os erros de Lacan tivessem começado já na sua primeira concepção psicanalítica.

Vejam as principais críticas de Sloterdijk elencadas abaixo:

I. Lacan pressupõe uma situação infantil primitiva que, desde sempre, foi combatida pela impossibilidade de se sustentar a si mesmo. Para Lacan, cada lactente é despedaçado pelos estados de aniquilamento incuráveis. Desde o início e de forma inevitável, a psicose é sua verdade e realidade. (SLOTERDIJK, ANEXO B).

II. A verdade seria que o despedaçamento precederia a totalidade e que a primeira palavra pertenceria, por toda parte, a uma psicose originária (SLOTERDIJK, ANEXO B).

Ao que poderemos constatar em nossa análise da estrutura temática da concepção apresentada em 1949, SLOTERDIJK pontua para a suposição da situação infantil primitiva de não se sustentar sozinha, em virtude do descontrole motor e físico do *infans* nos primeiros meses de vida. Porém, este autor concebe que para Lacan as fantasias de corpo despedaçado é uma interpretação da criança em virtude dos estados de aniquilamento incuráveis, como se fossem a própria organização da psicose. Primeiro, será que a interpretação de Lacan para o

termo “corpo despedaçado” é enviesada neste sentido? Segundo, as concepções de psicose estão sendo referenciadas sobre a mesma definição?

III. Reconhecer-se no espelho como “isso, sim, sou eu mesmo” significaria, portanto: rir para uma imagem subitamente reluzente, sentir sua integridade como uma mensagem da salvação e ascender, em júbilo e liberto, a um céu imaginário de imagens totais, no qual a anterior dilaceração real e verdadeira nunca mais necessitaria ser confessada. Finalmente o *infans* poderia deixar para trás seu despedaçamento humilhante e sua impotência furiosa; ser-lhe-ia dada, de repente, a possibilidade de, recém-invulnerável, atravessar flutuando o vidro do espelho, chegar ao espaço de imagens e ingressar, tal como um herói transfigurado, no reino de uma integridade demente – radiante, salvo da miserável condição primária, para a qual ele, de agora em diante, pensa nunca mais ter que voltar, supondo que o escudo onírico da imagem do eu incorruptível se afirme contra todas as perturbações posteriores. (SLOTERDIJK, ANEXO B).

Este autor interpreta o texto lacaniano de maneira curiosa, por exemplo, com a afirmação sobre “imagem subitamente reluzente, sentir sua integridade como uma mensagem da salvação e ascender, em júbilo e liberto, a um céu imaginário de imagens totais, no qual a anterior dilaceração real e verdadeira nunca mais necessitaria ser confessada” denota que a aquisição da imagem especular implica numa mudança de paradigma, como se antes dessa inscrição fosse possível interpretar o mundo de uma maneira absolutamente aterrorizante e repleta de perturbações. De fato, isso pode estar em jogo, mas será que há imersa na concepção de Lacan esta cronologia interpretativa antes da imagem especular?

IV. “De resto, cabe notar que – antes do século XIX a maioria dos lares da Europa não possuía espelho, de forma que já sob o mais simples aspecto histórico-cultural, o teorema de Lacan, apresentado como um dogma antropológico válido atemporalmente, é vazio de conteúdo” (SLOTERDIJK, ANEXO B) e . Do ponto de vista empírico permanece sem qualquer esclarecimento a pergunta de saber se a visão precoce da própria imagem no espelho realmente ajuda as crianças psicóticas, que estão no limite entre o estágio de lactente e o da primeira infância, nas ressurreições imaginárias mediante fantasias de integridade embasadas ópticamente (SLOTERDIJK, ANEXO B).

Esta crítica está reunida sob dois argumentos aparentemente muito simples de serem rebatidos, mas que o faremos à medida de construção de nosso texto, dado que estamos apenas apresentado as críticas deste autor, para depois refutarmos, caso seja possível. Primeira questão que surge desta passagem, Lacan confere ao espelho, descrito em 1949, a necessidade de sua presença enquanto materialidade de objeto? Segunda, a concepção do estágio do

espelho é uma medida de intervenção clínica ou apenas uma descrição teórica para conceitos em psicanálise?

V. Ainda assim, se no fundamento de um si mesmo fosse possível, efetivamente, encontrar um imaginário auto-ofuscante desse tipo, também seria esclarecido porque o sujeito em um universo lacaniano poderia encontrar sua salvação ou, ao menos, sua ordem, somente no simbólico. Somente a submissão à lei simbólica salva da psicose constitutiva. Mas, o que é isto senão a continuação do catolicismo por meios aparentemente psicanalíticos? (SLOTERDIJK, ANEXO B).

Por fim, ainda que não tenhamos iniciado propriamente nosso desenvolvimento argumentativo nesta dissertação, podemos de partida refutar esta afirmação crítica e reveladora do desconhecimento deste autor da obra lacaniana nas próprias palavras de Lacan, que nunca estipulou uma teoria que se objetivasse em salvação pelo recurso simbólico como direção do tratamento na clínica psicanalítica, e muito menos relevasse a psicose a qualquer categoria patológica na semiologia psicanalítica. Ao que tange da continuação do catolicismo por meios aparentemente psicanalíticos, cabe lembrar da função da psicanálise e sua teorização enquanto campo semântico inaugurado por Freud, judeu, que ao correlacionar seu método à religião o fez apenas pela via analítica.

Os sofrimentos da neurose e da psicose são, para nós, a escola das paixões da alma, assim como o fiel da balança psicanalítica, quando calculamos a inclinação de sua ameaça em comunidades inteiras, dá-nos o índice de amortecimento das paixões da polis (LACAN, 1949/1998, p. 103)

Diante deste cenário construído em torno de nosso objeto de estudo, pudemos primeiramente acompanhar que há outras referências lacanianas ao estádio do espelho, para além do texto produzido em 1949. Mapeamos o campo temático no qual este conceito está inserido, que, de partida pode ser definido pela sua multiplicidade. Apontamos para a grande influência do termo estádio do espelho na comunidade psicanalítica, a tal ponto de outros autores o utilizarem em suas próprias concepções. Porém, há grande tendência em correlacionar o texto de 1949 aos temas desenvolvidos na teoria definida por estádio do espelho. Este é nosso ponto de partida.

/

### 3 MÉTODO: OBJETIVOS, MATERIAL E ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Nesta seção apresentaremos nosso percurso metodológico. Procuramos contemplar tanto a hipótese de que há diferenças significativas nos desenvolvimentos conceituais entre *teoria*, *texto* e *temas* referentes ao estádio do espelho de J. Lacan, quanto à intenção de expandir as possibilidades de leituras para o texto “O Estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”<sup>6</sup> (1949/1998),

No que tange ao tema, deparamo-nos com a dificuldade de circunscrever em qual campo temático se enquadrava à pergunta que orienta o percurso deste trabalho: *Qual a extensão conceitual do “estádio do espelho” de Lacan?*

Ainda que a comunidade psicanalítica reserve um lugar teórico suficientemente delimitado, como *princeps* da tópica do imaginário, o referido texto de 1949 é utilizado como bibliografia básica em estudos psicanalíticos dos mais variados temas e objetos de estudo, por exemplo, a tópica do imaginário, o tema da imagem do corpo, os fenômenos corporais, o enigma da constituição subjetiva, entre outros.

O uso encontrado na literatura psicanalítica parece efeito da própria leitura dada ao *E.E. (1949/1998)*, enquanto tentativa de compreendê-lo, pois, de fato, a escrita truncada de Lacan e as inúmeras fontes explícitas e implícitas, com que o autor procura dialogar, estão compiladas em apenas oito páginas.

Sendo assim, antes de delimitar a univocidade do tema, decidimos qualificá-lo em torno da multiplicidade, com a estratégia de partir do encontrado textualmente, e logo propor campos temáticos em torno da teoria do estádio do espelho, a partir do texto de 1949.

Além desta abertura quanto aos temas delimitados, optamos por circunscrever três momentos da teoria do estádio do espelho, correspondentes aos desenvolvimentos apresentados em 1936, 1949 e após 1950.

(1) O primeiro coincide com o produzido e elaborado por volta de 1936, para o qual sinalizamos a apresentação oral em *Marienbad* e na Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), ainda que os esforços estejam concentrados em reconstruir a teoria do estádio do espelho

---

<sup>6</sup> A partir do presente momento, a sigla *E.E. (1949/1998)* referir-se-á ao texto de 1949 publicado na obra “Escritos” (1998). Entretanto, a cada início de capítulo desta dissertação, faremos menção ao título de maneira estendida, a não ser quando julgarmos conveniente.

elaborada neste ano, em virtude da ausência textual do material apresentado por Lacan nestas duas ocasiões.

(2) O segundo momento refere-se ao texto produzido e elaborado no ano de 1949, “O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada pela experiência psicanalítica”. Neste momento, é necessário distinguir entre os temas apresentados, da teoria estabelecida e do texto propriamente dito.

(3) O terceiro momento refere-se às inflexões introduzidas e reformulações nos anos subsequentes a 1949, diluídas entre os textos incluídos na obra “Escritos” (1966/1998) e nas aulas compiladas nos seminários realizados por Lacan até o ano de 1964, ano qual se encontra a última menção ao esquema óptico correlativo a teoria do estádio do espelho (QUINET, 2004). Desta forma, pela ausência de um texto específico que se ocupe da teoria do estádio do espelho, o exercício é similar ao de uma reconstrução das reformulações introduzidas por Lacan, e, então propor uma teoria do estádio do espelho após 1949.

### 3.1 OBJETIVOS

A proposta metodológica estrutura-se primordialmente sobre o texto *E.E. (1949/1998)*, enquanto objeto de estudo propriamente especificado. Contudo dividimos os objetivos em duas vertentes gerais, como função que orienta não só para o momento referente ao produzido em 1949, mas também para os outros dois momentos referentes à teoria do estádio do espelho, isto antes de 1949 e depois de 1949:

1. Examinar os principais temas e noções psicanalíticas desenvolvidos, de acordo com os três momentos para a teoria do estádio do espelho;
2. Recuperar as principais referências teóricas utilizadas por Lacan;

### 3.2 SOBRE O MATERIAL DO “ESTÁDIO DO ESPELHO” DE J. LACAN

Lacan faz o primeiro desenvolvimento da teoria do estádio do espelho em formato de leitura preliminar, numa reunião da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), em 16 de junho de 1936, sob o título “*The Looking-Glass Phase*” (ROUDINESCO, 1994, p. 78). Lacan não

entregou ou publicou qualquer material desta apresentação a SPP, por motivos não revelados, ou discutidos. Porém, Françoise Dolto, então presidente da mesa desta leitura preliminar, fez anotações durante tal apresentação e as publicou no *International Journal of Pscuchoanalysis* em 1937. Mesmo que haja esta referência de publicação, Jane Gallop (1992, pp. 77-78) discute as impossibilidades de encontrar, de fato, a publicação de tais manuscritos<sup>7</sup>.

Dois meses após a reunião na SPP, em agosto de 1936 em *Marienbad*, Lacan participa pela primeira vez de um congresso organizado pela *International Psychoanalytical Association* (IPA), no qual expõe trabalho intitulado “The Looking-Glass Phase”, ou como aponta Roudinesco, “*Le stade du miroir. Théorie d'un moment structurant et génétique de la constitution de la réalité, conçu en relation avec l'expérience et la doctrine psychanalytique*”(ROUDINESCO, 1994, p. 484) - “O estádio do espelho. Teoria de um momento estruturante e genético da constituição da realidade, concebido e a relação com a experiência e a doutrina psicanalítica”.

Ao que consta nos trabalhos historiográficos de E. Roudinesco (1988; 1994) ou A. de Mijolla (1990), a apresentação de *Marienbad* é a releitura do que fora apresentado na reunião de junho na SPP, sob a nomenclatura “*The Looking-Glass Phase*”, embora também haja o segundo título para o trabalho.

Com efeito, é no congresso em *Marienbad* (1936) que Lacan afirma introduzir o tema do estádio do espelho: “a concepção do estádio do espelho que introduzi em nosso último congresso, há treze anos, não me pareceu indigna, por ter-se tornado mais ou menos de uso comum no grupo francês, de ser novamente trazida à atenção de vocês” (LACAN, 1949/1998, p. 96). Ainda que Lacan marque o impacto do tema do espelho na comunidade psicanalítica, para os anais de *Marienbad* não entregou qualquer material<sup>8</sup>.

Entretanto, em 1937 Henri Wallon pede a Lacan que desenvolva um texto sobre a experiência do espelho, (ROUDINESCO, 1988), em virtude da ressonância da apresentação em *Marienbad*, a fim de compor um número especial da *Encyclopédie française*, com o título

<sup>7</sup> Deparei-me com percurso semelhante ao buscar no sistema bibliotecário da USP o exemplar de tal periódico sinalizado por Roudinesco. Havia indicação da existência deste número na biblioteca da Faculdade de Saúde Pública, o único nas bibliotecas do Brasil. Porém, no ano de 2009 foi impossível ter acesso a ele, por razões que o sistema não explica.

<sup>8</sup> Roudinesco (1994) especula as significações de tal ato pela via do corte dado por Ernest Jones a Lacan, após dez minutos do início da apresentação. Jane Gallop (1992) lança mão da pergunta “Por onde começar?”, quando se trata de ler Lacan ou mesmo sobre as fontes do estádio do espelho, dado que este tema é o mote do primeiro trabalho propriamente psicanalítico de Lacan e o primeiro a ser apresentado em um congresso de Psicanálise. O ponto é: esta primeira apresentação na IPA encontra-se não publicada sob a rubrica de Lacan.

“*La famille*”<sup>9</sup>, publicado em 1938, reeditado com o título “*Les complexes familiaux dans la formation de l’individu*”<sup>10</sup>, e, posteriormente, incluído na obra “Outros Escritos”, como “Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo” (LACAN, 1938/2003).

Tal pedido de Wallon se cruza com o interesse de Lacan por este autor, quando circulavam pela Sociedade de Psiquiatria da França, entre os anos de 1928 e 1934. Entre outros trabalhos, neste grupo Wallon divulgou “*Les Origines du Caractère chez L’enfant*” (1934), no qual expõe a prova do espelho.

Em 1949, no primeiro congresso da IPA após a segunda Grande-Guerra, Lacan retoma o tema do estádio do espelho. Trata-se do primeiro trabalho realizado por Lacan após uma década sem escritos em psicanálise. Neste retorno, o autor traz a atenção de seus ouvintes para uma teoria a respeito do estádio do espelho *como*<sup>11</sup> formador da função do *eu*, a partir da experiência psicanalítica. Diferentemente do ocorrido em 1936, entrega o material para os anais do congresso, publica na *Revue Française de Psychanalyse* em 1949, e, por fim, inclui na única obra compilada em vida de seu material produzido em psicanálise, o texto intitulado “O Estádio do Espelho como formador da função do eu, tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”, amplamente divulgado entre os psicanalistas.

Pela ausência textual das primeiras apresentações e a referência indireta entre “Estádio do Espelho” e “Complexos Familiares”, costuma-se fazer menção à teoria do estádio do espelho exclusivamente ao texto de 1949. Entretanto esta posição deve ser reconsiderada.

Em 2003, na França, quase setenta anos depois da primeira apresentação na SPP e em *Marienbad*, Gérard GUILLERAULT anexa integralmente as anotações de Dolto no livro “*Le miroir et la psyché. Dolto, Lacan et le stade du miroir*” pela Gallimard, e em 2005 este mesmo livro é traduzido para o espanhol como “*Dolto, Lacan Y El Estadio del Espejo*”. Este autor<sup>12</sup> manteve contato com Françoise Dolto e sua experiência na França, através de Colette Percheminier, diretora do *Arquivos de Françoise Dolto*, possibilitou acesso às anotações do que Lacan apresentou em junho de 1936 na SPP, e que fora reapresentado na IPA em *Marienbad*.

<sup>9</sup> Segue a referência completa do texto como apresentada por ROUDINESCO (1994): LACAN, J. “*La famille*”. Encyclopédie française, tomo 8.40.3-16 e 42.1.8 (Paris: Larousse, 1938).

<sup>10</sup> A partir de ROUDINESCO (1994), a reedição é apresentada apenas pela editora e o ano, sem intertítulos ou bibliografia. No Brasil, o texto é incluído na obra LACAN, J. (2003) “Outros Escritos”, sob o título “Os complexos familiares na formação do indivíduo” e intertítulo “Ensaio de análise de uma função em psicologia”, pp. 23-90.

<sup>11</sup> Este inserção do *como* no título nos parece sinalizar uma diferença com a concepção que Lacan inaugura, se distanciando das noções de “*fase*” e “*momento*”, para uma retórica com toques metafóricos.

<sup>12</sup> Em nota (GUILLERAULT, 2005, p. 36) ,o autor agradece a Colette Percheminier. Ao longo do primeiro capítulo aponta a relação com Dolto e a importância desta autora ao que Lacan produziu sobre o estádio do espelho.

Embora Lacan faça sua primeira apresentação teórica num congresso de psicanálise, no ano de 1936 em Marienbad com “*The Looking-Glass Phase*”, o *E.E. (1949/1998)* é considerado o texto “*princeps*” (LECLAIRE, 2007, p. 8) no campo psicanalítico, como afirma Serge Leclaire em “*Psicanalisar*” de 1968, no primeiro trabalho clínico conduzido e transmitido sob o escopo lacaniano (DUNKER, 2009, p. 46).

Não raro atualmente, bem como nas décadas seguintes à publicação de *E.E. (1949/1998)*, classifica-se o texto em torno de elucubrações sobre o *corpo* e sobre o *eu*<sup>13</sup>, além da gênese teórica para o que Lacan intitulou de *registro imaginário*<sup>14</sup>, a saber, o recurso da imagem do corpo na formação da função do *eu* [*Je*], denominado *eu* [*moi*].

Porém, Lacan faz referência à teoria do estágio do espelho<sup>15</sup> de maneira intensa enquanto constrói sua posição teórica em psicanálise. Por exemplo, a extensão cronológica dos textos na obra “*Escritos*” enquadra-se entre os anos de 1936 até 1966, com a inclusão de “*Para além do ‘Princípio de Realidade’*” e “*A ciência e a verdade*”, respectivamente. O número de textos ou manuscritos (de conferências e congressos) soma 34 textos, dentre os quais 17 fazem referência textual à teoria do estágio do espelho, num total de 35 citações (LACAN, 1998, pp. 908-917). Em detalhes, desde “*Para além do ‘Princípio de Realidade’*” (1936) até “*Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*” (1963) é possível encontrar alguma menção ao tema do espelho. A estatística destes números revela que cada texto, dos 17 sinalizados acima, traz pelo menos uma referência ao tema elaborado nesta teoria.

<sup>13</sup> No texto traduzido oficialmente no Brasil (1966/1998), há a inserção do termo EU grafado entre colchetes, [eu], quando Lacan faz uso pelo pronome da primeira pessoa da língua francesa *Je*, e EU sem colchetes, eu, quando utiliza *Moi*. Teoriza-se uma intencionalidade em Lacan ao usar os diferentes para se referir à primeira pessoa do singular, embora *Je* e *Moi* tenham posições e uso diferentes na semântica da língua francesa. Este estilo em teorizar é comumente encontrado em Lacan, quando recorta palavras ou expressões de uso comum da língua para criar conceitos em psicanálise, por exemplo “*passagem ao ato*”. No caso para *Je* e *Moi*, Lacan utiliza essa possibilidade da língua francesa para conceituar duas instâncias psíquicas em psicanálise, como discute o tradutor em Nota da Edição brasileira (1966/1998, p. 936). No entanto, fica as questões: Será que em 1949 poderíamos inferir a diferença conceitual entre *Je* e *Moi*? Tratar-se-ia de uma diferença conceitual ou de tradução do Francês para o Português?

<sup>14</sup> Esta classificação para o texto é um tanto aproximativa, considerando que Lacan não faça referência ao termo “*registro imaginário*” no texto de 1949. Os primeiros desenvolvimentos, em direção à formalização de tal conceito, podem ser sistematicamente acompanhados ao longo dos anos de 1953-54, ao que resultou no livro “*Os escritos técnicos de Freud*”, ou seminário um. Vê-se, então, quatro anos após a publicação do texto o *E.E. (1949/1998)*.

<sup>15</sup> No “*Escritos*” (1966/1998, p. 908)), há uma série de índices anexados ao final do livro, cuja formulação foi acompanhada por Lacan e Jacques Alain-Miller, a fim de propiciar ao leitor pontos firmes na circulação pelos conceitos desenvolvidos na obra, em virtude da densidade da escrita de Lacan. O primeiro é intitulado de “*Índice ponderado dos principais conceitos*” (p. 908). Há duas chaves destinadas ao “*estádio do espelho*” enquanto conceito, isto é, “*ocorrências que fornecem definições essenciais, suas funções e suas propriedades principais*” (p. 908). Desta forma, o estágio do espelho poderia ser formalizado enquanto um conceito em psicanálise? Ou tratar-se-ia de um campo envolvendo uma série de conceitos? Ao que podemos afirmar, há três possibilidades de referência ao estágio do espelho, ao que se poderia enquadrar ao tema, à teoria e ao texto propriamente dito de 1949.

Ainda assim afinamos esta sistematização em dois campos em relação as duas apresentações para o tema do espelho, a partir da data de cada texto que Lacan faz referência, ou seja, para os textos produzidos antes de 1949, supõe-se do apresentado em *Marienbad*, enquanto todos os textos pós 1949 referir-se-iam ao de *Zurique*, com exceção de citações explícitas a *Marienbad*. Para o primeiro caso, isolamos três textos: “Para Além do 'Princípio de Realidade’” (1936/1998, p.92) “Formulações sobre a causalidade psíquica” (1946/1998, p. 185) e “A agressividade em psicanálise” (1948/1998, p.115)<sup>16</sup>.

O segundo grupo abarca a maior quantidade de referências à teoria e ao tema do estádio do espelho, distribuídas em 14 textos da obra, como por exemplo, em “Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia” (1951/1998, pp 149-150.); “Seminário sobre 'A carta roubada’” (1957/1998, pp 57-58); no qual à página 58 Lacan desenha o esquema L e o relaciona diretamente ao estádio do espelho.; “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1959/1998, pp. 558-559); em que há a exposição do esquema R, como explicitação topológica do que seria o “par imaginário do estádio do espelho” (p.558). Em “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache 'Psicanálise e estrutura da personalidade’” (1960/1998, pp. 674-687), Lacan redesenha o esquema óptico<sup>17</sup>, intitulado “A ilusão do buquê invertido” de Henri Bouasse (1866-1953), promovendo uma variação do modelo (p. 681) e ao passo que transforma o modelo anterior (p. 687) a fim de criar analogia com os movimentos na análise (Anexo 2. “Quadro comentado das representações gráficas”, 1966/1998, p. 920).

Esta constatação de partida nos coloca diante do impasse do uso da teoria do estádio do espelho exclusivamente vinculada ao texto de 1949. Lacan convoca a teoria do estádio do espelho como referência conceitual numa extensão cronológica que abarca inclusões e reformulações teóricas muito importantes em sua obra, como a do significante e do objeto *a* principalmente. Desta forma, podemos presumir para a teoria do estádio do espelho que há o

<sup>16</sup> Em virtude de haver 14 textos que trazem referências ao estádio do espelho de 1949, decidimos apresentar a lista completa na seção ÍNDICE 1.

<sup>17</sup> Lacan faz a primeira inserção do esquema óptico na aula de 24 de fevereiro de 1954, intitulada de “*A tópica do imaginário*”, incluída no livro “Os escritos técnicos de Freud” (LACAN,1953-54/1986, p.94) . Trata-se do uso da experiência do *bouquet* invertido, do físico Henri Bouasse, inserido no estudo “*Optique et photométrie dites géométriques*” do 23º volume (publicado em 1934 e reeditado 1947) de sua obra. É curioso notar que a publicação de tal volume antecede dois anos o primeiro (1936) trabalho de Lacan, e sua reedição antecede dois anos *E.E. (1949/1998)*. Segundo Quinet (2004, p. 131), o uso do esquema óptico acontece na obra lacaniana por dez anos, em que a última reformulação de tal esquema acontece na aula de 28 de novembro de 1962, “Do cosmo à *Unheimlichkeit*”, do livro “A angústia” (LACAN,1962-63/2005, pp.48-49). A partir do livro 11, “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” (LACAN, 1964/2008), Quinet afirma que Lacan não retorna com tal referência esquemática. Na seção 6 desta dissertação, o leitor encontra em detalhe as reformulações dos esquemas ópticos em Lacan.

impacto conceitual com tais inflexões, e portanto, a teoria do estágio do espelho deva ser reconsiderada em sua circunscrição ao apresentado em 1949.

Assim exposto, seria muito curioso, embora intrincada na gênese da teoria de Lacan, que a temática iniciada em 1936, apresentada em 1949 e reformulada após este ano seja reduzida de modo exclusivo a uma *teoria do imaginário*, e ao que enlaça o corpo e o *eu*. A teoria do estágio do espelho pode ser compreendida em diversas perspectivas a depender da referência textual de Lacan. Isto é, se considerarmos ao produzido em 1949, podemos concluir uma determinada posição para a teoria do estágio do espelho e conseqüentemente o impacto para os temas desenvolvidos neste ano. Caso expandimos a perspectiva da teoria em sua abrangência na obra de Lacan, isto é, de 1936 a 1964, pretendemos mostrar que se trata de uma teoria com sustentação conceitual para além dos efeitos da tópica do imaginário.

De caráter especial e de partida para este trabalho, temos como tese a crença na diferença entre os temas inerentes ao estágio do espelho, do texto produzido em 1949 e da teoria do estágio do espelho na obra de Lacan entre 1954 e 1964.

### 3.3 DA ESTRUTURA EM CAPÍTULOS E OS OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Arquitetamos uma estrutura em capítulos para a dissertação que contemple nossos objetivos gerais, e privilegie a argumentação dos três momentos referentes à teoria do estágio do espelho, a depender das respectivas referências textuais desenvolvidas acima.

#### 3.3.1 THE LOOKING-GLASS PHASE: GÊNESE DA TEORIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO

Especificamente a este capítulo, marcamos a novidade da descrição e análise do material transcrito por F. Dolto, e incluído em G. Guillerault (2005), sobre a apresentação no ano de 1936 para a teoria do estágio do espelho. Contudo, nosso texto primordial de referências é propriamente o texto de Lacan “*Os complexos familiares na formação do indivíduo*” (1938/2003).

A estratégia metodológica consiste em reconstruir a concepção de 1936 em duas perspectivas: conteúdo e forma. Organizamos o conteúdo desenvolvido, as principais teses concebidas por Lacan e as hipóteses que as sustentam a teoria do estágio do espelho de 1936. Quanto à forma, procuramos fazer um levantamento dos principais autores influentes na concepção de Lacan e os textos escritos por eles no contexto dos anos 1930.

Optamos por respeitar a temporalidade cronológica da produção lacaniana e não recorrer, neste capítulo, a textos que tenham sido produzidos após 1938. A intenção é reduzir o possível de interferências e reformulações em torno do que fora realizado no ano de 1936.

### 3.3.2 O ESTÁDIO DO ESPELHO DE 1949

Com estratégia semelhante à realizada no capítulo 1, organizamos a apresentação e análise, exclusiva e propriamente do texto “O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica” (1939/1998). Este material de Lacan fora apresentado ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise em Zurique em 1949, publicado inicialmente na *Revue Française de Psychanalyse*, n.4, outubro-dezembro de 1949, e em 1966 incluído na obra “Escritos” (1966/1998).

Em linhas gerais, os eixos norteadores se definem em torno de forma e conteúdo, porém, à medida do possível procuramos não preencher possíveis lacunas com hipóteses ou noções de comentadores ou reformulações de Lacan de anos posteriores a 1949.

### 3.3.3 TEORIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO ENTRE 1954 E 1964

Neste capítulo, procuramos apresentar as reformulações realizadas por Jacques Lacan na teoria do estágio do espelho após o ano de 1949, especificamente circunscrito entre 1954 e 1964. Nosso eixo metodológico consiste na referência ao esquema óptico enquanto modelo expositivo para a teoria do estágio do espelho, a partir da experiência do *bouquet* invertido, do físico Henri Bouasse (1866-1953).

Os textos que sustentam este capítulo referem-se àqueles escritos pós 1949, incluídos na obra “*Escritos*” (1966/1998) e em aulas compiladas no formato de seminários de Lacan.

#### 3.3.4. *CONSIDERAÇÕES FINAIS*

À título de conclusão deste trabalho, recuperamos as principais teses para a teoria do estádio do espelho de 1936, de 1949 e dos anos subsequentes a 1950. Reafirmamos a hipótese da diferença entre os temas, o texto de 1949 e a teoria do estádio do espelho, a fim de uma abertura de perspectiva teórica no campo psicanalítico desta teoria de J. Lacan.

#### 4 THE LOOKING-GLASS PHASE: GÊNESE DA TEORIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO

A concepção do estádio do espelho que introduzi em nosso último congresso, há treze anos, não me pareceu indigna, por ter-se tornado mais ou menos de uso comum no grupo francês, de ser novamente trazida à atenção de vocês [...].

LACAN, 1949/19998, p. 96

A epígrafe escolhida se encontra no primeiro parágrafo do texto “O Estádio do Espelho como formador da função do Eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica” (1949) de Jacques Lacan. Esta escolha implica em trazer para a atenção do leitor a concepção realizada no XIV Congresso Internacional da International Psychoanalytical Association (IPA) em *Marienbad*, no ano de 1936, intitulada “*The Looking-Glass Phase*” (ROUDINESCO, 1994; GUILLERAULT, 2005). Em virtude da aproximação com o texto “Os complexos familiares na formação do indivíduo” (1938/2003) e da publicação de Gérard Guillerault, em 2005 a apresentação “*The Looking-Glass Phase*” é passível de reflexão, como discutimos na seção 3 *MÉTODOS: OBJETIVOS, MATERIAL E ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO*.

Trazer para o primeiro plano, e primeiro capítulo desta dissertação, a análise e desenvolvimento da concepção de Lacan em 1936, é abrir possibilidade de leitura para o tema e teoria do estádio do espelho.

Extraímos o conteúdo desenvolvido, as principais teses concebidas por Lacan e as hipóteses que as sustentam sobre a concepção que inaugura. Paralelamente, procuramos fazer um levantamento dos principais autores influentes a Lacan e dos textos escritos por eles no contexto dos anos 1930.

##### 4.1 OS TÍTULOS E A ESTRUTURA PARA O ESTÁDIO DO ESPELHO DE 1936

Há dois títulos diferentes como referência para o trabalho de Lacan no ano de 1936; (1) “*Le stade du miroir. Théorie d'un moment structurant et génétique de la constitution de la*

*réalité, conçu en relation avec l'expérience et la doctrine psychanalytique*<sup>18</sup> e, (2) “*The Looking-Glass Phase*”, embora este seja datado como oficial.

Existem diferenças significativas, no uso das palavras, na construção de cada um dos títulos, não somente pela língua, mas principalmente pelo uso de termos distintos em cada um deles, por exemplo, “*momento estruturante e genético*”, no primeiro, e “*fase*” no segundo.

No que se refere ao primeiro, o título mantém estreita relação com a apresentação de 1949 em Zurique, embora em 1936, o estágio do espelho seja definido como uma teoria de momento estruturante e genético da constituição da realidade, enquanto em 1949, o estágio do espelho encontra-se circunscrito à formação da função do *eu* [*Je*]<sup>19</sup>. Em ambos, a sustentação se faz a partir da experiência psicanalítica.

Os termos *estruturante* e *genético* implicam dois estatutos diferentes para a constituição da realidade do sujeito. *Estruturante*<sup>20</sup> se vincula a um momento de organização das possibilidades do sujeito humano, a partir da construção em psicanálise que o homem antes de ser regido por instintos está logicamente determinado por relações de outra ordem, a partir das quais se estrutura a vida psíquica. Enquanto o termo *genético* pode ser vinculado tanto como gênese da estruturação da realidade, isso é, ponto inicial do movimento de estruturação subjetiva, ou ainda às mudanças orgânicas em consequência da maturação biológica dos neurônios e da tônica muscular descritas no período de 6 a 18 meses na criança, que pode estar diretamente vinculado à idéia *estruturante*.

Na problemática da constituição do sujeito envolvida na teoria do estágio do espelho em 1936, Arantes (1992) argumenta duas vertentes distintas que compõem a teoria lacaniana: a primeira vinculada à construção da realidade, através das imagens e dos objetos de interesse do indivíduo, e a segunda referida à constituição do *eu*, através das identificações do sujeito. Seria esta dualidade implicada nos termos *estruturante* e *genético*?

“*The Looking-Glass Phase*” pode ser traduzido de diversas maneiras para o português, entretanto, as conjugações possíveis implicam numa fase, cuja função do olho<sup>21</sup> se sobressai

<sup>18</sup> A tradução do título encontra-se em Roudinesco (1994, p. 484): “O estágio do espelho. Teoria de um momento estruturante e genético da constituição da realidade, concebido em relação com a experiência e a doutrina psicanalítica”.

<sup>19</sup> Em nota oficial no texto de 1949, o editor sinaliza tratar-se do *Je* (pronome pessoal da primeira pessoa do singular em Francês) como sujeito do inconsciente, diferentemente do *Eu* [*moi*], enquanto função. Acreditamos ao final desta dissertação, esclarecer a facticidade desta diferença no ano de 1936, e as implicações para os anos subsequentes na teoria do estágio do espelho. Isto é, trata-se de uma diferença primordial entre *Je* e *Moi* para a teoria ou seria apenas uma questão de tradução?

<sup>20</sup> O presente termo facilmente pode ser aproximado à noção de estrutura, embora no ano de 1936 esta idéia dificilmente esteja imersa no ensino de Lacan, em virtude da importância do Estruturalismo na concepção de estrutura.

<sup>21</sup> Ver HUOT (1991) e PRISZKULNIK (1986).

em consonância a uma superfície de vidro que reflita uma imagem, e ao mesmo tempo seja possível visualizar o que há para além do vidro<sup>22</sup>.

“*Looking-glass*” é o termo usado na língua inglesa para se referir ao modelo do espelho na época vitoriana, quando o homem utilizava o vidro como material para ver nuances do próprio reflexo, em virtude da ausência de conhecimento sobre o manuseio do aço como superfície superposta ao vidro. A palavra correlata para o modelo seria “*mirroir*”, que também pode ser empregada como verbo, com o qual se exprime a idéia de igualdade, de cópia.

Em 1936, os dois termos poderiam ser empregados por Lacan, o que nos leva a considerar a escolha para o uso do termo “*looking-glass*” e a idéia subjacente a ele. Ou seja, a escolha de Lacan perpassa a concepção de uma superfície refletora que permite tanto o reflexo da imagem quanto a presença da cena por detrás da superfície. Este jogo entre olho, olhar, imagem e cena do mundo é elemento de importância capital na constituição da realidade. O ponto curioso desta escolha está no termo que abriga tanto o reflexo da imagem quanto a impossibilidade de reflexão idêntica com o objeto<sup>23</sup>. Nas anotações de Dolto, tal consideração não aparece.<sup>24</sup>

Pode-se afirmar, então, uma constante em relação a esses dois títulos. Trata-se de um intervalo no tempo, no qual separa dois momentos distintos para o sujeito humano. Nesta encruzilhada, algo do ambiente é considerado na constituição do sujeito. Aqui se encontram os primeiros passos para a fórmula lacaniana sobre o “*outro*”, representada pelo espelho, pela superfície de vidro que reflete.

Ressaltamos que Lacan já faz uso de uma retórica completamente diferente da utilizada por Freud na descrição de categorias psicanalíticas, provavelmente reflexo das referências a que Lacan se expunha em sua formação. Por enquanto nossas especulações transitam em torno dos títulos, mas afirmamos que tal superfície refletora não

<sup>22</sup> Encontramos a seguinte citação quase vinte anos depois, a respeito da concepção da natureza do espelho em sua propriedade de vidro: “Para compreendê-lo, basta fazer um pequeno aperfeiçoamento a mais nesse aparelho. Imaginem que este aparelho é um vidro. Vocês se vêem no vidro e vêem os objetos além. Trata-se justamente disto – de uma coincidência entre certas imagens e o real” (LACAN, 1954/1986, p.165).

<sup>23</sup> Esta consideração torna-se pertinente, principalmente pela ausência deste ponto no texto de 1949, e pelo desenvolvimento teórico realizado por Lacan com a noção de *objeto a* e o esquema ótico, por exemplo, no livro 10 “A angústia” (1962-1963) - aulas de 29 de novembro de 1962 (pp.48-49) e 09 de Janeiro de 1963 (p.105) e 23 de Janeiro de 1963 (pp.132-133). Ver em detalhe na seção 6. *TEORIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO ENTRE 1954 E 1964*.

<sup>24</sup> Convém retomar as críticas de Sloterdijk a respeito da crítica histórico conceitual ao estádio do espelho de Lacan. Este autor sinaliza que “antes do século XIX a maioria dos lares da Europa não possuía espelho, de forma que já sob o mais simples aspecto históricocultural, o teorema de Lacan, apresentado como um dogma antropológico válido atemporalmente, é vazio de conteúdo. (SLOTERDIJK, ANEXO B).

necessariamente esteja vinculada à materialidade do objeto, e sim um indício de uma construção teórica propriamente lacaniana para a constituição subjetiva.

Não podemos afirmar a posição de Lacan sobre esta diferença quanto aos títulos de sua apresentação. Não há qualquer material assinado por ele sobre o conteúdo desenvolvido, mesmo que o autor a tenha apresentado em dois lugares distintos, em Paris na Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) e em *Marienbad* na *International Psychoanalytical Association* (IPA).

Sobre as publicações de Lacan entre os anos de 1932 e 1936, a tendência configurava-se em torno de casos clínicos. Por exemplos, “Um caso de demência precocíssima” e “Um caso de perversão infantil por encefalite epidêmica precoce diagnosticada sobre uma síndrome motora incompleta”, ambos incluídos em revista de artigos médicos no ano de 1933 (CESAROTTO E SOUZA LEITE, 1993). Neste mesmo ano, e com maior destaque, Lacan escreveu “Motivos do crime paranóico. O crime das irmãs Papin”, publicado na “*Le Minotaure*” e retomado na “*Obliques*”, porém com o diferencial de serem periódicos de outra área, não médico. Em 1934 e 1935, segundo Roudinesco (1994) e Cesarotto e Souza Leite (1993), Lacan faz apenas comentários e intervenções a outros palestrantes.

Então, a ausência de material assinado por Lacan no ano de 1936 parece seguir uma tendência de transição teórica da medicina para a psicanálise, tese sustentada por Roudinesco (1994), Olgivie (1988) e outros comentadores. Em 1929, três anos antes da publicação de sua tese de doutorado, Lacan escreve um poema intitulado “*Hiatus Irrationalis*” e o publica na *Cahiers d'art* em 1933, além de circular por discussões do movimento artístico surrealista, e principalmente manter diálogo com Salvador Dalí sobre sua tese de doutorado.

Diante desta intermitência de Lacan em diferentes campos teóricos, ainda podemos considerar a ausência do material sobre a apresentação de 1936 pelas implicações do lugar em que tais apresentações foram realizadas, ou seja, a natureza das instituições psicanalíticas da SPP e IPA.

A circulação de Lacan pela psicanálise concentrava-se na Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP). Esta fora criada em 1926, por figuras como Eugène Sokonilcka, uma das primeiras psicanalistas de crianças na França, Rudolph Lowenstein, que seria o analista de Lacan e em destaque Marie Bonaparte. Dois anos após a fundação da SPP instaurava-se o conflito sobre a legalidade da prática psicanalítica ser atribuída apenas ao médico: a questão da análise leiga. Lacan pouco participou destas discussões, à época, pois sua posição psicanalítica ainda poderia ser declarada tímida.

A primeira participação de Lacan, em reunião SPP, ocorreu com “*The Looking-Glass Phase*” em 16 de junho de 1936 (ROUDINESCO, 2003), com presença de Marie Bonaparte, Daniel Lagache, René Laforgue, Paul Schiff, George Parcheminey, Rudolph Loewenstein, Charles Odier, entre outros.

O grupo em torno da SPP era formado por psicanalistas que direta ou indiretamente tiveram contato com o próprio Freud, pela via de análise, como Marie Bonaparte, ou por presença em apresentações de congresso, porém sem vínculo institucional à IPA. Na França, a instituição vinculada à IPA era a Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP).

Dois meses após a apresentação na SPP, entre 2 e 8 de agosto de 1936, sob a presidência de Ernest Jones, ocorria o XIV Congresso Internacional da IPA em *Marienbad*. Local estrategicamente escolhido pelos organizadores, a fim de facilitar acesso de Anna Freud, presente ao evento, à Áustria, onde Freud repousava em virtude de acometimentos orgânicos (ROUDINESCO, 1988). Estavam presentes membros das principais comunidades psicanalíticas, embora a de Londres (com a presença marcante de Melanie Klein e seguidores) e a da França (Marie Bonaparte, René Spitz e Françoise Dolto entre outros) concentrassem os principais representantes da psicanálise nos anos 30. Lacan comparecia pela primeira vez a um evento da IPA, embora tal comunidade já tivesse tido contato ou ouvido comentários sobre sua tese de doutorado. Em apenas dez minutos, o presidente da mesa, Ernest Jones, interrompeu Lacan e deu por encerrada a comunicação.

Esta interrupção poderia ser aventada sob muitas hipóteses, como as discutidas por Roudinesco (1994), contudo, nesta época, Lacan mantinha-se em posição tangencial na comunidade psicanalítica e pouco influente nas instituições da época. Desta forma, em hipótese, torna-se considerável tal interrupção em virtude do anonimato do autor e da própria extensão da apresentação e problemática em torno do tema exposto por Lacan à época. Digamos, a teorização em torno do *eu* e do sujeito mantinha-se em proeminência em dois pólos de oposição: entre Melanie Klein e Anna Freud, que reflete inclusive nas principais instituições de psicanálise da época, IPA e SPP.

Considerando a temática do *eu* em psicanálise, Lacan atravessa duas instituições com propostas muito diferentes, especialmente na técnica psicanalítica e nas regulações sobre quem exerce o ofício de psicanalista. Sem muitos avanços sobre essa consideração, sigamos com a estrutura da apresentação.

A teoria do Eu é o que se tem trabalhado na teoria psicanalítica, reconhecida pelo próprio Freud. Quando se encara este tema muito resistente por si mesmo, elevam-se resistências muito embaraçosas. Se tratará de metafísica, não de dados clínicos. Exposição de concepções das pulsões do Eu somente. Prática e reflexões sobre as psicoses nos levam a observações profundas do Eu.(ANEXO A, preâmbulo)

Segundo as anotações de Dolto, este é o preâmbulo da comunicação de Lacan. Antes do desenvolvimento dos tópicos, ele anuncia uma série de afirmações que necessitam algumas considerações.

“A teoria do Eu é o que se tem trabalhado na teoria psicanalítica, reconhecida pelo próprio Freud” e “Exposição de concepções das pulsões do Eu somente”, nestas duas sentenças extraídas do preâmbulo acima, há uma ambiguidade muito característica de Lacan. Por um lado, poderíamos supor que esta conjectura seja a própria posição lacaniana na psicanálise, isto é, a apresentação de 1936 trataria sobre as pulsões do *eu*. Por outro, porém, devemos considerar a intensa discussão entre os estudiosos de Freud acerca da problemática do *eu* e do instinto de morte, a partir das consequências dos escritos de 1920.

Melanie Klein introduziu uma perspectiva da constituição subjetiva, a partir das relações de objeto e de posições denominadas esquizoparanóide e depressiva. As elaborações teóricas de Klein, com marco no ano de 1932, ano de lançamento do livro “A psicanálise de crianças”, marcam a ruptura com a Sociedade Britânica de Psicanálise, em virtude da radicalidade de suas idéias. Anna Freud, por outro lado intimamente vinculada à IPA, centrava-se em argumentar a fundamentação da psicanálise em torno da instância do *eu*, enquanto representante de adaptação do sujeito no mundo. Convém lembrar a experiência clínica com crianças destas autoras e as consequências na direção do tratamento e o uso de técnicas em psicanálise, por exemplo, o uso de material lúdico por Klein e a institucionalização das técnicas por Anna Freud<sup>25</sup>.

Quanto a “Se tratará de metafísica, não de dados clínicos”, tal ambiguidade continua em evidência. Sobre quem Lacan refere tal característica de construção teórica em psicanálise, cuja tendência exclui a experiência clínica: Melanie Klein, Anna Freud, ambas, ou à sua própria apresentação?

Acompanhando as demais afirmações: “Quando se encara este tema muito resistente por si mesmo, elevam-se resistências muito embaraçosas. Prática e reflexões sobre as psicoses

<sup>25</sup> Na seção 5 *A TEORIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO DE 1949*, aprofundamos com detalhes as posições destas autoras, bem como de suas produções acadêmicas até a data do texto de Lacan.

nos levam a observações profundas do *eu*”, acreditamos que Lacan criticava o uso da teoria freudiana dos anos 1920 pela comunidade psicanalítica. Ainda mais, a proposta de Lacan para 1936 pretendia estar em outra posição, como poderemos confirmar com o desenvolvimento da apresentação, além de comentadores, como E. Roudinesco (1988 e 1994), B. Olgivie (1988), E. Porge (2006) entre outros.

Então, não por acaso, os elementos que compõem a apresentação de Lacan estão presentes nos escritos de Freud entre os anos de 1914 a 1923, por exemplo, narcisismo, instinto de morte, libido da forma humana, corpo próprio, masoquismo, complexo de Édipo e relações de objeto.

Para a apresentação de 1936, Lacan estrutura dez partes e com as seguintes nomeações: 1. O sujeito e o *eu* [*Je*]; 2. O sujeito e o *eu* e o Corpo próprio; 3. A expressividade da forma humana; 4. A libido da forma humana; 5. A imagem do duplo e a imagem especular; 6. A libido do desmame e o instinto de morte. Destruição do objeto vital = narcisismo; 7. O vínculo com o simbolismo fundamental do conhecimento humano; 8. O objeto reencontrado no Édipo; 9. O valor dos sintomas narcísicos. Os gêmeos; 10. Consequências práticas (ROUDINESCO (1994); ROUDINESCO (2003); GUILERRAULT (2005)).

Lacan trabalha cada um dos dez tópicos citados acima. Contudo é possível supor que Dolto se estenda em alguns pontos em detrimento de outros, pela dificuldade em anotar falas complexas de um tema “resistente”, como diz Lacan. Ainda mais, é impossível considerar que não haja nenhuma influência de Dolto no manuscrito de tais anotações.

É possível organizar dois desenvolvimentos na apresentação: (1) processo que ocorre na ordem da experiência subjetiva do conhecimento, que é conhecimento inconsciente, desenvolvido pela via do complexo, e, portanto, na temática da constituição do sujeito; (2) perspectiva que implica na relação entre o *eu* e o corpo próprio, a partir das referências à “aceitação de uma etapa de síntese do corpo próprio = etapa do corpo fragmentado”.

Diante de tal contexto, seria a tentativa contígua de Lacan em sistematizar uma leitura dos fenômenos trazidos por Freud, sob um recorte epistemológico que não contemplasse uma referência teórica para além do terreno biológico, ou orgânico, sobre a causalidade psíquica, assim como iniciada na tese “A psicose paranóica em suas relações com a personalidade” (1932)?

É um jogo de influências teóricas entre os anos de 1934 a 1938, nas quais Lacan procurava orientar sua teoria especialmente sobre a gênese para a instância *eu* em psicanálise. O que esperamos encontrar nesses anos é a influência que torna possível vislumbrar a tentativa de Lacan com a apresentação oral *Marienbad* (1936) e com texto “Os Complexos

Famíliares na Formação do Indivíduo” (1938), como afirmam Olgivie (1988) e Simanke (2002).

O interessante da proposta estruturada por Lacan salta aos olhos no primeiro item, com a introdução do termo *sujeito* em contraponto a *eu*, descrito pelo pronome francês *Je*. Estudos em teoria lacaniana distinguem duas possibilidades do uso para o *eu* em Lacan, ao longo de sua obra, a partir dos pronomes pessoais disponíveis na língua francesa, *Je* e *Moi*.

*Je* e *Moi* são considerações teóricas em psicanálise de orientação lacaniana para distinguir duas categorias subjetivas: o primeiro comumente descrito enquanto “sujeito do inconsciente” e o segundo referente ao *eu* (LACAN, 1998/1966, p. 936). Procuramos levantar essa discussão sobre o uso dos pronomes e da distinção destas duas categorias, a fim de compreender, em 1936, se Lacan já intuía estas formulações.

Contudo, não podemos afirmar se a colocação do *Je* nesta apresentação seja de autoria de Lacan, ou de comentadores da edição consultada para o trabalho, o que nos implica em duas posições:

1. Caso a distinção do *eu* segundo o pronome *Je* tenha sido feita por Lacan nesta apresentação, então tal concepção em psicanálise encontra-se marcada no primeiro trabalho do autor;

2. Se a marcação tenha sido realizada por G. Guillerault ou F. Dolto, podemos afirmar, então, traços da concepção nos itens desenvolvidos por Lacan em 1936. Ademais, como sustentar a separação entre sujeito e *eu* [*Je*] neste momento da obra? Lacan propõe uma distinção entre os termos ou tratar-se-ia de outra categoria, em 1936, para sujeito?

O termo *imagem especular*, presente no item cinco das anotações de Dolto, era muito distinto do corrente em psicanálise, nos anos 1930. Podemos aproximar este termo ao uso em Freud, “*A Interpretação dos Sonhos*” (*Traumdeutung* - 1900), quando este afirma que as instâncias psíquicas fundamentais deveriam ser concebidas com fórmula semelhante ao que ocorre num aparelho fotográfico. Mas, também a Henri Wallon ao observar comportamentos de crianças e descrever a experiência de tomada de consciência do corpo próprio e sua distinção da imagem refletida do espelho, com a “*A Prova do Espelho*” nos anos 1930.

#### 4.2 O SUJEITO E O EU (JE) EM 1936

Com “*O Sujeito e o Eu (Je)*” (ANEXO A), Lacan inicia suas apresentações em 1936. Para discutir estes dois termos, o autor abre quatro linhas argumentativas:

- (I). Proposta de substituição do conceito de instinto<sup>26</sup> pela noção de complexo<sup>27</sup>;
- (II). O Complexo corresponde a uma ordem de conhecimento, conhecimento inconsciente;
- (III). Determinados traços da imago compõem o psiquismo humano;
- (IV). Reflexão em torno da noção de objeto.

A proposição que substitui “*instinto*” por “*complexo*” é determinante para que Lacan teça duas definições a respeito da organização psíquica; sobre o inconsciente pelo *complexo* e das inscrições psíquicas através de traços da *imago*. De pronto, tais linhas argumentativas retomam a discussão a respeito da capacidade do sujeito humano responder às situações em vida como fazem os animais, em torno de respostas instintuais, que necessitam exclusivamente de uma situação estímulo para serem despertadas. Postas a proposta e as duas definições, Lacan cria condições para discutir a organização psíquica humana, bem como a noção de objeto em psicanálise, em torno da necessidade do ser humano se constituir, se formar, se desenvolver na relação com o outro, em virtude da não-mielinização do sistema nervoso central no nascimento. Nesta perspectiva, a divisão subjetiva permanece em primeiro plano, contudo sob a rubrica de termo distintos da argumentação freudiana, isto é, de *complexo* e *imago*.

Arantes (1992) retoma a tese da substituição de instinto por complexo na formulação lacaniana do estágio do espelho em 1936, sob a perspectiva de afirmar que o indivíduo humano é em essência um ser social, cuja habilidade é o da fala articulada com semelhantes. Segundo o autor, esta concepção está presente desde a tese de 1932, e é efeito da hipótese de que na esfera biológica, o ser humano ocupa o lugar de uma ausência específica, de uma deficiência primordial. Encontramos tal hipótese ao longo de toda a teoria do estágio do espelho. O curioso está na indagação em torno de uma auto-afecção psíquica na teoria

<sup>26</sup> Utilizamos o termo instinto a partir das anotações de Françoise Dolto (GULLERAULT, 2005), embora nelas também haja a referência a pulsão e libido. É possível que instinto e pulsão sejam traduções da palavra *TRIEB* em Alemão. Salvaguardada as devidas considerações, procuramos nos manter fiéis ao uso de instinto, pulsão e libido, conforme Dolto as utiliza em suas anotações. Mas, sobre o termo *Trieb*, principalmente nos comentários editoriais das publicações das obras completas de Freud, há grande discussão quanto a três problemas: primeiro sobre o termo *Trieb* em alemão e as articulações de significância na língua de origem com a palavra *Instinct*; a aparente ambiguidade entre pulsão (*Trieb - Instinct*) e seu representante psíquico (*Triebrepräsebtanz - Instinctual representant*), e terceiro, sobre a conseqüente dificuldade de encontrar correlato em línguas latinas. Embora tal ponto seja relevante, já se é discutido em diversos outros artigos (vide os comentários editoriais de Standard Edition e da recente tradução realizada por Luiz Alberto Hanns (2004))

<sup>27</sup> C. G. Jung publicou em 1934 o livro intitulado “O eu e o inconsciente” (2003), no qual reúne trabalhos anteriormente publicados a respeito da organização psíquica em torno do símbolo, do complexo e do inconsciente coletivo, que o autor denomina psicologia analítica. É necessário um estudo aprofundado sobre as diferenças e semelhanças com a noção junguiana para afirmarmos qualquer relação com o uso conceitual do termo em Lacan. Em 1954/1986, “A palavra complexo veio à superfície da teoria analítica por uma espécie de força interna, porque, como vocês sabem, não foi Freud quem a inventou, mas Jung” (LACAN, 1954/1986, p. 81).

lacaniana de 1936, como se a constituição subjetiva fosse, em princípio, dialetizada na formação dos próprios objetos internos.

A 'fase do espelho' já está presente no enunciado de nosso autor: uma constituição por identificação, na qual o papel determinante cabe à forma ou imagem. E uma imagem de tal modo concebida que fica eliminado qualquer confronto exterior a um sujeito que parece de fato reagir a si mesmo. Vem daí a dependência do sujeito: ele se expõe [...] como quem se 'abre' à transcendência por uma desigualdade interna – por uma deficiência íntima ele institui a instância que irá apanhá-lo (ARANTES, 1992. pp.66-7).

Esta mesma articulação é textualmente explicitada por Lacan em dois textos contemporâneos à apresentação em 1936: “Para-além do 'Princípio de Realidade’” (1936/1998) e “Os complexos familiares na formação do indivíduo” (1938)

Contudo, qual a implicação da substituição de instinto por complexo, a partir da hipótese de deficiência primordial?

Segundo Lacan (LACAN, 1936/1998, pp.93-4), a crítica à prática psicanalítica das primeiras décadas do século XX necessita em reconsiderar as noções difundidas por Freud, por exemplo, sobre o *eu*, como vislumbramos neste tópico, e particularmente sobre a *pulsão*, nos dois usos recorrentes na comunidade psicanalítica: (1) conceito energético e (2) hipótese substancialista. Estas sustentações metapsicológicas conotam para a teoria psicanalítica a direção de um saber positivista. A eficiência do complexo por de ser sintetizada na seguinte citação:

É por intermédio do complexo que se instauram no psiquismo as imagens que dão forma à mais vastas unidade do comportamento: imagens com que o sujeito se identifica alternadamente, para encenar, como ator único, o drama de seus conflitos.[...] segundo uma lei paradoxal que parece mostrar a fecundidade psíquica de toda a insuficiência vital (LACAN, 1936/1998, p. 93).

Nesta citação de Lacan encontramos as principais referências de Arantes (1992) em torno da auto-afecção do sujeito, da insuficiência vital do sujeito, e da importância do complexo e da imagem na organização psíquica do ser humano. Lacan afirma que o sujeito é o ator único que encena o drama de seus conflitos, como se, nos primeiros momentos de vida

do indivíduo humano, as primeiras inscrições psíquicas fossem efeito da própria atividade do sujeito.

As situações concretas relacionadas à vida, às quais desde o nascimento todo sujeito humano está exposto, promovem estimulação ao organismo humano e despertam reações; as “tendências relacionadas com uma situação vital” mencionadas por Lacan. A organização destas tendências se faz pela formação de conjuntos de reações, que o complexo organiza.

A escolha pelo termo complexo em detrimento da noção instintual é correlata aos propósitos científicos de seu objeto de investigação, isto é, o sujeito em sua relação com o outro.

Com efeito, na medida em que rompe com as abstrações acadêmicas e visa [...] dar conta do concreto, essa pesquisa, especialmente quando se exerce sobre os fatos da 'família como objeto e circunstância psíquica', nunca objetiva instintos, mas sempre complexos (LACAN, 1938/2003, p. 33).

O complexo é definido como “organização de tendências relacionadas com uma situação vital concreta do passado do sujeito” (Item 1, ANEXO A). Desta definição, destacamos algumas palavras da noção de complexo, que nos ajudam a compreender o programa de Lacan sobre a constituição do sujeito e do *eu* [*Je*]<sup>28</sup>: “organização”, “tendências relacionadas” e “situação vital concreta”.

Considerando as diferenças entre os autores e o contexto em que tais teorias foram concebidas, aproximamos ao que Freud formulou sobre o corpo pulsional regido pelo princípio de prazer que organiza séries psíquicas, no par de oposição prazer e desprazer. Isto é, a introdução do termo complexo em Lacan denota para o sujeito humano a possibilidade de inscrição psíquica em séries ou marcas que correspondem a padrões fundamentais, enquanto um conjunto de objetivação das experiências vividas. Em Freud, o princípio de prazer também se orienta pela formulação de um organizador psíquico em torno do par de oposição do prazer e desprazer.

<sup>28</sup> Não procuraremos estabelecer distinções quanto ao programa de Lacan em 1936 para estas duas instâncias. Primeiro, por não podermos considerá-las distintas entre si, como discutido no item 1.1 desta dissertação, e segundo, como sustenta Dunker (2002) há diferenças conceituais para os termos: constituição, construção e formação.

Quanto à integração individual das formas de objetivação, ela é obra de um processo dialético que faz cada nova forma surgir dos conflitos precedentes do real. Nesse processo, é preciso reconhecer o caráter que especifica a ordem humana, qual seja, a subversão de qualquer fixidez instintiva, de onde surgem as formas fundamentais da cultura, prenhes de variações infinitas (LACAN, 1938/2003, p. 34).

Vejamos, nesta citação a dialética que subjaz a formação do complexo em torno da forma inscrita pelo sujeito e os conflitos com o real. Este real seria os próprios objetos internos do sujeito, em consonância com a hipótese discutida por Arantes (1992) ou a realidade, enquanto contingência, a que ele está exposto?

Lacan aproxima o complexo a uma operação de conhecimento, cuja especificidade do sujeito humano implica ao desenvolvimento singular pelas relações sociais, que nada tem a ver com o conhecimento do adulto, ou da ilusão de apreender o objeto tal como eles são, mas em descrevê-la (a operação) conforme uma “ordem de conhecimento inconsciente” (Item 1, ANEXO A).

O complexo é dominado por fatores culturais: em seu conteúdo, representativo de um objeto; em sua forma, ligada a uma etapa vivida da objetivação; por uma situação atual, isto é, sob o aspecto tríplice de relação de conhecimento, forma de organização afetiva e experiência no choque com o real, o complexo é compreendido pela referência ao objeto (LACAN, 1938/2003, p. 34).

Além da dominância cultural que nos poderia correlacionar com a tese do *Innenwelt* e *Umwelt* apresentado em 1949 (ver seção 5 *A TEORIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO DE 1949*), os adendos desta citação revelam do complexo, a operação em três eixos “*conteúdo*”, “*forma*”, “*situação atual*” e com referência ao objeto. Isto é, o complexo imprime três registros subjacentes na relação com o objeto; conteúdo, forma e de conhecimento, a partir dos quais organiza as reações e as tendências relacionadas às situações vitais e concretas, segundo um critério cultural do qual a família é o portador fundamental, como veremos a seguir com a discriminação dos complexos principais desenvolvidos por Lacan em 1936.

Lacan afirma:

O complexo, com efeito, liga de forma fixa um conjunto de reações que pode concernir todas as funções orgânicas, desde a emoção até a conduta adaptada ao

objeto. O que define o complexo é que ele reproduz uma certa realidade do ambiente (LACAN, 1938/2003, p. 33).

Estas afirmações sobre o complexo nos permitem formular a hipótese de que a operação de formação da imagem não é fixa, e, portanto, tão pouco a própria imagem. A sustentação desta hipótese está na tese de que forma (representativo de uma etapa vivida da objetivação) e conteúdo (no que tange ao objeto) são tendências relacionadas às vivências no choque com o real. Se a realidade é mutável, então a cada vivência de choque com o real, forma e conteúdo são tendências que se inscrevem variáveis como são as vivências. Ainda mais, podemos aproximar com a hipótese do sujeito estar essencialmente envolvido na organização psíquica diante contingência de realidade, sob a rubrica de apreensão dos objetos sob a perspectiva da referência interna. Em termos de gênese da teoria do estágio do espelho, esta hipótese deve ser considerada quando comparada aos escritos posteriores de nosso autor.

Retomando a apresentação de 1936, Lacan levanta três afirmações, no item “O Sujeito e o *Eu [Je]*”, sobre os recursos teóricos em psicanálise nos anos 1930 em torno da teoria psicanalítica das pulsões e do termo *eu*:

[i]. O *eu* conheceria os objetos tal como eles são;

[ii]. A primeira teoria analítica sobre as pulsões e o instinto de morte: inconsciente organizado por pulsões e contra pulsões?;

[iii]. O *eu* como afirmador da realidade – e nas psicoses?

A proposta de substituição do conceito de instinto pela noção de complexo caminha em desvincular os termos sujeito e *eu [Je]*, dos entrelaces da pulsão e das consequências epistemológicas limítrofes entre o psíquico e o somático. O complexo, que é “dominado por fatores relacional e cultural”, organiza tendências (reações, afetos) relacionadas a situações reais de vivência.

A concepção energética está posta em torno da noção de pulsão, com propriedades de equivalência e reversibilidade dos princípios reguladores do aparelho psíquico, princípio do prazer e princípio de realidade, como relacionamos, anteriormente, com a citação do texto “Para além do ‘Princípio de Realidade’” (1936/1998). A questão se complica em torno do que Freud define por instinto de morte, impulso *a Thanatos*, principalmente no que tange a formalização do *eu* como afirmador da realidade. Ou seja, o recorte de Freud por esta teoria não abarcaria a experiência clínica com a psicose, quando em certos casos, o fenômeno elementar, nega a realidade.

Cabas (2009) em seu livro “O Sujeito na Psicanálise de Freud a Lacan”, acompanha a construção do conceito de *sujeito* em psicanálise, e afirma que Freud mencionou uma única vez, em estrito sendo, o seguinte termo. A definição de Freud, segundo Cabas, remete a noção de *sujeito* como efeito do circuito pulsional, com a peculiaridade do sujeito enquanto função em relação à pulsão, “dando a entender que os avatares da subjetividade estão referidos às exigências e às imposições da satisfação pulsional” (p.25).

Tais afirmações de Cabas (2009) poderiam ser relativizadas, principalmente, no que concerne a afirmação do estatuto de sujeito em Freud. A própria concepção de inconsciente não nos levaria pelo texto freudiano à concepção de sujeito em psicanálise? As contribuições da metapsicologia não estariam subsidiando uma arquitetura para a noção de sujeito, ainda que o autor, como firma Cabas, só o tenha referido uma única vez?

Permaneceremos com esta questão em aberto ao que se refere o texto de Freud, pois também podemos encontrar a mesma problemática no texto de Lacan. É um termo caro para a psicanálise e para a filosofia. E continuaremos com o percurso indagativo da gênese dos termos na teoria do estágio do espelho estabelecida em 1936 com os termos complexo e imago.

A noção de complexo prescinde da concepção energética. Desta forma, Lacan procura sustentar a organização e os princípios reguladores da psique sob a rubrica das relações culturais e por constituições de *imagem* na teoria estabelecida em 1936:

Como afirma Simanke (2002):

Essa teoria [...] concebe a gênese das imagens numa situação social e institucional, onde uma dinâmica de identificações envolvendo os personagens do drama familiar lança os alicerces da subjetividade, sob a forma de um conjunto primordial e decisivo de imagens, que merecerão a denominação distintiva de 'imagos' (SIMANKE, 2002, p. 247).

Para o termo imago, Lacan o descreve como elemento fundamental e paradoxal do complexo, ao tratá-lo por “representação inconsciente” como Freud definiu (LACAN, 1938/2003, p.35). A definição de imago conota diretamente uma formação de traço psíquico do sujeito em sua relação com o mundo, numa ordem de “*conhecimento inconsciente*”, que nada se relaciona com o conhecimento categórico do adulto. Desta forma, há a suposição de uma participação ativa da organização do mundo em torno de inscrições subjetivas, a partir da

experiência com o mundo que transcende sua própria unidade. Porém, há a possibilidade de afirmar que há distinção entre mundo e organização de uma unidade, neste momento, da subjetividade humana? Caso não, como podemos conceber uma participação ativa do sujeito nesta experiência de formação do *eu*?

Lacan afirma que os primeiros traços psíquicos são fundantes e desde muito cedo marcam o sujeito humano, isto é, “Traços da imago no psiquismo humano” (Item 1, ANEXO A). Poderíamos supor duas perspectivas concomitantes de inscrições de traços psíquicos: (1) Aqueles que têm origem senão na própria relação com sua realidade em constituição, como nos sinaliza Arantes (1992); (2) Aqueles que se fiam pela relação com outro, tendo em vista que a realidade mundana deva ser compreendida como tudo aquilo que é disponibilizado pela relação inicial do sujeito humano com a mãe (cuidadora), como da relação cultural que Simanke (2002) correlacionou.

Ademais, pela via do complexo e da imago, Lacan possibilita a inserção teórica sobre o *eu* na psicose:

Esse progresso teórico incitou-nos a dar do complexo uma fórmula generalizada que permite incluir neles os fenômenos conscientes de estrutura similar. Assim são os sentimentos em que é preciso ver complexos familiares, em especial, a imagem invertida de complexos inconscientes. Assim são também as crenças delirantes, nas quais o sujeito afirma um complexo como realidade objetiva, o que mostraremos particularmente nas psicoses familiares (LACAN, 1938/2003, p. 37).

Lacan arquiteta uma teoria a partir de um processo dialético, entre sujeito e objeto, a partir das arestas do conhecimento e desconhecimento, que as noções de complexo e imago designam. O ponto nodal dessa articulação implica na antecipação simbólica para o sujeito, como veremos nos desenvolvimentos em torno dos três principais complexos para o desenvolvimento psíquico apresentados em 1936 e nos “Complexos Familiares”, a saber, o desmame, o de intrusão e o de Édipo. Não entraremos nas possíveis diferenças clínicas entre neurose, psicose e perversão, sinalizando eventualmente quando julgarmos importantes.

Em breves linhas, o “complexo de desmame” corresponde para Lacan ao que Freud definiu como a fase oral. Por se tratar do momento mais precoce do indivíduo, no qual o desamparo pode levá-lo a morte e, por isso, reafirmando os cuidados do outro no aspecto mais fundamental, a amamentação torna-se o lugar primeiro de saciamento de necessidade. O

complexo do desmame marca no indivíduo a privação da saciação da necessidade e o conjunto primitivo de inscrição de traços no psiquismo, mas que ainda são insuficientes para coordenar o que lhe é externo ou delimitado pelo corpo próprio, em virtude da prematuração biológica (LACAN, 2003/1938, p. 38).

Lacan diz, no item “O Sujeito e o *Eu [Je]*” (ANEXO A), que há traços no psiquismo da imago do peito materno, e em 1938, afirma, isto é a antecipação de um compromisso mental diante de uma necessidade antes saciada (LACAN, 1938/2003, p. 38).

A idéia subjacente em “antecipação de um compromisso mental diante de uma necessidade antes saciada” remete ao que procuramos desenvolver em torno do efeito que a organização do complexo fixa entre a vivência de uma situação vital e concreta e as tendências relacionais despertadas na perspectiva de uma atividade do sujeito diante das contingências de realidade. Tem-se as primeiras inscrições psíquicas que delimitam uma realidade interna para o sujeito. Em outras palavras, a vivência de uma situação vital concreta e a reação diante desta declaram um processo experiencial que possibilita a inscrição de traços para o sujeito humano, como um compromisso mental. O complexo é a descrição do efeito disto que chamamos de “*processo experiencial*”. Embora não aprofundaremos nesse tópico, podemos supor que o mecanismo de memória esteja envolvido nessa antecipação.

Desta forma, compreende-se que o complexo não é regulado pelas exigências orgânicas, mas por fatores culturais, ou como diz Lacan, uma intenção mental que resolve uma tensão vital. O complexo enquanto unidade funcional do psiquismo não corresponde a funções vitais, mas “à insuficiência congênita dessas funções” (Lacan, 1938/2003, p. 41). É a própria tese da insuficiência orgânica que abre fenda para a inscrição psíquica do sujeito e a formação de uma realidade interna.

Lacan cria campo para os primeiro jogos simbólicos característico do sujeito quando afirma que “o objeto vital, peito da mãe, que ele não o encontrará de imediato, é a fonte do simbolismo” (Item 7, ANEXO A).

[...] o desmame deixa no psiquismo humano a marca permanente da relação biológica que ele interrompe. Essa crise vital é acompanhada, com efeito, por uma crise do psiquismo, sem dúvida a primeira cuja solução tem uma estrutura dialética. Pela primeira vez, ao que parece, uma tensão vital resolve-se numa intenção mental (LACAN, 1938/2003, p. 36):

No entanto, a imago do peito materno ou os traços desta imago devem ser sublimados, para que novas relações se introduzam e, com efeito, novos complexos se integrem no psiquismo (LACAN, 1938/2003), pois caso isto não ocorra, diante de novas exigências a imago transforma-se num fator de morte. Não estaríamos circulando pelas primeiras experiências de interpretação da falta pelo sujeito com o termo *sublimação*?

A idéia de “*sublimação*” da frase acima se encontra no texto “Complexos Familiares” (p. 41), e se segue após Lacan elucubrar a dependência humana aos cuidados de um outro, que pode ser representado universalmente pela mãe, e evidenciado pela “*não-mielinização dos centros nervosos superiores do recém nascido*” (p. 39). Esse cuidador, no aleitamento e na contemplação da criança, “*recebe e satisfaz o mais primitivo de todos os desejos*” (p.40). Esses encontros iniciais permitem as primeiras e mais importantes inscrições, enquanto dialética de vivência de situação vital e tendências reacionais do organismo humano<sup>29</sup>. “Na medida em que resiste a essas novas exigências, que são intrínsecas às do progresso da personalidade, a imago, salutar em sua origem, transforma-se num fator de morte” (LACAN, 1938/2003, p. 41).

A idéia de *sublimação* parece implicar a necessidade de que outras inscrições venham a se realizar. Ou seja, situações vitais ou reações emocionais em contínua inscrição de traços, fixando conjuntos e, portanto, organizando-se em complexo. Não seria a própria gênese da idéia de que diante da falta há a possibilidade de afirmar sua possibilidade, inscrevendo-a como representante via traço psíquico pela imago? Caso isto não ocorre, o que seria este fator de morte? Qual a relação com a psicose?

Por fim, há ainda a possibilidade de pensar o laço entre criança e mãe, no jogo da amamentação e do desmame. Pois, ao saciar a necessidade e a frustração diante da ausência da saciação, a sublimação do complexo do desmame contribui para o sentimento familiar.

Este sentimento familiar permite a introdução que Lacan denominou por complexo de intrusão em 1936. Refere-se a Henri Wallon diretamente pelo termo “sincretismo diferenciado”. Embora nos aprofundaremos em Wallon, ainda neste capítulo, convêm algumas notas sobre o autor e este termo.

Provavelmente Lacan se inspirou em dois livros de Wallon para fazer referência em 1936, a saber, “*L'enfant turbulent*” (“A criança turbulenta”) de 1925 e “*Les origines du caractère chez l'enfant*” (“As origens do caráter infantil”) de 1934. O conceito que Wallon desenvolve em “sincretismo diferenciado” segue a composição de descrever o ser humano por

<sup>29</sup> A idéia de a inscrição psíquica ser efeito de jogo dialético pode contribuir para as questões relacionadas a constituição do sujeito, quanto às determinações ambientais ou determinação exclusiva do sujeito humano

estágios, em cada qual há uma síntese do processo evolutivo por alternâncias, sem base cronológica, com sucessão funcional em sua relação essencial com o outro.

O sincretismo diferencial localiza-se no quinto estágio da descrição do personalismo, segundo o autor, e é o momento em que a criança organiza a consciência do *eu*. O aporte científico que Wallon utiliza para sustentar suas afirmações é a “A Prova do Espelho”, no qual se exemplifica pelo comportamento de dois meninos sozinhos que são mais regidos pelo par psicológico, que pelos razões individuais.

Lacan considera a produção walloniana e não deixa de afirmar que tal fenômeno se trata de uma intrusão, em que o *eu* “não formado” é eclipsado pelo *eu* do outro. Vê-se a importância dada para as relações sociais na formação do *eu*, o que no item quatro “A libido da forma humana”, escreve como investimento libidinal do objeto, signo da satisfação social e sociabilidade em si.

Neste ponto, Lacan também aponta para duas outras vertentes sobre o sincretismo e o eclipsado, a homossexualidade infantil quando o investimento libidinal está investido numa imagem similar, bem como o problema da “*escoptofilia*”, “que pode ser definido como a eroginização do ato de olhar e, por conseguinte, do aparelho da visão” (MEZAN, 2008, p. 156).

Nos “Complexos Familiares” (1938/2003), o desenvolvimento sobre o complexo de intrusão representa a experiência do sujeito humano em teia familiar, com determinadas relações de parentesco, quando este se reconhece entre irmãos. Nota-se, aqui, o deslocamento da questão do conhecimento e desconhecimento, para o reconhecimento. A estrutura do ciúme infantil esclarece a gênese da sociabilidade infantil, pois representa uma identificação mental (pp. 42-43). “Na medida mesma dessa adaptação podemos admitir que, já nesta etapa, esboça-se o reconhecimento de um rival, isto é, de um “outro” como objeto”. (LACAN, 1938/2003, p. 43)

As considerações sobre a perspectiva de Wallon organizam a hipótese da internalização do *eu*, através da apreensão do outro, como um objeto de referência para as inscrições psíquicas do sujeito em torno de sua unidade. O termo eclipsado nos aponta para esta direção do *eu* como a internalização pela relação com outro, ao ponto do reconhecimento do outro como um objeto, e portanto, a gênese da fórmula que encontraremos nos anos 50 na teoria do estágio do espelho.

Em 1936 Lacan também traz para a discussão a questão de um tempo limite para determinadas experiências ocorrerem com o indivíduo, sem que isto cause determinadas consequências nas condutas sociais. A autora Charlotte Buhler é convocada para a sustentação

argumentativa, no cruzamento com as relações especulares e a imagem do duplo. Neste ponto, Lacan antecipa a metáfora do estádio do espelho, como revelado na citação abaixo, em que critica o emprego do complexo de Édipo e afirma se tratar de uma teoria da identificação.

A identificação afetiva é uma função psíquica cuja originalidade a psicanálise estabeleceu, especialmente no complexo de Édipo. Mas, o emprego desse termo, na etapa que estamos estudando, é mal definido na doutrina; foi isso que tentamos suprir com uma teoria da identificação cujo momento genético designamos pela denominação do estádio do espelho (LACAN, 1938/2003, p. 46).

A marcação temporal do estádio do espelho e das relações identificatórias do complexo de intrusão corresponde ao declínio do desmame, por volta dos seis meses, momento de dominância psíquica de mal-estar, por conta da prematuração do nascimento, base específica do desmame no homem.

Ao concluir o desenvolvimento sobre o complexo de intrusão, em 1938, Lacan traz uma distinção curiosa sobre o *eu* e o Sujeito, na qual se marca a constituição do *eu* conjuntamente com o reconhecimento do outro, pelo drama do ciúme, e a posição do sujeito em torno da busca do objeto materno ou da substituição do objeto. Vejamos:

O eu constitui-se ao mesmo tempo que o outro no drama do ciúme [*jaloussé*]. Para o sujeito, essa é uma discordância que intervém na satisfação especular, graças à tendência que esta sugere. Ela implica a introdução de um objeto terceiro, que substitui a confusão afetiva e a ambiguidade espetacular pela concorrência com a situação triangular. Assim, o sujeito, que enveredou pelo ciúme por identificação, desemboca numa nova alternativa, onde se joga o destino da realidade: ou ele reencontra o objeto materno e se aferra à recusa do real e à destruição do outro, ou então, levado a algum outro objeto, acolhe-o sob a forma característica do conhecimento humano (LACAN, 1938/2003, p. 49).

Vamos às partes.

“O eu constitui-se ao mesmo tempo que o outro no drama do ciúme”. Esta frase remete à possibilidade de distinção entre “*eu*” e “*outro*”, a tal ponto que a constituição do “*eu*” delimita concomitantemente o “*outro*”, através do jogo especular. Lacan é claro ao afirmar que a tendência discordante da satisfação especular implica na introdução de um

“objeto terceiro que substitui a confusão afetiva e a ambiguidade espetacular pela concorrência com a situação triangular”. O sujeito está encadeado no deslocamento da “*discordância especular*” para as “relações de objeto”: “onde se joga o destino da realidade”, ou o jogo do desejo. Podemos aproximar tais considerações ao simbolismo inerente no jogo especular, em virtude da referência triangular na experiência de formação do *eu* para o sujeito humano, quando se instala uma referência terceira para a dialética social decorrente o complexo de intrusão.

Eis a porta de entrada para a concepção de Freud sobre Complexo de Édipo, e conseqüentemente as implicações da constituição subjetiva, a partir de assimilações do objeto, cuja característica é descrita pela fase fálica. A distinção fundamental com Freud, no entanto, encontra-se no momento em que tal complexo se articula. Freud o descreve no tempo cronológico, por volta dos quatro cinco anos, quando alguns comportamentos sinalizam o interesse pela distinção sexual e de atividades masturbatórias. Lacan opera uma antecipação lógica do complexo de Édipo.

As descrições deste complexo ocorrem, em 1936, nos itens (8) “O objeto reencontrado no Édipo”; (9) “O valor dos sintomas narcísicos. Os gêmeos”. Há a primeira aproximação com a questão da sexualidade, cujo retorno (Item 9, ANEXO A) abala a síntese particular da fase narcísica, e a necessidade do mecanismo de *repression*<sup>30</sup>. A instância que organiza a luta contra a sexualidade despertada é o Supereu.

Ao que se refere no texto de 1938, por sinal similar aos indícios encontrados em Guillerault (2005), no contexto do termo repressão, Lacan argumenta em direção à importância da fantasia do sujeito diante reatualização da angústia primordial do desamparo inicia. Isto é, a organização narcísica evidencia a matriz da realidade psíquica para o sujeito, quando este antecipa uma referência imaginária para o corpo em disparidade do domínio do próprio corpo. O autor atribui valor de defesa para essas formas imaginárias, contra a angústia de dilaceramento proveniente da angústia despertada pelo complexo edípico. Pois, a angústia de tal complexo torna-se evidente pela incompatibilidade entre sentimentos paradoxais de amor e desejo, ódio e repulsa ao objeto de interesse pulsional, no caso, a própria mãe. A defesa implicada neste complexo é a repressão, e sua gênese tem como referência as introjeções sociais.

---

<sup>30</sup> Decidimos utilizar o termo traduzido por GUILLERAULT (2005), devida a problemática de tradução no Brasil entre repressão e recalque. Não há menção quanto ao termo empregado por Lacan em tais anotações. Segundo a tradução de Vera Ribeiro, sob o apoio de Angelina Harrari e Marcus André Vieira, para a edição de 2003 do texto “Os complexos familiares na formação do indivíduo”, o termo é repressão (p. 59).

*Para definir no plano psicológico essa gênese da repressão, devemos reconhecer na fantasia de castração o jogo imaginário que a condiciona, e na mãe, o objeto que a determina. Essa é a forma mais radical das contrapulsões que se revelam à experiência analítica como constituindo o núcleo mais arcaico do supereu e representando a mais maciça repressão (LACAN, 1938/2003, pp. 59-60).*

Esta afirmação de Lacan parece muito contra-intuitiva, quando recordamos da ligação freudiana entre mecanismos de repressão e a instância do *eu*, em virtude da incompatibilidade com as pulsões sexuais.

Diante desse jogo de forças, o *eu* armazena-se no momento da crise sexual do Édipo, e se refugia na imagem do duplo, e instaurando o “*ser*” com o que viu, o ideal do eu. Essas duas instâncias são os traços psíquicos que engendram os fenômenos da personalidade.

Portanto, neste desenvolvimento, Lacan afirma que a imagem do duplo é o molde da identificação paterna para o *eu* no estudo do Édipo dos dois sexos. A ambiguidade diante da figura do pai é tomada tanto pelo perigo impresso nela quanto pela identificação com essa figura. “No caso do menino, a aparição da pulsão sexual reativa a imagem do objeto perdido do peito materno, e poderia explicar, então, a defesa narcísica mais violenta no menino e o Supereu muito mais contra-vital” (Item 9, ANEXO A).

*Descobrir que desdobramentos tão importantes para o ser humano como são o da repressão sexual e do sexo psíquico estavam sujeitos à regulação e aos acidentes de um drama psíquico da família era fornecer a mais preciosa contribuição para a antropologia familiar, especialmente para o estudo das proibições que esse grupo formula universalmente, e que têm por objeto o comércio sexual entre alguns de seus membros<sup>31</sup> (LACAN, 1938/2003, p. 54).*

O complexo de Édipo pode ser lido como uma estrutura simbólica, cuja função vislumbra-se, segundo Lacan, numa abertura do liame social na autoridade paterna, e na introdução da repressão como “ideal de promessa”. No jogo dos complexos, teoriza-se a

---

<sup>31</sup> Aqui, é possível vislumbrar as influências ou fatores influentes ao que Claude Lévi-Strauss concebe em “As Estruturas Elementares de Parentesco” de 1949.

organização psíquica em torno do sujeito, do Supereu e do ideal do eu. “[...] para Lacan, a substituição do instinto pelo complexo é condição para que se possa falar do surgimento de um sujeito em pleno sentido da palavra.” (SIMANKE, 2002, p. 254).

Simanke (2002) acrescenta que tal formulação sobre a teoria do surgimento do sujeito e da gênese do *eu* também apreende uma teorização sobre o sujeito, a partir das noções de complexo e imago, como proposição decorrente do desenvolvido em 1936 e 1938, como o eixo iniciático na teoria do estágio do espelho, com ares antropológicos,:

[...] em primeiro lugar, no de que ela pretende embasar uma teoria da do eu, a qual, à medida que Lacan for criticando a concepção ortodoxa do ego, como mera instância objetivada, vai-se convertendo em uma verdadeira teoria da constituição do sujeito, com todas as implicações e pretensões filosóficas que tal mudança acarreta. É, pois, uma teoria da antropogênese que se trata, de uma tese sobre a origem do sujeito humano em sua especificidade ‘ontológica’ (SIMANKE, 2002, p. 246).

Portanto, a formulação em torno do complexo e da imago se dirige para os meandros da organização psíquica inconsciente e que pode ser levada ao que Lacan define por sujeito. É importante ter como ressalva, que esta definição se faz a partir da relação com o outro, pela dialética, pelo jogo simbólico do sujeito diante de uma inabilidade vital orgânica do homem.

#### 4.3 THE LOOKING-GLASS PHASE: O EU [MOI] E O CORPO

Embora Lacan argumente sobre um momento constitutivo e estruturante do indivíduo e não faça distinção formal entre dois recursos envolvidos na sustentação teórica, organizamos duas operações: a primeira foi desenvolvida no tópico anterior, sobre a lógica do sujeito e em sua articulação simbólica; a segunda estrutura-se na articulação sobre a formação do *eu [moi]* em sua relação com o corpo. “O inconsciente é tudo o que ele conhece. O Eu é o corpo próprio. É sua maneira de se situar no mundo objetivo” (Item 2, ANEXO A).

Estas afirmações de Lacan distinguem dois processos: um processo da ordem do conhecimento, que é conhecimento inconsciente, até então desenvolvido pela via do

complexo, e outro que articula o *eu* com o corpo próprio, através da “aceitação de uma etapa de síntese do corpo próprio = etapa do corpo fragmentado” (item 2, ANEXO A), a partir da “noção de imagem, concebida como imagem especular” (item 5, ANEXO A).

Alguns autores provavelmente influenciaram Lacan sobre esta idéia de corpo próprio, imagem do corpo, imagem especular e síntese do corpo próprio. Sigamos com algumas indicações.

Em 1911, o neurologista inglês Henry Head descreve a noção de “*esquema corporal*” e inicia a tentativa de localizar no cérebro tanto a função dos órgãos, no hemisfério direito, quanto às habilidades cognitivas do corpo, no hemisfério esquerdo. Em 1923, Paul Schilder usou a expressão “imagem do corpo” que designa a “representação consciente e inconsciente da posição do corpo no espaço”.

O tema do espaço e da posição do corpo também foi influenciado por Roger Caillois, com quem Lacan cruzou nos cursos de Alexandre Kojève sobre Hegel e nos encontros do grupo artístico do *Surrealismo*. A questão da fragmentação parece ter sido influenciada pelo embriologista holandês Louis Bolk, com a idéia de “fetalização”, que demonstra a pouca mielinização do sistema nervoso central, de áreas envolvidas na atividade nervosa superior do organismo humano, ao nascer.

O espelho funciona como articulador teórico para o *eu* [*moi*] em psicanálise, com o qual ilustra o recobrimento do organismo humano pela via da imagem ou de síntese do corpo próprio. Isso é, Lacan afirma que “o Eu é o corpo próprio. É a sua maneira de situar no mundo objetivo” (Item 2, ANEXO A).

A questão do *eu* e do corpo leva aos meandros da discussão sobre o que Freud afirma, tanto em 1914 “À Guisa de introdução ao narcisismo” e quanto em 1923 “O Eu e o ID”, sobre o eu que se desenvolve. Porém, Freud sustenta novos elementos para a metapsicologia nos anos 1920, após a escrita de “Além do princípio de prazer” (1920), “Psicologia das massas e análise do eu (1920)” e “O Eu e o Id” (1923) com o engendramento sobre a pulsão de morte, a repetição e compulsão à repetição, e desta forma procura novas dimensões para sua teoria pulsional.

Estas inserções freudianas provocam diferentes leituras para seu texto, e duas posições distintas se sobressaem; representadas por Anna Freud e Melanie Klein. Lacan, atento a este contexto e aos trilhos que estas duas perspectivas seguiam, emerge com considerações ao uso das pulsões em psicanálise e propõe uma nova formulação, como discutido até o momento, como podemos inferir a partir da seguinte citação do item “O Sujeito e o *eu* [*Je*]”.

A primeira teoria analítica = [podemos interpretar esse sinal por “define”] por um lado, pulsões com o co-nascimento<sup>32</sup>, fantasma regido pelo princípio de prazer, e por outro lado, o Eu como princípio da realidade tanto interna quanto externa. Porém, há um problema do Eu que não se resolve tão facilmente (Item 1, ANEXO A).

Anna Freud defendia a posição do *eu* como instância reguladora em direção a realidade, e que tomava forma a partir do caldeirão de pulsões chamado *Id*. Nada distante de um *eu* que se organiza segundo a realidade e é princípio para organizar o caldeirão em direção ao laço social, mas que em outras palavras conota o *eu* ao lugar de adaptação. No período da segunda guerra, Anna Freud e Lowenstein fugidos para os Estados Unidos, institucionalizaram essa visão dos textos de Freud sob o nome de “Psicologia do Ego”

Em outro sentido, Melanie Klein introduzia uma diferença significativa no entendimento das teorias freudianas dos anos 1920, centrado nas relações de objeto como formadores do caráter infantil, a partir de objetos parciais, bom ou mau, constituintes então de uma posição arcaica da subjetividade denominada de esquizo-paranóide, e a possibilidade de integração destes objetos enquanto totalidade, esta representando uma posição mais elaborada, e chamada de depressiva. O jogo entre essas posições, a partir das introjeções objetais, organizavam um *eu* capaz de ponderar pulsões constitutivas e vorazes. O aparelho psíquico e a instancia denominada *eu*, segundo Melanie Klein, estruturavam-se a partir de posições diante do objeto, a partir de mecanismos de identificação com imagens organizadoras da psique.

Estas duas perspectivas eram travadas quanto a origem do *eu* em relação ao *Id*, e a função de adaptação à realidade externa: A primeira afirmava uma diferenciação progressiva do *eu* no *Id*, e com a qualidade de representante da realidade. Contrariamente a automatização dada ao *eu*, Melanie Klein teorizava o *eu* em termos de identificação e projeção na relação com o objeto, firmando a questão da realidade psíquica por etapas em função de imagens emprestadas do outro, à qual Ernest Jones era solidário.

Roudinesco e Plon (1998) comentam o X Congresso da IPA em *Innsbruck*, em 1927, no qual fica evidente o embate entre os grupos representado por M. Klein e A. Freud.

<sup>32</sup> A respeito do termo co-nascimento, em 1938, Lacan afirma: “Esse conhecimento, muito arcaico, e para o qual parece perfeito o trocadilho claudeliano do “co-nascimento” [*co-naissance*], mal se distingue da adaptação afetiva. Ele permanece inteiramente comprometido com a satisfação das necessidades próprias da primeira infância e com a ambivalência típica das relações mentais que nela se esboçam” (LACAN 1938/2003, p. 38)

Melanie Klein apresenta sua comunicação sobre “Os estádios precoces do conflito edipiano”, em que responde às teses de Anna Freud. Ernest Jones apresenta sua comunicação sobre “A fase precoce do desenvolvimento da sexualidade feminina”. Debate sobre a questão do dualismo e do monismo sexual, que opõe os vienenses e os ingleses. Início dos conflitos entre os europeus e os americanos sobre o estatuto da psicanálise leiga e a admissão e não-médicos na IPA (RUDINESCO & PLON, 1998, p. 811).

A produção de textos desses dois grupos fora intensa e entre os anos de 1920 a 1940, concomitantemente a inúmeros debates em congressos e reuniões de psicanálise. Diante desta problemática do *eu* e das posições de Anna Freud e Melanie Klein quantos aos escritos de Freud, “*The Looking-Glass-Phase*” aponta uma posição distinta das prevalentes. Listaremos em profundidade os textos destas autoras no item 5.1 “*CONSIDERAÇÕES SOBRE O EU*” na seção 5 desta dissertação *A TEORIA DO ESPELHO DE 1949*.

Implicitamente no texto Complexos Familiares Lacan critica as leituras da psicanálise e as consequências teóricas que pregam em virtude do dinamismo instintivo, por fim, uma concepção moral e normatizante para os desenrolares subjetivos: “Essa concepção pode ser definida como uma psicogênese analógica: ela é conforme ao defeito mais marcante da doutrina analítica: desprezar a estrutura em prol do dinamismo” (LACAN, 1938/2003, p. 57).

Ainda assim, Lacan acentua por um lado os desenvolvimentos realizados por Melanie Klein em torno das fantasias sobre o seio materno, embora critique a “evidente irreabilidade da estrutura delas” (LACAN, 1938/2003, p. 59). Neste ponto do texto, no qual reconhece e critica Klein, Lacan disserta sobre o complexo de Édipo, e a importância capital da síntese do corpo próprio, ou sua forma imaginária, enquanto movimento paralelo à constituição do Supereu e ideal do eu. Tanto que a:

[...]fantasia de castração é precedida, com efeito, por uma toda uma série de fantasias de despedaçamento do corpo, que regridem da desarticulação e do desmembramento, passando pela evisceração, pelo desventramento, até a devoração e o sepultamento (LACAN, 1938/2003, p. 58).

Assim, antes de se tratar de um corpo real, as fantasias remetem a formas introjetadas do corpo, ou uma compensação mental do funcionamento vital e orgânico. É neste ponto que a reformulação em torno das noções de complexo e imago é fundamental, e ao qual cruza a síntese do *eu*, o Supereu e o ideal do eu. No horizonte, temos a formulação teórica da particularidade do sujeito diante de sua própria organização psíquica e realidade interna. “A teoria analítica é por suposição de uma entidade única = a libido. O Eu não é sujeito puro. O Eu é o corpo próprio” (item 2, ANEXO A).

Sobre o termo libido, enquanto entidade única da teoria analítica, Lacan defende a substituição da noção de instinto pela de complexo, mas no seguinte sentido: Freud concebia um conceito fundamental denominado de *Trieb*, embora ao longo de sua obra se torne muito abrangente. Freud trata o conceito em torno da dualidade de pulsões sexuais e pulsões de autoconservação, estranhas entre si. As pulsões sexuais como incompatíveis com a realidade do *eu* é recalcada, enquanto as pulsões de autoconservação estariam identificadas ao *eu*.

Porém, entre os anos de 1914 e 1923, há a inserção teórica do narcisismo. Esta concepção impõe uma modificação na teoria da sexualidade, e conseqüentemente na estruturação subjetiva, implicando num remanejamento em torno das vicissitudes da escolha de objeto e os mecanismos identificatórios<sup>33</sup>.

Desta forma, distante de um circuito pulsional, Lacan aposta em duas afirmações: “o Eu não é sujeito puro, o Eu é o corpo próprio” (Item 2, ANEXO A). Qual a noção de pureza que Lacan não atribui ao *eu*?

Esta afirmação pode estar vinculada à crítica da suposição de uma entidade única, no caso a libido, em teoria analítica. Então, a pureza estaria vinculada a um único processo vinculado na formação do *eu*. Seguindo nossa linha argumentativa, há dois processos paralelos na constituição do sujeito e do *eu*. Entretanto, também podemos aproximar com uma discussão filosófica em torno da pureza e os aspectos práticos e empíricos. “Puro” versus “Prático”; “Puro” versus “Empírico”.

Como afirmarmos em torno do complexo que o “*processo experiencial*” é determinante na organização psíquica, bem como revela o complexo de intrusão, o *eu* está em dialética com o outro. Ou seja, o *eu* não é sujeito puro, dado que há uma dependência *sine qua non* em relação à experiência com o outro.

<sup>33</sup> Renato Mezan em “Freud: a trama dos conceitos” recupera os diversos movimentos da obra freudiana em torno do conceito de pulsão e as inserções teóricas nos anos sinalizados, na parte II de seu livro, no capítulo “A maturidade de uma teoria – A Árvore da Psicanálise” (MEZAN, 2008, pp 151-245).

Em 1938, o seguinte trecho oferece algumas informações importantes sobre o *eu* [*moi*], no que toca ao conflito do complexo de Édipo e a estratégia compensatória e sintomática organizada como *eu*.

[...] a originalidade da identificação edípica: ela nos parece indicar que, no complexo de Édipo, não é o momento do desejo que erige o objeto em sua nova realidade, mas sim o da defesa narcísica do sujeito.

Esse momento, ao fazer surgir o objeto situado por sua posição como obstáculo ao desejo, mostrando-o aureolado pela transgressão sentida como perigosa e exemplo de seu triunfo. É por isso que esse objeto normalmente vem preencher a moldura<sup>34</sup> do duplo em que o eu se identificou inicialmente, e pela qual ele ainda pode confundir-se com o outro: ele traz para o eu uma segurança, ao reforçar essa moldura, mas ao mesmo tempo, opõe-na a ele com um ideal que alternadamente o exalta e o deprime (LACAN, 1938/2003, p. 61, grifos nossos).

Segundo Lacan (1938/2003), o *eu* não se desenvolve nem é constituído de narcisismo, tampouco existe uma imagem do *eu*. Isto é, para Lacan não é possível postular a tese de que para o *eu* há um desenvolvimento ao estilo de um nascimento sem relação com o outro, como acompanhamos até o presente momento. Contudo, ainda é necessário teorizar sobre o modo que ocorre a formação do *eu*. Em antecipação, a projeção de uma imagem sobre o contorno do corpo implica na gênese da formação desta unidade, em sua intrincada relação com o corpo. Contudo, a vetorização da organização de uma imagem do corpo próprio não se realiza de dentro para fora, tampouco é efeito de uma junção com uma imagem pré-definida do *eu* no psiquismo. Lacan afirma que não há imagem do *eu*. Desta forma, a própria formação da imagem ocorre da apreensão de sua relação com os outros, e da introjeção destes, como traços psíquicos que compõem imagos ou representações inconscientes. Lembremos do termo eclipsado desenvolvido anteriormente.

Os meandros desta articulação são problemáticos, pois retomando a argumentação de Olgivie (1998) e Arantes (1992) temos as seguintes perguntas:

Sobre a auto afecção do sujeito, como é possível articular duas instâncias submetidas a duas operações distintas na constituição subjetiva? Isto é, se há uma participação ativa do sujeito na organização de sua própria realidade, pela idéia de auto-afecção, como organizar a realidade da unidade do *eu*?

<sup>34</sup> Nosso grifo sobre a palavra “*moldura*” nos parece interessante, quando posteriormente tal idéia é utilizada na noção lacaniana de fantasia

De partida, podemos inferir que estão em jogo dois processos distintos e em simultaneidade, assim como se houvesse uma partição psíquica em dois registros diferentes.

Não falaremos aqui, com Freud, em auto-erotismo, uma vez que o eu não é constituído nem de narcisismo, já que não existe uma imagem do eu, nem muito menos de erotismo anal, já que a saudade do seio amamentador, sobre a qual a escola psicanalítica foi ambígua, só decorre do complexo de desmame através de sua reformulação pelo complexo de Édipo (LACAN, 1938/2003, pp. 38-9).

A teoria do *eu* que Lacan propõe cruza com a concepção da prematuração biológica do homem e a abertura psíquica de uma auto afecção do sujeito diante desta falta constitutiva, bem como da organização da unidade do *eu*, sob os efeitos de síntese do corpo próprio pelo reconhecimento de si em uma imagem. (Item 3, ANEXO A). “Fisiologicamente para o homem, retardo de mielinização dos neurônios inferiores da medula. Prematuração. Admitamos a existência de uma etapa na síntese do corpo próprio = etapa do corpo fragmentado” (Item 2, ANEXO A).

A síntese do corpo próprio necessita da suposição de uma etapa de uma fragmentação da unidade do corpo, em virtude da experiência de descoberta dos próprios membros em lactantes, aliás, Wallon descreve esta aquisição de modo pioneira na psicologia do desenvolvimento.

Na psicanálise, alguns sonhos e delírios denotam a mesma necessidade de supor um momento em que não há a interpretação do próprio corpo, enquanto unidade. Há evidências clínicas de sujeitos que mantêm, ao longo da vida, uma relação com o corpo sob a descrição do termo médico “*ectopias*”. Em medicina, o termo “*ectopia*” define o deslocamento ou a má posição de um órgão do corpo. Em 1936 e 1938, Lacan aproxima este termo à experiência de alguns sujeitos com a própria realidade do *eu*.

Essa construção, a partir do item 2, permite a conjugação com diversas idéias da teoria do estágio do espelho de 1949, principalmente, a prematuração biológica e a unificação do corpo próprio, que incluem uma fragmentação original.

Nestes anos 30, Lacan defende a tese de que um corpo se unifica em síntese, como efeito de uma identificação a uma imagem, vislumbrável progressivamente pela experiência na infância com bebês. Nesse sentido, Lacan desaloja qualquer instância mental da estrutura orgânica e desconecta a patologia, enquanto causalidade psíquica. Antes de se tratar da

descontinuidade orgânica, Lacan prioriza o encontro do sujeito com o outro numa determinada cena.

Os passos pormenorizados, deste momento, podem ser sintetizados em torno desta passagem:

A percepção da atividade de outrem, com efeito, não basta para romper o isolamento do sujeito. Enquanto a imagem do semelhante desempenha apenas seu papel primário, limitado à função de expressividade, ela desencadeia no sujeito emoções e posturas similares, ao menos na medida em que isso lhe é permitido pela estrutura atual de seus aparelhos. Mas, enquanto sofre essa sugestão emocional ou motora, o sujeito não se distingue da imagem de si. Mais ainda: na discordância característica dessa fase, a imagem só faz acrescentar a intromissão temporária de uma tendência estrangeira. Chamemo-la de intrusão narcísica: a unidade que ela introduz nas tendências contribuirá, no entanto, para a formação do eu (LACAN, 1938/2003, p. 49).

Nas anotações de Dolto, encontramos trecho semelhante com a passagem acima vislumbrada no texto “Os complexos familiares” (1938/2003).

Fenômenos de expressividade = de certas formas percebidas desencadeiam no sujeito certo número de movimentos, posturas, tendências a reproduzir certos movimentos similares de esta forma – tem uma função vital capital. No homem, a causa da etapa de corpo fragmentado, é todavia mais difícil. A imitação, palavra não é empregada a propósito, e secundariamente, denota que o fenômeno de expressividade humana é uma construção (Item 3, ANEXO A).

Trata-se da explicitação e dos pormenores sobre a função da percepção do sujeito diante de certas formas do outro. Quando é possível que certas formas do outro tenham algum impacto no sujeito, há a recorrência de que certos movimentos e posturas sejam reproduzidas em simetria com a da forma vislumbrada. Esta não seria a descrição aproximada da própria experiência metaforizada do *infans* diante do espelho, quando este reconhece uma forma e a reconhece como sua? Em ambas, temos a referência para o sujeito situada em posição externa ao domínio de si mesmo, e desta forma, abarcando a suposição da formação do *eu* a partir da relação com o outro

No item “A imagem do duplo e a imagem especular”, Lacan trabalha a imagem especular, marcada com o trocadilho de especular para espetacular (“*Creo que hay que concebir esta imagem como imagem espectacular [sic]*”, GUILLERAULT, 2005, p. 295).

O desenvolvimento em torno da imagem do duplo e da imagem especular concentra-se na definição do investimento libidinal em três etapas: (1) Momento no qual o investimento visual é predominante; (2) A imagem ilusória, ou fantasma, em parte comporta a ruptura com a realidade; (3) Do que se trata na imagem especular é possível vislumbrar o que a análise genética descreve no estágio de 8 a 16 meses, sobre o realismo intelectual.

O autor marca uma evolução da imagem especular em concomitância com o desenvolvimento da criança, sob a condição necessária da figuração da imagem do duplo. Para que se possa relacionar a imagem do duplo com a etapa da imagem especular, Lacan recupera os trabalhos de Charlotte Buhler e diz que é importante que não se ultrapasse mais que três meses neste momento especulativo.

Lacan faz referência aos resultados da psicologia comparada com chimpanzés na relação com o espelho. Nestes estudos, o chimpanzé se volta para o espelho, mas nada garante que ele se reconheça na imagem do reflexo. A criança, por volta dos seis meses, ao ser chamada pelo próprio nome aponta para o espelho. A exclamação da criança diante do espelho, e a busca por algo detrás do espelho, fixa um resultado diferente do chimpanzé, e conota o reconhecimento de si numa imagem. Ainda mais, Lacan antecipa no texto de 1938 a noção de ato de inteligência envolvida na experiência de aquisição da instrumentalidade corporal, também vislumbrada em tais primatas, mas que no caso do filhote humano, há uma superação dessa operacionalidade dos objetos para uma abstração da ação.

A percepção da forma do semelhante como unidade mental está ligada ao ser vivo a um nível correlativo de inteligência e sociabilidade. A imitação, diante de um sinal, mostra-a, reduzida, no animal de rebanho: as estruturas ecomímicas e ecopráticas mostram sua infinita riqueza no macaco e no homem. Esse é o sentido primário do interesse que um e outro manifestam por sua imagem especular. Mas embora seus comportamentos diante dessa imagem, sob a forma de tentativas de apreensão manual, parecem assemelhar-se, essas brincadeiras só predominam momentaneamente no homem, ao fim do primeiro ano de vida, na idade em que Bühler denominou de ‘idade do chimpanzé’, porque nela o homem atravessa um nível semelhante de inteligência instrumental (LACAN, 1938/2003, p. 47)

A diferença promovida do ato de inteligência para a generalidade da abstração é efeito das organizações psíquicas de sua própria realidade, em virtude da dialética de percepção da forma do outro e da assimilação dela como organizadora de sua percepção e pulsionalidade.

Pois bem, os fenômenos de percepção que se produz no homem desde o sexto mês de vida, aparecem, desse momento em diante, sob uma forma totalmente diferente, característica de uma intuição iluminante, ou seja, contra o fundo de uma inibição atenta, súbita revelação do comportamento adaptado (aqui, um gesto de referência a uma parte do corpo), seguida pelo esbanjamento jubilatório de energia que assinala objetivamente o triunfo, numa dupla reação que deixa entrever o sentimento de compreensão, em sua forma inefável (LACAN, 1938/2003, p. 47).

Eis a etapa de escansão do corpo fragmentado, correspondente ao narcisismo, para a reunião impressa na imagem especular, período do desmame (Item 7, ANEXO A). A origem do interesse e a libido afetada pela imagem se conectam à libido da etapa narcísica.

Neste ponto, podemos afirmar que Lacan aponta para o diferencial humano em antecipar uma realidade psíquica, diante da impotência biológica e da fragmentação das funções vitais, através do fenômeno da imagem do duplo, concebido, então, como uma compensação para a fase crítica desta deficiência vital (Item 6, ANEXO A).

O estágio do espelho assim considerado corresponde ao declínio do desmame, isto é, ao fim dos seis meses cuja dominante psíquica de mal-estar, correspondente ao atraso do crescimento físico, traduz a prematuração do nascimento, que é, como dissemos, a base específica do desmame no homem. Ora, o reconhecimento pelo sujeito de sua imagem no espelho é um fenômeno que, para a análise desse estágio, é duplamente significativo: o fenômeno aparece depois de seis meses e seu estudo, nesse momento, revela demonstrativamente as tendências que então constituem a realidade do sujeito: a imagem especular, justamente em razão dessas afinidades, fornece um bom símbolo dessa realidade: de seu valor afetivo, tão ilusório quanto a imagem, e de sua estrutura, que como ela, é reflexo da forma humana (LACAN, 1938/2003, p. 47).

Se a relação imaginária sustentada pela organização da unidade corporal, do bebê ao se reconhecer no espelho, conflui à época do desmame, Lacan aponta para a importância do peito materno como objeto vital e fonte do simbolismo, pois ao peito se estabelece representações, desvinculando-o da utilidade imediata de saciar a fome, que se trata “o vínculo com o simbolismo fundamental do conhecimento humano” (Item 7 ANEXO A).

Para a formalização da unidade do *eu* para o sujeito humano, Lacan realiza uma articulação teórica em termos de uma dobradiça entre *sujeito* e *eu* [moi]. Diante do complexo de Édipo (Item 8, ANEXO A) e do jogo de forças de oposição inerentes à articulação simbólica, há o movimento do sujeito em se armazenar na unidade do *eu*. Isto é, em virtude do momento da crise sexual do Édipo, o sujeito se refugia na imagem do duplo e instaura a unidade do ser com aquilo que outrora viu enquanto unidade total.

A tendência mediante a qual o sujeito restabelece a unidade perdida de si mesmo instala-se, desde origem, no centro da consciência. É a origem da energia de seu progresso mental, um progresso cuja estrutura é determinada pela predominância das funções visuais. Se a busca de sua unidade afetiva promove, no sujeito, as formas em que ele representa sua identidade para si mesmo, a mais intuitiva forma dela é dada, nessa fase especular. O que o sujeito saúda nela é a unidade mental que lhe é inerente. O que reconhece nela é o ideal da imago do duplo. O que ele aclama nessa imagem é a vitória da tendência salutar (LACAN, 1938/2003, p. 48).

O lugar do *eu* [moi] nesta apresentação transcende a estrutura libidinal, aos termos de Freud. Permite reafirmar a tese da insuficiência vital do ser humano, cuja solução desta falta constitutiva se encontra fincada numa atividade psíquica do sujeito. A teoria lacaniana para o *eu*, e conseqüentemente para o sujeito, diante de tal insuficiência, centra-se na articulação dos efeitos do simbolismo pela relação com os objetos primordiais, bem como do reconhecimento da imagem numa reflexão especular .

Lacan faz uma seqüência lógica da incorporação do sujeito de certos movimentos corporais, em virtude da percepção de formas e movimentos do corpo de um outro. A importância da imagem é capital, tanto quanto a possibilidade de se reconhecer na imagem vislumbrada do semelhante.

Arantes (1992) sintetiza:

Voltamos assim à apresentação da constituição como uma auto-afecção: [...] é porque a fantasia originária que abre o acesso à realidade se confunde no limite com a finitude de uma ipseidade que institui na forma de auto-afecção, no caso pela imagem unificadora de si mesma (ARANTES, 1992, p. 73)

Isto é, a formação do *eu* provém da relação do reconhecimento e dos efeitos psíquicos em uma imagem. Esta imagem pode ser tanto o movimento expresso pelo corpo de um outro, quanto a imagem refletida num espelho do próprio corpo. Há uma relação direta entre o *eu* e o corpo. A unidade do *eu* só pode ser concebida enquanto efeito de uma antecipação do sujeito para a própria realidade corporal. Da percepção e discriminação de movimentos e de certas formas corporais na relação com o outro, as experiências do sujeito abrem a possibilidade de inscrições psíquicas pela imago do reconhecimento de si no estatuto da imagem do corpo.

Portanto, como afirmado nas anotações de Dolto, “o *eu* é o corpo próprio” pode ser compreendido na sobreposição entre a instância do *eu* e a antecipação psíquica que propicia a unidade do corpo. A antecipação é efeito da identificação com uma imagem, a partir do corpo do sujeito, mesmo quando a realidade de seu organismo é marcada pela insuficiência vital e pelo inacabamento da mielinização do sistema nervoso central.

É desta operação de antecipação psíquica diante da realidade orgânica que podemos definir “*The Looking-Glass Phase*” nos anos 30, mas no sentido qual de uma primeira inscrição psíquica pela via da imago na referência para o *eu* [*moi*].

Assim concebido o eu não encontra antes dos três anos, sua constituição essencial – aquela que estamos vendo, da objetivação fundamental do conhecimento humano. Ponto notável, este último extrai sua riqueza e sua potência da insuficiência vital do homem em sua origem. O simbolismo primordial do objeto tanto favorece sua extensão para fora dos limites dos instintos vitais quanto sua percepção como instrumento. Sua socialização através da simpatia ciosa [*jalousse*] fundamental sua permanência e sua substancialidade (LACAN, 1938/2003, p. 50).

#### 4.4 KOJÈVE E WALLON: DUAS REFERÊNCIAS PARA A TEORIA DE 1936

Lacan era pouco conhecido pelo grupo psicanalítico da França, mas já circulante por temas em psicanálise. A transição que marca a passagem da medicina psiquiátrica para a teoria psicanalítica, especificamente com a gênese da teoria do estágio do espelho, pode ser engendradora por dois autores de tradições teóricas diferentes: Alexandre Kojève (1902-1968) e Henri Wallon (1879-1962).

Kojève ocupa um lugar de destaque, como Lacan afirma em curtas passagens de textos escritos nos anos 60 e 70. A primeira no corpo do texto “O Engano do Sujeito Suposto Saber” (1967/2003) e a segunda na terceira nota de rodapé da publicação “O Aturdido” (1972/2003), ambos na obra “Outros Escritos” (2003) demarcadas a seguir: “Ou simplesmente a sabedoria autenticada pelo sardônico de Kojève, que foi nosso mestre comum a ambos [Lacan faz referência no parágrafo a Raymond Queneau]” (LACAN, 1967/2003, p. 331, nota inserida). “Kojève, que tenho na conta de meu mestre, por ter me iniciado em Hegel [...]” (LACAN, 1972/2003, p. 452).

O contato com a fenomenologia de Hegel por Kojève iniciou-se a partir de 1933, e até o ano de 1937 esteve na lista dos “ouvintes assíduos” (ROUDINESCO, 1994, p.114). O grupo de alunos de Kojève era formado por Alexandre Koyré, Henry Corbin, Eugène Minkowski, Édouard Pichon, Éric Weil, Henri Ey, Raymond Queneau, Raymond Aron, Georges Bataille, Georges Dumézil, Emmanuel Lévinas, Pierre Klossowski, André Breton, Roger Caillois, Maurice Merleau-Ponty, e Jean-Paul Sartre, com os quais Lacan dialogou nos anos seguintes, inclusive na construção da teoria do estágio do espelho. Cabe a particularidade desse grupo em torno da forte influência marxista, dada a familiaridade de Marx enquanto discípulo de Hegel (BORNHEIM, 1990).

Os seminários de Kojève estão no contexto de Hegel na França, sob a égide da importância dada ao autor, enquanto retorno de influência teórica, já que ele havia sido apresentado aos franceses sob o ecletismo de Victor Cousin na segunda e terceira décadas de 1800 e banido da cena universitária por conta da guerra de 1870, na qual Alemanha e França delimitaram-se a preconceitos ufanistas.

Entretanto, o hegelianismo é retomado em consideração quase clandestina pelos autodidatas, os exilados políticos, os socialistas e os poetas. Hegel permanece

escondido, mas sua filosofia se implanta na França à maneira de uma 'ruminação' subterrânea. Esta começa com Villiers de L'Isle-Adam, Mallarmé, Lucien Herr e prossegue com os surrealistas e sobretudo com Breton (ROUDINESCO, 1988, p. 155).

Kojève concluiu seus estudos em filosofia na *Universidade de Heidelberg*, onde inicia os estudos de Hegel. No ano de 1928, Kojève parte da Alemanha e desembarca em Paris, a pedido de Alexandre Koyré, a fim de ocupar a “cadeira de filosofia da religião na Escola Prática de Estudos Superiores” (ROUDINESCO, 1988, p. 153). Alguns anos depois, em 1933, inicia os seminários sobre “A Fenomenologia do Espírito”.

Olgivie (1988) sinaliza a importância do curso de Kojève e relata o modo pelos quais os encontros sobre Hegel de 1934 a 1937 seguiram para edição e publicação, dado que Kojève, ao estilo de proferir seminários pouco redigiu textos e não os publicou em vida. A edição do curso foi realizada por um de seus ouvintes Raymond Queneau e publicada em 1947 com o título “*Introduction à la lecture de Hegel*” pela Gallimard.

Kojève interpreta Hegel com estilo próprio. Faz inversões conceituais que levaram comentadores distanciar o Hegel de Kojève do próprio Hegel, com gramática similar a que Lacan empreendeu em seu retorno a Freud, considerando as vicissitudes das trajetórias destes autores. Essa posição kojéviana diante de Hegel ameniza a contradição do empreendimento lacaniano iniciado na psiquiatria, quanto a sustentar uma teoria da personalidade distinta da metafísica ocidental, posto que Hegel é tido como o último grande filósofo da tradição metafísica, inaugurada por Platão.

Os tópicos dos seminários de Kojève rondam em torno de temas como “Desejo, o Reconhecimento, a Praxis, a Negatividade, a Consciência de si, o Fim da História, a Satisfação ou a Sabedoria” (ROUDINESCO, 1988, p. 152). Em linhas gerais, Roudinesco (1988) circunscreve tais seminários em torno da reflexão filosófica acerca da consciência de si, o que em outras palavras poderia ser traduzido pela reflexão filosófica sobre a gênese do *eu*.

A gênese da consciência apresentada por Kojève denota um percurso. Para que a consciência se tornasse espírito, era preciso suspender-se diante da dúvida e então desaparecer como sujeito da certeza. Lacan encontra nos seminários de Kojève uma leitura distinta da indagativa sobre o homem, cujo itinerário para a consciência de si parte do ato enquanto efeito do desejo.

Ao contrário do conhecimento que mantém o homem em quietude passiva, o desejo torna-o-in-quieto e leva-o à ação. Oriunda do desejo, a ação tende a satisfazê-lo, e ela só pode fazer isso pela negação, pela destruição ou, ao menos, pela transformação do objeto desejado, para satisfazer a fome, por exemplo, é preciso destruir ou, em todo caso, transformar o alimento (KOJÈVE, 2002, p. 12).

Arantes (1992) questiona sobre as reais influências de Hegel na leitura empreendida por Lacan na teoria do estágio do espelho, sob a construção realizada por Olgivie (1988), principalmente no que tange ao aspecto de uma auto-afecção do sujeito, diante da insuficiência vital da natureza biológica do ser humano.

Se entendi bem uma alusão de Olgivie, Lacan teria aprendido com Kojève, mais do que a manejar o vocabulário da negatividade, também a identificar essas relações negativas, a começar pela matriz delas, a mediação de uma alteridade interna – o que estamos chamando de auto-afecção. [...] Uma alteridade no âmago do sujeito hegeliano? Só vendo (ARANTES, 1992, p. 67).

Este autor articula a teoria de Lacan dos anos de 1930-40, especificamente ao desenvolvido na tese de 32 e até o texto de 1949 do estágio do espelho, e culmina com a conclusão de que as operações descritas pela transformação no sujeito quando ele assume uma imagem, e que ao se tornarem operante no mundo externo, tratar-se-ia de uma operação interna ao sujeito. Contudo, esta tese já seria a própria contribuição de Lacan para a operação descrita em Hegel na dialética do senhor e do escravo, e desta forma

[...] seria difícil encontrá-la na letra da operação hegeliana do Reconhecimento, mesmo interpretada como identificação pelo Outro, quer dizer, constituição da consciência-de-si pelo reconhecimento recíproco dos que se vêm se vendo (ARANTES, 1992, p. 69)

“A Fenomenologia do Espírito” (1806) de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), condensa uma análise do mundo sensível e suas diversas mansões dentro de

perspectivas e conotações que nunca foram trabalhadas pela tradição metafísica. Esta considera o plano sensível uma realidade inferior, quando contraposta ao plano espiritual. O texto de Hegel discute um pressuposto fundamental à metafísica, a saber, a definição grega de homem enquanto homem racional e a dicotomia entre corpo e alma, hierarquizada segundo o corpo enquanto contingente e a alma no plano eterno (BORNHEIM, 1990).

É somente quando essa doutrina dos dois mundos começa a manifestar sinais de decrepitude, com a crise da Metafísica, que se vislumbra o espaço possibilitador para que se discuta a definição tradicional do homem, enquanto realidade humana em si mesma e na medida em que essa realidade se deixa esclarecer a partir de uma nova visão do fundamento (BORNHEIM, 1990, p. 144).

Sucintamente, no primeiro capítulo intitulado “A Consciência”, Hegel faz uma análise sobre a gênese do desejo e antecede a dialética do mestre e do escravo. No fundo, encontra-se no texto um esquema retórico que procura subverter a relação entre o sensível e o espiritual. São passos pormenorizados e dialeticamente sustentados no livro em torno da descrição de etapas, “em sentido ascensional, meta-físico” (BORNHEIM, 1990, p. 145) no que concernem compreender a origem do *eu*, em sua relação com a alteridade, a partir da dicotomia entre sujeito-objeto e da negatividade constitutiva inerente na ação, enquanto efeito do desejo.

Bornheim (1990) afirma o desenvolvimento inerente ao processo de certeza sensível, através da experiência de separação sucessiva, e principalmente do negativo. A alteridade ocupa um lugar de destaque, mas na hierarquia de distinguir primeiro a alteridade, em que as coisas são distintas entre si, para num outro momento distinguir o si da alteridade. De início, a realidade é opaca, em um *si* que não se sabe *si* na vida.

Hegel parte da vida como elemento biológico (BORNHEIM, 1990, p.147), e, portanto coloca a matéria como limite da dialética, e apenas a partir da experiência de separação e negatividade que se vislumbra o desejo e, portanto a mola propulsora para a dialetização.

O ser do homem, o Ser consciente de si, implica e supõe o desejo. A realidade humana só se pode constituir e manter no interior de uma realidade biológica, de um animal. Mas, se o desejo do animal é condição necessária da consciência-de-si, não é condição suficiente. Sozinho, esse desejo constitui apenas o sentimento de si (KOJÈVE, 2002, p. 11).

O projeto essencial da existência humana é definido à tentativa hegeliana de sustentar o ser em totalidade na vida, e, todo inteiro *consciência*, embora essa identidade revela-se impossível, já que a existência humana acaba sendo necessariamente dialetizada pelas diferenças, por separações. Ou seja, a separação ou a negatividade institui-se na mola propulsora da dialética, em dois níveis: separação da vida universal e particularização do desejo numa sequência que finda em desejo em desejar. Noção conhecida entre os lacanianos.

O processo de nascimento da consciência, ergue-se progressivamente, atravessando o reino da autoconsciência, o da razão, o do espírito, o da religião, para atingir finalmente o referido saber absoluto. A dialética do desejo integra um momento importante desse avanço do Espírito, já que inventa as instâncias inaugurais do aparecimento da autoconsciência (BORNHEIM, 1990, pp.145-6).

Do desejo que é desejo do desejo do outro, Hegel intui a uma consciência que só chega a ser propriamente consciência através do reconhecimento de outra consciência. Dessa forma, o Tu precede o *eu*. Uma luta, dialetizada nas figuras Senhor e Escravo, que separa duas consciências.

Roudinesco (1988) sintetiza:

Para caracterizar sua ontologia, Kojève utiliza um dualismo. Segundo ele, a dialética não existe na natureza, que obedece somente ao princípio da positividade. A Negatividade define, ao contrário, todo fenômeno humano, e o Ser se revela pelo Desejo, pelo Discurso e pela Fala. O Discurso revela o Homem em sua totalidade ao passo que o homem e a natureza não pertencem ao mesmo princípio ontológico. A natureza não é dialética, mas sua transformação pelo conhecimento humano obedece a um princípio dialético. A dialética, negativa, divide-se em duas instâncias: relação do homem com a transformação das coisas e relações humanas entre si, comandadas pela relação do Senhor com o Escravo (ROUDINESCO, 1988, p. 157).

Hegel é filtrado pelo viés da fenomenologia com uma tendência ao marxismo, devida a leitura de Kojève, implicando então uma antropologização ao Hegel. Alavanca-se a importância do ato e da negatividade na realização da autoconsciência, e definem-se três regiões onde o ato é fundante: na linguagem, no trabalho e pelo desejo.

O desejo que se dirige a um outro desejo, considerado como desejo, vai criar pela ação negadora e assimiladora que o satisfaz, um Eu essencialmente diferente do 'Eu' animal. Esse Eu, que se alimenta de desejos, será ele mesmo desejo em seu próprio Ser, criado na e pela satisfação de seu desejo. E já que o desejo se realiza como ação negadora do dado, o próprio Ser desse Eu será ação (KOJÈVE, 2002, p. 12).

Na introdução de Kojève, o cogito cartesiano é comparado à consciência de si de Hegel, e ao modo de Kojève, o “*eu penso*” de Descartes torna-se, através de Hegel, “*eu desejo*”. A lógica desse deslocamento do pensar para o desejo, Kojève sustenta por duas noções, a saber, a divisão no *eu* em: o *eu* [*Je*] como sujeito do desejo e o *eu* [*Moi*] como fonte de erro. Dessa forma, abre caminho para três conceitos organizados por Lacan a partir de 1938: o *eu* [*Je*] como sujeito do desejo, o desejo como revelação da verdade do ser e *eu* [*moi*] como lugar de ilusão e fonte de erro. Outra fórmula conhecida entre os lacanianos.

Esses três conceitos reaparecerão, aliás, mesclados aos dois temas da origem da loucura e da essência da família, em todos os textos publicados por Lacan sobre o assunto entre 1936 e 1949: tanto em “Para além do princípio de realidade” quanto em “Os complexos familiares”, tanto em “Considerações sobre a causalidade psíquica” quanto na segunda versão do “Estádio do Espelho (ROUDINESCO, 1994, p. 119).

A consonância entre Lacan e Kojève demonstra-se a partir de uma nota que o segundo enviou a Alexandre Koyré, em meados de 1936, ou seja, pouco antes da apresentação de Lacan em Marienbad. Roudinesco (1994) retoma a nota:

Hegel e Freud: ensaio de uma confrontação interpretativa. A gênese da consciência de si. O início é urgente pois deve ser escrito [por] você em colaboração

com o doutor Lacan e publicado em *Recherches Philosophiques*. (somente uma parte da “introdução” está escrita, seis parágrafos, dando uma comparação entre Hegel e Descartes). Não terminado. (Há uma espécie de resumo de quinze páginas mais uma). Começado em 20/VII/36 (ROUDINESCO, 1994, p. 118).

O presente texto nunca fora publicado, por razões não apresentadas por Roudinesco, e esta mesma autora não encontrou qualquer referência de Lacan a ele. Em 2003, a comunidade de Cambridge organizou uma coleção de textos sobre a obra de Lacan, Roudinesco redige um capítulo sobre o estádio do espelho, chamado “*The mirror stage: an obliterated archive*”, e afirma a importância de Kojève e novamente faz referência ao suposto artigo a ser escrito por Lacan e Kojève no ano de 1936, e diz:

O artigo não viu a luz do dia em nenhuma forma e nunca foi mencionado pelo próprio Lacan, que provavelmente se esqueceu dele. Mas é um ponto para a gênese das idéias posteriores sobre o Cogito de Descartes, o sujeito do desejo e a origem da loucura<sup>35</sup> (ROUDINESCO, 2003, p. 26).

A autora declara que o texto seria composto por três partes: 1. Gênese da Consciência de Si; 2. A Origem da Loucura; 3. A Essência da Família. Curiosamente, esses três tópicos podem ser encontrados ao longo do texto desenvolvido em 1938 por Lacan, “Os complexos familiares na formação do indivíduo”.

O encontro desta similitude entre o suposto texto de Lacan e Kojève, no ano de 1936, e propriamente o texto de Lacan de 1938<sup>36</sup> convoca o segundo autor de referência, citado no início deste tópico, para a gênese da teoria do estádio do espelho : Henri Wallon.

Wallon e Lacan circularam pela Sociedade de Psiquiatria da França entre os anos de 1928 e 1934, ainda que o segundo fosse pouco conhecido no grupo psicanalítico ou em instituições psiquiátricas da França , a não ser por sua tese de doutorado concretizada em 1932.

<sup>35</sup> Nossa tradução a partir da citação “The article did not see the light of day in any form and was never mentioned by Lacan himself, who probably forgot it. But it is a pointer to the genesis of his later ideas about Descartes' Cogito, the subject of desire, and the origin of madness”.

<sup>36</sup> À título de ressalva, como descrevemos detalhadamente em nossa seção 3 *MÉTODOS: OBJETIVOS, MATERIAL E ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO*, especificamente no item 3 SOBRE O MATERIAL DO “ESTÁDIO DO ESPELHO” DE J. LACAN, o texto “Os complexos familiares na formação do indivíduo” (1938/2003) foi escrito depois do pedido de H. Wallon.

Por outro lado, Henri Wallon já apresentava uma carreira consolidada no campo psicológico, por seu trabalho detalhado em análise de crianças, cuja pesquisa lhe rendeu o texto “*Les Origines du Caractère chez L'enfant*” (1934), no qual Wallon expõe o segundo tratamento sobre a aventura da prova do espelho (ROUDINESCO, 1988).

Wallon licenciou-se em filosofia na Escola Normal Superior em 1902. Ao finalizar esta graduação, decidiu estudar medicina, concluindo em 1908, sob a especialidade em clínica psiquiátrica, com trabalho intitulado “*Délire de Persécution: Le Délire Chronique à Base D'Interprétation*” publicada em 1909, com orientação de Gilbert Ballet. A proposta de Wallon consistia em estudar os antecedentes dos doentes mentais, bem como reconhecer o terreno biológico de cada um dos delírios.

Consideremos a semelhança entre o trabalho de Lacan e Wallon, quanto aos estudos sobre a etiologia e semiologia dos delírios, ainda que devamos considerar diferenças na abordagem de cada um dos autores. Entretanto, outras aproximações podem ser empreendidas, no que tange ao aspecto crítico na produção de conhecimento, nas leituras de Hegel, e na posição de crítica social.

A tese de doutoramento de Wallon segue o tom crítico da produção científica e se organiza em torno da observação rígida de mais de duas centenas de observações clínicas, sobre a relação entre motricidade e psiquismo. A proposta da tese é o estudo das deficiências subcorticais provocadoras de perturbações da motricidade, reunidos na designação de “turbulência”. O título da tese é “*L'Enfant Turbulent*” e foi publicada em 1925. Embora o plano orgânico seja evidenciado, Wallon está interessado no organismo e na diferenciação das funções dos órgãos diante destes acometimentos orgânicos subcorticais.

A comparação das etapas motoras e mentais, pelas quais passa toda criança normal, com os diferentes tipos de paradas ou insuficiências funcionais – observáveis em crianças anormais – e, por outro lado, a contribuição da experimentação fisiológica da época sobre a atividade própria e combinada dos centros nervosos levaram Wallon a distinguir cinco síndromes ou quadros clínicos, cada um deles com características especiais; desses estudos resultou, com efeito, o “estilo motor” do indivíduo, base de sua própria psicomotricidade, da sua expressão corporal (DANTAS, 1983, p. 22).

As publicações de Wallon no período de 1920 a 1936 são variadas, mas confluem para a semiologia do desenvolvimento por estágios, através de uma dialética material, como

consequência da concepção que sustenta em torno da evolução da vida psicológica da criança.

Em 1925, Wallon lança “*L'Enfant Turbulent*”, que comporta várias categorias mentais e de suas observações complementares, nas quais teoriza estágios do desenvolvimento psicomotor, como citado acima. Em 1934 com a publicação de “*Les Origines du Caractère Chez L'Enfant*”, Wallon enfoca os três primeiros anos do desenvolvimento, sob as condutas afetivas, e que o permite concluir a noção de caráter, que representa o componente afetivo, de ordem simultaneamente biológica e psicológica da personalidade. O interessante dessa publicação é o uso de fontes de comparação como a psicologia comparada e animal, com referência a Charlotte Buhler e Baldwin, a patologia mental e a antropologia, tendência que permanece nos trabalhos posteriores. Lacan utiliza recurso similar no texto *E.E. (1949/1998)*.

Com Wallon, o esforço centra-se na observação de comportamentos de crianças, com o duplo olhar sobre a maturação biológica e o efeito produzido na aquisição de comportamentos e habilidades do indivíduo quando em meio social, além de considerar a importância da influência externa ao organismo da criança como causa de aquisição de habilidades afetivas e de resolução de problemas, Wallon procura constantemente desvincular sua teoria às idéias deste uma ordem cronológica ou sequencial do desenvolvimento, como o fez Piaget.

Ele demonstrou que a personalidade não é um ponto de partida, mas antes uma consequência – destruindo dessa maneira as teses pseudocientíficas e algo fatalistas dos educadores que postulavam a existência inata de uma personalidade a se expandir espontaneamente (DANTAS, 1983, p. 21).

Na introdução para a tradução brasileira de “A Evolução Psicológica da Criança” do texto originalmente publicado em 1934, Jalley (WALLON, 2007, p.XVI) comenta sobre a obra de Wallon e a caracteriza como uma psicologia do desenvolvimento da personalidade, integrando afetividade e inteligência, arquitetadas teoricamente em cinco estágios. Destes cinco, os três primeiros podem ser correlacionados ao tempo determinado na teoria do estágio do espelho de Lacan: impulsivo (0 a 3 meses); emocional (3 meses a 1 ano) e sensório-motor (1 ano a 18 meses).

Se criarmos uma correlação com a teoria do estágio do espelho, encontramos as primeiras inscrições de imagem e simbolismo para a criança em seu contato com o mundo, inicialmente indistintas de si do próprio corpo, mas posteriormente sustentadas nas primeiras inscrições que a criança faz do corpo próprio. Contudo, esta associação entre a teoria de Wallon e a teoria do estágio do espelho só pode ser estabelecida a partir das descrições do estágio *emocional*, entre três meses e um ano, até o *estágio sensorio motor*, que se enquadra até dezoito meses.

As principais descrições de Wallon sobre os primeiros meses de vida da criança apontam para o desenvolvimento proprioceptivo e exteroceptivo, quando a mobilidade dos membros e tronco possibilita a expansão do campo perceptivo do bebê, e então os primeiros traços que findam no descobrimento de partes do corpo antes não visíveis, bem como a discriminação e reconhecimento das mesmas quando insistem em retornar.

As primeiras experiências visuais inauguram possibilidades de mesma natureza com objetos, partes ou não do próprio corpo, como se houvesse uma expansão ou aquisição de novas modalidades de manuseio do mundo e do corpo, a partir do olhar. A insistência do objeto que surge no campo de visão para o *infans*, ou mesmo a busca pelo olhar de tal materialidade, implica no reconhecimento bem como na distinção do movimento, que por volta dos seis aos doze meses comporta certa previsibilidade da ação. Não é sem propósito que a observação de crianças convocou Wallon à constatação da importância do olhar para a própria aquisição subjetiva e corporal do *infans*, que ainda não tinha o domínio da palavra.

O momento nodal para Wallon concentra-se na idéia de supor que as partes do corpo se integram em unidade quando a criança percebe a imagem e a relaciona consigo. Esta constatação se dá pela prova do espelho, como um teste para a comprovação do desenvolvimento cognitivo, nível de consciência que a criança dispõe a respeito da realidade de si, enquanto reconhecimento do corpo unificado no espaço. A posição do outro nesse jogo é fundamental, como podemos vislumbrar em duas passagens de “*L'Évolution Psychologique de L'Enfant*”.

Os primeiros estados da sensibilidade deixam como que indiviso o que devem às disposições subjetivas e às qualidades do objeto. Entre ambas, há uma fusão inicial. Desde o nascimento, surgem, por certo, intermitências na satisfação das necessidades e, por isso, aparecem o desejo, o apetite, a expectativa, em que muitas vezes se afirma que há uma prefiguração do objeto. Mas ela não pode estar implicada neles sem experiências ou

aprendizagem. Mesmo uma adequação funcional inicial às circunstâncias correspondentes, mesmo o exato discernimento das circunstâncias mais favoráveis não supõem uma imagem prévia. Essa imagem pode ser consequência da alternância entre os momentos de satisfação e de privação (WALLON, 2007, p. 105).

Entre os dois termos da alternância – incompletude e a realização funcionais -, o traço-de-união só pode resultar dos meios que se oferecem á criança passar de um para o outro. [...] As relações do bebê com o mundo externo, por exemplo, dependem estritamente do outro (WALLON, 2007, p. 106).

Wallon descreve os primeiros estados da criança pela indistinção entre os aspectos subjetivos e os objetos mundanos, como se para a criança não houvesse um território que limitasse um espaço do outro. Porém, na perspectiva desta criança, há intermitências no aparecimento de objetos que satisfaçam suas necessidades, e tais frustrações tem como efeito a prefiguração do objeto que não faça parte de si mesma. Isto é, não há como considerar que as imagens do objeto mundano sejam dados para a criança logo ao nascer, e que elas só podem ser concebidas, enquanto construídas pela criança com as próprias experiências com o outro. Os objetos para a criança são as imagens organizadas, a partir das frustrações e insatisfações de suas próprias necessidades. Isto não seria a própria concepção de que o objeto em psicanálise é a imagem constituída deste objeto?

O espelho de Wallon descreve comportamentos da criança em frente ao espelho e o autor infere duas passagens fundamentais para a aquisição de um continente organizado sobre a noção de reconhecer um corpo próprio : do reconhecimento de uma forma especular para uma organização mental da imagem e deste imaginário como acesso ao simbólico, por uma dialética particular entre o corpo orgânico e as possibilidades que este dispõe ao indivíduo humano, na relação com o outro.

A exposição da prova do espelho de Wallon é apresentada no capítulo IV “O corpo próprio e sua imagem exteroceptiva”, do livro “As origens do caráter na criança” em 1934, dois anos antes da apresentação de Lacan na *SPP* e em *Marienbad*. A descrição detalhada das observações realizadas por Wallon é precisa e permite acompanhar as mudanças comportamentais e afetivas das crianças diante do espelho. Ele as organiza conforme uma semiologia, que permite generalizar graus e passos pormenorizados das reações, dos gestos, dos balbucios e das falas no desenvolvimento das crianças.

A noção do próprio corpo não se constitui como um compartimento estanque. Para cada uma de suas etapas, depende dos processos gerais da psicogênese: constitui um caso particular. Antecede, porém, às outras na época de sua formação, pois nenhuma como ela se acha mais imediatamente na confluência das necessidades interoceptivas e das relações com o mundo exterior, nem é mais indispensável aos progressos ulteriores da consciência. Cede o primeiro plano logo que, por sua parte tornou possíveis outras elaborações (WALLON, 1971, pp. 202-3).

As conclusões de Wallon circulam pela tomada de consciência do próprio corpo, num jogo intrincado e descontínuo entre a maturação biológica e as possibilidades de aquisição de esquemas do corpo na organização psíquica, sempre balizados por duas condições: uma psicossocial e outra psicobiológica. Porém, como marcado no final desta citação, a abertura de inscrições sobre corpo próprio e sobre a totalidade que delimita sua consciência demarca a importância da dialética da atividade mental sob as condições gerais de sua maturação orgânica natural.

A noção de dialética presente em Wallon é muito importante, assim como a noção abstraída da concepção de Kojève sobre Hegel, para a composição, nos anos 30, bem como nos anos subsequentes, da teoria lacaniana do estágio do espelho.

Nosso intuito neste tópico concentrava em apresentar as principais idéias de Kojève e Wallon, que possivelmente influenciaram Lacan. Ambos, mantiveram a importância do outro em suas concepções: Kojève organiza sua dialética nas figuras do senhor e do escravo, demonstrando a gênese da organização da consciência de si enquanto efeito da ação pelo desejo de reconhecimento e da negatividade inerente nas ações; Wallon descreve a passagem da insuficiência orgânica do indivíduo humano até a aquisição da representação do corpo próprio e do sentimento de uma identidade pessoal. Estas idéias estão presentes na teoria de Lacan, já nos anos 30, contudo sob o impacto de uma apropriação particularmente própria das idéias apresentadas nesta seção.

## 5 O ESTÁDIO DO ESPELHO DE 1949

Em 1949, à data de 17 de julho, no XVI Congresso Internacional de Psicanálise em Zurique, Jacques Lacan apresenta o segundo desenvolvimento a respeito da teoria do estádio do espelho, do qual originou o texto “O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”, incluído na obra “Escritos” (1966/1998).

A primeira publicação do material ocorreu três meses após a apresentação no congresso, na *Revue Française de Psychanalyse*, n.4, outubro-dezembro de 1949, nas páginas 449 a 455, como sinalizam o editor de “Escritos” (1998, p. 931) e Roudinesco (1994, p. 487). Trata-se de uma importante revista de psicanálise da França, com ampla circulação entre psicanalistas, psiquiatras, e em suas respectivas instituições de ensino.

O objetivo deste capítulo é propor um modelo de leitura para o texto *E.E. (1949/1998)* que o abra em possibilidades de compreensão tanto sobre os temas abordados quanto para a teoria do estádio do espelho em 1949. A estratégia escolhida configura-se em acompanhar linha a linha o corpo do texto.

Definimos a divisão deste capítulo, a partir das próprias articulações de Lacan no texto. Julgamos que tais momentos sejam importantes pontos nodais para a teoria concebida por estádio do espelho no ano de 1949, em suas correlações temáticas sobre a função do *eu* e do *sujeito* inaugurada pela assunção da imagem do corpo, enquanto matriz simbólica, para as primeiras inscrições psíquicas da subjetividade humana.

### 5.1 O ESTÁDIO DO ESPELHO: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ORIGENS DO EU

A concepção do estádio do espelho que introduzi em nosso último congresso, há treze anos, não me pareceu indigna, por ter-se tornado mais ou menos de uso comum no grupo francês, de ser trazida à atenção de vocês [...] (LACAN, 1949/1998, p. 96).

A concepção de 1949 havia sido apresentada treze anos antes, no primeiro congresso que Lacan participou em *Marienbad*, como descrevemos e reconstruímos em *THE LOOKING-GLASS PHASE: GÊNESE DA TEORIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO*. O impacto da teoria apresentada tem como efeito na comunidade psicanalítica o uso comum do termo estádio do espelho enquanto conceito. Porém, de partida, temos como condição

irrevogável, que nosso autor de referência não entregou qualquer material para a apresentação citada, como sinaliza Roudinesco (1988, 1994), e afirma Lacan:

Fiz dela uma comunicação formal no congresso de Marienbad, em 1936, pelo menos até o ponto exatamente coincidente com o quarto toque do décimo minuto, quando me interrompeu Jones, que presidia o congresso como presidente da Sociedade Psicanalítica de Londres, posto para o qual sem dúvida qualificava o fato de eu jamais ter encontrado um de seus colegas ingleses que não me tivesse a participar algum traço desagradável de seu caráter (LACAN, 1946/1998, p. 186).

As hipóteses que levaram Lacan a não entregar seu texto foram discutidas anteriormente, porém nesta citação, podemos localizar uma das possíveis causas, que antes sinalizamos apenas como possível motivo, isto é, sobre as diferenças institucionais da teoria apresentada por Lacan com a *Sociedade Psicanalítica de Londres*, a que Ernest Jones (presidente do congresso) era filiado. Esta instituição é calcada, principalmente, nas teses elaboradas por Melanie Klein, que é convocada no ano de 1949 a uma interlocução teórica.

Contudo, qual a importância da rerepresentação deste trabalho? Aventamos a hipótese de que algumas reformulações tenham sido inseridas no trabalho realizado em Zurique, “[...] hoje, em especial, no que tange aos esclarecimentos que ela fornece sobre a função do [eu] na experiência que dele nos dá a psicanálise” (LACAN, 1949/1998, p. 96).

Para tanto, Lacan afirma que a concepção do estágio do espelho desenvolvida em 1949 traz contribuições a respeito da função do *eu*<sup>37</sup>, cujo desenvolvimento e esclarecimento para a comunidade psicanalítica implicam em duas direções, a primeira relacionada a uma revelação teórica com estatuto de experiência ao sujeito humano, ao que poderíamos caracterizar pelo tema da constituição subjetiva, e a segunda determinada pela intenção de recuperar o sentido clínico do *eu* na condução do tratamento psicanalítico, ou seja, o tema da clínica na concepção desenvolvida sobre a experiência de formação da função do *eu*. “Experiência sobre a qual convém dizer que nos opõe a qualquer filosofia diretamente oriunda do Cogito” (LACAN, 1949/1998, p. 96).

<sup>37</sup> No texto traduzido oficialmente no Brasil (1966/1998), há a inserção do termo *EU* grafado entre colchetes, [eu], quando Lacan faz uso no corpo do texto original pelo pronome da primeira pessoa da língua francesa *Je*, e *eu* para *Moi* já que ambos (*Je* e *Moi*) têm a mesma tradução para o português – *EU*. Lacan utiliza essa possibilidade da língua francesa para conceituar duas instâncias psíquicas em psicanálise, como discute o tradutor e Nota da Edição brasileira (1998, p. 936).

A teorização sobre o *eu* empreendida por Lacan nos leva aos campos da interface com a filosofia, especificamente a toda filosofia oriunda do *Cogito* e suas proposições sobre a *consciência* como peça chave no aparelho psíquico do homem. Esta indicação de interlocução<sup>38</sup> é deixada em segundo plano por Freud em sua obra; a saber, o campo da filosofia. Obviamente, Lacan não evoca toda a filosofia, mas circunscreve um diálogo em tom de oposição a “qualquer filosofia oriunda do Cogito” (LACAN, 1949/1998, p. 96), pois a experiência psicanalítica lhe confere a concepção a ser mantida sobre o inconsciente e a implicação da divisão subjetiva do homem.

Podemos organizar dois grupos dentro da literatura psicanalítica que fazem referência ao *E.E. (1949/1998)* e explicitam o campo filosófico com o qual Lacan mantém interlocução no presente texto:

(1.) Grupo com tendência de relacionar “toda filosofia oriunda do Cogito” (LACAN, 1949/1998, p. 96) ao filósofo René Descartes (1596-1650), reconhecido como fundador da filosofia moderna, inovador nos parâmetros científicos, a partir do processo habitualmente chamado de “Dúvida Cartesiana” (RUSSEL, 1969, p. 89) desenvolvido no trabalho de 1642, “Meditações”, que revelou o célebre argumento “*Cogito ergo sum*” (*Penso, logo existo*). Descartes é considerado um dos autores mais influentes da tradição metafísica.

Segundo Descartes, a concepção de homem é formada por duas substâncias diferentes, “*res cogitans*” e “*res extensa*” que separam o corpo da alma, e possibilitam independentemente teorias que dêem conta dessas substâncias. Além disso, o sistema de Descartes cria condições de se postular uma idéia de consciência ou o princípio da auto-reflexão da consciência. Há uma relação de identidade entre pensamento e *eu*, entre *eu* e cogito. *Sou aquilo que penso*.

(2.) Também é possível encontrar autores que relacionam o *Cogito*, citado no texto de 1949, com a filosofia francesa de Jean Paul Sartre (1905-1980). Este tipo de articulação prestigia não somente a argumentação de Lacan, sobre o *Cogito*, como também o contexto da França nos anos 40. Sartre estava em intensa produção teórica entre os anos de 1936 e 1949, e envolvido sobre o problema filosófico da ontologia da consciência humana, que culminou na chamada “*Psicanálise Existencial*”. Os rumores e eclosão da segunda grande guerra movimentavam os pensadores e intelectuais da época sobre a condição do ser humano e as motivações que o levavam a um embate tão destruidor quanto havia sido o da primeira grande

---

<sup>38</sup> Mezan (2000) introduz seu trabalho, sobre a trama conceitual da psicanálise freudiana, revelando o embate entre Freud e a filosofia, a ponto de Freud dizer sobre a filosofia com “desprezo”. A causa de tal sentimento está na reprovação de Freud pela filosofia reduzir o psiquismo à consciência.

guerra, de 1914 e 1918. A irracionalidade evidenciada em um projeto como a guerra, ainda que não exclusivamente, impeliu Sartre a se interrogar sobre a consciência, e propor um modelo ontológico para o sujeito humano. As teses de Sartre têm sua origem na fenomenologia de Husserl (1859-1939) e nas proposições de Descartes (1596-1650).

No geral há três tendências de classificação da relação entre Lacan e a filosofia. Uma linha de trabalho articula que Lacan filosofa a psicanálise, como caracteriza Heinrich Heine. Há quem argumenta, por exemplo, Willian Kerrigan (1963) e Willian J. Richardson (1985), que Lacan utiliza da filosofia como metáfora e indicador para as construções teóricas em psicanálise, em sentido de contribuições ou de críticas. Ragland-Sullivan (1986, pp. XIX-XX) sustenta uma terceira posição na qual Lacan parte dos postulados psicanalíticos, retoma as considerações da filosofia, para então circunscrever com veemência seu principal interesse, o humano e suas implicações no laço com o outro e na interpretação da realidade.

Nesta incursão sobre as possíveis influências da filosofia do *Cogito* no texto *E.E. (1949/1998)* permitiu amenizar possíveis equívocos conceituais e aproximações desorientadas ao contexto de Lacan na época. Esta ressalva ganha em consistência quando retomamos a frase “toda filosofia oriunda do Cogito”, na qual “oriunda” apresenta-se decisivo na determinação do interlocutor que Lacan está focando. Não se trata propriamente da filosofia do *Cogito*, mas toda filosofia que se inspirou neste modelo de pensamento. Portanto, antes de se tratar de uma menção direta a Descartes, Lacan conduz o leitor a Jean-Paul Sartre (1905-1980), e concomitantemente ao movimento filosófico iniciado por Edmund Husserl<sup>39</sup> (1859-1938), perpassado por Martin Heidegger (1889-1976) e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), classicamente conhecido pela fenomenologia, ou de “pós-Cartesiano” como define Ragland-Sullivan; “*post-Cartesiano*” (1986, p.1).

Porém, realizaremos as menções a partir das próprias citações de Lacan. Então, por hora, retornemos à sequência letra a letra do texto de Lacan *E.E. (1949/1998)*.

Talvez haja entre vocês quem se lembre do aspecto comportamental de que partimos, esclarecido por um

---

<sup>39</sup> Edmund Husserl alinhava a gênese da fenomenologia, com o propósito de crítica à teoria do conhecimento predominante na filosofia, enraizada em Descartes e Kant, e fundamentada sobre a relação de representação e objeto mundano para a qual não se podia estabelecer a dimensão exata destes dois fenômenos, mas com existências distintas um do outro. Husserl, então, propõe uma teoria em que se considera com objetividade o fenômeno da consciência humana como o é experimentada pelo homem, a fim de organizar um método para a descrição e análise da consciência como pré-condição científica. O método empregado por Husserl se definia pela *redução eidética*, isto é, primeiro há o detalhamento das idéias pela tipologia que lhe é inerente, como cor, forma, superfície, e que ao serem somadas outras idéias da coisa poder-se-ia concluir a própria *essência*.

fato da psicologia comparada: o filhote do homem, numa idade em que, por um curto espaço de tempo, mas ainda assim por algum tempo, é superado em inteligência instrumental pelo chimpanzé, já reconhece não obstante como tal sua imagem no espelho (LACAN, 1949/1998, p. 96).

Além do diálogo com J.P. Sartre anunciado nas entrelinhas da oposição ao *Cogito*, Lacan curiosamente inicia seu desenvolvimento teórico em psicanálise a partir da convocação da psicologia comparada de Wolfgang Köhler (1887-1967)<sup>40</sup> e desenvolve uma comparação inversamente proporcional entre os resultados obtidos de pesquisas com animais primatas e sujeitos humanos, no que se refere às habilidades instrumentais ou atos de inteligência.

Considerando o mesmo intervalo de tempo de vida entre o filhote do homem e o filhote do primata, há uma superação pelo segundo sobre o primeiro em termos de inteligência instrumental, ainda que neste momento, o filhote do homem já reconheça a própria imagem no espelho. A argumentação concentra na discrepância entre as habilidades motoras do filhote do homem, diante da possibilidade de visualizar uma imagem e reconhecê-la como um referente para si mesmo. Porém, o reconhecimento da imagem no espelho acompanha a impossibilidade do filhote do homem em verbalizar que tal imagem seja um contorno de si, ou propriamente anunciar que tal forma seja um *Eu*. Sendo assim, como, de fato, assegurar que tal operação psíquica está em vigência em tempos tão precoces? É através das expressões corporais do filhote do homem diante do espelho e dos primeiros balbucios que Lacan supõe<sup>41</sup> a evidência de inscrição psíquica.

Reconhecimento que é assinalado pela inspiradora mímica do Aha-Erlebnis, onde se exprime, para Köhler,

<sup>40</sup> Poderíamos supor que o teórico referido por Lacan, na seguinte passagem, possa ser Elsa Köhler (1879-1940), que Lacan faz referência em dois outros textos, contemporâneos a 1949, numa nota de rodapé no “*Formulações sobre a causalidade psíquica*” (1946, p. 182) e no “*A agressividade em psicanálise*” (1948, p. 114) no qual aponta para as observações de criança realizadas pela autora aos moldes do realizado por Charlotte Buhler (1893 – 1974). A partir destas duas outras referências, concluímos que há maior probabilidade que o Köhler seja de fato Wolfgang Köhler e dos trabalhos realizados em psicologia da *Gestalt*. Porge (2006) atribui a autoria dos trabalhos mencionados por Lacan à Elsa Köhler.

<sup>41</sup> Tal suposição ou trabalho intelectual do autor deve ser considerado como efeito das influências teóricas e pesquisas de outros autores, nas quais ele se aproveitou para empreender sua tese sobre os primeiros sinais de atividade psíquica do sujeito humano pela via do reconhecimento de si na imagem. A psicologia do desenvolvimento com Henri Wallon, nos anos de 1930-40 influenciaram Lacan, como apresentamos no Capítulo 4. “*The Looking-Glass Phase: gênese da teoria do estádio do espelho*”, desta dissertação. Contudo, em 1949, Lacan recupera os achados da psicologia comparada ou etologia para sustentar sua argumentação inicial no texto.

a apercepção situacional, tempo essencial do ato de inteligência (LACAN, 1949/1998, p. 96).

O reconhecimento da imagem no espelho é correlacionado com uma mímica inspiradora sob o termo “*Aha-Erlebnis*”. Em nota de rodapé, Porge (2006, p. 69) aponta a gênese da expressão *Aha-Erlebnis* em Karl Bühler no ano de 1907, definido como o ato de reconhecimento imediato, expresso pela mímica do *Aha!*. Somente em 1925, com W. Köhler que se coletou experimentalmente evidências deste constructo. A mímica denominada de *Aha-Erlebnis* é conhecida pela noção de *insight* e que revela um ato de inteligência ou raciocínio entre um problema posto e a espacialidade dos objetos diante desta situação. Segundo Köhler, as condições que compõem o insight como bases da capacidade de raciocínio são a apercepção situacional, o tempo essencial do ato de inteligência e o discernimento.

Cabas diz que “a apercepção que funda a referência ao 'eu' tem o estatuto de uma interpretação. Interpretação cuja consequência se traduz na cristalização de uma configuração subjetiva” (CABAS, 2009, p. 121). Em nota de rodapé, Cabas (2009, p. 119) marca a recorrência com que na filosofia o termo *apercepção* é empregado, para o qual se define enquanto ação pela mente que amplia ou intensifica a consciência de si, os estados proprioceptivos e de representações de objetos.

Köhler é conhecido pelos trabalhos realizados a partir da teoria da *Gestalt*, concebida por ele conjuntamente com Max Wertheimer (1834-1943) e Kurt Kofka (1887-1967). A escola da *Gestalt* contesta a explicação das percepções pela idéia de um conjunto de sensações elementares, tradicionalmente desenvolvida pela filosofia clássica, e afirma que o *todo é diferente da somas das partes*. A forma não é um corte ou um perfil ilusório da matéria, mas sim uma realidade concreta e objetiva que deve ser estudada de forma científica, porém sem reduzir a dados quantitativos. Há a constante tendência de crítica à teoria mecanicista desenvolvida no final do século XIX e começo do século XX.

Os principais trabalhos de Köhler para nossos propósitos são “*Gestalt Psychology*” de 1939, em que Lacan utilizou sua noção de *Gestalt* e de *insight*, e “*The mentality of Apes*” de 1925, que Lacan extraiu o conceito de *ato de inteligência* e *planejamento antecipado*, ainda que sua bibliografia seja extensa o suficiente para ser um dos teóricos mais importantes dos anos 1930. (MURCHISON, 1975).

Em “*The mentality of apes*” (1925), Köhler trabalha com primatas em cativeiro nas Ilhas Canárias. Os experimentos consistem em apresentar situações problemas, para os quais

tais primatas nunca haviam sido expostos, e cujos resultados pareciam demonstrar antes uma estratégia de tentativa e erro, comumente relacionada aos resultados com animais, senão estratégias de raciocínios. Um dos exemplos citados por Köhler e eventualmente um dos mais lembrados é o da situação em que o experimentador pendura uma cacho de bananas numa altura que os primatas sem o uso de objetos, dispostos na situação experimental, não alcançariam. As soluções variavam conforme a disposição dos cachos e dos objetos disponíveis. Esta perspectiva sugere que mesmo sem a experiência prévia com a situação, os primatas possuem a capacidade de raciocinar e antecipar a situação especial com os usos de objeto. Tal capacidade implica numa associação entre o conhecimento do que se pode fazer com os objetos e com as informações dispostas no espaço, sem necessariamente denotar aprendizagem por tentativa e erro. O conceito de Köhler para estes resultados é o de *insight* ou discernimento, cuja idéia de antecipação antes da realização da cena é fundamental para a concepção de Lacan em 1949.

Verificou-se, algumas vezes, que os animais eram capazes de realizações que não esperávamos que ocorressem abaixo do nível humano. Afirmou-se, então, que tais realizações envolviam o discernimento (*insight*) (KÖHLER, 1929/1968, p. 194)

É desta referência que Lacan recorre para definir o tal ato de inteligência para os chimpanzés e que está intrincado no reconhecimento de si numa imagem. A abertura realizada por Lacan no texto de 1949 converge primeiramente para a realidade factual do corpo humano neotênico<sup>42</sup>, implicando numa perspectiva que transcende a objetivação do desenvolvimento puramente filogenético, para em seguida demonstrar que essa realidade corpórea em maturação ou de contingência libidinal está intimamente dependente das atividades mentais, mas que não resvale nas teorias cognitivas do desenvolvimento humano e sim num modelo sobre os efeitos da imagem na constituição subjetiva e organização corporal, em termo de um ato de inteligência antecipatório.

Esse ato, com efeito, longe de se esgotar, como no caso do macaco, no controle – uma vez adquirido – da

---

<sup>42</sup> O conceito de prematuração biológica da teoria de teoria de fetalização estabelecida por Louis Bolck (1866-1930) é utilizada por Lacan neste texto de 1949 e poderemos acompanhar suas influências no tópic.

inabilidade da imagem, logo repercute, na criança, uma série de gestos em que ela experimenta ludicamente a relação dos movimentos assumidos pela imagem com seu meio refletido, e desse complexo virtual com a realidade que ele reduplica, isto é, com seu próprio corpo e com as pessoas, ou seja, os objetos que estejam em suas imediações. (LACAN, 1949/1998, pp. 96-7).

Contudo, e ainda que haja esse respaldo material, o foco parece ser dado nas novas aquisições e efeitos das experimentações *lúdicas* que o sujeito realiza com os movimentos da imagem e a reflexão deles na superfície especular. Enfatizamos a representação *lúdica* atribuída a série de gestos em que a criança experimenta diante da imagem e da relação dos movimentos assumidos por ela com seu meio refletido. O lúdico pode ser diretamente interpretado enquanto atividade mental, que transcende as possibilidades visuais do sujeito para aquilo que Lacan denominou de imagem, como Freud realizou com a brincadeira do *Fort-Da* no texto de 1920 “Além do princípio de prazer”. Trata-se portanto tanto da aquisição de uma forma de si e de uma atividade do sujeito diante dessa forma ocorrendo simultaneamente, como dialética da experiência.

Bèrges (2008) correlaciona a antecipação descrita no estádio do espelho à própria jubilação do sujeito diante do espelho, acentuando no júbilo a ação antecipatória na organização global da imagem. Este autor realiza a leitura do estádio do espelho contemplando tal especulação teórica de acordo com a extensão da obra de Lacan, e afirma que o que se situa nesta cena é da ordem de um objeto e não da imagem especularizável. Ainda que consideremos tal afirmação, a hipótese do cercamento da imagem pelo não especularizável só se faz apreensível no conjunto teórico após 1949. Seria possível considerar que isto está presente no texto *E.E. (1949/1998)*?

No entanto, o que nos interessa da construção está na aproximação de nossa consideração sobre o momento de júbilo enquanto atividade psíquica do sujeito diante da primeira inscrição psíquica pela imagem. O autor afirma que é propriamente neste momento no qual se “instaura a dialética da ausência sobre o fundo de presença e de presença sobre o fundo da ausência” (BÈRGES, 2008, p. 43).

A imagem é correlacionada à materialidade virtual e de natureza reduplicada. A operação de reconhecimento daquilo que se organiza numa forma, e se pode dizer '*eu sou*', tanto delimita a exterioridade e interioridade quanto uma operação de unificação do próprio corpo e do cerceamento de objetos. “[...] complexo virtual com a realidade que ele reduplica, isto é, com seu próprio corpo e com as pessoas, ou seja, os objetos que estejam em suas imediações.” (LACAN, 1949/1998, pp. 96-97)

O *tema do duplo* (ou da reduplicação) é ponto importante na construção da teoria do estádio do espelho nos anos 1930. Como acompanhamos, a noção de duplo é utilizada por Lacan no texto de 1938, “Os complexos familiares na formação do indivíduo”. Considerando que este recurso teórico do duplo retorna no texto de 1949, a partir da citação acima, correlacionamos a operação de reduplicação à experiência de jogo lúdico do sujeito frente ao complexo virtual que possibilita o duplo de si mesmo e a expressão afetiva.

Segundo Benvenuto (2001), Lacan marca que:

[...]o mundo não é mais uma extensão do bebê, mas está duplicado; o outro se torna o duplo de si mesmo. Esta relação com o duplo sempre provoca conflito, pois, se o outro é um duplo de si mesmo, ele também é um rival. O espelho inaugura uma rivalidade consigo próprio; o objeto da identificação se torna, igualmente, um objeto de ódio e agressão. [...] Este é o fenômeno do transitivismo, em que a criança que bate na outra diz a que ela própria é que apanhou. (BENVENUTO, 2001, p. 42)

Lacan considera os achados da psicologia comparada e abrange a idéia para a fórmula operada pelo sujeito humano na síntese de agrupar numa forma unificada, uma imagem de si. Em duas tacadas, Lacan desloca a causalidade psíquica para além do orgânico, ainda que estejam correlacionadas, e revela a importância da constituição psíquica no humano para além do filogenético.

A novidade extraída dos estudos experimentais concentra os efeitos da aquisição deste reconhecimento de si para o sujeito humano. Ainda que a noção de experimento em ciência e a verdade atribuída a tal prática sejam consideradas, a posição de Lacan é deslocada para a noção de experiência e dialética, especificamente a experiência psicanalítica. (MILNER, 1991; REGNAUT, 1991), profundamente influenciada por Georg W.F. Hegel (1770-1831) e A. Kojève (1902-1968),

A retórica que Lacan utiliza para comunicar a experiência subjetiva humana do ato de reconhecimento de si está evidenciada na experiência com o espelho e portanto, o reconhecimento de si está diretamente grafado numa imagem especular. Segundo Nasio (2009), a imagem especular é traduzida como conceito na teoria psicanalítica, “que se refere à imagem do espelho e seu poder de fascinação” (NASIO, 2009, p. 11).

O poder de fascinação referido por Nasio é diretamente vinculado à teoria do estágio do espelho de 1949, pois é neste texto que se pode extrair a célebre cena da criança diante do espelho e de sua reação emocional quando há o reconhecimento numa imagem especular. A possibilidade de projetar numa forma unificada aquilo do corpo, que no tempo cronológico do crescimento humano encontra-se em maturação fisiológica, pode ser compreendida como a tese estabelecida da constituição subjetiva do *eu*.

Esse acontecimento pode produzir-se, como sabemos, desde Baldwin, a partir da idade de seis meses, e sua repetição muitas vezes deteve nossa meditação ante o espetáculo cativante de um bebê que, diante do espelho, ainda sem ter o controle da marcha ou sequer da postura ereta, mas totalmente estreitado por algum suporte humano ou artificial (o que chamamos, na França, um *trotte-bébé* [um andador]), supera, numa azáfama jubilatório, os entraves desse apoio, para sustentar sua postura numa posição mais ou menos inclinada e resgatar, para fixá-lo, um aspecto instantâneo da imagem (LACAN, 1949/1998, p. 97).

A idéia de Lacan para a citação acima direciona o leitor à síntese de uma das operações inerentes à teoria do estágio do espelho, a saber, sobre o tema da identificação e do se definiu pela transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem. A cena apresentada implica num tempo, por volta dos seis meses, de primeiras descrições para a aquisição ou movimento intencional da criança em resgatar um aspecto instantâneo da imagem no qual ela se reconhece.

Esta atividade corporal denota tanto um tempo de impossibilidade do filhote humano de se sustentar numa postura ereta ou do controle da marcha propriamente disponível para sua espécie, quanto na intencionalidade do movimento da criança diante do espelho, a fim de que se resgate o aspecto instantâneo da imagem, no qual ela se reconhece. Isto é, por um lado, aponta a defasagem de maturação do corpo orgânico, mas, por outro, a prevalência da atividade mental sobre ele. Os efeitos ocorrem diretamente na expressão corporal. A expressão de azáfama jubilatória é o signo que representa a operação de reconhecimento da criança diante do espelho, ou a expressão afetiva envolvida nesta aquisição para o sujeito, enquanto assunção da auto-imagem. A formação do *eu* estaria vinculada à operação do reconhecimento na imagem, à partir da consideração que há uma inscrição de um correlato psíquico que organiza uma unidade para o corpo em detrimento de sua irreidade orgânica

em maturação, como afirma Lacan: “sem ter o controle da marcha ou sequer da postura ereta”.

A tese que Lacan procura sustentar sobre a espécie humana, e conseqüentemente o filhote do homem, é de há a necessidade de uma ação psíquica que lhe dê condições para que haja o próprio desenvolvimento corpóreo e dos movimentos que a espécie permite. A cena que ilustra essa operação pode ser sintetizada no bebê diante do espelho, já desde os seis primeiros meses de vida. A antecipação contempla exatamente o descompasso daquilo que o sujeito concebe enquanto unidade da organização fisiológica a que está submetido no tempo. Poderíamos dizer que há uma primeira inscrição da organização espacial na antecipação, enquanto reconhecimento que permite a definição de contorno e disposição num ambiente.

Lacan convoca James Mark Baldwin (1861-1934), como o autor que tenha se referido a esta experiência. Trata-se de um psicólogo norte americano, com importantes teorias sobre o desenvolvimento de crianças, especificamente sob o recorte da Teoria da Evolução. As referências textuais do presente autor são raras na comunidade brasileira, bem como na França. Há uma autobiografia disponibilizada pela *American Psychological Association*, cuja referência autoral é de Stanley Hall. Contudo, por qual razão Lacan atribui a este autor a referência desta descrição, e não a Henri Wallon? Ainda mais, o estranhamento causado com esta indicação se torna mais intrigante quando esta é a única citação para este autor na obra de Lacan.

Essa atividade conserva para nós, até os dezoito meses de idade, o sentido que lhe conferimos – e que é não menos revelador de um dinamismo libidinal, até então problemático, que de uma estrutura ontológica do mundo humano que se insere em nossas reflexões sobre o conhecimento paranóico (LACAN, 1949/1998, p. 97).

Lacan marca o tempo essencial de dezoito meses para que tal operação produza os efeitos descritos pela assunção da imagem especular. Os efeitos de tal aquisição estão intimamente vinculados a uma organização libidinal, até então descrita sobre a característica de “problemática”. Trata-se de uma estruturação ontológica do mundo humano aos moldes do que foi definido por “conhecimento paranóico”.

O termo conhecimento paranóico (SIMANKE, 2002) está inicialmente desenvolvido por Lacan, tese de 1932, em sua semiologia sobre formação estrutural dos fenômenos

elementares da psicose. Há duas considerações importantes sobre o termo: o primeiro vincula ao fenômeno de conhecimento e o segundo sobre a exterioridade implicada no paranóico.

Em “Formulações sobre a causalidade psíquica” (1946/1998) Lacan diz:

No entanto, a estrutura própria do mundo humano, como comportando a existência de objetos independentes do campo atual das tendências, com a dupla possibilidade do uso simbólico e do uso instrumental, aparece no homem desde as primeiras fases do desenvolvimento. Como conceber sua gênese psicológica? É a colocação desse problema que responde minha construção dita 'do estágio do espelho' – ou –, como mais valeria dizer, da fase do espelho (LACAN, 1946/1998, p. 185).

É em torno desta construção que encontramos o primeiro momento de transição teórica no corpo do texto, ou seja, de uma orientação histórico contextual das influências que permeia a teoria concebida em 1949 sobre o estágio do espelho, para o tema da primeira inscrição psíquica do sujeito humano pela operação de uma identificação com uma imagem. Ao que se refere sobre a concepção de conhecimento paranóico e o conceito de identificação é que tal operação se realiza por um objeto externo ao próprio sujeito, ou seja, sua imagem refletida no espelho.

Outro ponto muito importante que deve ser associado ao momento de assunção especular pelo *infans* pode ser extraído da citação de “Formulações sobre a causalidade psíquica” (1946/1998). Lacan afirma que, desde as primeiras fases do desenvolvimento, há uma condição estrutural de exterioridade do sujeito humano em sua relação com os objetos, mas ao mesmo tempo tal independência implica numa dupla possibilidade, a saber, o uso simbólico e o uso instrumental.

Basta compreender o estágio do espelho com uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago* (LACAN, 1949/1998, p. 97).

A idéia de Lacan para a citação acima direciona o leitor à síntese de uma das operações inerentes à teoria do estágio do espelho, a saber, sobre o tema da identificação e da transformação produzida no sujeito quando assume uma imagem. Esta operação concentra-se no efeito da aquisição de uma imagem na subjetividade, pela marca inaugural produzida na identificação com a imagem, indicada pelo uso de *imago*, e pelo efeito de regulação libidinal até então problemática para o sujeito. Tal síntese ocorre num intervalo de tempo de seis a dezoito meses, momento característico do filhote humano em não se sustentar numa postura ereta, ainda que se movimente em direção ao resgate do aspecto instantâneo da imagem; o efeito de fase revela a dialética da inscrição tanto das contingências libidinais quanto de uma estruturação ontológica do ser humano.

O termo *imago* pode esclarecer essa inscrição da transformação produzida quando o sujeito assume uma imagem. O conceito de *imago* é verticalmente elaborado no capítulo 4 desta dissertação, e apontamos que o uso dado por Lacan não se distingue em qualidade elaborativa do realizado em 1938 no texto “Os complexos familiares como formador do indivíduo”. Com efeito, o termo *imago* é definido pelo aspecto inconsciente de uma representação.

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de objetivar na dialética da identificação com o outro antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito (LACAN, 1949/1998, p. 97).

Existem três categorias referidas no texto de 1949 e que sugerem os efeitos subjetivos da experiência descrita pelo estágio do espelho; *eu*, [eu] e *sujeito*, como indicado nesta citação. A estratégia de Lacan não permite considerar linearmente as intercorrências entre essas três instâncias no tempo de encruzilhada, além de não nos fornecer subsídios consistentes que permitam, neste texto, diferenciar *eu* de [eu]. O termo “imagem especular” é correlacionado com a manifestação da matriz simbólica que o [eu] se precipita numa forma primordial. É curioso o uso do termo simbólico, considerando que se trata de um momento muito precoce do sujeito humano. Consideraríamos que há a possibilidade para todo sujeito se inscrever neste campo simbólico desde o tempo até 18 meses? Ou seria uma construção

teórica para a subjetiva evocada somente no texto de 1949 a respeito da inscrição simbólica? Em consonância com a afirmação de Lacan em 1946, seria portanto necessário conceber uma dupla inscrição em tempos tão precoces, isto é, uma inscrição organizada pela imagem e outra pela via simbólica?

Com efeito, Lacan relaciona o estatuto simbólico ao que fora desenvolvido por C. Lévi-Strauss (1908-2009) em “A eficácia simbólica” e publicado nos primeiro bimestre de 1949, como apontado em nota de rodapé (LACAN, 1949/1998, p. 98). Este autor está em profunda articulação no cenário teórico da França, cujo ápice é conhecido pelo *Estruturalismo* em meados da década de 50. No ano de 1949, Strauss publica outro importante texto, que provavelmente Lacan tenha lido, a saber “O feiticeiro e sua magia”.

O simbolismo inerente no termo eficácia simbólica é descrito por Strauss em torno da mítica envolvida na influência da fala de *xamãs* que auxiliavam mulheres grávidas, que sozinhas não conseguiam concluir o trabalho de parto. A teórica envolvida e descrita pelo autor consiste na força do símbolo sobre o corpo destas mulheres, que numa prática terapêutica, através da fala, tocavam o corpo e produziam efeitos significativos na tarefa que não realizavam sem o *xamã*.

Como esta concepção simbólica poderia ser correlacionada com a teoria do estágio do espelho no texto de Lacan em 1949? Estaria vinculado em 1949, no texto lacaniano, de que a função simbólica vincula-se à posição do sujeito? Ainda mais, com a referência a C.L. Strauss, Lacan nos indicaria que a palavra falada produz efeitos similares ao de uma identificação numa imagem, no corpo e no sujeito?

Para lançarmos luz sobre esta pergunta, devemos articular duas instâncias que são apresentadas em sua relação com o *eu* no *E.E. (1949/1998)*, a saber, [*eu*] e sujeito. O termo *eu* em Lacan refere-se ao *moi* na língua francesa, cuja estatística presente no texto de 1949 é de apenas três ocorrências, e a partir das quais é possível inferir a posição do termo em relação à inscrição das outras duas categorias da subjetividade.

Em síntese até o presente momento, Lacan procurou argumentar que a gênese da instância do *eu* está diretamente vinculada ao momento de antecipação na assunção jubilatória do *infans* diante do reconhecimento de si na imagem especular. Há um intervalo temporal como condição necessária entre seis e dezoito meses, mas não suficiente, para que tais repetições deste fenômeno expressem, como situação exemplar, a manifestação de uma experiência com valor de função formadora para o sujeito. Nesta situação, há uma conjugação dupla à imagem especular, uma relacionada com a matriz simbólica em que o [*eu*] se precipita,

e outra com a *forma primordial* que situa o eu antes de sua objetivação na dialética de identificação com o outro.

Essa forma, aliás, deveria ser designada por [eu]-ideal, se quiséssemos reintroduzi-la num registro conhecido, no sentido em que ela será também a origem das identificações secundárias, cujas funções reconhecemos pela expressão de normalização libidinal. Mas o ponto importante é que essa forma situa a instância do eu, desde antes de sua determinação social, numa linha de ficção, para sempre irreduzível para o indivíduo isolado – ou melhor, que só se unirá assintoticamente ao devir do sujeito, qualquer que seja o sucesso das sínteses dialéticas pelas quais ele tenha que resolver na condição de [eu], sua discordância de sua própria realidade (LACAN, 1949/1998, pp. 97-8).

Ainda que esta forma seja o lugar onde se situa a origem do *eu* no psiquismo, num tempo em que só se pode supô-la enquanto [eu]-ideal, isto só se unirá psiquicamente quando articulada no devir de outra instância, o sujeito. Esta forma que desde antes da determinação social situa o *eu*, só pode ser inferida a partir do momento que o sujeito, na condição de [eu], estiver em jogo. Para além desta constatação textual, poderíamos inferir que tal forma tenha sido inscrita num jogo exclusivamente subjetivo, cuja participação do outro só viria resignificá-la pelas identificações futuras. É curioso notar que Lacan denote tal marca ao [eu]-ideal e não ao *eu*-ideal, considerando, então, que deva haver uma diferença entre eles ou que ainda não se possa supor a existência de um *eu*-ideal.

Com efeito, a matriz simbólica na qual o [eu] se precipita é uma forma primordial. Temos nesta articulação de Lacan simultaneamente uma referência imaginária e simbólica para o sujeito. O [eu]-especular pode ser compreendido como a “matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial” (LACAN, 1949/1998, p. 97), que deveria ser marcada num tempo anterior da objetivação da instância do *eu*, pela dialética instaurada na “identificação com o outro” (LACAN, 1949/1998, p. 97).

Há uma problemática envolvida na lógica temporal deste tempo de inscrições psíquicas e futuras identificações para o *eu*. A lógica empreendida na articulação entre *eu*, [eu]-ideal e sujeito denota uma anterioridade do *sujeito* na operação de identificação tanto da forma e matriz simbólica do *eu*, quanto das identificações ulteriores na condição de [eu]. Segundo a literalidade do texto lacaniano, a hipótese do [eu]-especular só poderia ser

empreendida quando o *eu* e o sujeito estiverem articulados, mais especificamente no devir do *sujeito* (“e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito” (LACAN, 1949/1998, p. 97).

A hipótese temporal desta passagem pode ser defendida pelo aspecto cronológico, e portanto, desenvolvimentista em que a passagem do [eu]-especular antecede o *eu* e antecede a função de *sujeito*, e isto ocorre com muita frequência na leitura do texto de 1949 e do estágio do espelho enquanto teoria lacaniana de 1936 às últimas produções. Por outro lado, podemos supor que Lacan empreende uma leitura lógica da constituição subjetiva, em que reconstrói da noção de sujeito as suposições de um [eu]-especular e [eu]-social, localizáveis na cronologia do tempo.

Gallop (1992) discute uma leitura do texto de 1949 com o viés temporal lógico do estágio do espelho, no qual Lacan empreende uma escritura da encruzilhada estrutural *a posteriori* da assunção do sujeito. Le Poulichet (1996) constrói uma tese sobre o tempo identificante e cita a teoria do estágio do espelho aos moldes do proposto aqui e consonante a Gallop. Em contrapartida, Fages (1971) apresenta a teoria do estágio do espelho e os três tempos do Édipo em Lacan didaticamente sob a temporalidade cronológica.

Retomando a citação anterior a fim de verificar a problemática temporal envolvida com as instâncias psíquicas, entre sujeito, *eu* e [eu]-especular, e conseqüentemente com as inscrições simbólica e imaginária:

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote humano nesse estágio de *infans* parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes de que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito (LACAN, 1949/1998, p. 97, grifos nossos)<sup>43</sup>

Como é possível conceber a posição do sujeito numa temporalidade anterior à matriz simbólica para *eu*?

<sup>43</sup> “L'assomption jubilatoire de son image spéculaire par l'être encore plongé dans l'impuissance motrice et la dépendance du nourrisage qu'est le petit homme à ce stade infans, nous paraître dès lors manifester en une situation exemplaire la matrice symbolique où le je se précipite en une forme primordiale, avant qu'il ne s'objective dans la dialectique de l'identification à l'autre et que le langage ne lui restitue dans l'universel sa fonction de sujet.” (LACAN, J. /1949/1971, p. 90).

Interpretando esta citação, poderíamos aventar a hipótese da noção [eu]-especular ser uma construção predominante do *sujeito* diante do espelho. Lançamos como hipótese esta leitura da estruturação ontológica, a partir dos verbos utilizados por Lacan “*precipita*” e “*restitua*”, que parecem denotar: com “*precipitar*” algo em movimento que num determinado momento se sedimenta ou ainda numa intencionalidade antecipatória; com “*restituir*” podemos refletir sobre o movimento de ter, perder e voltar a ter, ou ainda, do conhecimento sobre uma dívida a ser paga.

Em outras palavras, a assunção jubilatória de sua imagem especular parece revelar uma série de experiências do sujeito no espelho, em que a partir das experiências sensoriais da visão se precipita o [eu] e assim se restitui sua função do sujeito, como se já houvesse se realizado outrora.

Em contrapartida, a noção de sujeito deve ser discutida e delimitada enquanto significação dada na obra de Lacan, principalmente ao que se refere no indicado sobre a intencionalidade ou perspectiva do sujeito diante da formação do [eu]. O termo *sujeito* é o mais difícil a ser desenvolvido neste texto, primeiro pela história do termo no campo da filosofia e da psicanálise, e segundo porque proporíamos uma discussão sem termos definido claramente qual o sentido e intenção atribuídos por Lacan em 1949.

Tendo em vista, há um duplo jogo descrito no estádio do espelho de 1949, a respeito do simbólico e do imaginário, contudo, a comunidade psicanalítica correlaciona o tema da imagem e do corpo ao estádio do espelho, num estilo que determina de maneira unívoca *o texto de 1949, a teoria do estádio do espelho e o tema da imagem ou do imaginário*, por exemplo, no dicionário de Roudinesco & Plon (1998) e muitas vezes desconsideram-se a perspectiva simbólica possível envolvida nesta primeira inscrição psíquica:

Imaginário. Termo derivado do latim *imago* (imagem) e empregado como substantivo na filosofia e na psicologia para designar aquilo que se relaciona com a imaginação, isto é, com a faculdade de representar coisas em pensamento, independentemente da realidade. Utilizado por Jacques Lacan a partir de 1936, o termo é correlato da expressão estádio do espelho e designa uma relação dual com a imagem do semelhante. Associado ao real e ao simbólico no âmbito de uma tópica, a partir de 1953, o imaginário se define, no sentido lacaniano, como o lugar do eu por excelência, com seus fenômenos de ilusão, captação e engodo (Roudinesco e Plon, 1998, p. 371)

É possível resguardar sentido para a definição encontrada em tal dicionário, no que tange a etimologia do termo imaginário e sua designação de representação pelo pensamento, bem como do cunho utilizado por Lacan a partir de 1936. Contudo, estabelece-se correlação entre a expressão estádio do espelho e relação dual com a imagem do semelhante. Esta definição teórica, ainda que sustentável, produz efeitos para a compreensão da teoria do estádio do espelho e conseqüentemente para o texto de 1949, reduzindo-os a apenas esta retórica e desconectando outros aportes tão importantes quanto, para a concepção lacaniana apresentada, como a de simbólico para o texto de 1949.

Mas o ponto importante é que essa forma situa a instância do eu, desde antes de sua determinação social, numa linha de ficção, para sempre irreduzível para o indivíduo isolado – ou melhor, que só se unirá assintoticamente ao devir do sujeito, qualquer que seja o sucesso das sínteses dialéticas pelas quais ele tenha que resolver, na condição de [eu], sua discordância da própria realidade (LACAN, 1949/1998, p. 98).

É na perspectiva desta citação do texto de Lacan que encontramos o principal argumento sobre a relação entre a instância do *eu* e o tema da imagem e do sujeito com o simbólico, para o texto de 1949, e conseqüentemente para a teoria do estádio do espelho. Ao que se refere da problemática temporal, nesta citação, Lacan reforça a importância do sujeito para esta forma que situa o *eu*. Isto é, esta forma advém sob o aspecto de matriz para a solução entre os aspectos corporais e a realidade interpretativa que o sujeito realiza sobre ele. Utilizamos o termo matriz, pois é assim que Lacan se refere a este efeito produzido no sujeito quando ele assume uma imagem. É como se o autor estivesse demarcando uma diferença estrutural entre a matriz inscrita pela identificação com a imagem e as identificações posteriores, pelas sínteses dialéticas na condição de [eu].

A condição irrevogável está na discordância entre a realidade e a unidade interpretativa desta realidade pelo sujeito. Sobre qual realidade Lacan estaria se referindo nesta passagem acima? Num primeiro momento poderíamos supor se tratar da discordância entre a realidade externa e mundana do sujeito e a realidade interna. Esta hipótese nos parece dualista e idealista o suficiente para acreditarmos em tal tese de distinguir radicalmente o que

seria da ordem da realidade objetiva e o que seria da realidade subjetiva, principalmente depois da descoberta freudiana denominada psicanálise.

Lacan se refere da relação do sujeito com o seu próprio corpo. A discordância consiste na conjugação da interpretação realizada sobre o próprio corpo, através da imagem de si unificada, e da maturação orgânica do corpo próprio, em termos de referência da espécie humana. A qualificação para o *eu* está como linha de ficção irreduzível para o indivíduo isolado, enquanto solução disposta na condição de [*eu*], diante da discordância de sua própria realidade. O que Lacan nos sinaliza é: a primeira forma, na qual o sujeito se reconhece, é efeito da antecipação psíquica de uma realidade corporal que não condiz com a maturação de seu corpo orgânico. Esta forma primordial deveria ser concebida como [*eu*]-ideal<sup>44</sup>, e portanto, inscreve tanto a primeira referência imaginária sobre o eu, quanto a matriz simbólica para futuras identificações para o sujeito.

Porge (2006) sintetiza:

É um acontecimento que produz uma identificação primária, isto é, uma transformação do sujeito, uma metamorfose das relações do indivíduo a seu semelhante. A imagem antecipa a unidade e controle da motricidade efetiva do corpo [...] (PORGE, 2006, p. 69)

## 5.2. O ESTÁDIO DO ESPELHO, O CORPO E A FUNÇÃO DA IMAGEM

A teoria estabelecida por Lacan concentra suas articulações sobre os efeitos do reconhecimento na imagem, enquanto inscrição da matriz para o *eu*. Ao que diz respeito da importância do sujeito neste jogo subjetivo, podemos inferir que tal reconhecimento é abordado sob uma perspectiva puramente subjetiva, ainda que possam estar em jogo outros personagens neste tempo de inscrição e nos tempos ulteriores, que Lacan abordará a partir de 1953, principalmente nos primeiros dois anos de seus seminários. Não acreditamos que tais momentos da teoria se anulem, mas agreguem inflexões teóricas sobre a constituição subjetiva.

<sup>44</sup> Behar (1994) atribui essa forma primordial à aquisição da imagem corporal compartilhada com a espécie humana. Utilizamos essa referência, contudo pontuamos que F. Dolto (2006) atribui a esta forma a definição de esquema corporal em contraponto ao conceito de imagem inconsciente do corpo.

Em 1949, a citação comumente referida sobre a função da imagem na teoria do estágio do espelho é:

Pois a forma total do corpo pela qual o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua própria potência só lhe é dada como *Gestalt*, isto é, numa exterioridade em que decerto essa forma é mais constituinte do que constituída, mas em que, acima de tudo, ela lhe aparece num relevo de estatura que a congela e numa simetria que a inverte, em oposição à turbulência de movimentos com que ele experimenta animá-la. Assim, essa *Gestalt*, cuja pregnância deve ser considerada como ligada á espécie, embora seu estilo motor seja ainda irreconhecível, simboliza, por esses dois aspectos de seu surgimento, a permanência mental do [eu], ao mesmo tempo em que prefigura sua destinação alienante; é também prenhe das correspondências que unem o [eu] à estátua em que o homem se projeta e aos fantasmas que o dominam, ao autômato, enfim, no qual tende a se consumir, numa relação ambígua, o modo de sua fabricação (LACAN, 1949/1998, p. 98)

Podemos dividir esta citação em três afirmações: 1. *A importância da Gestalt na intrincada relação entre sujeito, corpo e imagem*; 2. *O aspecto constituinte da imagem pelo sujeito e as qualidades da imagem formada*; e 3. *A possibilidade simbólica advinda da Gestalt*

“A forma total do corpo pela qual o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua própria potência só lhe é dada como Gestalt, isto é, numa exterioridade em que decerto essa forma é mais constituinte do que constituída [...]” (LACAN, 1949/1998, p. 98, grifo nosso)

Lacan afirma que a forma total do corpo é uma antecipação pela qual o sujeito agrupa num conjunto, como Gestalt, elementos externos que possam ser relacionados a si mesmo ainda que não se tenha a constatação da maturação orgânica ou de controle proprioceptivo. A amarração daquilo que se constará num tempo a posteriori se faz pelo agrupamento definido por uma forma, antes de ser constituída possibilita a constituição de um conjunto.

A pregnância da forma por uma *Gestalt* é aproximada ao universal da espécie humana, ou seja, a aquisição da imagem que condiz com a compartilhada pela espécie humana (BEHAR, 1994). Ainda que não se possa afirmar os processos mentais que impulsionam tal

organização, Lacan parece se ocupar do particular de cada sujeito para a inscrição da matriz do *eu*, enquanto operação que simboliza a constituição subjetiva pela divisão em [*eu*] (“permanência mental do [*eu*]”), *eu* (“estátua em que o homem se projeta”), e também a construção da fantasia primordial (“fantasmas que o dominam”). Em outras palavras, a *Gestalt* articula em síntese o modo de primeiras inscrições para o ser humano, cuja tendência é de uma relação ambígua e dividida.

O curioso, ainda que a noção de imagem esteja em pleno jogo nesta amarração, é o estatuto da significação que Köhler (1929/1968) atribui para as operações inerentes à Psicologia da Gestalt. Este autor estabelece uma analogia entre a *forma*, que percebemos no espaço, e aquela que o funcionamento de nossos órgãos perceptivos adota. O objetivo da escola da Gestalt é extrair os princípios que determinam e organizam a nossa percepção, bem como o modo como estruturamos a realidade, a partir de experimentos científicos com variáveis controladas (KÖHLER, 1947/1968). Por exemplo, o *triângulo de Kanizsa*, a *segregação de figura-fundo* e *percepção de movimentos contínuos*. Há duas premissas que permitem afirmar que, em condições iguais, os estímulos que formam uma boa figura terão tendências a serem agrupadas.

I. Um conjunto é mais que a soma das partes que o constituem.

II. A forma é a melhor possível nas condições presentes na realidade, em virtude dos princípios da boa forma ou pregnância.

Köhler afirma que o conceito de *Gestalt* deve ser compreendido muito além da experiência sensorial e da noção de forma, que nos permite aproximar a noção de imagem para além do visual.

De acordo com a definição funcional mais geral da expressão, os processos de aprendizagem, de reestruturação, de esforço, de atitude emocional, de raciocínio, atuação, etc podem ter de ser incluídos. Isto torna ainda mais claro que “Gestalt no sentido de forma já não é o centro da atenção da psicologia da Gestalt. Realmente, para alguns dos fatos pelos quais os psicólogos se mostram interessados, a expressão “Gestalt” com significação de forma não se aplica de modo algum (KÖHLER, 1929/1968, p. 105)

O autor ainda complementa:

Ao contrário, sei que, como fato sensorial que existe independentemente, o verde [este refere-se a uma

descrição fenomenológica de experiências sensoriais do autor para sugerir os acréscimos de significações ao conjunto formado] adquiriu significações secundárias e estou plenamente disposto a reconhecer as vantagens que têm, na vida prática, essas significações adquiridas. Exatamente da mesma maneira, afirma a Psicologia da Gestalt, as unidades sensoriais adquiriram nomes, tornaram-se ricamente simbólicas e sabe-se agora que elas têm certos usos práticos, embora existam como unidades, antes que lhe fossem juntados quaisquer desses fatos posteriores (KÖHLER, 1929/1968, p. 83)

Köhler é específico em afirmar a permanência das unidades imagéticas formadas enquanto conjunto, mesmo que significações simbólicas se agreguem a elas. Lacan parece considerar estes achados e podemos propor similitude entre o desenvolvido por Lacan e Köhler, isto é, ainda que se antecipe numa forma total do corpo, a miragem da maturação, e em seguida constituem-se relações simbólicas, um certo conjunto formado permanece, e este pode ser aquilo que Lacan caracterizou da “*destinação alienante*” para o sujeito.

Ao que se refere sobre o aspecto constituinte da imagem pelo sujeito e as qualidades da imagem formada, extraímos o seguinte recorte:

[...] exterioridade em que decerto essa forma é mais constituinte do que constituída, mas em que, acima de tudo, ela lhe aparece num relevo de estatura que a congela e numa simetria que a inverte, em oposição à turbulência de movimentos com que ele experimenta animá-la (LACAN, 1949/1998, p. 98)

Ainda em correspondência com a psicologia de Köhler e de seus experimentos de figuras abertas que podem ser percebidas como fechadas ou das clássicas que conotam movimento (GARRET, 1930/1941, pp. 209-232), Lacan afirma que a forma é mais constituinte que constituída, isto é, forma que permite uma constituição enquanto conjunto, ao invés de ser dada de antemão pelos elementos agrupados sem a possibilidade de trocas ou intercâmbios realizados pelo sujeito que os percebe.

O conjunto pode ser formado pela operação de agrupamento por similitude, ainda que os elementos sejam compostos por texturas e relevo heterogêneos, passível de operações de inversão, como consequência do próprio aparelho óptico do ser humano, e de movimentos.

Essa forma é mais constituinte do que constituída, mas em que, acima de tudo, ela lhe aparece num relevo de estatura que a congela e numa simetria que a inverte, em oposição à turbulência de movimentos com que ele experimenta animá-la (LACAN, 1949/1998, p. 98).

A partir destas qualidades discutidas sobre os elementos da imagem e do conjunto formado, há dissonâncias recorrentes na comunidade psicanalítica sobre o estatuto imagético para o texto de Lacan de 1949. Nem sempre se pode extrair unanimidade, pois a tendência da concepção imagética no texto é a da imagem plana e dual. Um bom exemplo pode ser encontrado no famoso livro de J.D Nasio e F. Dolto (2008), “A Criança do espelho”, em que Nasio procura diferenciar a teoria do estágio do espelho de Lacan e o conceito de *imagem inconsciente do corpo* de F. Dolto. Não nos aprofundaremos nesta perspectiva comparativa entre Lacan e Dolto, porém convém apontar a perspectiva direcionada no livro sobre a concepção imagética em Lacan.

Em uma distinção muito esquemática, vejo três diferenças essenciais entre o “estádio do espelho” de Lacan e, se me permite a expressão, o espelho do narcisismo primário de Dolto. A primeira diferença refere-se ao caráter de superfície plana e visualmente refletidora do espelho em Lacan [...]. A segunda diferença, mais essencial diz respeito à relação do real da criança com a imagem desenvolvida pelo espelho. Sabemos que, na teoria de Lacan, a imagem do “estádio do espelho” antecipa, no nível imaginário, a unidade mais tardia do Eu simbólico, e que essa imagem é acima de tudo uma miragem de totalidade e de maturidade face ao real dispersado e imaturo do corpo infantil. Assim, o estágio do espelho de Lacan é uma experiência primordial e inaugural. A terceira e última diferença refere-se à natureza afetiva do impacto que a imagem do espelho produz na criança. Lacan qualifica esse impacto de 'jubilação' [...] como a agitação afetiva que assinala a assunção da auto-imagem por parte da criança (Dolto & Nasio, 2008, pp. 35-36, grifos nossos)

As considerações teóricas de Nasio sobre a formação da imagem em Lacan direcionam o interlocutor a considerar a qualidade especular enquanto superfície real do quê Lacan denominou de espelho, refletindo a noção de imagem puramente ao visual, e portanto, compondo-a na perspectiva plana. Defende o estatuto de antecipação “no nível imaginário, a unidade mais tardia do Eu simbólico, e que essa miragem de totalidade e de maturidade face

ao real dispersado e imaturo do corpo infantil”, cruzando desta maneira o tema da imagem ou imaginário à instância do *eu*. Por que não conceber outros estatutos para a imagem, como, por exemplo, tridimensional, real, virtual, invertida e etc?

Ainda assim, podemos entrever os elementos que possam nos dar base para a sustentação do tema da imagem em sua abrangência com a teoria do estádio do espelho; eles estão correlacionados pela função da imagem e da *imago* [traço psíquico da imagem], e conseqüentemente a função do imaginário na organização psíquica e inscrições em tempos primitivos para o sujeito humano. Ou seja, estas são funções que esclarecem a articulação entre o corpo, o *eu* e o [*eu*].

Com efeito, para as *imago*s – cujos rostos velados é nosso privilégio ver perfilarem-se em nossa experiência cotidiana e na penumbra da eficácia simbólica - , a imagem especular parece ser o limiar do mundo visível, a nos fiarmos na disposição especular apresentada na alucinação e no sonho pela *imago* do corpo próprio, quer se trate de seus traços individuais, que de suas faltas de firmeza ou suas projeções objetais, ou ao observarmos o papel do aparelho especular nas aparições do duplo em que se manifestam realidades psíquicas de outro modo heterogêneas (LACAN, 1949/1998, p. 98).

Lacan confere ao termo *imago* o representante teórico para a matriz inconsciente do *eu*, enquanto solução psíquica para a discordância entre a realidade interna do sujeito (a realidade do *eu*) e a irrealidade de sua organização corporal. A partir do reconhecimento de si numa imagem, e portanto, uma solução articulada que conecta a imagem do corpo e a discordância da realidade sujeito-realidade, as origens do *eu* podem ser concebida sob o formato de uma discursiva de imagem especular, como o limiar do mundo visível, ou aquilo que o sujeito interpreta da realidade que está experienciando. Trata-se de um aspecto subjetivo das primeiras inscrições via imagem e reconhecimento de si numa forma, ou como nos diz o autor, “traços individuais” desta experiência. Os efeitos psicanalíticos dessa interlocução teórica podem ser vislumbrados ao que se concebe nos sonhos ou na alucinação do duplo.

“Que uma *Gestalt* seja capaz de efeitos formadores sobre o organismo humano é atestado por um experimento biológico, ele próprio tão alheio à idéia de causalidade psíquica que não consegue resolver-se a formulá-la como tal” (LACAN, 1949/1998, p. 99). O poder

evocativo da formação da imagem é lembrado por Lacan, inclusive não só pelos efeitos, de normalização libidinal, revelados no sujeito humano, mas também em dois exemplos coletados da literatura da etologia que descreve tanto uma alteração fisiológica de maturação na pomba quanto o aspecto de formação de grupo em gafanhotos, quando estes animais são expostos a imagens de seus semelhantes, independente do sexo e da realidade do captado visualmente por eles.

A necessidade inerente ao ser humano, numa hipótese de disposição instintual, pode ser aproximada aos efeitos produzidos quando ele se dispõe diante de uma imagem. Porém, considerando que a teoria do estágio do espelho retrata tanto a organização imaginária quanto a inscrição do simbólico, em sua matriz, como nos diz Lacan, é necessário compreender no homem, o modo em que esta operação transcende aos efeitos produzidos em outros animais de outras espécies. Ao que tudo demonstra até o presente momento, a diferença consiste na passagem para a inserção nas situações sociais, bem como na importância de matriz simbólica atribuída ao momento da assunção jubilatória da imagem especular, que dá forma ao *eu*, no qual o [*eu*] se precipita.

O interesse de Lacan parece centrar-se nas condições instintuais que são necessárias, porém não suficientes para a adaptação de qualquer espécie no mundo, principalmente quando se conclui que a condição para que haja determinada operação identificatória está no elemento ausente do conjunto disponível, e não propriamente no elemento visual disposto ao animal. Vejamos:

Exemplo 1. “a maturação da gônada na pomba tem como condição necessária a visão de um congênere, não importa de qual sexo – e uma condição tão suficiente que seu efeito é obtido pela simples colocação do indivíduo ao alcance do campo de reflexão de um espelho (LACAN, 1949/1998, p. 99).

Exemplo 2. “no gafanhoto migratório, a transição da forma solitária para a forma gregária, numa linhagem, é obtida ao se expor o indivíduo, numa certa etapa, à ação exclusivamente visual de uma imagem similar, desde que ela seja animada por movimentos de um estilo suficientemente próximo dos que são próprios à sua espécie (LACAN, 1949/1998, p. 99).

A significação do espaço pelo ser vivo transcende as explicações psicológicas extraídas da teoria da adaptação e seleção natural. “[...] significação do espaço para o organismo vivo, não parecendo os conceitos psicológicos mais impróprios para lhes trazer algum esclarecimento do que os ridículos esforços empreendidos com vistas a reduzi-los à pretensa lei suprema da adaptação.” (LACAN, 1949/1998, p. 99)

O recurso de Lacan para sistematizar em psicanálise a dimensão espacial é o do mimetismo ou identificação heteromórfica, diferentemente da homeomórfica que se aproxima ao coletado na formação grupal de gafanhotos.

O autor que Lacan retoma para situar uma teoria da identificação heteromórfica ou do que se daria no sujeito pela imaginarização espacial é Roger Caillois e seus trabalhos multifacetados na literatura, sociologia e psicologia do imaginário. Em suas primeiras obras, tenta dotar ao imaginário surrealista de um fundamento científico. Em “A mantis religiosa” (1934) faz uso da biologia comparada, para sustentar modelos de relação humana.

Basta lembrarmos os lampejos que sobre ele fez luzir o pensamento (jovem, então, e em recente rompimento com o exílio sociológico em que fora formado) de um Roger Caillois quando, através do termo psicastenia lendária, subsumiu o mimetismo morfológico a uma obsessão do espaço em seu efeito desrealizante (LACAN, 1949/1998, p. 99)

Roger Caillois fazia parte, nos anos 1930, do grupo dos surrealistas em que Salvador Dalí foi o maior representante juntamente com Geroge Bataille. As leituras do grupo abrangiam uma série de autores e filósofos, por exemplo no retorno de Hegel por Kojève e de debates sobre os escritos de Freud. Essa associação entre Freud e a arte surrealista é tema de inúmeros trabalhos, no que concernem as imagens oníricas e a antecipação da arte no que Freud organizou em torno do inconsciente.

Entretanto, se por um lado o discurso surrealista ronda por entre a filosofia de Hegel, por outro é premissa para Georges Bataille iniciar uma cisão no próprio grupo, ao tachar o conteúdo tratado por *Hegel* de “panlogismo” (ROUDINESCO, 1994, p. 109). Bataille procura sustentar o extremismo de sua posição sobre o contorno do homem e a possibilidade deste com a revolução, que em suas palavras seria superar todos os parâmetros da razão, e portanto da filosofia. Bataille não interrompe seu percurso dessa maneira, e munido desse arsenal teórico impulsiona uma cisão no movimento surrealista sob a argumentação de que tal

movimento encontrava-se institucionalizado sob o comando de André Breton e, portanto, caberia uma radicalidade ao movimento para que este se encontrasse aos propósitos de uma verdadeira arte.

Assim, em torno de 1937-38, de lado seguem os adeptos ao Colégio de Sociologia, como Georges Battaille e Roger Caillois e do outro André Breton. A cisão está posta, Que podemos encontrar na citação de Lacan na seguinte passagem, “recente rompimento com o exílio sociológico em que fora formado.” (LACAN, 1949/1998, p. 99)

São desenvolvimentos que os historiadores da arte o faria com melhor precisão, e aqui nos interessa os desenvolvimentos de Roger Caillois no que tange ao texto “Mimetismo e psicastenia legendária<sup>45</sup>” de 1938.

Em resumo, Caillois interpreta o mimetismo dos insetos, negando que se trate de uma estratégia defensiva, e o caracteriza como a manifestação de um instinto de abandono e uma tendência à despersonalização. O mimetismo, a magia homeopática, a associação de idéias (através da comparação e da metáfora), a psicastenia e a esquizofrenia seriam manifestações unidas entre si desta tendência.

Vale notar que a edição brasileira da obra “Escritos” (1966/1998) traduz o termo “*psychasthénie légendaire*” (LACAN, 1949/1971) por “psicastenia lendária” (LACAN, 1949/1998). Este termo é utilizado por Caillois como o distúrbio das relações da personalidade com o espaço, como se houvesse uma cisão entre ação e pensamento, corpo e espaço ou a intrusão da espacialidade em contraponto de personalização deslocada de si. A operação de Roger Caillois é definida pela subsumição do mimetismo morfológico a uma obsessão do espaço em seu efeito desrealizante.

E essas reflexões incitam-nos a reconhecer, na captação espacial manifestada pelo estádio do espelho, o efeito, no homem, anterior até mesmo a essa dialética, de uma insuficiência orgânica de sua realidade natural, se é que havemos de atribuir algum sentido ao termo natureza (LACAN, 1949/1998, pp. 99-100).

As típicas interpretações extraídas do texto de 1949 operam sobre a teoria do estádio do espelho uma confusão entre o escrito e publicado por Lacan em 1949 e as reformulações

---

<sup>45</sup> A referência ao título do texto de Roger Caillois é de SIMANKE (2002), pág. 323, porém em nota o autor cita a origem: “Le mythe et l’homme”, Gallimar, 1938, a partir de uma publicação na revista *Che vuoi?* - psicanálise e cultura, N-0.

ocorridas nos anos subsequentes. Por exemplo, ao que se teoriza sobre a formação da imagem, bem como as descrições das qualidades imaginárias e dos traços psíquicos no sujeito, encontram-se num pólo a compreender concretamente o espelho enquanto superfície que possibilita o reflexo de uma imagem, mas também o olhar do outro como metáfora do espelho contida no texto de 1949. Considerar o espelho enquanto superfície de fato ou metáfora, no *E.E. (1949/1998)* exclui a intrincada conexão entre o tema da imagem e a construção da espacialidade do sujeito humano, na própria participação psíquica do sujeito na ação antecipatória. O mesmo ocorre com a referência para a organização do corpo quanto dos objetos externos.

Para Lacan em 1949, a concepção da teoria do estágio do espelho revela o sujeito humano envolto por uma encruzilhada constituinte da subjetividade, enquanto projetiva de uma matriz primitiva de identificações sede de todas as identificações ulteriores e, desta forma, ainda que não denote uma essência ao sujeito humano universal uma única qualidade, conota a particularidade de uma experiência muito precoce na história do indivíduo para sempre irreduzível<sup>46</sup>. “Esse desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal que projeta decisivamente na história a formação do *indivíduo [...]*” (LACAN, 1949/1998, p. 100). Lacan não cria uma essência conteudística para o ser humano, mas anuncia que tal momento dialético é traço para todas as futuras experiências do sujeito humano, enquanto projeto de existência no tempo da ação ulterior.

Mas essa relação com a natureza é alterada, no homem, por uma certa deiscência do organismo em seu seio, por uma Discordância primordial que é traída pelos sinais de mal-estar e falta de coordenação motora dos meses neonatais. A noção objetiva do inacabamento anatômico do sistema piramidal, bem como de certos resíduos humorais do organismo materno, confirma a visão que formulamos como o dado de uma verdadeira prematuração específica do nascimento do homem (LACAN, 1949/1998, p. 100)

A partir do texto de Lacan, pode-se considerá-lo enquanto construção teórica sobre os efeitos da imagem no sujeito humano quando este antecipa, pela forma primordial e matriz

---

<sup>46</sup> “Mas o ponto importante é que essa forma situa a instância do *eu [moi]*, desde antes de sua determinação social, numa linha de ficção, para sempre irreduzível para o indivíduo isolado” (LACAN, 1949/1998, p. 98)

simbólica do *eu*. Trata-se de uma espacialização do mundo, pelo recurso imaginário, através da projeção de sua superfície numa unidade de *Gestalt*. O tempo é anterior à dialética de suposição e relação com o outro, dado que este outro é uma construção essencialmente imaginária do sujeito. No que tange ao corpo, a operação é similar, em virtude da insuficiência orgânica da realidade corporal da espécie humana (“Discordância primordial”), desde o nascer até os primeiros meses de vida (prematuração específica do nascimento do homem). Caso haja uma natureza humana, ela está diretamente vinculada a uma falta constitutiva que se revela pela insuficiência orgânica.

Observe-se de passagem que esse dado é reconhecido como tal pelos embriologistas através do termo fetalização, para determinar a prevalência dos chamados aparelhos superiores do neuroeixo e, em especial, desse córtex que as intervenções psicocirúrgicas nos levarão a conceber como o espelho intra-orgânico (LACAN, 1949/1998, p. 100).

Como podemos vislumbrar nesta citação, há um constante movimento retórico, na apresentação de 1949, em promover uma argumentação e sustentá-la com os recursos teóricos de outras áreas do conhecimento. No presente caso, a tese de que a ação psíquica antecipatória é discordante da maturação orgânica se sustenta a partir das afirmações do embriologista holandês Louis Bolk, através do termo “fetalização”. A etimologia da palavra fetalização se refere ao estado fetal (embrionário) que o filhote humano apresenta logo ao nascer, em comparação a outros filhotes de animais, como os primatas.

No caso do homem, há um desenvolvimento parcial, não completo, da mielinização do sistema nervoso central, incluindo áreas de controle e atividade motora, que só serão finalizadas alguns meses após o nascimento. Em 1949, a referência direta pode ser aproximada aos achados da embriologia, contudo, apresentamos outras possibilidades de influência no item 4.3. *THE LOOKING-GLASS PHASE”: O EU [MOI] E O CORPO*.

Contudo, há um paradoxo submerso na citação de Lacan (1949/1998, p. 100), especificamente no trecho: “aparelhos superiores do neuroeixo e, em especial, desse córtex que as intervenções psicocirúrgicas nos levarão a conceber como o espelho intra-orgânico”. O paradoxo está na possível tentativa de localizar organicamente as possíveis causas de transtornos relacionados ao desenvolvimento físico-motor, déficits de aprendizagem ou a

*Síndrome de Asperger*<sup>47</sup>, dado que é evidente a associação entre os efeitos vislumbrados e a aquisição de linguagem, por exemplo desenvolvimento de sinapses e de novas ligações no sistema nervoso, em particular nos aparelhos superiores do neuroeixo.

Visionário ou baseado em estudos da época, Lacan antecipa o que ocorre em pesquisas científicas da embriologia e da neurociência a respeito de uma classe de neurônios denominados de “neurônios espelho”<sup>48</sup>.

Segundo Ramachandram & Oberman (2010), pesquisadores em neurociência da Universidade de Cambridge, relatam as funções deste conjunto de neurônios, bem como as possíveis regiões cerebrais em que atuam, tanto em primatas (macacos *Rhesus*) quanto seres humanos. O objetivo do estudo é compreender a gênese do autismo, sob a premissa de que se trata de uma disfunção cerebral sob a etiologia híbrida entre a genética e fatores ambientais. Sobretudo, o que nos parece muito importante é a própria definição deste conjunto neuronal:

[...] tudo indica que essa classe de células nervosas habilita o ser humano a enxergar a si mesmo como seu semelhante o enxerga, e esse dom é essencial na autopercepção e na introspecção (RAMACHANDRAM & OBERMAN, 2010, p. 24).

O tempo que parece sedimentar o desenvolvimento dos aparelhos superiores do neuroeixo coincide com aquisição da linguagem no homem. Há o jogo de linguagem, realizado por Lacan<sup>49</sup>, entre as palavras conhecimento e co-nascimento, ambas têm semelhança na sonoridade ao serem pronunciadas. O autor imprime nessa homofonia tanto a hipótese da estrutura ontológica do mundo humano sobre as reflexões do conhecimento paranóico, quanto de um segundo nascimento do sujeito humano quando este se inscreve na linguagem compartilhada pelos semelhantes.

<sup>47</sup> Segundo Ramachandran & Oberman (2010), a descoberta da síndrome definida por Autismo ocorreu em 1940, por dois pesquisadores de nacionalidades diferentes, o psiquiatra americano Leo Kranner (1894-1981) e o pediatra austríaco Hans Asperger (1906-1980), que coincidentemente descreveram e nomearam uma série de traços caracteriológicos em crianças, sob o mesmo nome: Autismo (ou *Síndrome de Asperger*). Os traços descritos desta síndrome são: perda de interação social, autoestimulação corporal, uso restrito da linguagem entre outros. Convém apontar que tal descoberta ocorreu nove anos antes da apresentação de Lacan em Zurique.

<sup>48</sup> Ver: RAMACHANDRAN, 1995; OBERMAN, 2005; DOBBS, 2006 in RAMACHANDRAM & OBERMAN, 2010

<sup>49</sup> No capítulo *THE LOOKING-GLASS PHASE: GÊNESE DA TEORIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO* apontamos para a referência no texto de 1938 e nas notas de Dolto sobre 1936.

Esse desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal que projeta decisivamente na história a formação do indivíduo: o estágio do espelho é um drama cujo impulso precipita-se da insuficiência para a antecipação e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos ortopédica (LACAN, 1949/1998, p. 100).

Ainda assim, temos até o presente momento do texto a sugestão de importância para a noção de sujeito neste momento do *infans*, bem como para a forma primordial que inaugura inscrições e possibilita futuras identificações para o *eu*. A forma primordial é essencialmente uma imagem especular, a partir do efeito produzido no sujeito quando este se reconhece numa forma. Entretanto, Lacan marca e caracteriza para a forma primordial o aspecto de matriz simbólica em que o [*eu*] se precipita (“o [*eu*] se precipita numa forma primordial”, p. 97).

É neste sentido que o momento descrito, enquanto possível, de assunção de uma imagem especular na forma primordial em que o *eu* se precipita, pode ser compreendido não como um desenvolvimento linear, mas vivido como uma dialética temporal, ao tom de uma experiência para o sujeito. Trata-se de uma experiência formativa e projetiva na história da formação do indivíduo, cujo aspecto singular da experiência é dialeticamente interconectado por uma base vinculada ao próprio corpo e também na abertura para o outro.

É a partir desta citação que encontramos ressonância para a afirmação de Arantes (1992) sobre auto-afecção do sujeito em resolver a discordância de sua própria realidade, pela dialética interna aos seus próprios objetos.

Lacan nos diz que “o estágio do espelho é um drama cujo impulso precipita-se da insuficiência para a antecipação”. Qual seria a extensão conceitual para o termo *impulso*? A retórica utilizada para descrever aos meandros da experiência formativa do *eu* estava vinculada a um ato de inteligência ou mesmo à azáfama jubilatório do *infans* para fixar um aspecto instantâneo da imagem. Por que o termo *impulso*?

No entanto, este impulso correlacionado com o ato de inteligência e júbilo permite um ponto de escanção que define dois tempos de fantasias: a primeira vinculada à imagem de corpo despedaçado e a segunda à imagem de totalidade do corpo. Compreender esta afirmação de Lacan como ponto de demarcação entre um tempo anterior e um tempo posterior, para as fantasias, parece-nos interessante e permite contemplar tanto a dimensão propriamente do corpo, em sentido de que ele é o que é, quanto das interpretações possíveis que o sujeito realiza sobre ele.

Salientamos a intencionalidade pelo sujeito da ação, no sentido comum da relação, inerente ao verbo antecipar. O movimento descrito por Lacan implica numa ação do sujeito que antecipa sua potência numa miragem imagética a fim de proporcionar que se concretize de fato toda sua potência. A vetorização de tal movimento é centrípeta, isto é, de um impulso interno que se precipita da insuficiência na ação para a antecipação da ação. O efeito desta operação psíquica não só permite que o sujeito humano abra possibilidade de ação interna e no mundo, como inaugura as fantasias primordiais.

A fantasia de imagem do corpo despedaçado é uma interpretação do sujeito que surge em concomitância com a fantasia de que há uma imagem em totalidade ortopédica. Se sou assim agora, antes fui de qual jeito? Se sou inteiro, outrora fui desconectado<sup>50</sup>.

Ainda assim, permanecemos com a hipótese de que Lacan, neste texto, frise a importância da posição do sujeito diante desta encruzilhada, antes da identificação com o outro. “[...] o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua potência [...]” (LACAN, 1949/1998, p. 98). Obviamente, devemos manter a ressalva quanto ao uso que o termo sujeito tenha sido realizado por Lacan. Primeiro porque não acreditamos que a constituição subjetiva dependa exclusivamente do sujeito, segundo porque Lacan insere novas perspectivas deste momento estruturante em anos posteriores.

“[...] e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante que marcará com sua estrutura rígida todo o ser desenvolvimento mental” (LACAN, 1949/1998, p. 100). Ao que convém dizer sobre a intrincada relação estabelecida entre libido narcísica e função alienante do [eu], a indicação pode ser encontrada no conceito de agressividade. Este conceito foi introduzido por Lacan em 1948, e é possível de ser estudado a partir das teses desenvolvidas no texto “A agressividade em psicanálise”, mais especificamente na tese IV, “A agressividade é a tendência correlativa a um modo de identificação a que chamamos narcísico e que determina a estrutura formal do eu do homem e do registro de entidades características de seu mundo” (LACAN, 1948/1998, p. 112).

O termo *alienante* foi introduzido a fim de esclarecer o quê Lacan definiu como função do [eu]. Em outro momento do texto Lacan refere-se a uma “identidade alienante”, que é conjuntamente precipitada com a antecipação das fantasias para o sujeito, ambas

---

<sup>50</sup> Acreditamos que a reconstrução estabelecida neste momento de nosso trabalho permita desconfigurar a crítica de SLOTERDIJK, sobre o corpo despedaçado, enquanto “uma situação infantil primitiva que, desde sempre, foi combatida pela impossibilidade de se sustentar a si mesmo. Para Lacan, cada lactente é despedaçado pelos estados de aniquilamento incuráveis.” E também para a afirmação sobre “Reconhecer-se no espelho como “isso, sim, sou eu mesmo” significaria, portanto: rir para uma imagem subitamente reluzente, sentir sua integridade como uma mensagem da salvação e ascender, em júbilo e liberto, a um céu imaginário de imagens totais, no qual a anterior dilaceração real e verdadeira nunca mais necessitaria ser confessada”.

(identidade alienante e antecipação das fantasias) são efeito do drama teorizado pelo estágio do espelho (LACAN, 1949/1998, p. 100) A identidade alienante é delineada por estrutura rígida.

Podemos supor que a noção da *alienação* implica tanto em direção à crítica que Lacan fazia às construções de Anna Freud, sob o intuito de dizer que a *eu* enquanto sede da psique humana é uma leitura alienada das construções freudianas, quanto a uma configuração descritiva da função do [*eu*], para enfatizar a força tanto do sujeito quanto do inconsciente. Encontramos uma referência ao termo alienação em Hegel no percurso de uma consciência de si, como constitutiva da figuração do *senhor* e do *escravo*, em que a luta por reconhecimento implica numa dialética alternada entre as posições referidas pelas figuras.

Lacan retoma a configuração da função do [*eu*] pela alienação nas reformulações que faz sobre a teoria do estágio do espelho nos anos subsequentes a 1949, sustentando então com veemência esta possibilidade para o *eu* (função o [*eu*]), mas também poderíamos colocar a questão: Seria o eu a função alienante do [*eu*] ou a solução encontrada diante do desamparo inicial? A figura de alienação pode subtrair do eu a noção de articulador entre [*eu*] e corpo, como vislumbrou Freud em 1923 do eu como superfície-corporal, ainda que para a clínica, o eu não deva ser o destino final do tratamento? São duas perguntas que podem suscitar psicanalistas e teóricos em psicanálise a reconsiderar a equivalência entre alienação e eu, primeiro pela interpolação da construção do *eu* e críticas à psicanálise dos anos 30 por Lacan e segundo pela necessidade de esclarecimentos teóricos para tal instância, assim como ocorre com a consciência.

“Assim, o rompimento do círculo do *Innewelt* para o *Umwelt* gera a quadratura inesgotável dos arrolamentos do *eu*” (LACAN, 1949/1998, p. 100, grifo nosso). Lacan cruza com o conceito de Jakob von Uexküll (1864-1944) do *Innewelt e Umwelt* ao que se pode definir das futuras identificações sobre a matriz da função do *eu*, ou seja, da primeira inscrição psíquica do *eu*, enquanto imagem especular, para a quadratura inesgotável dos arrolamentos do *eu*, coincide com o momento teórico de conclusão do que Lacan denominou de teoria do estágio do espelho, no sentido da função da imago em estabelecer a relação do organismo com sua realidade, e que tal movimento está descrito pelos trabalhos de Charlotte Buhler (1893-1974) no conceito de transitivismo infantil.

Esse momento em que se conclui o estágio do espelho inaugura, pela identificação com a imago do semelhante e pelo drama do ciúme primordial (tão bem ressaltado

pela escola de Charlotte Buhler nos fenômenos de transitivismo infantil), a dialética que desde então liga o [eu] a situações socialmente elaboradas (LACAN, 1949/1998, p. 101).

Charlotte Buhler estudou psicologia com Carl Stumpf (1848-1936), importante filósofo e psicólogo alemão com literatura vasta em experimentos de psicofísica e medições quantitativas dos estímulos físicos como das sensações que eles produzem. Buhler aprimorou seus trabalhos em observações exaustivas dos comportamentos de crianças, do primeiro ao décimo quarto ano de vida.

O conceito de transitivismo infantil é formalizado nos anos 1920, precisamente em 1927 com a publicação de dois artigos “*Zwei Mädchengebücher*”, “*Die frühesten sozialen Verhaltensweisen des Kindes*” e “*Soziologische n. Psychologische Studien über das erste Lebensjahr*” (este último é citado em nota de rodapé no texto “*Formulações sobre a causalidade psíquica*” de 1946).

A autora descreve o comportamento de crianças que se indistingue daquele realizado com seu par semelhante. Esta evidência é generalizada para o ocorrido entre mãe-criança, porém em 1949 Lacan relata que “se trata da identificação com a imago do semelhante e pelo drama do ciúme primordial” (LACAN, 1949/1998, p. 99), e cuja tendência é vislumbrada pelo “*Complexo de Intrusão*” desenvolvido em 1938.

Charlotte Buhler é referida por Lacan em outros dois textos contemporâneos a 1949, “*Formulações sobre a causalidade psíquica*” (1946/1998, p. 181) e “*A agressividade em psicanálise*” (1948/1998, p. 114), inclusive pelo mesmo conceito de transitivismo, que em 1948, Lacan diz “[...] mostra-nos que a experiência de si próprio na criança de tenra idade, na medida em que ela se refere a seu semelhante, desenvolve-se a partir de uma situação vivida como indiferenciada.” (p. 114). Em 1946, Lacan define o transitivismo como a captação pela imagem do outro. Parece-nos efeito das primeiras inscrições de si pela exterioridade da imagem, ou seja da noção do *duplo*, ainda que ressaltemos a ativa participação do sujeito no lúdico de tal captação.

Ao que consta no corpo do texto, *Imagem* e *Imago* são noções articuladas na construção da concepção do estádio do espelho, contudo a palavra *Imaginário* emerge apenas uma única vez nas linhas publicadas em 1949 e submersa na eficácia simbólica de C. Lévi-Strauss, como aponta Porge (2006). Entretanto, ao que nos consta, a palavra *imaginário* é referida por Lacan apenas uma vez no contexto das experiências fantasísticas sobre o “*corpo*

*despedaçado*” e ao que pode ser vislumbrado nas pinturas de *Hieronymus Bosch* (1450-1516) para o “zênite imaginário do homem moderno” (LACAN, 1949/1998, p. 100) e, ao final do texto, demarcando uma “servidão imaginária” (p. 103) sobre a articulação natureza cultura.

O tema *imagem, imago e imaginário* é composto de inúmeras referências a outros campos teóricos no *E.E* (1949/1998). Lacan, a fim de estabelecer uma teoria dos efeitos constitutivos da imagem no sujeito humano, por um lado parte dos resultados coletados da psicologia comparada de experimentos com chimpanzés e macacos bem como da teoria estabelecida pela *Gestalt*, ambas de Wolfgang Köhler, e por outro recupera o exercício filosófico-sociológico de Roger Caillois nos anos de 1930 sobre a imagem e a imaginação enquanto organizadores da noção espacial no homem, e os faz pilares para sustentar a função da imagem e do conceito de imago no psiquismo humano.

Estas contribuições de partida denotam a multiplicidade teórica que Lacan se cercou para construir tal noção temática. Simanke (2002, pp.240-243) marca a passagem das articulações estabelecidas na tese de doutoramento para uma teoria consolidada sobre o imaginário entre os anos de 1936 e 1949, cujo ápice para o acabamento da teoria do imaginário é a data de apresentação e publicação do texto “O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica” (1949/1998), e portanto uma teoria refletida por diversos espelhos não planos, da psiquiatria, perpassada pela psicologia, sociologia que finda numa teoria psicanalítica.

### 5.3.OS ARROLAMENTOS DO EU E INTERLOCUTORES TEÓRICOS

Até o presente momento do texto, consideramos que a teoria do estádio do espelho em 1949 perpassa a hipótese da primeira inscrição psíquica para o *eu*, pela assunção da imagem especular, em sua condição intrincada com a função simbólica desta matriz. Para tanto, Lacan inicia uma discussão multifacetada com a psicanálise de Anna Freud e Melanie Klein, sobre o termo *eu*, mas com a tendência diretriz de manter o método psicanalítico inaugurado por Freud em primeiro plano, a saber da descoberta do inconsciente e da divisão subjetiva em proeminência teórica.

Mas a nos fundamentarmos apenas nesses dados subjetivos, e por menos que o emancipássemos da condição de experiência, que nos faz deduzi-los de uma técnica de linguagem, nossas tentativas teóricas ficariam expostas à recriminação de se projetarem no impensável de um sujeito absoluto: eis porque procuramos, na hipótese aqui fundamentada num concurso de dados objetivos, a grande diretriz de um método de redução simbólica (LACAN, 1949/1998, p. 101).

O termo *eu* é teoricamente empregado para designar quando a pessoa humana se realiza pela possibilidade de consciência de si, historicamente utilizado pela filosofia, principalmente a Alemã.

Em Freud, o *eu* (*Ich*)<sup>51</sup> pode ser circunscrito em duas perspectivas, a depender da concepção tópica do aparelho psíquico. O primeiro recorte teórico denominado de *primeira tópica* é compreendido pelas articulações realizadas entre os anos de 1900 e 1920, na qual se reserva ao *eu* enquanto função do aparelho psíquico ou conjunto integrado de sistemas, mas, ocupando lugar adjacente em vista da prioridade de postular as três instâncias psíquicas: o *inconsciente*, o *pré-consciente* e o *consciente*. Na segunda, abarca-se a formulação sobre o *id*, o *eu* e o *supereu*, aproximadamente demarcada entre os anos de 1920 e 1939, cujo lugar se pode verificar como uma das instâncias psíquicas.

Ainda assim, a noção de *eu* (*Ich*) em Freud pode ser encontrada desde os primeiros trabalhos, em 1895, “Projeto para uma psicologia científica” (“*Entwurf Einer Psychologie*”) até as últimas elucubrações nos anos 1930, com “A cisão do Eu no processo de defesa”. Em sintonia à grandiosidade da obra freudiana, decidimos por, primeiro levantar os principais textos e apenas pontuar o eu na teoria de Freud em linhas gerais de acordo com os dois momentos especificados; relacionando o sistema percepção-consciência e o “*princípio de realidade*”, como nos sinaliza Lacan.

Segundo Roudinesco e Plon (1998, p. 755), há duas principais estruturas organizadas a partir do trânsito teórico-clínico entre o *eu* (*Ich*) e o *isso* (*Es*)<sup>52</sup>, cada uma privilegiando a direção vetorial das representações psíquicas, ou seja, o privilégio do *eu* em detrimento do *isso*, por Anna Freud e do *isso* a partir das fantasias do *eu* por Melanie Klein.

<sup>51</sup> Em Freud, o termo empregado é *Ich*. No Brasil, a tradução da edição Standard proveniente da edição inglesa é *Ego*. Luiz Alberto Hanns (2004, pp. 20-5) discute a tradução do termo em Alemão *Ich* para *Ego* e argumenta que a tradução mais coerente com a intenção freudiana deveria ser *Eu*, no Brasil, nos comentários do editor brasileiro para o texto “O Eu e o Id” de Sigmund Freud (1923).

<sup>52</sup> Há dois empregos na literatura brasileira para o termo *Es* de Freud. A tradução realizada pela *Standard Edition* o faz como *Id*, assim como a tradição inglesa de D.W. Winnicott e Melanie Klein. Por outro lado, a tradição francesa tende a traduzir tal termo em Freud por *Isso*. (Hanns, 2004, pp. 20-5) Desta forma, o leitor encontrará tanto *Id* quanto *Isso* no presente capítulo, quando nos referirmos ao *Es* de Freud, a depender da linha psicanalítica desenvolvida.

Entre 1900-1920, Freud destaca a concepção do *eu* como uma organização psíquica entrelaçada ao mundo exterior pela possibilidade inerente de captação de estimulação perceptiva e ativação motora dos músculos do corpo, implicando desta forma uma superfície de contato tanto do aparelho mental quanto da realidade para além do próprio corpo. Ao *eu*, em consonância com a dualidade pulsional, atrela-se os processos de defesa e de inibição em oposição ao conceito primordial em desenvolvimento, a saber, o inconsciente.

Segundo Mezan (2008), os principais textos em que Freud realiza alguma consideração sobre o *eu*, na primeira tópica, são: “*Projeto para uma psicologia científica*” (1895), no capítulo VII da “*A Interpretação dos Sonhos*” (1900), “*Três ensaios sobre a sexualidade*” (1905), “*Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*” (1911), e nos artigos metapsicológicos, principalmente “*A guisa de introdução ao Narcisismo*” (1914) e “*O inconsciente*” (1915).

James Strachey comenta na introdução editorial do texto “*O eu e o id*” (1923) uma distinção passível de ser acompanhada em Freud, sobre o *eu* (1) como estrutura tópica que se refere à pessoa em totalidade e (2) como sistema de funções. Esta consideração é fundamental para compreendermos as referências de Lacan no texto de 1949, dado título como formador da “*função do eu*”, cuja crítica incide na concepção de coincidência entre o *sistema* percepção-consciência e o *eu*. Vê-se desta forma a distinção presente em Lacan para *função e sistema*, ainda que esta distinção seja considerada um tanto problemática na teoria psicanalítica, a qual Lacan procura resolver com a distinção entre *eu* e [*eu*]. A primeira pode ser aproximada à função que o [*eu*] exerce no plano consciente e no que toca ao corpo.

Desde o início, porém, uma outra noção, mais obscura, já se achava envolvida [...]: a noção de ‘sistemas’ da psique. Isso implicava uma divisão topográfica ou estrutural da psique, baseada em algo mais que função; uma divisão em partes às quais era possível atribuir um certo número de características e métodos de operações diferenciados (HANNS, 2004, p. 15).

Hanns (2004) argumenta a necessidade intrínseca ao aparelho psíquico de postular a noção de sistemas, em vista das descobertas por Freud dos entrelaces entre o *eu* com os mecanismos de defesa e a dualidade pulsional. Ainda mais específico na seguinte citação, encontramos não somente um refinamento do aparelho psíquico por Freud em que se sustenta

a divisão opositiva de um lugar de consciência e outro de inconsciência, mas a posição do *eu* nesta dinâmica psíquica:

Parece possível detectar dois empregos principais: um em que o termo distingue o Eu (self) de uma pessoa como um todo (incluindo, talvez, o seu corpo) das outras pessoas, e outro em que denota parte específica da psique, caracterizada por atributos e funções especiais. Foi nesse segundo sentido que ele foi utilizado na elaborada descrição do ‘Eu’ primitivo ‘Projeto’ de Freud, de 1985 [...] e é neste mesmo sentido que é empregado na anatomia da psique, em ‘O eu e o id’. Em alguma de suas obras intervinientes, particularmente em vinculação ao narcisismo, o ‘Eu’ parece corresponder sobretudo ao ‘Eu’ (self). Nem sempre é fácil, contudo, traçar uma linha entre esses dois sentidos da palavra (HANNS, 2004, p. 15).

Do narcisismo aos limites conceituais do *eu* e da pulsão, Freud redige duas afirmações essenciais: (1) O *eu* se desenvolve; (2) Existe uma diferença quantitativa e inversamente proporcional entre libido do eu e libido objetal. Tais afirmações implicam que:

[...] no princípio, as energias coexistem no estado do narcisismo e que são indiscerníveis para uma análise mais superficial. Somente quando passa a ocorrer um investimento nos objetos é que se torna possível distinguir uma energia sexual, a libido, de uma energia das pulsões do Eu (FREUD, 1914, pág. 99).

Em outras palavras, o *eu* se constitui e só se faz compreensível se existir a hipótese de pulsões auto-eróticas preexistentes ao narcisismo mencionado nesse trecho, e diante desta relação entre pulsão auto-erótica e narcisismo é necessário supor que algo deve ser acrescentado, uma nova ação psíquica para que se constitua o estado do narcisismo, e somente quando se configurar o momento denominado de narcisismo secundário (investimento libidinal em objetos externos) é que tal distinção entre pulsões do *eu* e libido se faz verificável.

As interpolações de Freud sobre o narcisismo são trazidas por Lacan como um dos momentos mais importantes para a constituição subjetiva do homem, ao qual diz ser “o mais profundo sentimento das latências semânticas” (LACAN, 1949/1998, p. 102), pois é quando

por um lado inaugura as possibilidades de abstração psíquica, dada a consideração do narcisismo enquanto ato psíquico que possibilita a escanção de um tempo entre a hipótese do corpo como erógeno e do corpo enquanto pulsional.

É esse momento que decisivamente faz todo o saber humano bascular para a mediatização pelo desejo do outro, constituir seus objetos numa equivalência abstrata pela concorrência de outrem, e que faz do [eu] esse aparelho para o qual qualquer dos impulsos dos instintos será um perigo, ainda que corresponda a uma maturação natural – passando desde a própria normalização dessa maturação a depender, no homem, de uma intermediação cultural, tal como se vê, no que tange ao objeto sexual, no complexo de Édipo (LACAN, 1949/1998, pp. 101-2).

As implicações da teoria do narcisismo abrem fenda para a concepção do [eu] enquanto aparelho constituído, cuja função *eu* é responsável pela manutenção do estado atingido no aparelho psíquico, tendência esta sustentada pela hipótese dos mecanismos reguladores pelo princípio da homeostase. Entretanto, as repetições de experiências com o *outrem*, configurado como externo (essa constatação é uma construção decorrente do contorno corporal), permitem outras inscrições psíquicas para os destinos pulsionais a serem reguladas pela simbolização proveniente da arquitetura simbólica desenvolvida pelo complexo de Édipo.

Desta forma, o que Lacan reapresenta em 1949 é a importância do narcisismo enquanto semântica para o aparelho psíquico organizar por um lado a noção de um contorno corporal daquilo que podia ser compreendido como um organismo pulsional e por outro abrigar inscrições psíquicas [eu] e *eu* que constituem os principais agentes dos investimentos em objetos à partir da relação com o outro, ou conforme diz Lacan a intermediação cultural no complexo de Édipo para o sujeito humano, pois “faz todo o saber humano bascular para a mediatização pelo desejo do outro, constituir seus objetos numa equivalência abstrata pela concorrência de outrem” (LACAN, 1949/1998, p. 102)

Ainda nesta citação, podemos entrever a emergência do [eu] enquanto aparelho que se faz nesta encruzilhada e sua função, *eu*, atrelada a localizar e defender o aparelho psíquico de perigos advindos. Tais perigos podem ser compreendidos tanto pela invasão de estímulos

internos, em virtude do mecanismo de recalque quanto da excitação proveniente do contato com o outro.

Contudo, o mecanismo de recalque até os anos de 1920 fora colocado em cheque a partir das constatações de um dualismo pulsional que deveria ser ampliado para além da oposição entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação. A própria noção envolvida na teoria do narcisismo contribuiu para tal revisão e podemos arrolar para as primeiras construções do que se denomina Segunda Tópica.

[...] o recalque, que excluía do processo de investimento uma parte das representações mentais (*Vorstellungen*) que se mostrassem geradoras de desprazer, foi substituído por uma imparcial avaliação do juízo. A esta cabia então decidir se determinada representação era verdadeira ou falsa, isto é, se estava ou não em sintonia com a realidade, e para tal comprava-as com os traços de lembranças deixados pela realidade (FREUD, 1911, p. 66).

Nesta citação, a afirmação de Freud sobre a substituição do recalque foi substituído pela avaliação de juízo, cujos detalhes são explorados em 1925, no texto “A negativa” (*Verneinung*), e que Lacan retoma em 1949.

“[...] indica que partamos de desconhecimento que o caracteriza em todas as suas estruturas, tão vigorosamente articuladas pela srta. Anna Freud: pois, se a *Verneinung* representa sua forma patente, latentes em sua grande maioria permanecerão seus efeitos, enquanto não forem esclarecidos por alguma luz refletida sobre o plano da fatalidade em que se manifesta o isso (LACAN, 1949/1998, pp. 102-3)

Vale lembrar que em 1948, no texto “A Agressividade em Psicanálise”, Lacan ainda é mais explícito em aproximar a instância do *eu* à função de juízo explicitada pela *Verneinung* que ao sistema *percepção-consciência*.

Caracterizo essa instância, aqui, não pela construção teórica que dela fornece Freud em sua metapsicologia, como sistema percepção-consciência, mas pela essência fenomenológica que ele reconheceu como sendo a

essência mais constante na experiência, sob o aspecto da *Verneinung*, e cujos dados ele nos recomenda apreciar no índice mais geral de uma inversão precedente ao juízo (LACAN, 1948/1998, p. 111).

As contemplações teóricas sobre o *eu* ganham novos problemas a partir dos escritos metapsicológicos e do texto “Para além do princípio de prazer” de 1920, quando postula a compulsão à repetição e revisa a teoria das pulsões. Freud define três instâncias psíquicas do aparelho psíquico; *eu*, *id* e *supereu*, no momento compreendido entre os anos de 1920 e 1939, na qual pontos fundamentais da teoria psicanalítica são reconsiderados culminando com a proposta de uma segunda tópica.

Os principais textos, que tecem essa mudança, são “Além do Princípio de Prazer” (1920), com a inserção do conceito de *compulsão à repetição* (*Wiederholungswang*) e o construto teórico *pulsão de morte*; “Psicologia das massas e análise do Eu” (1921), “O Eu e o Id” (1923) e “Inibição, Sintoma e Angústia” (1925) e “A negativa” (1925), ainda que as premissas inauguradas entre 1914 e 1920 sejam sempre referidas. A transformação da perspectiva freudiana altera a metapsicologia a cerca das pulsões, e conseqüentemente a tópica do aparelho psíquico e seus princípios reguladores, a partir deste conjunto de texto.

Em virtude da referência direta ao texto de 1925, “A negativa”, decidimos explorar as principais teses desenvolvidas, a fim de compreender à qual função do *eu* é referida a *Verneinung*.

O termo em Alemão *Verneinung* citado por Lacan refere-se de Freud ao texto de 1925, intitulado no Brasil pela Standard como “*A negação*” e traduzido por Luiz Alberto Hanns como “*A negativa*”. Segundo Freud, *verneinung* é uma das formas de negatividade semântica encontrada na fala de pacientes, que revela uma maneira de repelir pela negativa, o conteúdo que acaba de aflorar em sua mente. Esta consideração é relacionada com o estabelecido em 1915 (“O inconsciente”) sobre a ausência de contradição entre as representações inconscientes, e a possibilidade de mobilidade das cargas de investimento entre as idéias, articuladas pelo processo primário – deslocamento e condensação – compondo, desta forma, a realidade psíquica em substituição da realidade externa. Isto é, toda a função psíquica de emitir juízos está encarregada pelos atos de confirmar ou negar e conjuga-se em suas origens na relação entre o recalque e a negativa, ou a saber, da relação do princípio de prazer com o princípio de realidade, ou mais especificamente entre o *isso* e o *eu*.

Na verdade, todos estes atos de confirmar [*bejahen*] ou negar [*verneinen*] o conteúdo dos nossos pensamentos correspondem à função psíquica de emitir juízos. Assim se levarmos em conta as observações que fizemos sobre a relação do recalque e a negativa, podemos agora rastrear a origem psicológica de emitir juízos. Negar [*verneinen*] algo basicamente quer dizer: “Isso eu prefiro recalcar”. A atitude de condenar algo nada mais é do que um substituto intelectual do recalque e o 'não' é sua marca um certificado de origem, como se fosse um '*made in Germany*'. Por meio do símbolo da negativa [*Verneinungssymbol*] o pensar liberta-se das restrições do recalque e se acrescenta de conteúdos dos quais não podia prescindir na sua atividade (FREUD, 1925, p. 148).

A função de emitir juízo condensa duas modulações a respeito de uma *coisa* (*Ding*), uma enquanto de decisão sobre as qualidades dela e a outra considerativa da correspondência entre a representação (*Vorstellung*) e a existência real desta na coisa.

Para a primeira modulação, Freud recupera as construções sobre o *eu-prazer* e as primeiras apreensões qualitativas do mundo, em que neste somente aquilo que se configura na série prazer é introjetado e expelido ao que está encadeado como desprazer, ao exemplo do esquema dos dentes no projeto... “Inicialmente, para o *eu-prazer* não há diferença entre o mal, o estranho [Fremd] ao *eu* e tudo aquilo que se situa fora do eu. As três categorias são idênticas” (FREUD, 1925, p. 148)

Para a questão da verificação entre a representação e a existência real na coisa, o que em outras palavras é chamado de teste de realidade ou a problemática do dentro-fora do corpo, e cujo principal agente desta função é o eu-real-definitivo, que se origina do eu-prazer inicial. O horizonte desta consideração sobre o juízo da equivalência ou não na realidade desloca a centralidade do eu no aparelho psíquico do princípio de prazer para o que se poderia intitular de princípio de realidade.

Porém, as dualidades implicadas ao *eu* sobre dentro-fora, real-representado e prazer-realidade são contestadas e Freud argumenta que de início a oposição entre subjetivo e objetivo não existe. A tese consiste de que todas as representações [*Vorstellung*] em sua origem já são uma garantia da realidade do representado, pelo fato de que todas elas se originaram de percepções e de fato são repetições destas, com o adendo de que tanto as representações quanto as repetições das percepções pelo imaginar podem sofrer interferências de mecanismos primários e secundários.

Portanto, o teste de realidade deve controlar até que ponto chegam essas deformações. Cabe ainda acrescentar que ao longo o desenvolvimento, o teste de realidade só entrará em cena quando e se os objetos, que outrora trouxeram satisfação, já tiverem sido perdido” (FREUD, 1925, p. 149).

Com este corte teórico, ao *eu* denomina-se uma instância psíquica parcialmente suplantando no consciente e inconsciente. No que tange à dualidade da pulsão, ao *eu* sustenta-se o constructo da pulsão de autoconservação e sugerido pelo modelo de funcionamento do “*princípio de realidade*”, mas principalmente como uma função languageira de resguardo psíquico diante da incompatibilidade do recalcado com o plano consciente. Trata-se contudo de uma qualificação ativa para o *eu*, que no envio de cargas de investimento ao sistema perceptivo, há concomitantemente a estimulação sensorial e a testagem da estimulação e recepção destes sinais.

Assim, o estudo da função psíquica de emitir juízos nos enseja, talvez pela primeira vez, uma visão aprofundada de como uma função intelectual sugere a partir do jogo dos impulsos pulsionais primários. Emitir juízos é um desenvolvimento posterior que não se pauta mais pelo princípio de prazer. Para lidar com a polaridade entre o incluir e o expulsar do eu leva-se agora em conta a adequação aos fins. Essa polaridade entre incluir e expulsar parece corresponder exatamente aos dois grupos de pulsão que supomos existirem. A confirmação [*Bejahung*] seria um substituto da unificação e pertenceria a Eros; a negativa [*Verneinung*] seria, então, a sucessora da expulsão, pertencendo à pulsão de destruição (FREUD, 1925, p. 150)

Antes de apontar uma solução para os impasses da teoria e então apresentar uma única direção na construção teórica em psicanálise, o efeito de tais escritos na comunidade psicanalítica nos anos de 1930 e 40 possibilita diferentes posições diante da teoria e da prática clínica, como as vislumbradas por Anna Freud e Melanie Klein. Lacan procura sinalizar os limites e conseqüências de suas teorias. No entanto, no geral, Lacan afirma que ao tema do *eu* é fundamental circunscrever a relação com o *isso*, em virtude da oposição entre tais autoras e

a conseqüência para a condução de casos clínicos. Lacan convoca explicitamente Anna Freud ao diálogo, dado o destino na obra desta autora para a concepção de *Verneinung* (negativa).

Ao que tudo indica então, Lacan retoma em 1949 o termo *verneinung* a fim de estabelecer os devidos esclarecimentos sobre a instância do *lss* com o *eu*, que foi levada a cabo em diferentes leituras por Anna Freud e Melanie Klein.

Anna Freud (1895-1982) iniciou a prática psicanalítica no atendimento de crianças, prática até então não legitimada pela primeira geração que estudava psicanálise, inclusive pelo próprio fundador. Este interesse parece ter sido despertado enquanto exercia o professorado em uma instituição de crianças, em virtude do pedido em cursar medicina ter sido negado pelos efeitos da primeira guerra mundial (1914-1918). Portanto, a entrada oficial na sociedade psicanalítica ocorreu em 1922, quando realizou sua primeira apresentação de caso clínico de uma criança. Tal primeira apresentação ocorreu na Sociedade Psicanalítica de Viena, e foi intitulada de “Fantasias e devaneios de uma criança espancada”.

Os principais trabalhos apresentados se reportavam com freqüência á análise de crianças, cuja principal referência textual se fez com a publicação de “O tratamento psicanalítico de crianças” em 1927, mesmo ano em que Melanie Klein divulgou seu trabalho sobre “Os princípios psicológicos da análise infantil”. Neste ano, iniciava-se a rivalidade entre as duas autoras, sobre os modelos teóricos para a prática clínica e a natureza das intervenções no trabalho analítico.

De partida, Anna Freud sustentava a tese de que a análise dos sentimentos negativos das crianças pelos pais deterioraria as relações entre eles, evocando, então, um trabalho centrado sobre as resistências e defesas do ego antes de centrar-se nas fantasias inconscientes delas. Não de todo equivocada, pois o próprio Freud dissertava a inabilidade da criança em sustentar a transferência ou mesmo a dissolução dela.

Em conseqüência dessa perspectiva, quando o primeiro plano do trabalho deveria ocupar-se com o consciente e o ego, Anna Freud enlaçou-se numa prática mista entre analisar e educar, tanto que no final da primeira metade do século XX inaugurou um centro de tratamento para crianças em Londres, em funcionamento até o ano de 2010 sob o título de “*The Anna Freud Centre – One Centre of Learning*”<sup>53</sup>.

O percurso de Anna Freud pode ser marcado por duas datas, 1925 e 1937. A primeira refere-se ao seminário realizado sobre o trabalho com crianças, que coincidiu com a institucionalização das regras da psicanálise didática da *International Psychoanalytical*

---

<sup>53</sup>

[www.annafreud.org](http://www.annafreud.org)

*Association* (IPA) e a segunda com o lançamento do livro “O ego e os mecanismos de defesa” em 1937.

Há neste texto o desenvolvimento da tese de que somente o ego pode ser observado diretamente na clínica através da reconstituição em retrospecto das medidas defensivas. A decorrência disto implica que o id e o superego só passam a ser perceptíveis a partir do estado do próprio ego, e portanto, dos mecanismos de defesa instaurados frente às representações inconscientes.

Segundo Anna Freud, o ego é lógico, objetivo e racional, mas quando em situações que desencadeiam sentimentos de culpa ou ansiedade, o ego perde estas três características e com elas, a habilidade fundamental de equalizar as demandas da realidade e as pressões inconscientes, ocasionando uma desadaptação total ao mundo externo. Diante deste critério, a neurose se desencadeia quando as defesas são ineficazes diante das representações rejeitadas que não cessam em emergir ao plano consciente e, conseqüentemente, ao ego. As defesas bem sucedidas são aquelas que cessam aquilo que insiste em tornar consciente.

Há 15 processos defensivos descritos: *sublimação, repressão, racionalização, projeção, deslocamento, identificação, regressão, isolamento, formação reativa, substituição, fantasia, compensação, expiação, introjeção e negação*.

Em linhas gerais, os movimentos privilegiados do aparelho psíquico por Anna Freud estão vetorizados do *Id* para o *Eu*, em que este se torna o privilegiado numa ontologia genética para os mecanismos de defesa e a sustentação em torno do que seria a introjeção da realidade externa no aparelho psíquico humano, ainda que para Lacan esta consideração venha a contrariar fenômenos clínicos na experiência psicanalítica.

[...] instaura nas defesas do eu uma ordem genética que corresponde ao anseio formulado pela Srta Anna Freud na primeira parte de sua grande obra (LACAN, 1949/1998, p. 101).

Lacan retoma Anna Freud para a discussão a respeito do *eu* em outros textos a posteriori do ano de 1949, incluídos na obra “Escritos” ou mesmo nas aulas realizadas e compiladas como seminários. Por exemplo, nos textos “Variantes do tratamento padrão” de 1955 e “A direção do tratamento e os princípios de poder” de 1958, Lacan retoma diretamente o livro “O ego e os mecanismos de defesa” para considerar a posição do *eu* em psicanálise e

sempre em tom de crítica ao que fora teorizado por Anna Freud. Esta tendência da crítica lacaniana concentra-se no fato da autora priorizar a possibilidade de uma absorção da realidade pelo *eu*, enquanto passível de ser apreendida na materialidade real para além da fantasia do sujeito diante da realidade e a condução clínica para a homologia entre *eu* do analisando e o *ideal do eu* do analista. Este horizonte teórico de Anna Freud implica num *eu* que tende a se adaptar ao que se apreende pela realidade, implicando na clínica uma condução do tratamento para o ideal do eu e, principalmente, para aquilo que o analista escuta como sendo a realidade de fato constituída.

Melanie Klein (1882-1960) propõe outro construto teórico à respeito do *eu* e prioriza as fantasias inconscientes do sujeito. Ela foi o grande interlocutor de Anna Freud ao longo de toda sua prática clínica. Foi a principal psicanalista da Grã-Bretanha na primeira metade do século XX. Entrou em contato com a produção de Freud em 1914, ano mesmo em que iniciou sua análise com Sándor Ferenczi. No ano de 1918, frequentou pela primeira vez um encontro psicanalítico da IPA, no V Congresso da *International Psychoanalytical Association*. Em 1919 tornou-se membro da Sociedade Psicanalítica de Budapeste e realizou a primeira apresentação nesta mesma instituição, sobre a análise de uma criança de cinco anos, com efeito, o próprio filho Erich Klein. (ROUDINESCO & PLON, 1998, pp.430-34)

Até o ano de 1949, Melanie Klein produziu inúmeros trabalhos sobre a análise de crianças, em que considerava o brincar como um instrumento da análise, sustentada pela analogia entre o brincar e o sonhar. Ao brincar a criança expressa de maneira simbólica as suas fantasias inconscientes, cuja compreensão do simbólico pelo analista contido no jogar e no brincar da criança permitia teoricamente o acesso ao inconsciente das fantasias primordiais da criança, e conseqüentemente a elaboração da transferência.

Em virtude do contato com crianças muito pequenas e diversas experiências de observação dos comportamentos de crianças psicóticas, Melanie Klein iniciou uma revisão teórica da psicanálise e fundou uma série de reformulações dos desenvolvimentos freudianos, por exemplo, a antecipação do complexo de Édipo no tempo cronológico do desenvolvimento infantil e a articulação subjetiva do *eu* constituída por mecanismos projetivos e introjetivos de objetos vivenciados no mundo, principalmente com a mãe. De início, Melanie Klein supõe a existência de *eu* desde o nascimento. A noção de *objeto interno* é fundamental para Melanie Klein.

Os principais trabalhos da autora até 1949 são “O desenvolvimento de uma criança” (1923), “O papel da escola no desenvolvimento libidinal da criança” (1924), “Os princípios psicológicos da análise infantil” (1927), “Estágios precoces do conflito edípiano” (1928), “A

importância da formação do símbolo no desenvolvimento do ego” (1930), “A psicanálise de criança” (1932), “Uma contribuição para a psicogênese do estado maníaco-depressivo” (1945), “Notas de alguns mecanismos esquizóides” (1946), “Uma contribuição para uma teoria da ansiedade e culpa” (1948), “Contribuições para a psicanálise” de 1948, em que este último reúne os principais trabalhos entre 1921 e 1945.

Em resumo, Melanie Klein parte da concepção que a criança nasce com porção de pulsão de vida e porção de pulsão de morte determinadas constitutivamente, a depender das tendências corporais da criança e que implicam diretamente na simbolização da presença das pulsões de morte, dada a característica destrutiva destas. Os cuidados pela mãe são determinantes para a simbolização delas e conseqüentemente da constituição da subjetividade da criança.

O teorema estabelecido para a subjetividade humana é formado em torno de duas posições; a *posição esquizoparanóide*, inicialmente predominante na criança até os quatro primeiros meses de idade e cuja função das defesas maníacas do ego incipiente na criança desde o nascimento e a maternagem possibilitam a integração de uma *posição depressiva*.

A sustentação de tais posições está segundo o critério qualitativo dos objetos internos que são organizados em *objetos parciais* e *objetos totais*, os primeiros são característicos da posição esquizoparanóide que conjuntamente com as ansiedades persecutórias tendem à clivagem dos objetos internos e externos em *bom* ou *mau*, e os segundos dizem da posição depressiva quando é possível para o sujeito integrar o objeto enquanto bom e mau.

O funcionamento do ego, desde os seus primórdios, é baseado em dois principais mecanismos, introjeção e projeção. A introjeção é a assimilação, por representação do ambiente externo no próprio *ego*, como constitutivo dele mesmo. Ou seja, as experiências, situações e os objetos com os quais se relacionam são experimentados como externos e internalizados como parte do *ego*. A projeção, que ocorre simultaneamente à introjeção, é a capacidade de atribuir aos outros sentimentos do próprio *ego*. A partir da introjeção verifica-se que o mundo interno da criança é constituído como reflexo do mundo externo, por isso a importância das condições dadas pela mãe nos primeiros meses de vida. Isto, obviamente, não significa que a introjeção ocorra apenas nestes períodos primitivos, mas ao longo de toda a vida, embora a primeira relação seja funcional como modelo para as demais. Desta maneira, os processos psíquicos de introjeção e projeção devem ser entendidos como fantasias inconscientes, dado que ocorrem em níveis inconscientes e acompanha todo impulso experimentado pela criança.

Dentre os trabalhos desenvolvidos por Melanie Klein e as teses principais dissertadas acima, há dois textos especialmente interessantes para Lacan na construção da teoria do estágio do espelho em 1949, “Estágios precoces do conflito edipiano” (1928) e “A importância da formação do símbolo no desenvolvimento do ego” (1930), em que neste Klein apresenta o famoso caso Dick, trabalhado por Lacan na aula de 24 de fevereiro de 1954 (livro “Os escritos técnicos de Freud”).

Para concluir, a aposta lacaniana para o estágio do espelho como formador da função do [eu] revela o desenvolvimento libidinal do sujeito humano enquanto encruzilhada estrutural. A experiência psicanalítica decifra o inconsciente e posiciona o eu em oposição às manifestações do isso, implicando uma divisão estrutural para o homem. As leituras advindas da teoria kleiniana parecem contribuir para Lacan na vetorização do *isso* para o eu, ainda que a noção de sujeito esteja encarregada de simbolizar o *isso*. Anna Freud encarna a visão opositiva tanto para Klein quanto para Lacan e é retomada em 1949 sob as críticas da supremacia do eu na psicanálise.

Lacan sustenta o eu em diversas composições no texto de 1949, compondo uma série de elementos que formam o eu, em articulações metafóricas que envolvem o corpo, a imagem de si e o laço com o outro. As considerações sobre o [eu]-especular, [eu]-social, [eu] e sujeito versam sobre a teoria do estágio do espelho, como instâncias para a subjetividade humana.

Lacan promove um encadeamento entre as três noções [eu]-especular, [eu]-social e [eu], sendo este último o ligado a situações socialmente elaboradas. A gramática envolvida retrata a questão sobre o modo como o sujeito humano se inscreve no laço social. Freud postulou inicialmente pela psicanálise o teorema da sexualidade como causa da subjetividade humana, demonstrando que de uma sexualidade perverso-poliforma o sujeito renuncia aspectos de seu investimento libidinal com a promessa de ganhos na inserção na cultura, através da travessia do complexo de Édipo, marcado pelo complexo de Castração. Entremeio, a noção pulsional é evocada por Freud e as sucessivas reformulações que poderemos apontar a seguir. Desta forma, parece-nos que Lacan traduz esta questão da inserção na cultura do sujeito humano pelo encadeamento teórico do [eu]-especular ao [eu].

Ele [método de redução simbólica] instaura nas defesas do eu uma ordem genética que corresponde ao anseio formulado pela srta. Anna Freud na primeira parte de sua grande obra, e situa (contrariando um preconceito frequentemente expresso) o recalque histérico e seus retornos num estágio mais arcaico do que a inversão

obsessiva e seus processos isoladores, e estes, por sua vez, como precedentes à alienação paranóica, que data da passagem do [eu] especular para o [eu] social (LACAN, 1949/1998, p. 101).

Nesta passagem, podemos notar claramente o viés clínico da construção lacaniana para a teoria do estágio do espelho em 1949. Convém apontar que Lacan delimita a passagem do [eu]-especular para o [eu]-social no estágio da alienação paranóica. É curioso notar que há uma interpolação entre a teoria estabelecida sobre a constituição do sujeito e o fenômeno clínico da alienação paranóica. Mas, como aprofundar sobre este desenvolvimento? Não raro, há diversos momentos que Lacan opera este tipo de retórica clínica no texto, por exemplo:

Mas essa forma revela-se tangível no próprio plano orgânico, nas linhas de fragilização que definem a anatomia fantasística, manifesta nos sintomas de esquizo ou de espasmo da histeria LACAN, 1949/1998, p. 101).

A título de nota, Léger (1989) realiza operação semelhante ao exercício clínico descrito no texto de 1949. Isto é, o autor pontua um recurso teórico e o encontra num dado elemento clínico, a fim de ilustrar este fenômeno pela teoria. “[...] Lacan vai dar a essa dimensão narcísica da psicose o nome de 'regressão tópica ao estágio do espelho’” (LÉGER, 1989, p. 30).

Ainda que possamos encontrar ressonância na marcação de Léger entre a psicose a dimensão narcísica envolvida neste funcionamento estrutural da psique humana, qual o sentido atribuído ao termo estágio do espelho? Estaria o autor sinalizando ao momento constituinte descrito no texto de 1949? Seria uma concepção que abarcaria a extensão do ensino de Lacan para a teoria do estágio do espelho? Ao que nos parece, apodera-se o uso teórico desenvolvido em 1949 e o abstrai para uma categoria clínica que nem sempre abarca a dimensão conceitual envolvida no termo.

Os apontamentos clínicos e a construção teórica para o estágio do espelho de 1949 podem nos servir de fomentação para um trabalho em psicanálise. Por hora, porém, reiteramos que tal teoria está servindo de subsídio para compor teoricamente como pode ser compreendida a gênese do *eu* para o sujeito humano, bem como as operações subjacentes através dos efeitos produzidos por uma identificação a uma imagem e a intrincada relação simbólica inerente a tal processo formativo.

É esse momento que decisivamente faz todo o saber humano bascular para a mediatização pelo desejo do outro, constituir seus objetos numa equivalência abstrata pela concorrência de outrem, e que faz do [eu] esse aparelho para o qual qualquer impulso dos instintos será um perigo, ainda que corresponda a maturação natural – passando desde então a própria normalização dessa maturação a depender, no homem, de uma intermediação cultural, tal como se vê, no que tange ao objeto sexual, no complexo de Édipo (LACAN, 1949/1998, p. 101-2).

Para concluir sobre o [eu] em Lacan no texto de 1949, reiteramo-lo como aparelho que organiza tanto a noção de perigo para os instintos internos e regula as relações simbólicas com os objetos mundanos, inclusive o sexual, como efeito do que a teoria do complexo de Édipo define. Lacan nos diz que a forma total do corpo pelo qual o sujeito antecipa numa miragem a maturação de potência só lhe é dada como *Gestalt*, e esta simboliza a permanência mental do [eu] quanto à destinação alienante do eu.

[...] a formação do [eu] simboliza-se oniricamente por um campo fortificado, ou mesmo um estádio, que distribui da arena interna até sua muralha, até seu cinturão de escombros e pântanos, dois campos de luta opostos em que o sujeito se enrosca na busca do altivo e longínquo castelo interior, cuja forma simboliza o isso de maneira surpreendente (LACAN, 1949/1998, p. 101)

Lacan reescreve em linguagem poética o movimento centrífugo da insuficiência à antecipação, que findam na formação do [eu]. Vejamos as correspondências: “*arena interna*” pode ser compreendida como o lugar onde se originam os impulsos internos até a borda que delimita o corpo e o externo, ou seja a “*muralha*” ou o “*cinturão de escombros e pântanos*”. As metáforas atribuídas ao corpo ao serem investigadas, podem iluminar o modo como Lacan concebe o corpo em 1949, entretanto a posição do sujeito neste jogo metafórico é a de busca pelo castelo interior ou seja, de orientação em simbolizar o *isso*. O sujeito simboliza o *isso*; eis a relação da posição atribuída ao sujeito.

Contudo, as críticas da filosofia de Sartre e de outros teóricos em psicanálise lançam a Lacan a tarefa de esclarecer a categoria de sujeito em sua teoria. Ainda que em 1949 não

podemos sustentar solidez para o termo, oras beirando o senso comum, oras atribuindo posição primordial na constituição da subjetividade humana, Lacan afirma que não se trata de um sujeito absoluto. “[...] nossas tentativas teóricas ficariam expostas à recriminação de se projetarem no impensável de um sujeito absoluto [...]” (LACAN, 1949/1998, p. 101)

Mas a doutrina esclarece também a oposição dinâmica que eles procuraram definir entre essa libido e a libido sexual, quando invocaram instintos de destruição, ou até mesmo de morte, para explicar a evidente relação da libido narcísica com a função alienante do [eu], com a agressividade que dela se destaca em qualquer relação com o outro [...] (LACAN, 1949/1998, p. 102).

Este trecho do título do texto de 1949 refere-se diretamente à função do [eu] enquanto aquilo que se forma na proposta teórica do estágio do espelho, ou dos efeitos descritos das identificações ulteriores, cuja base é a matriz da imagem especular. Não é o [eu] tampouco o sujeito que é formado pelo jogo descrito por Lacan, mas algo do [eu] que se opera como função no psiquismo. Lacan retoma a discussão da dualidade pulsional, nos escritos de Freud: em pulsão sexual e pulsão de autoconservação, e posteriormente como pulsão de vida e pulsão de morte<sup>54</sup>.

A essas proposições opõe-se a toda a nossa experiência, na medida em que ela nos dissuade de conceber o eu como centrado no sistema percepção-consciência, como organizado pelo “princípio de realidade”, no qual se formula o preconceito cientificista mais contrário à dialética do conhecimento que o caracteriza em todas as suas estruturas, tão vigorosamente articuladas pela Srta. Anna Freud [...] (LACAN, 1949/1998, pp. 102).

<sup>54</sup> Freud afirma que o termo pulsão é “o representante psíquico de uma fonte de estímulos endossomática, continuamente a fluir (...) um conceito que se acha na fronteira entre o mental e o psíquico” (FREUD, 1915/2004, p. 134). Há a aposta numa relação entre o aparelho psíquico e fonte de estímulos somáticos, e certa correlação, ou ambiguidade, entre pulsão e seu representante psíquico. “Pode ser, contudo, que a contradição seja mais aparente do que real, e que a solução seja precisamente na ambiguidade do próprio conceito – um conceito-limite entre o físico e o mental” (FREUD, 191/2005, p. 134). Esse efeito de ambiguidade em torno do termo pulsão pode ser vislumbrado ao longo de todo o texto freudiano, tanto que, em 1920, Freud voltava a afirmar no texto “Além do Princípio do Prazer” que se tratava de o elemento mais importante e o mais obscuro da pesquisa psicológica.

Segundo Lacan, as proposições oriundas da filosofia do *Cogito* são contestadas pela própria experiência psicanalítica, à medida que a relação do *eu* com o sistema percepção-consciência poderia ser concebida para além da qualidade do *eu* centrado em tal sistema, aos moldes do que Freud desenvolvera com os escritos pós 1920, a respeito da modalização das pulsões e da tópica e economia do aparelho psíquico.

Para tanto, Lacan prossegue com o desdobramento realizado por Freud sobre o “*princípio de realidade*” e critica o modo como é absorvido pela comunidade científica, ao tom de preconceito ou redução epistêmica ao teorema elaborado. Com efeito, a indicação de conceber a descentralização ao sistema percepção-consciência e a problemática em torno do “*princípio de realidade*” no que tange ao *eu*, Lacan ocupa-se no texto de 1949 ao que fora tematizado por Anna Freud.

#### 5.4 TRECHOS FINAIS: FILOSOFIA E CLÍNICA

O método psicanalítico, inaugurado por S. Freud, é privilegiado por Lacan enquanto aporte teórico para o trabalho realizado em 1949. Esta delimitação do escopo para a concepção apresentada em Zurique está explícita no subtítulo da apresentação em Zurique, “tal como nos é revelada na experiência psicanalítica” (LACAN, 1949/1998, p.96), implicando um ponto de vista sobre o indivíduo humano, a partir da noção de inconsciente e da determinação subjetiva para além das faculdades mentais da consciência.

Embora o primado do inconsciente seja incontestável para a psicanálise, a instância do *eu* compunha uma série de impasses tanto na teoria quanto para a prática clínica, nas primeiras décadas do século XX. A tese do *eu*, enquanto instância reguladora entre as pressões pulsionais e as demandas da realidade, gerava controvérsias, principalmente diante da semiologia dos fenômenos elementares descritos na psicose, quando estes negavam a realidade. É a partir desta multiplicidade de posições em psicanálise, que em 1949, Lacan apresenta uma proposta para as problemáticas em circulação no campo: *E.E. (1949/1998)*.

As interporlações dos trechos finais do texto de 1949 nos conduzem tanto para a discussão filosófica quanto para o viés clínico da concepção apresentada sob a rubrica do estádio do espelho. O termo sujeito, curiosamente atrelado às formações do [*eu*] enquanto manifestações do *isso* definindo por conseguinte qualidade clínica da neurose e que quando o *sujeito* se engessa a tais formações inconscientes surge a fórmula mais geral da loucura. Podemos compreender a expressão “captação do sujeito pela situação” quando não há espaço

que possibilite ao sujeito simbolizar as manifestações do *isso* o jogando aos muros da loucura. Sendo assim, a proposta de Lacan centra-se para além de relações de identificação ou de fechamento do sujeito. Antes de direcionar o tratamento para o “*tu és isto*”, “*sejas aquilo*”, “*faças assim*”, Lacan abre para o desvelamento das formações que possam prendê-lo nesses lugares.

Assim se compreende a inércia própria das formações do [eu], onde podemos ver a definição mais abrangente da neurose: ver como a captação do sujeito pela situação dá a fórmula mais geral da loucura, tanto da que jaz entre os muros dos hospícios quanto dos que ensurdece a terra com seu barulho e furor (LACAN, 1949/1998, p. 103).

O campo da filosofia compartilhava, desde as primeiras meditações sobre a consciência humana, indagações a respeito da gênese humana do *eu*. Como Lacan indica no início do texto, a experiência psicanalítica permite uma formulação para tal problema que envolve teoricamente, em termos de oposição, ao que se define pela filosofia oriunda do *Cogito*. Antes de se tratar de uma instância psíquica referente às bases do conhecimento, ela está diretamente vinculada à função de desconhecimento e substancializada pelos efeitos produzidos no sujeito, quando este se identifica a uma imagem. Para tanto, a instância do *eu* está organizada sob uma forma que lhe é externa a si mesma, e concomitantemente projetada sobre as interpretações da superfície corporal. Assim como ocorre com a duplicação de outros objetos, o *eu* é um em especial na experiência subjetiva humana.

É nesta perspectiva que a filosofia de Sartre se torna um campo de interlocução fecundo nos anos de 1949, especialmente o trabalho “O ser e o nada” de 1943, como veremos à seguir, a partir das citações de Lacan. “É que eles tocaram nessa negatividade existencial cuja realidade é tão vivamente promovida pela filosofia contemporânea do ser e do nada” (LACAN, 1949/1998, p. 102).

Em sintonia à ferida narcísica<sup>55</sup> introduzida no *homem* pela teoria de Freud, a partir da hipótese das determinações inconscientes, na qual o *eu* não é rei em sua própria casa, Lacan

<sup>55</sup> Freud afirma que com o passar dos séculos “o ingênuo amor-próprio dos homens” sofreu três golpes, o primeiro relacionado com Copérnico quando este postulou que a Terra não era o centro do universo, o segundo atribuído a Darwin e Wallace, e a queda do lugar privilegiado do homem na criação do mundo e por fim, o terceiro “a partir da pesquisa psicológica da época atual, que procura provar o ego que ele não é senhor em sua

apresenta tal tese e conduz o leitor em oposição às considerações de J.P. Sartre a partir do ensaio “O ser e o nada”, no qual “a consciência primeira de consciência funda as condições e o âmbito de uma ontologia fenomenológica” (GONÇALVES, 1996, p. 34) sustentada na concepção do *nada* e da *negatividade* constituinte da consciência, que marca um lugar *sem essência* a priori, mas enquanto projeto que existe e se faz.

Lacan critica a construção de Sartre sobre a consciência irrefletida, intitulado-a de “self-consciência”, em virtude da relação da consciência ser consciência de si mesma. A afirmação de Lacan sobre a *inscrição nas próprias premissas* pode ser relacionada com a tese de Sartre da condição *sine qua non* de reflexão de si mesma. Entretanto, segundo Lacan esta condição encadeia uma série de equívocos constitutivos por ter, como condição de partida, a ilusão de consciência de si a partir do ponto zero como consciência autônoma em si mesma. Ao que parece, Lacan tece uma crítica à Sartre, a partir de sua própria tese sobre o conhecimento paranóico e a *função de desconhecimento* do *eu*, iniciada com o projeto de Alexandre Kojève nos anos 1930, em que há a crítica hegeliana ao *Cogito* de Descartes. (SIMANKE, 2002, pp. 405-10).

Mas essa filosofia, infelizmente, só a capta dentro dos limites de uma self-consciência que, por estar inscrita em suas premissas, encadeia desconhecimentos constitutivos do eu e a ilusão de autonomia se fia (LACAN, 1949/1998, p. 102).

Sartre coloca em primeiro plano a consciência como possível instância para uma ontologia do sujeito, enquanto Lacan privilegia a premissa de Freud sobre divisão subjetiva e o primado inconsciente sobre o eu e as faculdades de consciência, enquanto “*identidade alienante*” (LACAN, 1949/1998, p. 100). Para Sartre a consciência é pura liberdade, enquanto Lacan opõe-se com a figura de alienação.

Sartre ocupava-se com a temática do ego<sup>56</sup> transcendental de Edmund Husserl, a partir da tese que o *eu* é uma instância diferente da *consciência*, compreendendo-a como abertura para as coisas no sentido da intencionalidade de Husserl. Com efeito, a consciência é independente do conteúdo psíquico do *eu*, e Gonçalves (1996) relembra a crítica de Husserl e

---

própria casa, devendo, porém, contentar-se com escassas informações acerca do que acontece na inconscientemente na mente” (FREUD, 1917/2006, p.292).

<sup>56</sup> Optamos por manter a palavra *ego* em virtude do título de Sartre para o trabalho de 1936, “A transcendência do Ego”.

Sartre ao modelo de consciência da psicanálise como dique dos conteúdos do sistema perceptivo ou dos advindos da elaboração inconsciente.

Sartre afirma sobre a consciência uma relação de equivalência com o *cogito pré-reflexivo*, claramente retomando a tese de Descartes. Há uma consciência pré-reflexiva, não tética, mas que se manteria presente a si mesma, como consciência de si. O *cogito ergo sum* de Descartes, segundo Sartre, é uma reflexão, uma consciência que possui um objeto, a saber, a consciência espontânea. (GONÇALVES, 1996, pp. 25-26). O *cogito* seria a consciência reflexiva que se abre para uma consciência de primeiro grau ou pré-reflexiva que espontaneamente pensa voltada para os inúmeros perfis do fenômeno. Isto é, distinguem-se graus de consciência, mas nunca com a possibilidade de que alguma parte da mente seja ao mesmo tempo ativa intencionalmente e inconsciente, como propôs Freud.

Maciel (1986, p. 35) sintetiza a operação: “a consciência e o mundo são dados num só golpe”. Sartre constitui um duplo movimento, no qual a consciência se define ao entrar em contato com a coisa, bem como define a coisa. Desta forma, a consciência não é um espelho destinado a refletir o mundo, mas um *partir em direção* às coisas e a ela se entrega como fenômenos.

Segundo Gonçalves (1996), as conseqüências da postulação do *cogito pré-reflexivo* (anterior àquela que se põe como consciência de que *eu penso*) de Sartre revelam o trabalho de Sartre sobre a noção de *noese* de Husserl, que ressalta o aspecto subjetivo da experiência vivida, constituído por todos os atos de compreensão que visam ao objeto e a possibilidade da consciência de consciência. Em corolário, Sartre possibilita compreender a dimensão do ser transfenomenal da consciência, fundante em relação ao conhecimento, bem como entender o modo pelo qual a consciência é sempre posicional de um objeto transcendente, sem ser posicional de si e sem ter conteúdo, ou seja, rebate a tese de Freud sobre a representação enquanto conteúdo da atividade psíquica inconsciente e consciente. Por fim, Sartre afirma que a consciência nunca pode ser compreendida como algo passivo.

Na discussão a partir do *Cogito* cartesiano, Sartre sustenta uma divisão na consciência, caracterizada por graus. O pensar é consciente, mas a consciência “*eu penso*” configurada como “*refletora*” (*reflechisante*), realiza uma operação sobre aquela que constitui o fluxo de pensamento, que em relação a si mesma é “*irrefletida*” (*irrefléchie*). Contudo, a prioridade ontológica é da consciência irrefletida. Gonçalves (1996, pp. 25-28) aproxima a elaboração de Sartre com a construção de Jean Piaget de *saber é saber que se sabe*.

Entre os anos de 1936 e 1949, os principais trabalhos publicados de Sartre são: “A transcendência do ego” (1936); “A imaginação” (1936); “Esboço de uma teoria das emoções”

(1939); “O imaginário” (1940); “O ser e o nada” (1943); “O existencialismo é um humanismo” (1946); e “Baudelaire” (1947); além de peças teatrais, como “Entre quatro paredes” de 1944 e de literatura mundialmente reconhecida como “A náusea” (1938) e “A idade da razão” (1946).

J.P. Sartre mantinha o espírito crítico aos ideais burgueses desde os anos 30, quando em formação no curso de filosofia pela Escola Normal Superior, protestando contra o idealismo filosófico e se propondo a pensar a liberdade humana na inserção histórica. O horizonte de Sartre vislumbra-se com a promessa de um modelo a partir da *consciência*, sob a rubrica existencialista, na qual a existência precede a essência, que culmina no modelo intitulado de *Psicanálise Existencial*, entre os anos 1945-56, cujo desdobramento implica no *ser* como *liberdade*, mas nunca sem o engajamento do *ser em situação*.

Sartre leu James Janet e Dembo, este discípulo de Wolfgang Kohler, um dos maiores representantes da teoria da *Gestalt*, assim como Lacan, além de outros principais autores alemães enquanto estagiava no Instituto Francês de Berlim e estudava a fenomenologia de Husserl entre os anos de 1933 e 1934 (GILES, 1975). Contudo, tal síntese descrita acima, delimita a oposição de Sartre em relação aos teóricos da *Gestalt* no sentido de que uma *imagem*, como todas as sínteses psíquicas, é alguma coisa diferente de, e mais do que, a soma de seus elementos do objeto. Há envolvido no ato de consciência (imagem) e objeto uma série de intenções ligadas às formas mas também considerando o nada que há entre os elementos.

Esta consideração nos parece muito útil na compreensão do ato de inteligência envolvido na teoria do estágio do espelho de 1949, ainda que aquela posição teórica de Sartre não esteja explicitamente escrita no texto, embora há de se considerar que Lacan o tenha lido e influenciado na formulação de sua teoria.

Nossa hipótese de influência de Sartre em Lacan sustenta-se no ponto do ato de antecipação do sujeito diante do reconhecimento de si em uma imagem, no sentido de antes de ser uma imagem estática e idêntica ao objeto exposto ao campo visual, também é composta por um “ato de inteligência”<sup>57</sup> (LACAN, 1949/1998, p. 96) defronte àquilo que se movimenta, que é diferente no instante da imagem e portanto móbil, porém é passível de ser antecipada ou apreendida pelo sujeito pela repetição de experiências com a imagem. Simanke (2002) afirma a convergência entre Sartre e Lacan também pela epistemologia de suas

<sup>57</sup> A presente menção no texto está referida aos estudos da psicologia comparada de Wolfgang Köhler (1887-1967), neste trabalho explicitado nos itens 5.1 *O ESTÁDIO DO ESPELHO: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ORIGENS DO EU* e 5.2 *O ESTÁDIO DO ESPELHO, O CORPO E A FUNÇÃO DA IMAGEM*, do presente capítulo. Porém, a aproximação realizada entre ato de inteligência e ato de consciência é necessária enquanto tese a ser articulada com mais profundidade, caso assim seja de interesse do leitor.

concepções sobre o objeto psíquico, e a “recusa de um eu substancializado que habitaria o mundo interior constituído pela consciência” (SIMANKE, 2002, p. 298), apesar dos destinos diferentes de cada autor para a questão.

Sartre dimensiona a noção de fissura e buraco como centro do nada, aos moldes de não conseguir apreender um coisa ou objeto em si, pois ao se pensar tê-lo apreendido, ele se escapa e escorre pelo buraco constitutivo do nada da consciência e então o que se produz é o ato em direção ao objeto da consciência diante dele. Isto é muito curioso, pois marca a falta como constitutiva ao que Sartre define como consciência. Lacan trabalha a simbolização da falta ou a recusa dela quando relê a teoria do Complexo de Édipo no eixo da constituição do sujeito, nos anos de 1957-1958, publicado em “As formações do inconsciente”. Não afirmamos que se trate do mesmo movimento epistemológico de Lacan e Sartre, mas reiteramos a similitude da noção de falta nestes dois autores.

Ainda que no texto de 1949, Lacan afirma diversas críticas a Sartre e em diversos momentos nos vimos diante da ambigüidade com que a teoria de Sartre pode ser utilizada por Lacan, um horizonte possível de escansão para a ambigüidade é a experiência clínica e o próprio método psicanalítico inaugurado por Freud. “Brincadeira espirituosa que, por nutrir singularmente de empréstimos retirados da experiência analítica, culmina na pretensão de garantir uma psicanálise existencial” (LACAN, 1949/1998, p. 102). Devemos lembrar que há pretensão em Sartre de fiar-se numa proposta de psicanálise existencial sob postulados da filosofia, iniciada na fenomenologia e seguida pela existencial.

Ao cabo do projeto histórico de uma sociedade de não mais reconhecer em si outra função que não a utilitária, e na angústia do indivíduo diante da forma concentracionista do vínculo social cujo surgimento parece recompensar esse esforço, o existencialismo julga-se pelas justificativas que dá para os impasses subjetivos que, a rigor, resultam dele:[...] (LACAN, 1949/1998, p. 102).

Esta citação é extraída do final do texto de 1949, e nela podemos encontrar tanto uma crítica à sociedade do pós-guerra na Europa, caracterizada por Lacan como “utilitária”, retomando a experiência com os escritos de Freud de 1920 “Mal estar na civilização” considerando a analogia da primeira grande guerra para Freud com a segunda grande guerra para Lacan. Contudo, o cerne do parágrafo está na questão do “vínculo social” e a “angústia do indivíduo” que Lacan inverte a relação de premissa e resultado proposta pela psicanálise

existencial da interação do indivíduo, da sociedade e de inserção histórica. Em seguida, Lacan enumera dois pressupostos que confirmam a inversão causal da psicanálise existencial para o sujeito humano.

Há dois pressupostos do existencialismo elencados por Lacan no texto de 1949, para os quais casa-se uma crítica em tom de inversão da premissa de Sartre: o da *liberdade* e do *engajamento*. Por exemplo, se Sartre afirma a liberdade como condição da consciência, Lacan ironiza tal liberdade como e somente se for aquela de dentro dos muros de uma prisão. É interessante lembrar que Lacan nesta construção semântica faz menção a outras duas obras de Sartre, neste exemplo, “O muro” de 1939 e “Entre quatro paredes” de 1944. “Uma liberdade que nunca se afirma tão autêntica quanto dentro dos muros de uma prisão” (LACAN, 1949/1998, p. 102).

O termo liberdade em Sartre pode ser um vespeiro a ser tocado com mãos sem luvas, mas como o espírito de Lacan é livre o suficiente para não temer certas afirmações, ainda que não explicita com detalhes quais os pontos deficitários das afirmações sobre a liberdade em Sartre, podemos seguir que se trata da crítica ao primeiro princípio existencialista. “O homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência; o homem não é mais que o que ele faz” (GILES, 1975, p. 301).

A síntese de Giles (1985) segue a linha de Sartre que antes de ser alguma coisa, o homem é nada. O homem é lançar-se para um futuro, ou seja, um projeto que se vive subjetivamente e desta forma livre enquanto escolha para ser o que projetar ser. A liberdade enquanto qualidade intrínseca ao homem por não ser a priori uma essência, mas fundar-se enquanto existe. “Uma exigência de engajamento em que se exprime a impotência da consciência pura de superar qualquer situação” (LACAN, 1949/1998, p. 102).

Nesta citação, Lacan estilhaça a proposta de responsabilidade e laço social concebidas por Sartre fundamentada na noção de engajamento e de consciência pura, mas principalmente os dois sentidos da noção de *subjetivismo* em Sartre: a escolha individual do homem enquanto escolha do homem universal e a escolha individual enquanto escolha do *ser em situação*. Em outras palavras, Lacan retoma a tese de Sartre que quando o homem escolhe a si ele também o faz como imagem ideal para todos os homens na época em existem.

Assim, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, porque ela envolve toda a humanidade. Se sou operário e se prefiro aderir a um sindicato cristão a ser comunista, se por esta adesão quero indicar que a resignação é no fundo a solução que

convém ao homem, que o reino do homem não é na terra, não abranjo somente o meu caso: pretendo ser o representante de todos e por conseguinte, a minha decisão ligou a si a humanidade inteira. [...] Assim sou responsável por mim e por todos, e crio uma certa imagem do homem por mim escolhida; escolhendo-me, escolho o homem (GILES, 1975, pp. 302-3).

Como apresentado por Giles (1975), Sartre define o homem enquanto consciência que se projeta em existência e se faz, e em tal medida, projeta o homem no universal. Em contraponto, Sartre lança mão do termo má-fé para equalizar quando se foge deste tipo de angústia inquietante de subjetivismo diante de cada escolha individual.

A liberdade não é uma nova essência ou uma nova qualidade da consciência: ela é totalmente projeto de um mundo. Sartre não desengaja uma espécie de liberdade essencial à consciência ou ao homem, uma liberdade paradisíaca que, em seguida, procuraria engajar-se no mundo e na ação. Pois, não há liberdade a não ser engajada, em determinada situação. É esta precisamente a facticidade, isto é, a irremediável contingência de nosso ser-aí, de nossa existência sem meta e sem razão (GILES, 1975, pp. 312-13).

É nesta premissa que o engajamento enunciado por Lacan se mostra insuficiente enquanto aporte teórico de solução para as situações mundanas, em virtude da experiência da segunda grande guerra entre os anos de 1939-1945.

Giles (1975) sustenta a tese de que Sartre condiciona a liberdade como inerente ao homem a fim de refletir o desespero do pós-guerra. “Reflete a solidão, a liberdade e a responsabilidade do homem, tomados no seu mais escrito rigor, e sistematizados com o desejo de encerrar o homem no quadro do homem e submetê-lo à liberdade e responsabilidade autônomas”. (p. 320)

Ainda assim, Lacan continua suas apalpadas sem luvas no vespeiro do mundo sartriano e conclui sua crítica a filosofia oriunda do Cogito desenvolvida por Sartre como uma proposta que se configura como “uma idealização voyerista-sádica da relação sexual, uma personalidade que só se realiza no suicídio, uma consciência do outro que só se faz pelo assassinato hegeliano” (LACAN, 1949/1998, p. 102).

Em “A agressividade em psicanálise” de 1948, Lacan na tese IV, podemos exemplificar o quanto Lacan estava atento às produções de Sartre:

A agressividade é a tendência correlativa a um modo de identificação a que chamamos narcísico, e que determina a estrutura formal do eu do homem e do registro de entidades característico de seu mundo” convoca Sartre para o diálogo nos temas que denotam a manifestação da agressividade como efeito da [...] ambivalência própria das pulsões parciais da escopofilia, do sadomasoquismo e da homossexualidade [...] (LACAN, 1948/1998, p. 122).

Em outros trabalhos, Lacan mantém a fórmula da crítica a Sartre, por exemplo, em “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960/1998) e “Respostas a estudantes de filosofia” (1966/2003), sempre apontando a sutura do sujeito operada pela filosofia quando esta privilegia a consciência do homem.

Para finalizar, ainda que no texto de 1949 não possamos captar nenhuma citação direta a Maurice Merleau-Ponty, este autor, que começa a despontar no cenário filosófico Francês no início dos anos de 1940, poderia ser correlacionado tanto ao interesse por temas desenvolvidos no texto do estágio do espelho, como o corpo, o eu e o sujeito, quanto no estilo de pesquisa.

Por exemplo, no resumo de cursos filosofia e linguagem, realizados entre 1949-1952, publicados como “Merleau-Ponty na Sorbonne”, podemos localizar os seguintes tópicos “A consciência e a aquisição da linguagem”, “Os estádios do desenvolvimento infantil” (p. 113), no qual cita o trabalho de Lacan de 1938 “Os complexos familiares na formação do indivíduo”, “Esclarecimentos a respeito da concepção *gestaltista* da percepção da criança” (p. 196) e “Relações da criança com o imaginário” (p. 227), extremamente similares aos interesses de Lacan.

Nas conferências proferidas pelo “Programa Definitivo da Radiodifusão Francesa” em 1948, Merleau-Ponty tece uma série de comentários a respeito da filosofia francesa, citando inclusive o “O ser e o nada” de Sartre e outros trabalhos psicológicos da *Gestalt*, da psicologia experimental de Wolfgang Köhler, a fim de discutir as qualidades da percepção e sua relação com o homem, com o mundo, e principalmente, com as ciências.

No livro intitulado “*Fenomenologia da percepção*” de 1945, talvez um dos mais importantes de sua obra, Merleau-Ponty estuda a relação da fenomenologia e do corpo humano, bem como da percepção e do uso deste tema na filosofia, de Descartes até Sartre.

Não são poucos os caminhos que poderiam ligar e sustentar um estudo entre Merleau-Ponty e Lacan, porém apenas poderíamos supor possíveis interferências entre estes autores, sem encontrar literalmente qualquer sustentação explícita no texto *E.E. (1949/1998)*.

## 6 TEORIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO DE J. LACAN ENTRE 1954 A 1964

Vocês o verão melhor graças ao meu aparelhinho. Vou lhes fazer uma confidência – acrescento a ele um pedacinho todos os dias. Não o trago para vocês inteiramente pronto, tal como Minerva saindo do cérebro de um Júpiter que eu não sou. Nós o seguiremos ao longo do tempo até o dia em que começar a nos parecer fatigante, então o deixaremos. (LACAN, 1954/1986, p. 186).

Neste capítulo, procuramos apresentar as reformulações realizadas por Jacques Lacan na teoria do estádio do espelho após o ano de 1949, especificamente circunscrito entre 1954 e 1964. Este tempo da obra, com o qual nos ocupamos, equivale ao período em que este autor utilizou o esquema óptico enquanto modelo expositivo para a teoria do estádio do espelho, a partir da experiência do *bouquet* invertido, do físico Henri Bouasse (1866-1953). A estratégia consiste em discutir as principais inflexões teóricas realizadas por Lacan para o esquema óptico, a depender de suas menções, e também empregá-lo no que tange aos temas do *eu* e do *sujeito*, do *corpo* e dos *três registros Real, Simbólico e Imaginário (RSI)*.

O esquema óptico utilizado por Lacan é oriundo da experiência do *bouquet* invertido do físico Henri Bouasse, cuja inserção encontra-se no estudo “*Optique et photométrie dites géométriques*” do 23º volume de sua obra, publicado em 1934 e reeditado 1947. É curioso notar que a publicação de tal volume antecede em dois anos o primeiro trabalho de Lacan sobre o estádio do espelho em 1936, e sua reedição dois anos a apresentação em Zurique no ano de 1949.

Lacan apresenta o experimento literal de Bouasse em apenas duas oportunidades, na primeira menção ao esquema óptico, à data de 24 de fevereiro, em exposição publicada sob o título de “A tópica do imaginário” (1954/1986, p. 94) incluída no livro 1, “Os escritos técnicos de Freud” e no texto “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura de personalidade” (1960/1998, p. 680).

Este experimento consiste num aparelho esférico que contém um espelho côncavo e uma caixa com abertura em direção a ele, cuja parte interna da caixa há um ramalhete de flores e sobre aquela um objeto em forma de vaso (Ver fig. 1). A superfície esférica é capaz de produzir uma imagem real com a ilusão de que as flores estão perfeitamente encaixadas no vaso, em virtude da propriedade óptica de que todos os raios emanados de um ponto se

direcionam a um mesmo ponto simétrico, no plano espacial circunscrito pelo aparelho. Segundo Bouasse, na óptica e no modelo, a imagem produzida é uma aproximação que permite a ilusão de que as flores estão sobre o vaso. Há duas condições irrevogáveis para isso, a primeira depende das posições dos elementos do experimento, em que a imagem real do vaso que está no interior da caixa circunde a imagem formada do *bouquet* de flores, e a segunda está conjugada pela posição do olho do observador, que deve estar situado à uma distância variável, entretanto no cone de feixes emitido pelo superfície esférica.

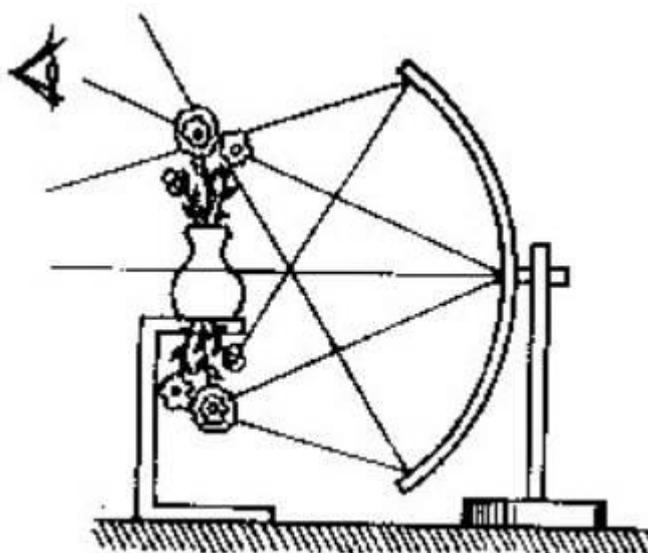


Fig. 1. O experimento do *bouquet* invertido de Henri Bouasse. (LACAN, 1954/1986)

Lacan nos adverte em “*A tópica do imaginário*” (p. 95) que tal modelo não pretende tocar em nada que esteja substancialmente relacionado com o que se maneja na análise, em termos de relações reais, objetivas ou imaginárias, mas ilustra de forma particular o que resulta na economia psíquica entre o mundo imaginário e o mundo real. Em “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura de personalidade” (1960/1998), a argumentação do uso de tal aparelho é definida pelas ligações analógicas que se pode extrair teoricamente do modelo para a teoria psicanalítica, particularmente sobre as estruturas intra-subjetivas e a representação da dupla incidência do imaginário e simbólico na economia subjetiva. Ademais, Lacan complementa, que se a qualidade da imagem no experimento é aproximada, para o olho a qualidade da imagem é de estatuto de realidade. (LACAN, 1954/1986, p. 95).

Porém, a partir das inflexões teóricas realizadas na década de 60, apontam-se limitações expositivas para o esquema óptico, segundo duas dimensões, a do significante e a do não apreensível do objeto, segundo seu estatuto Real, para as quais o campo da topologia torna-se essencialmente interessante enquanto método expositivo e de formalização da teoria. Portanto, o esquema óptico permanece pela razão estrutural de sustentar explicações para estes fenômenos, mas “como qualquer outra descrição dessa espécie, de ordem tópica, como os esquemas feitos pelo próprio Freud, não existe espécie alguma, não apenas de pretensão, mas mesmo de possibilidade de representar seja o que for da ordem do orgânico” (LACAN, 1961/1992, p. 339).

Para tanto, o esquema que é utilizado na teoria do estágio do espelho consiste de alterações realizadas do aparelho de Bouasse (Ver fig. 2). Apontamos que a cada uso que Lacan realiza deste modelo, entendemos inflexões estruturais que refletem em novas posições teóricas diante dos temas envolvidos em sua teoria. Estas podem ser resumidas cronologicamente pela primazia conceitual da imagem e do pequeno outro nos anos 50, reformulada com o atravessamento do significante na teoria do estágio do espelho e da localização do grande Outro no esquema na segunda metade dos anos 50 e por fim, nos anos 60, a introdução do conceito de traço unário e objeto *a*. Porém, a estrutura do aparelho que permanece em todos os esquemas apresentados é a introduzida em “A tópica do imaginário” (1954/1986, p. 147) e a referida por Lacan na grande maioria de suas menções<sup>58</sup> é a do publicado em “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura de personalidade” de 1958, redigido em 1960 e incluído na obra “*Escritos*” de 1966.

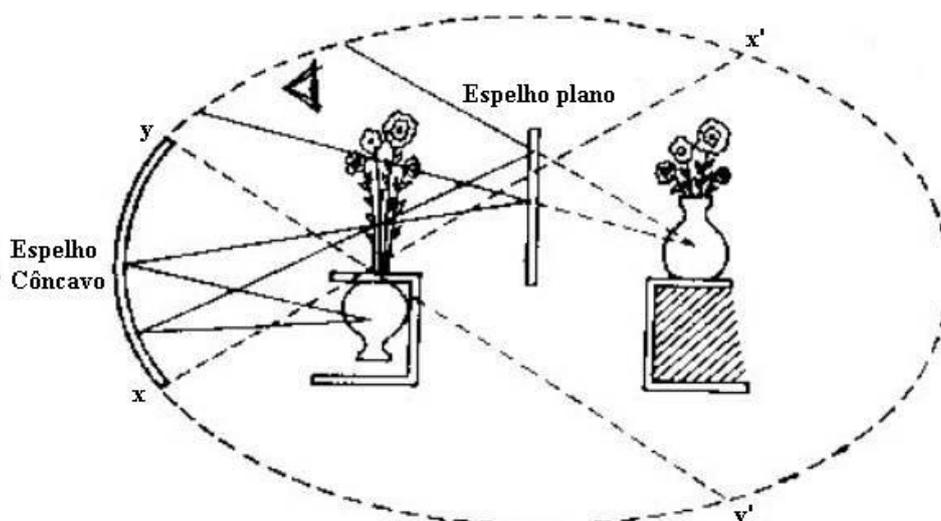


Fig. 2. Esquema de dois espelhos. (LACAN, 1954/1986, p. 147)

<sup>58</sup>

Alguns exemplos: LACAN, 1961/1992, p. 334; 1962/2005, p.48; 1964/2008, p. 143.

No esquema de Lacan, há inclusão de um espelho plano paralelo à superfície refletora do espelho côncavo. Esta inserção é atribuída metaforicamente à função do pequeno outro na experiência de formação do *eu* no início dos anos 50, mas, quando o presente esquema for utilizado para ilustrar a experiência de inscrição subjetiva na linguagem, esta mesma inserção é referida ao grande Outro nas inflexões no final dos anos 50 e anos 60, como sinalizadas adiante. O *olho* no esquema situa a posição do observador, que é alocada atrás da superfície côncava no aparelho, e é reorientada inversamente ao de Bouasse, para o qual pontua a posição do sujeito na constituição das instâncias intra-subjetivas e formativas do *eu* (LACAN, 1954/1986; 1954/1985; 1960/1998; 1962/2005), ainda que nos anos 60, Lacan afirmará ser a posição apenas na orientação do modelo, pois a posição privilegiada do olho encontra-se em lugar tal que impossibilite de ver imagem e objeto simultaneamente.

Em torno da relação entre objeto, imagem formada e jogo de espelhos, discutiremos aquilo que se teorizou sobre o *eu* e o sujeito na teoria do estádio do espelho, apresentado no tópico 6.2 *O EU E O SUJEITO NA TEORIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO ENTRE 1954 E 1964*. A inversão dos objetos em forma de vaso e *bouquet* está diretamente vinculada ao aspecto da corporeidade no esquema óptico, e é a partir da discussão da natureza dos objetos e do estatuto da imagem que podemos nos orientar ao tema do corpo nos três registros RSI.

O funcionamento do modelo compreende os seguintes conceitos envolvidos na teoria do estádio do espelho: 1. Função de desconhecimento que instaura como princípio a formação do *eu*, enquanto efeito da assunção da imagem especular; 2. Dupla incidência do imaginário e simbólico na economia subjetiva na concepção de sujeito dividido e falante; 3. Inserção da dimensão não especular do objeto, pelo conceito de *objeto a*.

Desta forma, o modelo óptico e conseqüentemente a teoria do estádio do espelho permitem considerações teóricas sobre o *eu*, o *sujeito*, o *corpo* e os *três registros* (RSI) propostos por Lacan.

## 6.1 O ESQUEMA ÓPTICO NA TEORIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO DE J. LACAN

A recorrência explícita do uso do esquema óptico acontece por dez anos na obra de Lacan, de 1954 a 1964, assim como aponta Quinet (2004, p. 131). A primeira referência ao esquema óptico, como dito acima, ocorre no ano de 1954, na “A tópica do imaginário” incluída no livro 1, “Os escritos técnicos de Freud”. A última menção a este modelo é

realizada no ano de 1964, em 22 de abril, na aula intitulada “Análise e verdade ou fechamento do inconsciente” do livro 11 “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”. Nesta aula, Lacan recupera o modelo apresentado no trabalho “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura de personalidade” (1960/1998).

Apresentaremos os esquemas ópticos organizados cronologicamente, segundo os desenvolvimentos realizados por Lacan que compreende as principais inflexões teóricas, descrevendo-os e sinalizando as alterações estruturais do modelo ou conceituais à teoria ou aos temas do estádio do espelho. Definimos quatro momentos do uso do esquema óptico:

1. No esquema óptico apresentado em “Os escritos técnicos de Freud” (1953-54) e “O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise” (1954-55), Lacan opera teoricamente a distinção entre os termos eu-ideal e ideal do eu, a partir da inclusão do espelho plano em analogia da formação do *eu* na relação com o pequeno outro.

2. O desenvolvido no texto “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura de personalidade” (1960/1998) permanece à tendência de operar a distinção de eu-ideal e ideal do eu, com a inclusão teórica do significante e os efeitos do grande Outro (A) na operação de fala e constituição subjetiva, nos aspectos da práxis teórica-clínica. A inserção teórica do grande Outro implica na mudança de figuração do espelho plano de pequeno outro para grande Outro.

3. O apresentado em “A transferência” (1960-61) sublinha a operação de identificação do sujeito diante do traço unário “*Ein Einziger Zug*” no que se pode articular ao rastro significante, a partir das operações imagéticas na formação do *eu* pela imagem especular quanto a própria permanência desta imagem, em virtude da introjeção do furo cerceado pelo grande Outro (A). Nesta inserção, assinalamos as primeiras indicações aos limites do esquema óptico, pela consequência da espacialidade suficientemente distinta entre os planos virtual e real envolvidos no aparelho, quanto com as operações teóricas de exterioridade espacial em determinar as instâncias psíquicas no esquema especular, como o resto que sobra, aquilo que não toma forma, a mancha ou borrão que organiza. Não obstante, o interesse pela matemática, em especial nos estudos topológicos, permite Lacan implicar em sua teoria outra noção espacial, que não a euclidiana, e rever a estética kantiana (PORGE, 2006, pp.228-236). Não nos esqueçamos que nos dois anos seguintes, em 1961-62, o tema de estudo foi “A identificação”, momento que Lacan direciona seu olhar para formas espaciais, pela possibilidade topológica, mas também para o objeto pequeno *a* de seu esquema.

4. O esquema apreendido em “A angústia” (1962-63) introduz propriamente o conceito de objeto *a* aos moldes do que a tradição lacaniana o concebe, e desta forma, agrega ao esquema óptico a discussão do registro *Real* na teoria do estágio do espelho.

O primeiro momento do uso do esquema óptico é intitulado de “esquema de dois espelhos” (LACAN, 1954/1986, p. 147). Sobretudo, compreende a temática do *eu* em psicanálise, a introdução do registro do imaginário pela via imagética do corpo e a primeira unidade organizada como *eu-ideal*, em caráter especial de teorização, sobretudo no ano de 1953-54. Em 1954, às aulas “Os dois narcisismos” e “Ideal do eu e eu-ideal”, a teoria sobre o esquema óptico envolve a concepção de narcisismo apresentada por Freud em 1914, especificamente sobre a formação do *eu* e dos termos *Ideal-Ich* e *Ich-Ideal*, eu-ideal e ideal do eu, respectivamente.

O olho do sujeito adquire importância vital para os efeitos descritos, para tanto, a posição deve se situar atrás do espelho côncavo e frontal ao espelho plano e numa distância ótima, no sentido de se ser capaz de visualizar nitidamente a ilusão de realidade na imagem. O estatuto da imagem vista pelo olho nesta posição é de uma imagem virtual no espelho plano, a partir da imagem real produzida no espelho côncavo (Ver figura 2).

O estatuto de imagem e de objeto deve ser sempre considerado em referência à superfície refletora, por exemplo neste caso em que a imagem real é tomada como objeto virtual. Isto é, imagem e objeto só podem ser atribuídos nestas categorias a partir de uma referência terceira, o espelho. As contribuições que Lacan fornece pelo esquema óptico para a subjetividade implicam diretamente tanto a relação imaginária quanto a simbólica.

A relação da imagem real do vaso com o objeto real *bouquet* é de metáfora com a formação do *eu*. Tem-se a ilusão de que vaso e *bouquet* estão perfeitamente encaixados, formando uma unidade no plano da imagem, ainda que os objetos estejam espacialmente em lugares diferentes. A formação do *eu* é compreendida pelo sentimento de si como efeito da identificação com a imagem no espelho: *i(a)*. A metáfora consiste no desencaixe que há entre o sujeito e o corpo, pelo próprio inacabamento específico do homem em sua maturação biológica, e também pela impossibilidade inerente ao próprio aparelho ocular de se ver em totalidade o próprio corpo, considere visualizar as próprias costas ou os próprios órgãos sem ajuda de qualquer superfície refletora ou aparelho tecnológico em medicina, por exemplo, raio-x e ressonância magnética<sup>59</sup>.

<sup>59</sup> Ortega, F. (2006) em “O corpo transparente: visualização médica e cultura popular no século XX” faz um minucioso estudo sobre as tecnologias de visualização imagética bidimensional e tridimensional do corpo humano, disponíveis na cultura médica, e conseqüentemente na cultura do século XX. A transformação ao longo

O eu-ideal confere ao definido por Freud de narcisismo primário, cuja identificação é na totalidade da imagem, enquanto matriz primária de futuras identificações do sujeito, como a referência estética de unidade. Lacan afirma que este primeiro narcisismo se situa ao nível da imagem real do esquema produzida pelo espelho esférico, “na medida em que ela permite organizar o conjunto da realidade num certo número de quadros pré-formados” (LACAN, 1954/1986, p. 148).

No ideal do eu tem-se o que Freud introduziu por narcisismo secundário, e o padrão fundamental que sustenta tal instância está relacionada com a imagem virtual produzida pelo espelho plano da imagem real. A metáfora criada permite afirmar que o espelho plano faz função ao espelho côncavo em similitude do que o outro faz com o sujeito nas relações entre semelhantes humanos. “O outro tem para o homem valor cativante, pela antecipação que representa a imagem unitária tal como é percebida, seja no espelho, em toda realidade do semelhante” (LACAN, 1954/1986, p. 148).

O segundo momento que organizamos sobre o esquema óptico refere-se especificamente ao único modelo inserido na obra “*Escritos*” (1966/1988) em “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura de personalidade” (1960/1966) no qual Lacan utiliza tal esquema na mesma direção metodológica que nos anos anteriores.

Este texto escrito em 1958 e redigido em sua versão definitiva em 1960 é um comentário resposta ao trabalho realizado por Daniel Lagache (1903-1972) intitulado de “Psicanálise e estrutura de personalidade” apresentado no *Colóquio de Royanmont* em 1958 e publicado em 1961 pela revista *La psychanalyse*.

Daniel Lagache foi um importante médico psiquiatra na França na primeira metade do século XX, cuja rumo para a psicanálise se deu primordialmente na segunda metade do mesmo século. Participou da fundação ao lado de Lacan da *Sociedade Francesa de Psicanálise* (SFP) em 1953 e da *Associação Psicanalítica da França* (APF) em 1963. Os principais trabalhos dele foram “A transferência na cura psicanalítica” de 1952, “A psicanálise” de 1955, “Psicanálise e estrutura de personalidade” de 1958 e a participação no projeto “Dicionário da Psicanálise” de Jean Laplanche e Jean Bertrand Pontalis. Para saciar a curiosidade dos meandros da psicanálise, Lagache fez análise didática com Rudolph Lowenstein, o analista de Lacan.

---

do século XX, neste campo de aparelhos tecnológicos, abrange o espanto causado com o raio-x que possibilita a visão de todo o esqueleto humano pela fotografia de contraste, até a indiferença com os detalhes extraídos pelas técnicas de ultra-sonografia, tomografia computadorizada (TC), tomografia de ressonância magnética (IRM), e tomografia por emissão de pósitrons (PET) que capturaram imagens mais sofisticadas do corpo, do cérebro, da textura muscular e sistema vascular.

Ao que é possível verificar, este autor não era um mero psicanalista na França e Lacan permanecia próximo o suficiente de seus trabalhos. Ainda que não nos ocuparemos vertiginosamente em sua produção, o presente texto referido por Lacan em 1960 concentra uma discussão sobre a noção de estrutura em psicanálise, e as principais conjecturas das instâncias psíquicas de Freud no aparelho psíquico, em especial as qualidades e as características do *lssO*.

Trata-se de um trabalho minucioso que Lacan realiza em 1960, a fim de sustentar suas críticas, calçadas no desacordo do método proposto por Lagache e na noção clínica implicada na noção de estrutura, ainda que o primeiro faça aproximações teóricas com as afirmações do segundo.

O cerne da argumentação de Lacan evoca uma representação topológica do sujeito em sua relação com a dupla incidência do imaginário e simbólico, ou seja, do *sujeito* em sua divisão na relação com o *eu*.

Assim não nos parece evidente que a fragmentação das funções de relação, que articulamos como primordial no estágio do espelho, seja o garante de que a síntese irá aumentando na evolução das tendências (LACAN, 1960/1966, p. 683).

Nesta direção, o esquema óptico funciona como um modelo teórico para situar as estruturas intra-subjetivas *eu-ideal* e *ideal do eu*, por meio de relações analógicas entre aparelho psíquico e modelo teórico, segundo o recurso do significante e da imagem, articulados ao jogo constitutivo do sujeito em relação à experiência formativa do *eu*.

A explanação de Lacan para o esquema óptico neste texto é detalhada e abarca a maioria das considerações expostas para o esquema óptico de 1954-55. O autor retoma as duas considerações básicas para que o esquema tenha a eficácia metaforizada por ele, a saber, a posição dos elementos no aparelho esférico que permita a ilusão ao olho, e a distância do observador que permita discernir a imagem real da imagem virtual (ver fig. 3).

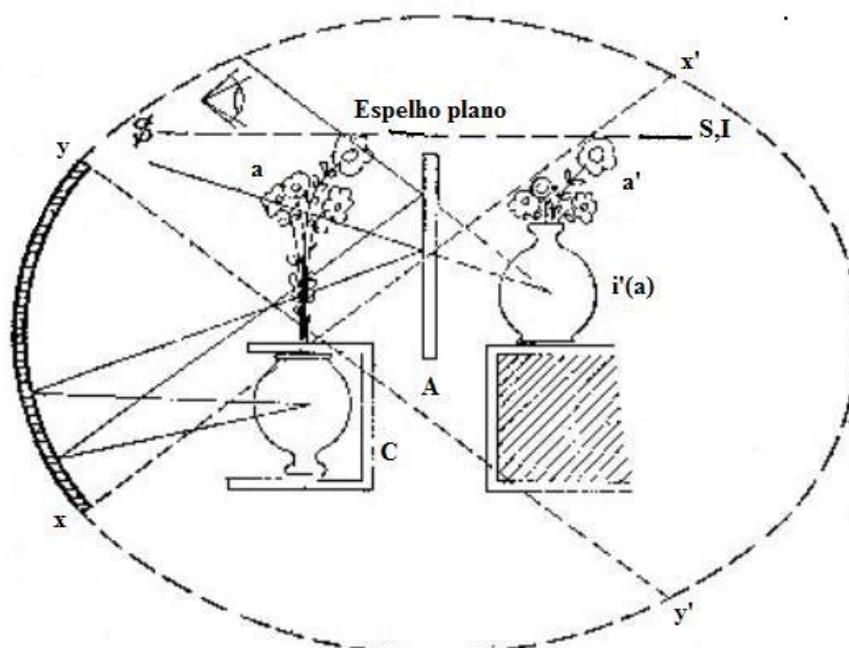


Fig. 3. Esquema óptico 2 de “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache” (LACAN, 1960/1998, p. 681)

Primordialmente, este modelo retrata o que advém da inserção do conceito de grande Outro na teoria do estádio do espelho. A introdução do grande Outro na cadeia teórica de Lacan ocorre na aula de 25 de maio de 1955, “Introdução do Grande outro” no livro “O eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica” (1954/1955), entretanto, acreditamos que a implicação deste conceito ao esquema óptico ocorre apenas na observação a Lagache. O efeito desta inclusão denota a particularidade da fala atravessando a ilustração do esquema óptico, pelo giro produzido à cargo da noção de significante e do grande Outro (*A*). A função da fala é colocada por Lacan como a mola superior da subjetivação, e a mola da fala é atribuída ao grande Outro (*A*). O lugar que correspondente ao grande Outro (*A*) é o espaço real por trás do espelho, onde se superpõem as imagens virtuais, cujo acesso do sujeito ao grande Outro é de deslocamento livre, como num modelo de espelho sem aço, e portanto transparente, onde seu olhar possa se ajustar na posição de qualquer ideal do eu. É importante lembrar que no primeiro desenvolvimento realizado em 1936 sobre a teoria do estádio do espelho “*The Looking-Glass Phase*” implica numa superfície refletora similar ao vidro, e então, transparente.

O enfoque dado na subordinação imaginária entre as imagens  $i'(a)$  – imagem real – e  $i(a)$  – imagem virtual – revela o jogo em que a forma do outro implica na subjetivação da instância psíquica que o sujeito se vê como *eu*. Esta subordinação concentra a pregnância

introduzida pelo princípio de ilusão, falso domínio e de alienação intrínseca. A discordância das imagens  $i(a)$  e  $i'(a)$  implica o sujeito num transitivismo constante, cuja equação produz duas referências distintas, eu-ideal e ideal do eu, segundo o registro a que elas foram marcadas, a primeira referente à pregnância imaginária e a segunda atravessada pelo simbólico. O lugar conferido ao ideal do eu encontra-se num plano virtual, na realidade projetiva do campo instalado pelo grande Outro ( $A$ ), que segundo o esquema, encontra-se por de trás do espelho plano, sob a contingência do grande Outro, nas siglas  $S_1$ .

Outra inflexão do esquema consiste no detalhamento do objeto pequeno  $a$ , que é grafado pelo *bouquet* entre os espelhos côncavo e plano. O objeto pequeno  $a$  é impossível de ser visto a não ser pelas imagens produzidas. Isto resvala em considerações muito importantes pós 1960, principalmente no conceito de objeto  $a$ , pois neste texto encontramos as substantivações para tal objeto como objeto do desejo, objeto parcial e elemento da estrutura subjetiva e corporal do indivíduo humano (LACAN, 1960/1998, p. 689).

Por fim, a última reformulação teórica introduzida neste esquema está diretamente vinculada aos efeitos da teoria na experiência analítica da posição do sujeito e sua relação com as insígnias do ideal do eu. É uma proposta para a clínica, cuja idéia é transmitir a correlação da posição do analista com o grande Outro do analisante, e desta forma, o sujeito fazer dele o lugar de sua fala. A função do modelo é dar uma imagem hipotética dos efeitos analíticos quando a relação imaginária com o outro e a captura do eu-ideal arrastam o sujeito para o campo do ideal do eu. Este efeito é descrito pela rotação do espelho plano em 90 graus (ver fig. 4).

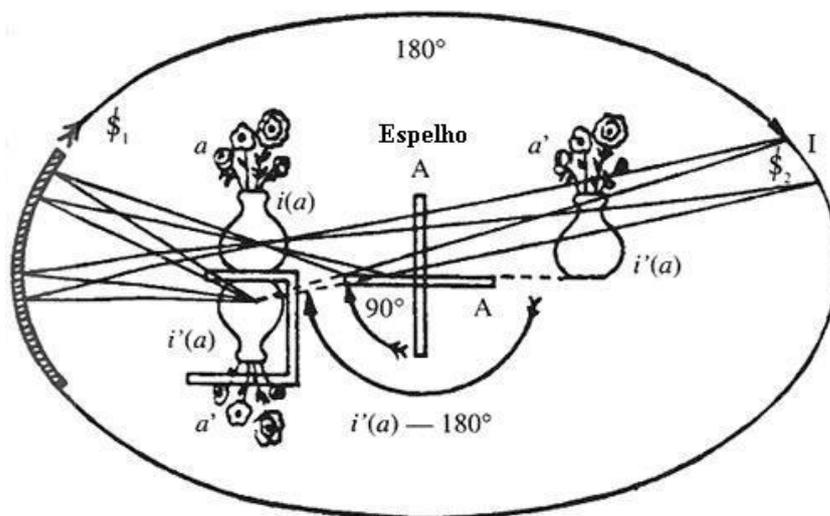


Fig. 4. Esquema óptico 3 de “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache” (LACAN, 1960/1998, p. 687)

A posição do espelho aproxima na experiência clínica ao efeito de despersonalização, em que as referências do sujeito se apagam, pois acaso o olho atinja a posição / na disposição deste esquema, a imagem virtual  $i(a)$  não estará disponível no campo de visão. A ilusão está fadada a enfraquecer, em virtude da contiguidade espacial da imagem produzida pelo jogo especular côncavo-plano. O que ocorre ao sujeito nesta posição é de mesmo efeito de uma imagem produzida à margem de um rio com uma árvore (LACAN, 1960/1998, p. 687). Neste ponto, Lacan aproxima à noção de perspectiva da arte introduzida pelos Renascentistas sob o termo de anamorfose, que no livro “Os quatro conceitos fundamentais” de 1964 é verticalmente elaborado à experiência do olhar como *objeto a*, na aula de 26 de fevereiro de 1964, “A anamorfose”.

Dor (1997) interpreta a rotação do espelho sob a perspectiva clínica. As intervenções do analista visariam a apagar os assujeitamentos imaginários que foram inassimiláveis ao desenvolvimento simbólico de sua história. Isto é, a imagem narcísica que fora a base de sua constituição também é a armadura que aliena o sujeito em seus ideais, e desta forma, torna-se necessário o esvaziamento destes lugares narcísicos. “Ao final da inclinação, a imagem das flores desapareceu, deixando um vazio no lugar do desenho do vaso” (DOR, 1997, p. 45).

O terceiro momento que nos ocuparemos, sobre o uso do esquema óptico na teoria do estágio do espelho, concentra-se nas últimas exposições ocorridas no primeiro semestre de 1961, às quais concernem às quatro últimas aulas compiladas no livro “A transferência” de 1960-61. As principais colocações de Lacan foram realizadas em 07 de junho de 1961, “A identificação por '*Ein Einziger Zug*'”, e em 21 de junho de 1961, “Sonho de uma sombra, o homem”.

A questão proeminente está vinculada ao fenômeno da transferência, com a aposta em formular a posição do analista para responder a tal fenômeno clínico, desde que a distinção teórica entre eu-ideal e ideal do eu esteja suficientemente esclarecida. Lacan se apóia em três autores principais para discutir a transferência: Ludwig Jekels (1867-1954) e Edmund Bergler (1899-1962) com a referência explícita ao texto “*Transference and love*” publicado no *International Journal of Psychoanalysis* em 1934, sobre a função do narcisismo na sua relação com todo o investimento libidinal possível; Daniel Lagache e Michael Bailint (1896-1970).

O esquema óptico apresentado em “A identificação por '*Ein Einziger Zug*'” (1961/1992, pp. 333-47) é o mesmo do texto de 1960 “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”. Mesmo que não consideremos nenhuma alteração estrutural do aparelho, Lacan agrega à teoria do estágio do espelho considerações importantes, para o tema da identificação,

a partir da noção de traço unário aproximada às insígnias de introjeção do grande Outro no ponto / do esquema, além de marcar a importância do significante na subjetividade.

Para tanto, é a referência à função exercida do grande Outro na cena que Lacan marca como função essencial. “Não é forçar essa função articulá-la dessa maneira, e situar assim, aquilo que se ligará, respectivamente ao eu-ideal e ao ideal do eu na continuação do desenvolvimento do sujeito” (LACAN, 1961/1992, p. 342). O campo organizado sob a cifra / no esquema óptico é qualificado como ponto do traço unário, ou do assentimento do grande Outro no jogo do espelho. Esta mesma cifra era localizada em outros esquemas pelo ideal do eu, logo, podemos supor que a operação do ideal do eu esteja vinculada diretamente à introjeção do grande Outro pelo traço unário, e desta forma atrelada à dimensão simbólica.

O esquema óptico apresentado em “A transferência” permite a distinção entre eu-ideal, pela formação expressa na imagem especular  $i(a)$ , do ideal do eu, a partir da dimensão simbólica decorrente da inserção do grande Outro como espelho plano e da cifra / como representante metafórico do lugar do traço unário. Não é sem razão que estas duas posições no esquema óptico estejam em lugares de oposição.

Pode-se distinguir radicalmente o ideal do eu e o eu ideal. O primeiro é uma introjeção simbólica, ao passo que o segundo é a fonte de projeção primária. A satisfação narcísica que se desenvolve com o eu ideal depende da possibilidade de referência a este termo simbólico primordial que se pode ser mono-formal, mono-semântico, ein einziger zug (LACAN, 1961/1992, p. 344).

A função de  $i(a)$  permanece como a função central do investimento narcísico. Ademais, na repetição de recuperar metodologicamente os mesmos passos apresentados em todas as passagens de sua obra sobre o esquema óptico, a respeito das condições de funcionamento do aparelho, o autor realiza uma importante consideração sobre a qualidade da imagem do objeto vaso: ele a afirma não ser plena, mas preenchida de uma impressão de volume (LACAN, 1961/1992, p. 335). Isto nos parece muito contributivo quando há a tendência de expressar em Lacan a definição de imagem segundo o plano bidimensional e sem a aparência de substância, conforme Nasio e Dolto (2008, p. 35) afirmam seu estatuto de plana.

No que concerne ao imaginário e seus efeitos, todo campo referente ao espelho é constitutivo desse registro, ainda que a experiência descrita seja mais restrito daquilo que é experienciado. Isto, pois, ocorre em decorrência da própria irrepresentabilidade do que

permite o objeto se eternizar numa forma, se fixar para sempre no imaginário. O que não é representável e ainda assim permite a forma e fixidez no imaginário é o quê resulta, o quê sobrevive, do objeto depois do efeito libidinal da *Trieb* de destruição (LACAN, 1961/1992, p. 340).

Lacan estaria se referindo nesta passagem senão a gênese do próprio conceito de objeto *a*? Seria a introdução no esquema óptico daquilo que não pode ser representando, tampouco localizado no esquema?

Segundo Porge (2002), a primeira menção ao objeto pequeno *a* em Lacan ocorre ao longo dos anos 1958-59, enquanto pronunciava os seminários “O desejo e sua interpretação”. Fiquemos atentos que esta introdução ocorre no mesmo ano da apresentação “Observação sobre o relatório a Daniel Lagache” (1958). No entanto, naqueles anos, a orientação de tal objeto era realizada a partir do grafo do desejo e como objeto na fantasia, na perspectiva de objeto não especular, de desejo, no desejo e como causa do desejo.

Em 1957-58, no seminário de referência “As formações do inconsciente”, Lacan distingue duas modalidades no imaginário; do espelho e do fantasma, em que para este há em ação certa função significativa. A constituição do objeto é definida pela extração a partir do outro. Porém, nestes anos Winnicott afirmava o objeto transicional como seu conceito teórico fundamental à inserção da criança na realidade. Obviamente, Lacan entrou em contato com tais contribuições psicanalíticas e poderíamos apontar tal influência na própria gênese do objeto *a*, e de sua introdução no esquema óptico<sup>60</sup>. Outra indicação de Porge está no trabalho de K. Abraham dos anos 50, sobre os sonhos e a falta do objeto na representação onírica (PORGE, 2006, p.198).

A letra *a* até o presente momento de nossa exposição transitou pela referência ao objeto do *eu*, ao outro imaginário, ao objeto especular, e para sinalizar a posição do *eu* no esquema óptico e no esquema L.

Aparentemente, a gênese da discussão do objeto pequeno *a* pode ser encontrada no esquema apresentado em “A transferência” (1961/1992), porém, é apenas a partir do ano de

---

<sup>60</sup> Como apresentamos em nossa introdução, Winnicott escreveu “O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil”, e é explicitamente um trabalho com influência do texto de Lacan de 1949. Como afirma Araújo, há diferenças entre a concepção de Lacan e a de Winnicott, a respeito da concepção do sujeito diante do espelho: “Esses termos, apesar de parecerem bem evidentes não o são tanto assim, uma vez que, para Winnicott, o rosto da mãe pode fazer o papel de espelho em determinado momento, desde que esse momento seja posterior ao reconhecimento do bebê por ela. Dito de outra maneira, anterior à reflexão do *ser* do bebê, deverá acontecer o *ser* do bebê, por meio da capacidade materna de integrá-lo na mente e de lhe devolver a visão de uma pessoa completa que ela *realmente* encontra ali, e não do que ela esperaria encontrar antes da experiência real de encontro com o *ser* do bebê [...]” (ARAÚJO, 1987, p. 11).

1962, em “A angústia” (1962/2005), que consideramos as finais inflexões ao esquema óptico na teoria do estádio do espelho. Sem dúvidas, trata-se de um momento fecundo na obra de Lacan, a ponto de ser possível localizar diversos conceitos de sua obra, e desta forma entrelaçar ao nosso objeto de estudo. Porém, o estudo sobre o campo da angústia permite o ponto de encontro de todo o campo discursivo da psicanálise lacaniana, como nos diz Lacan (1962/2005, p.11), e a partir desta ressalva, conciliamos o objetivo de nos atermos em discutir as implicações da dimensão não especularizável introduzida no esquema óptico, do *falo* (*menos phi*) e do objeto *a*.

No desenvolvimento elaborado na aula de 28 de novembro de 1962, “Do cosmo à *Unheimlichkeit*”, Lacan reapresenta o esquema de “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache” (1960/1998), apenas com o objeto vaso, a caixa e os espelhos côncavo e plano, e introduz modelo simplificado do esquema (ver fig. 5) com o qual ilustra sua contribuição à castração imaginária pelo *menos phi* e do objeto *a* na teoria do estádio do espelho. O plano que orienta o autor nesta exposição é o da articulação entre a imagem especular e o significante, pela angústia.

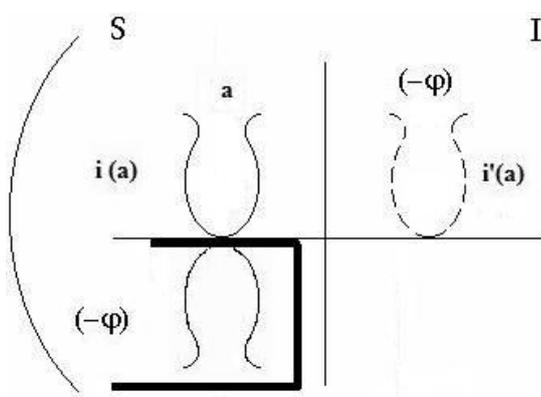


Fig. 5. Esquema simplificado apresentado em “Do cosmo à *Unheimlichkeit*”. (LACAN, 1962/2005, p. 49)

Há uma relação estabelecida entre a imagem real  $i(a)$  produzida pelo espelho côncavo, o *falo* (*menos phi*) e a constituição do pequeno *a*. O grifo  $i(a)$  é chamado de “imagem real, imagem do corpo funcionando na materialidade do sujeito como propriamente imaginário, isto é libidinizado” (LACAN, 1962/2005, p. 49). O *falo* aparece como o que é cortado da imagem especular, e desta maneira que Lacan o sinaliza como *menos phi*. O pequeno *a* é o produto da equação entre o  $i(a)$  e o que escapa da imaginarização narcísica, isto é, “pequeno a

é o resto, o resíduo, o objeto cujo status escapa ao status do objeto derivado da imagem especular, isto é, às leis da estética transcendental” (p. 50).

A partir destas operações demonstradas acima entre  $i(a)$ , *menos phi* e o resto instituído como *objeto a*, Lacan não permite concluir que existam dois tempos de inscrição dos registros imaginário e simbólico na subjetividade humana, a tal ponto que a articulação do *eu* com o pequeno outro e a articulação do sujeito com o grande Outro é um entrejogo inseparável.

O investimento da imagem especular é um tempo fundamental da relação imaginária, ainda que nem todo investimento libidinal esteja direcionado à pela imagem especular. Há um resto, e este é o pivô da dialética entre os registros imaginário e simbólico, cujas funções aparecem privilegiadamente sob a forma do *falo*. Isto é, “tudo que é demarcação imaginária, o falo virá, a partir daí, sob a forma de uma falta” (LACAN, 1962/2005, p. 49).

Ainda que Lacan retome o apresentado em esquemas anteriores à respeito da relação entre  $i(a)$  como imagem real, que permite a partir do espelho plano  $i'(a)$ , esta última é declarada por não aparecer e não compreender o campo do registro imaginário, e a inclusão da necessidade de ser grafada como *menos phi*. Ademais, o falo torna-se instrumento para a mola do desejo na relação com o pequeno outro, pela condição de reserva imaginária imperceptível ligada a um órgão, mas perfeitamente apreensível pela suposição do olhar do outro.

Esta operação teórica de circunscrever  $i'(a)$  de fora do imaginário, auxilia o esclarecimento sobre a intrincada relação entre a fenda constitutiva da imagem do objeto  $i(a)$  e o próprio objeto  $a$ , na qual é possível extrair uma relação de causação do desejo com a angústia, na articulação da falta da falta. Em outras palavras, estamos discutindo a castração inerente ao esquema óptico, ou pelo menos a interpretação da castração.

O que o homem tem diante de si nunca é senão a imagem virtual,  $i'(a)$ , do que representei em meu esquema por  $i(a)$ . O que a ilusão do espelho esférico produz à esquerda em estado real, sob a forma de uma imagem real, é algo de que o homem tem apenas a imagem virtual, à direita, sem nada no gargalo do vaso. O  $a$ , suporte do desejo na fantasia, não é visível naquilo que constitui para o homem a imagem de seu desejo (LACAN, 1962/2005, p. 51).

A angústia surge nesta teorização inerente ao esquema óptico quando:

[...]um mecanismo faz aparecer alguma coisa no lugar que chamarei, para me fazer entender, de natural, ou seja, o lugar (menos *phi*), que corresponde, do lado direito, ao lugar ocupado, do lado esquerdo, pelo o objeto do desejo” (LACAN, 1962/2005, p. 51).

A angústia está ligada a tudo o que pode aparecer no lugar da falta, ou seja aquilo que pode encontra-se no lugar do menos *phi*. Isto é, a angústia se produz pelo preenchimento da interseção do que é narcisicamente organizada pela imagem especular com o vazio subjacente do que não é especularizável do objeto. Esse resto é um objeto que escapa à imagem especular, cujo estatuto é difícil de articular, diz Lacan, trata-se do *objeto a*. Porge (2006, p. 198) nos afirma a posição do objeto *a* na borda do gargalo do vaso.

Assim sendo, encontramos a inclusão do *objeto a* ao modelo do esquema óptico, e portanto, a dimensão do registro Real discutido a intrincada relação da formação da imagem de si pelo Imaginário, e da posição do grande Outro articulado ao Simbólico. Então, ao fim deste percurso de dez anos, podemos sinalizar que o uso do esquema óptico é objetivado como solução para uma sorte de problemas.

Inicialmente, há um predomínio em explicar e situar as distinções que concernem ao registro imaginário da formação do *eu*, especificamente na distinção do eu-ideal e ideal do eu, cuja função do esquema óptico sinaliza o enfoque dado na constituição subjetiva, a partir da relação com o pequeno outro, pela inclusão do espelho plano. Aparentemente, a dimensão imaginária predomina, entretanto, ao situar o ideal do eu na dinâmica, Lacan ressalta o aspecto simbólico desta referência para o sujeito.

O Ich-Ideal, o ideal do eu, é o outro enquanto falante, o outro enquanto tem comigo uma relação simbólica, sublimada, que no nosso manejo dinâmico é, ao mesmo tempo, semelhante e diferente da libido imaginária (LACAN, 1954/1986, p. 166).

No eixo metodológico do esquema óptico, a função simbólica só é suficientemente detalhada quando Lacan agrega o valor de grande Outro ao espelho plano no final dos anos 50, precisamente no “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache” (1960/1998). A inflexão teórica do grande Outro no esquema possivelmente sinaliza uma perspectiva à teoria do estágio do espelho no sentido de inscrição de marcas simbólicas ou insígnias

simultaneamente à identificação e reconhecimento de si numa imagem denominada *eu*. Na verdade, são duas formas diferentes de identificação que estão em jogo. Contudo, o momento precoce destas operações poderia conotar um determinismo profundamente enquadrante para o sujeito humano, caso essas marcas simbólicas não fossem compreendidas pela lógica significante, isto é, a presença de uma ausência. É neste sentido que não há substância ao sujeito, tampouco ao simbólico, ainda que tais marcas sirvam de referência fálica na relação com o outro semelhante.

Ainda assim, Lacan acrescenta detalhes para seu esquema óptico, e conseqüentemente à teoria do estágio do espelho nos anos 60, com o conceito de *traço unário* e *objeto a*. A noção de traço unário permite aprofundar sobre o tema da identificação e inserir claramente a dimensão do objeto que não é especular, mas ainda assim marcado pelo rastro que deixa o significante primordial. É quando o sujeito fala que o traço unário entra em jogo e denota a inscrição do Um, aproximado às insígnias de introjeção do grande Outro atrelada à dimensão simbólica, mas na particularidade do sujeito diante da linguagem.

A operação de reconhecimento de si e sua fissura constitutiva pela inscrição simbólica destaca-se pela relação na falta, cuja inserção do *objeto a* no esquema decorre da conclusão de que nem todo investimento libidinal é especular, e portanto há sempre um resto. Este resto é impossível de ser atribuído de sentido, e permanece enquanto elemento Real da perda irreparável da inscrição subjetiva na linguagem.

Desta maneira, é a partir deste conjunto de material que acreditamos abrir em possibilidades de leitura para a teoria do estágio do espelho, principalmente sobre a compreensão subjetiva inerente à tal teoria, para a qual o autor a utiliza como referência para construir uma teoria sobre a formação do *eu* bem como sustentar uma teoria da constituição do *sujeito*, no que se refere tanto ao corpo quanto às dimensões Real, Simbólica e Imaginária.

As constantes ressalvas atribuídas ao uso do esquema óptico, na particularidade da metáfora e da retórica de analogia, incidem diretamente na articulação da teoria do *eu* e do *sujeito*, a fim de evitar que tal transposição sobre as instâncias subjetivas seja passível de localização real no organismo humano. Lacan sintetiza:

Mas não substantivemos depressa demais, porque não se trata aqui, vocês o verão melhor em seguida, de uma pura e simples elaboração da teoria do homenzinho-que está-no-homem. Se eu estivesse refazendo o homenzinho-que está-no-homem, não vejo por que o criticaria o tempo todo (LACAN, 1954/1986, p. 146).

## 6.2 O EU E O SUJEITO NA TEORIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO ENTRE 1954 E 1964

A partir das inflexões realizadas por Lacan no esquema óptico, sob o recorte da teoria do estádio do espelho, constatamos a distinção recorrente entre as instâncias psíquicas eu-ideal e ideal do eu, bem como a inclusão dos conceitos de traço unário, a partir da inscrição significativa na dimensão simbólica do grande Outro, e de objeto *a*, pelo não-especularizável do registro Real entre os anos de 1954 e 1964. Consideramos que tal teoria sinaliza para a subjetividade humana a possibilidade da inscrição dos três registros RSI, em virtude da operação inerente ao momento de dupla inscrição imaginária e simbólica, respectivamente pela unidade imaginária *i(a)* e da marca particular ao simbólico via traço unário, cujo resto desta partição denota o *objeto a*. Nesta perspectiva, avançaremos na investigação dos efeitos dessas inserções para o *eu* e o *sujeito* na teoria lacaniana do estádio do espelho após 1949<sup>61</sup>.

Em “A tópica do imaginário” (1954/1986), Lacan realiza importantes considerações a respeito do *eu* e do sujeito, principalmente no que se restringe a compreender a distinção entre as duas instâncias eu-ideal e ideal do eu, oriundas da formulação de Freud sobre o narcisismo de 1914. A operação que descreve a formação do *eu* permite um delineamento aprofundado para o tema do narcisismo nos anos de 1953-55, ao qual Lacan emprega a necessidade de distingui-lo em duas modalidades, narcisismo primário e narcisismo secundário, cujos efeitos produzem as referências imaginária e simbólica definidas por eu-ideal e ideal do eu, respectivamente.

O narcisismo primário é vinculado à aquisição da imagem do corpo do sujeito, a partir da relação entre a imagem e o esquema corporal<sup>62</sup>, no sentido de estabelecer uma relação do organismo com a realidade circundante de seus semelhantes, isto é do *Innenwelt* com *Umwelt*<sup>63</sup>. Este primeiro narcisismo é enquadrado na imagem de eu-ideal *i(a)*, pela referência do registro imaginário. Este primeiro momento é aproximado à particularidade subjetiva da

<sup>61</sup> Neste capítulo, a partir das próprias indicações das traduções dos textos envolvidos, constatamos a falta de necessidade de distinguir constantemente *Je* de *Moi*, para a teoria do estádio. Portanto, seguiremos em coleta de informações para compor possíveis indicações e contribuições sobre o tema do eu na teoria do estádio do espelho, em formato de conclusão deste trabalho.

<sup>62</sup> Esquema corporal não é propriamente uma definição lacaniana desenvolvida nos anos de 1953-55, para designar a realidade do organismo compartilhada com a espécie humana. Dolto (2004) insere esta noção para definir a imagem compartilhada do organismo humano entre os homens, da imagem particular do próprio corpo como imagem inconsciente do corpo. Portanto, optamos por este termo por acreditarmos no esclarecimento teórico que ele traz para o escopo psicanalítico.

<sup>63</sup> O termo *Umwelt* é referido no texto de 1949, *E.E. (1949/1998)*, e aprofundado em sua dimensão conceitual nesta dissertação no *O ESTÁDIO DO ESPELHO DE 1949*. Em poucas linhas, *Innenwelt* e *Umwelt* referem-se aos termos de Jakob von Uexküll, que descreve a operação de aquisição de traços por um indivíduo (*Innenwelt*) da linguagem comum de uma espécie (*Umwelt*).

aquisição da imagem referente aos traços filogenéticos da espécie humana (BEHAR, 1994; DOR, 1995, PORGE, 2006), mas que simultaneamente pode inaugurar a matriz das futuras identificações do sujeito, inclusive aquelas sustentadas simbolicamente. Seria esta primeira unidade um dos efeitos de uma operação psíquica exclusiva do sujeito humano, ainda que contemporânea à inscrição subjetiva em sua relação com o cuidado do outro?

Ela (imagem) faz a unidade do sujeito, e nós a vemos se projetar de mil maneiras, até no que se pode chamar a fonte imaginária do simbolismo, que é aquilo através de quê o simbolismo se liga ao sentimento, ao Selbstgefühl (sentimento de si), que o ser humano, o Mensch, tem do próprio corpo (LACAN, 1954/1986, pp. 147-8, parênteses nosso).

A imagem de si ou imagem especular propicia ao sujeito realizar a mediação entre o interno e o externo, bem como arquitetar o interno para que seja vivido como próprio. Esta imagem produz efeitos sobre a organização do investimento de libido em sua própria unidade, ainda que esta totalidade seja passível de ser reconhecida em outras formas. Eis quando há a possibilidade de abertura para o outro semelhante.

O narcisismo secundário é introduzido em decorrência da abertura produzida pelo narcisismo primário, dado que este permite não só a marca de uma forma primária de si, mas a abertura à relação com o outro, quando este também exhibe o mesmo padrão fundamental que os agrupa num conjunto de particulares semelhantes. “O outro tem para o homem valor cativante, pela antecipação que representa a imagem unitária tal como é percebida, seja no espelho, seja em toda realidade do semelhante” (LACAN, 1954/1986, p. 148).

A título de nota, como apresentado em 1948, em “Agressividade em psicanálise”, o tema da agressividade é constitutivo da experiência formativa do *eu*. A operação do narcisismo é obscura para o sujeito, por desconhecer a função do outro em sua própria constituição. O olhar que permite ao sujeito organizar sua unidade como totalidade narcísica pode ser ameaçada pela alteridade que põe em risco as bordas que delimitam seu continente. O narcisismo implica a dialética de oposição em dois territórios separados por uma borda, aquele que compõe o lugar do *eu* e a trincheira que delimita tudo o que lhe é externo e interno de sua unidade, mas ao mesmo tempo a ameaça.

A incidência inaugurada pelo narcisismo secundário comporta investimentos libidinais, a partir de referências que sejam dialetizadas pela experiência com o outro. É neste

sentido que o ideal do eu inscreve-se pelo olho do sujeito ao olhar do outro, e portanto no atravessamento simbólico de um terceiro.

O recurso teórico dos três registros (RSI) é subsídio fundamental para a compreensão destas inscrições psíquicas, considerando a dupla incidência dos registros imaginário e simbólico na constituição da realidade, na construção do objeto e na formação do *eu*, que podem estar intrincadas à teoria do estágio do espelho. Optamos por incluir o verbo *poder* na sentença anterior, a fim de se definir a probabilidade inerente ao recurso teórico do estágio do espelho em compreender a formação do *eu* e a posição do sujeito nas diferentes estruturas clínicas neurose, perversão e psicose, relembrando que, para esta última, há uma operação de forclusão da operação simbólica e, portanto, sem a inscrição deste registro. Obviamente, esta discussão nos levaria a outra tese em psicanálise, e sendo assim, nos limitamos em apontá-la e seguimos com a implicação da teoria do estágio do espelho como objeto principal de discussão para o *eu* e o sujeito.

Como acompanhamos no tópico anterior 6.1 *O ESQUEMA ÓPTICO NA TEORIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO DE J. LACAN*, a formação do *eu* pode ser ilustrada no aparelho e ser correlacionada ao efeito de reflexão nos espelhos a partir da qualidade das imagens produzidas, isto é, nos estatutos da imagem real pelo reflexo no espelho côncavo *i(a)* e da imagem virtual no espelho plano.

O *eu* é definido como uma construção essencialmente imaginária, ao que se pode extrair de uma imagem externa de si. Com efeito, esta imagem fornece o primeiro paradoxo espacial do externo e do interno, ainda que indique a primeira espacialidade segura para o sujeito, no próprio contorno identificado a uma imagem. A ilustração pela teoria do estágio do espelho esclarece a aquisição desta superfície, como imagem vislumbrada da forma total do corpo em um domínio imaginário, em virtude da antecipação psíquica da realidade orgânica, postural e motora do corpo do sujeito. “A visão da forma total do corpo humano dá ao sujeito um domínio imaginário do seu corpo prematura em relação ao domínio real.” (LACAN, 1954/1986, p. 96).

O domínio imaginário do corpo é traduzido pela operação de formação do *eu*, ainda que a imagem com a qual o sujeito se reconheça seja de outro espacialmente distinto de si mesmo, ou seja, aquilo que ele vê e se reconhece como *eu* é outro que não ele mesmo enquanto objeto real. “aventura que se vê, se concebe e se reflete como outro que não ele mesmo” (LACAN, 1954/1986, p. 96). É desta operação no esquema óptico que se pode

afirmar que o *eu* é um outro. Em síntese, Lacan afirma sua formação do mesmo modo que um objeto qualquer. O *eu* torna-se um objeto particular dentro da experiência do sujeito<sup>64</sup>.

Vemos, então, a importância da noção de imagem bem como a de objeto, aos moldes da síntese de Nasio:

Primeiro, a palavra objeto não designa a pessoa exterior do outro, ou aquilo em sua pessoa que me é dado perceber conscientemente, mas a representação psíquica inconsciente desse outro. Na verdade, para sermos mais exatos, sejamos mais restritivos e matizemos nossas colocações. Estritamente falando, o objeto designa outra coisa que não a representação psíquica do outro, entendida como sendo o vestígio de sua presença viva inscrito em meu inconsciente. O termo objeto designa, verdadeiramente uma representação inconsciente prévia à existência de outrem, uma representação que já se acha ali e na qual virá escorar-se a realidade externa da pessoa do outro, mas apenas representações inconscientes, impessoais, por assim dizer, à espera de um outro externo que venha ajustar-se a elas (NASIO, 1997, pp. 102-3).

Porém, o *eu* desconhece o mecanismo produtor de sua própria unidade. Na teoria do estágio do espelho, é deste conjunto que decorre a síntese para o *eu* como função de desconhecimento, e isto pode ser correlacionado tanto pela antecipação de unidade na completude de uma imagem, em vista da realidade do corpo não corresponder à tal imagem, quanto pelo mecanismo produtor da antecipação, que por não se saber externo de si mesmo permanece oculto na própria formação (BEHAR, 1994; VALEJO, 1979).

Isto é, do desacordo entre realidade orgânica e da antecipação de unidade, a experiência formativa do *eu* implica no paradoxo do saber: por um lado atribui a proeminência de sua unidade, enquanto realidade possível do *eu*, mas por outro não inclui a falta intrínseca de sua irrealidade orgânica e da exterioridade de sua unidade. Por esta razão, descreve-se o tempo mítico do *infans* como onipotente, - ver M. Klein e D. W. Winnicott, principalmente -, e emoldurado no assujeitamento ao outro e na alienação de seu próprio continente, - aos olhos de Lacan nesta incursão dos anos 50.

<sup>64</sup> Esta idéia já pode ser vislumbrada na teoria do estágio do espelho de 1949, a partir do texto contemporâneo "A agressividade em psicanálise" (1948/1998, p. 120): "[...] 'Eu sou um homem', o que, em seu pleno valor, só pode querer isto: 'Sou semelhante àquele em que, ao reconhecê-lo como homem, baseio-me para me reconhecer como tal'. Essas diversas fórmulas só são compreensíveis, no final das contas em referência à verdade do 'Eu é um outro'".

Quando Lacan afirma que a aventura do *eu* está fixada no lugar que não é exatamente o si mesmo, inclusive ilustrada pelo esquema óptico a partir da referência das imagens, podemos introduzir a função do pequeno outro na dinâmica relativa à formação do *eu*. Ainda mais, acrescentamos a condição do ser humano estar necessariamente vinculado ao semelhante para se constituir como sujeito, dado que uma das perspectivas da antecipação da realidade do *eu* só pode ser apreendida quando há a mediação do pequeno outro<sup>65</sup>.

A posição do sujeito neste momento de inscrição psíquica é localizada por Lacan na importância da concepção de antecipação, tendo em vista que há desacordo entre a realidade orgânica do corpo e o ato psíquico que cria a ilusão de unidade corporal. Anunciamos a hipótese da relação entre *antecipação* e *sujeito* em nosso capítulo anterior, e que pudemos constatar sua recorrência no início dos anos 50.

O sujeito é posto como a lacuna ou espaço virtual no qual o *eu* encontra seu lugar pela realidade da antecipação. O inconsciente vislumbra o lugar privilegiado para o sujeito, que escapa totalmente a este círculo de certezas no qual o homem se conhece como *eu*. Desta forma, o inconsciente é o discurso do outro (LACAN, 1954/ 1985).

“Na relação do imaginário do real e na constituição do mundo, tal como ela resulta disso, tudo depende da situação do sujeito” (LACAN, 1954/1986, p. 97). A discussão do estatuto do sujeito nesta operação imaginária poderia complicar a noção de constituição e de sujeito<sup>66</sup>, ao ponto de se ter a hipótese da existência do sujeito antes mesmo de qualquer organização subjetiva<sup>67</sup>. É somente pela possibilidade de organização de uma forma que delimita um contorno de si, que o sujeito incide e inscreve-se como sujeito e apreende o corpo como unidade. Tal ênfase na posição do sujeito está de acordo com a premissa de que o

<sup>65</sup> É verdade que, posteriormente, Lacan aproximará este pequeno outro ao grande Outro do *infans* nos primeiros meses de vida. Ver os livros “A relação de objeto” (1956/1957) e “As formações do inconsciente” (1957/1958) de J. Lacan. Convém lembrar que as aulas expostas nestes dois seminários são contemporâneas à apresentação de 1958 “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”, no qual Lacan inclui a noção significante e de grande outro no esquema óptico. Contudo, á título de exemplo sobre a sobreposição atribuída ao pequeno outro e grande Outro para a criança, considerando que a própria fala esteja em formação, pode ser vislumbrada na seguinte citação: “É necessário e suficiente que o [*Eu*] latente no discurso da criança venha aqui [...] constituir-se no nível do Outro que é a mãe – que o [*Eu*] da mãe torne-se o Outro da criança” (LACAN, 1958/1999, p. 208).

<sup>66</sup> Dunker (2002) sustenta a distinção para os termos construção, formação, constituição, a fim de uma teoria que contemple a complexidade que envolve a noção de sujeito na psicanálise, na filosofia e na psicologia desenvolvimentista.

<sup>67</sup> Outro argumento que podemos levantar para o paradoxo que se evidencia na temporalidade da posição do sujeito pode ser encontrado no paralelismo entre a noção de desenvolvimento e de constituição subjetiva. O termo paralelismo é colocado na sentença, a fim de sinalizar que são duas noções teóricas envolvidas no mesmo fenômeno que envolve o indivíduo humano, em torno das aquisições de controle corporal, de fala e de gética. Como isso ocorre? Há teorias que organizam evidências em direção a etapas de desenvolvimento, por exemplo J. Piaget, enquanto outras se ocupam da dialética não sequencial, como a própria psicanálise. (Ver Dunker 2002). Por fim, Lacan afirma: “Estados instintuais já estão, ao serem vividos, organizados como subjetividade” (LACAN, 1953/1998, p. 263).

controle corporal é efeito de uma ação psíquica, e não da simples maturação orgânica. Não há sujeito sem *eu*, ainda que sem *eu* possa-se inferir um sujeito em possibilidade virtual. “O estágio do espelho representa o sujeito anterior ao nascimento do eu, bem como o surgimento dele” (LACAN, 1954/1986, p. 96).

A argumentação até o presente momento concentra os desenvolvimentos entre a formação do *eu* e a posição do sujeito nos primeiros anos de 1950. A teoria do estágio do espelho é caracterizada pela localização temporal de um momento que tem por função exemplar revelar possíveis relações do *sujeito* com a sua imagem, quando ele a reconhece como continente de si, enquanto *Urbild* do *eu*. O termo *Urbild* refere-se a esta idéia de contorno ou domínio primitivo do *eu*, ao qual Freud denominou *Ur-Ich*, *Lust-Ich*. A imagem referida por Lacan nada mais é do que o reflexo da superfície do corpo do sujeito, cujo reconhecimento na imagem permite tanto a formulação de um próprio corpo quanto de um *eu*. Não nos esqueçamos da relação atribuída entre o *eu* e o *corpo* pela projeção de sua superfície, no texto “O eu e o id” (FREUD, 1923/2007, p. 38): “Assim, o eu é sobretudo um eu corporal, mas ele não é somente um ente de superfície: é, também, ele mesmo a projeção de superfície”.

Trata-se de um momento determinado entre os seis e os dezoito meses de vida, da particularidade subjetiva do homem, como vimos anunciada em *E.E. (1949/1998)* e replicada nos anos 50. O esquema óptico permite ilustrações sobre o *eu* em sua propriedade imaginária, tanto para o eu-ideal quanto para o ideal do eu, como pudemos acompanhar no tópico anterior *O ESQUEMA ÓPTICO NA TEORIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO DE J. LACAN*.

Lacan nos diz:

O estágio do espelho, eu tenho frisado, não é simplesmente um momento do desenvolvimento. Tem também uma função exemplar, porque revela certas relações do sujeito à sua imagem, enquanto *Urbild* do eu. Ora, esse estágio do espelho, impossível de denegar, tem uma apresentação óptica (LACAN, 1954/1986, p. 91).

Em síntese, a imagem no centro da superfície esférica, enquanto plano projetivo do espelho côncavo, produz a ilusão de que a imagem do vaso e a imagem do *bouquet* estão posicionadas no mesmo plano espacial, formando uma unidade ilusória *i(a)*, em virtude das diferenças de posições de seus objetos no plano do aparelho esférico. Segundo as propriedades da óptica, trata-se de uma imagem real. Esta primeira projeção, em analogia,

Lacan se refere por eu-ideal, e nesta perspectiva, a posição do olho do sujeito deve situar-se no cone  $x'y'$ , de frente à superfície e ao objeto *bouquet*.

A inclusão do espelho plano no esquema e a transposição do sujeito no vértice  $S$  implicam que a imagem real não seja vista diretamente em sua reflexão. Para o sujeito em tal posição  $S$ , a imagem real só terá alcance visual em seu estatuto virtual, a partir da reflexão do espelho plano. Nesse jogo especular, a imagem real adquire o estatuto de objeto virtual. Esta mediação pelo espelho plano, explica Lacan, metaforiza a operação inerente ao ideal do eu. “O ideal do eu comanda o jogo de relações de que depende toda relação a outrem. E dessa relação a outrem depende o caráter mais ou menos satisfatório da estruturação imaginária.” (LACAN, 1954/1986, p. 165).

Contudo, a proeminência discursiva de Lacan nos primeiros anos da década de 50 privilegia a assunção da imagem especular e os efeitos para o imaginário para a formação do *eu*, enquanto para o sujeito a sustentação está focada na importância do símbolo e da matriz simbólica. Nos anos seguintes o símbolo e o simbólico são trazidos para um plano cada vez mais ascendente na teoria do estágio do espelho, por exemplo, “a simbolização é uma transcendência introduzida pelo símbolo na realidade primitiva” (LACAN, 1954/1986, p. 105) ou “o desenvolvimento só ocorre na medida em que o sujeito se integra ao sistema simbólico” (p. 105). Por estas e outras, fala-se na primazia do simbólico na teoria lacaniana.

Lacan relaciona o símbolo ao *eu* diretamente na formulação em “O universo simbólico” (1954:/1985):

O Eu como função e como símbolo. É aí que funciona a ambigüidade. O eu, função imaginária, só intervém na vida psíquica como símbolo. Utiliza-se o eu como o Bororo utiliza o papagaio. O Bororo diz [*eu*] sou um papagaio, nós dizemos [*eu*] sou um *eu*. Isto tudo não tem a menor importância. O importante é a função que isto tem (LACAN, 1954/1985, p. 56)

A razão desta proeminência pode ser efeito do contexto teórico dos anos 50, por exemplo, quando se tornam influentes na teoria lacaniana as obras de Claude Lévi-Strauss (1908-2009), principalmente “A eficácia simbólica” (1949), “As estruturas elementares do

parentesco” (1949), “A estrutura dos mitos” (1955), “Antropologia estrutural” (1958), e de Ferdinand de Saussure (1857-1913), com “Curso de lingüística geral”<sup>68</sup> (1916),.

No contexto dos anos 50, lembremos que os principais trabalhos de nosso autor de referência são “O mito individual do neurótico” (1953), “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” (1953), “O seminário sobre ‘A carta roubada’” (1955) e “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957). Nestes últimos, com exceção de “O mito indivíduo do neurótico” (1953), encontramos referências explícitas à teoria do estágio do espelho a fim de esclarecer a dobradiça entre *eu* e sujeito. Convém retomar tais exposições para que compreendamos a importância da fala e da linguagem na teoria do estágio do espelho, e conseqüentemente a posição do sujeito nesta abordagem teórica, pois assim acreditamos encontrar o sentido da introdução do conceito de significante e grande Outro no esquema óptico no texto “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”, apresentado em 1958 e publicado em 1960.

Em “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” (1953), o estágio do espelho é apontado como o momento em que há a primeira inscrição simbólica. Essa primeira inscrição pode ser articulada momentaneamente à matriz inaugurada pela imagem especular. As origens subjetivas da função simbólica estão localizadas na descoberta e pronúncia da unidade fonemática, que Freud apontou no par de oposição *Fort-Da*, por volta de um ano e meio (FREUD, 1920/2006, p. 141). Este tempo coincide ao tempo do estágio do espelho descrito por Lacan (LACAN, 1949/1998, p. 97).

Contudo, é na compilação intitulada de “O seminário sobre ‘A carta roubada’” (1955) que Lacan realiza a aproximação do sujeito com a noção de significante, pelo viés do registro simbólico, e o articula com o *eu* pelo viés imaginário e de caráter ilusório. Aliás, esta afirmação é recorrente quando Lacan trata da teoria do estágio do espelho, e inclusive já está presente no ano de 1949. A diferença consiste na sustentação teórica. O conceito de significante é articulado diretamente ao sujeito, tanto quanto na famosa interpretação de que um significante representa o sujeito para outro significante.

A introdução do esquema L (ver fig. 7) permite ilustrar no campo discursivo que sujeito e *eu* estão sempre associados. Ao que se refere à teoria do estágio do espelho, Lacan nos diz que a relação da diagonal *a - a'* concentra a objetivação imaginária exposta no estágio

<sup>68</sup> Segundo Anquil (2004, p. 35), a publicação do “Curso de lingüística geral” em 1916 é a compilação de três anos de curso de Saussure, entre 1906 e 1911. A versão integral de notas do curso só fora publicada pós 1990, o que nos faz supor o contato de Lacan com a obra parcialmente publicada. Existiam manuscritos de todo o curso, porém mantidos na casa da família de Saussure. Em 1996, os manuscritos foram entregues à Biblioteca Pública e Universitária de Genebra.

do espelho, e exerce uma relação de sustentação com a diagonal  $S - A$ , ilustrativa do inconsciente ou do que podemos falar, registro simbólico.

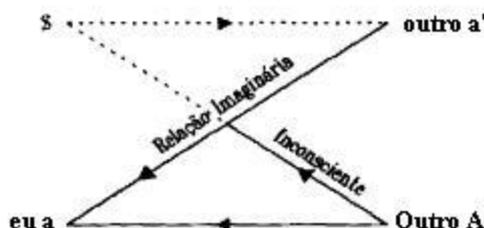


Fig. 7. Esquema L apresentado em “O seminário sobre ‘A carta roubada’” (1958/1998, p. 58)

Contudo, o esquema L pode ser vislumbrado como a objetivação discursiva inaugurada com as primeiras inscrições ocorridas no tempo da teoria do estádio do espelho, isto é, tanto a unidade organizada como eu-ideal que sustentará a matriz da referência imaginária para o *eu* (eixo  $a - a'$ ); objetivação imaginária recíproca que destacamos no estádio do espelho (LACAN, 1955/1998, p. 58) quanto da marca simbólica do ideal do eu enquanto insígnia da introjeção do grande Outro (eixo  $S - A$ ). Lacan nos confirma: “no jovem sujeito, real, imaginário e simbólico são sensíveis aflorantes” (LACAN, 1954/1986, p. 90).

Em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957), Lacan retoma o esquema L e, a partir do eixo inconsciente, define a posição do sujeito, estritamente vinculado ao jogo dos significantes. O sujeito entra no jogo como morto, a partir da figuração imaginária do *eu*. Aquilo que se unifica em torno do continente do *eu* não abarca sua falta intrínseca, ademais, é por onde se subjaz a figuração do sujeito enquanto possibilidade virtual inaugurada pela falta. Desta forma, a relação do estádio do espelho até 1958 inaugura a dupla inscrição, por um lado como momento em que há a assunção da imagem especular, por outro podendo ilustrar o momento de fissura que inaugura a inscrição significativa e a posição subjetiva.

Com efeito, é pela hiância que essa prematuração abre no imaginário, e onde pululam os efeitos do estádio do espelho, que o animal humano é capaz de se imaginar mortal, não que possamos dizer que ele pudesse fazê-lo sem sua simbiose com o simbólico, mas sim que, sem essa hiância que o aliena em sua própria imagem, não

poderia produzir-se essa simbiose com o simbólico, onde ele se constitui como sujeito para a morte (LACAN, 1957/1998, p. 558).

Esta incursão por textos contemporâneos aos de nosso eixo metodológico se sustenta na necessidade de incluir os conceitos que figuram no esquema óptico de 1960 em “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”, a saber, o conceito de significante e de grande Outro, prioritariamente vinculados à posição do sujeito. A imagem célebre apontada em 1949 do *infans*, sob o efeito de júbilo, ao se identificar com uma imagem no espelho é retomada com o acréscimo de um movimento da criança diante do espelho e sob os braços do cuidador. Lembremos, no texto *princeps*, a ausência de coordenação motora e postural é suplantada no *infans* pelo andador (“*trotté-bébé*”, LACAN, 1949/1998, p. 97) e sua posição diante do espelho permanece capturada pela imagem. Comparemos com a citação nos anos 60:

É que o Outro em que o discurso se situa, sempre latente na triangulação que consagra essa distância, não o é a tal ponto que não se exponha até mesmo na relação especular em seu momento mais puro: no gesto pelo qual a criança diante do espelho, voltando-se para aquele que a segura, apela com o olhar para o testemunho que decanta, por confirmá-lo, o reconhecimento da imagem, da assunção jubilatória em que por certo ela já estava (LACAN, 1960/1998, p. 685)

Esta citação amplamente difundida sobre o estádio do espelho, quando a criança movimenta a cabeça em busca do olhar testemunho do outro, denota tanto a importância do outro na constituição subjetiva, quanto a condição simbólica da operação de atribuir à imagem a simbolização de uma cena para além do espelho. Contudo, o que Lacan quer dizer com a expressão “por certo ela já estava” e qual a relação com as operações simbólicas para o sujeito e o *eu*?

Behar (1994, p. 39) nos auxilia a compreender esta pergunta à partir da leitura de Jean Hippolite para o termo “*Verneinung*”<sup>69</sup> do texto de Freud (1925). A autora argumenta que a

<sup>69</sup> Ver apêndice 1: “Comentário falado sobre a ‘*Verneinung*’ de Freud, por Jean Hyppolite” na obra “Escritos” (1998, pp. 893-902)

formação do exterior e do interior para o sujeito estão diretamente implicados aos juízos de atribuição e de existência desenvolvidos por Freud.

É a esta operação de expulsão ou exclusão do eu de introjeção ou inclusão no eu, que é a operação primordial, que Freud relacionará em sua analogia ao juízo de atribuição. A partir da inclusão no eu, deste resto não excluído e inscrito enquanto representação, teríamos então a relação entre a representação e a percepção. A esta operação Freud relacionará em sua analogia ao juízo de existência (BEHAR, 1994, p. 39)

A criação do símbolo da negação (*Verneinung*) é que permite a possibilidade da afirmação (*Behajung*), e portanto, a partição entre o que se constitui da ordem da simbolização e o que subsiste fora dela. Se não existe tal partição, o símbolo não entra no imaginário. Para tanto, a inscrição do símbolo da negação e a afirmação daquilo que subsiste fora da simbolização permite ao sujeito representações simbólicas e, sobretudo a permanência da presença de uma ausência.

Retornando à citação de Lacan, o interessante consiste na possibilidade de permanência da imagem especular para a criança, enquanto ela desloca seu olhar da cena no espelho e movimenta seu rosto para conferir o reconhecimento do outro para aquilo que vislumbrara em tempo anterior. Inferimos a permanência simbólica da imagem, e a possibilidade de reencontrá-la no tempo ulterior quando a criança retornar à posição inicial de frente ao espelho. A expressão “por certo ela já estava” conota para a criança a possibilidade de reencontrar o que por certo estava lá, por detrás do espelho junto dela, mas que ela já o via pela imagem.

Em virtude da diferença conceitual introduzida nesta inflexão, Lacan confere ao ideal do eu o lugar no qual foram deixadas as marcas pelo traço significante e possibilidade de permanência simbólica, para o sujeito. Segundo o esquema óptico, tal lugar se encontra por detrás do espelho plano, num plano virtual sob a contingência do grande Outro, nas siglas *S<sub>1</sub>* (ver fig. Fig. 3. no tópico 6.1 *O ESQUEMA ÓPTICO NA TEORIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO DE J. LACAN*).

Estas marcas são denominadas de insígnias, e exemplificadas na experiência do *infans* quando um grito pode ser ouvido como apelo. Em continuidade com a imagem síntese introduzida em 1949, da azáfama jubilatório da criança, Lacan privilegia a perspectiva do

movimento da cabeça da criança para o outro, a fim de agregar à experiência do estádio do espelho a referência ao grande Outro como reconhecimento da imagem sustentada como *eu*. Toda articulação significante proveniente do pequeno outro pode ser assumida pelo *infans* como a bateria significante que imputa a palavra em seu gesto, a priori sem significação determinada.

Esta lógica é empreendida inclusive na relação com a própria imagem especular do sujeito, que o ultrapassa, de momento, do insight do “*aha!*” para o reconhecimento significante da imagem. Em corolário, Lacan denomina o grande Outro como o tesouro dos significantes. Portanto, o lugar conferido ao ideal do eu encontra-se num plano virtual, na realidade projetiva do campo instalado pelo grande Outro (*A*).

Le Poulichet (1997) afirma que o ideal do eu se organiza da introjeção de um conjunto de traços simbólicos implicado pela linguagem na formulação do campo do grande Outro; pela sociedade enquanto conjunto de semelhantes identificáveis; e pelas leis.

Esses traços são introjetado e fazem a mediação na relação dual imaginária: o sujeito encontra um lugar para si num ponto – o ideal do eu – de onde se vê como passível de ser amado, na medida que satisfaça a certas exigências (Le POULICHET, 1997, p. 61).

Retornando ao desenvolvimento do esquema óptico em 1960, Lacan afirma que o sujeito encontra seu lugar no surgimento da própria matriz da *Verneinung*, como apresentamos acima, sob o aspecto do negativo, instalando-se no vazio, no furo que a linguagem inaugura. “Ele reside na cadeia significante, uma vez que é seu elemento mais radical em sua sequência descontínua e, como tal, o lugar de onde o sujeito garante sua subsistência de cadeia” (LACAN, 1960/1998, p, 672). No que tange ao *eu*, seu lugar está no próprio produto da hiância entre o lugar preparado para o sujeito (em sua essência de virtualidade significante) e o conjunto de referências que delimitam sua unidade a partir da mediação entre ideal do eu e eu-ideal. O *eu* emerge da posição que o sujeito poderia olhar (p. 675).

No que tange à virtualidade do sujeito no esquema óptico, encontramos a discussão de maneira mais aprofundada na aula de 21 de junho de 1961, “Sonho de uma sombra, o homem”. O sujeito que está posto no esquema só pode ascender pela apreensão da imagem real que se produz em *i(a)*, e é somente por intermédio do espelho do grande Outro (*A*) que

vem se colocar naquele lugar. Para que tal operação seja possível, a condição da posição do olho é fundamental, pois a imagem real –  $i'(a)$  – só é vista na medida em que esteja num lugar que não se confunda com o lugar daquilo que é refletido. Com efeito, “nenhuma condição o vincula a estar no lugar de  $i(a)$  para ver-se em  $i'(a)$ ” (LACAN, 1961/1992, p. 361). Entretanto, isto deve ser considerado relativo à orientação da figura publicada no texto “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache” (1960/1998).

Para o sujeito, a consideração no esquema óptico concentra a necessidade de reflexão dos objetos a tal ponto que haja a distinção de linhas que não permitam, em condição estrutural, certos volumes ocuparem lugares espaciais idênticos. Isto é, especificamente, a projeção de  $l$  deva se situar em lugar outro que  $i'(a)$ . “É na medida em que essa distinção não somente é possível, mas comum, que o sujeito pode apreender o que existe de basicamente ilusório na sua identificação narcísica.” (LACAN, 1961/1992, p. 361).

A possibilidade inserida em “A identificação por *Ein Einziger Zug*” (1961/1992, pp. 333-47) concentra uma articulação de que a subjetividade está sempre em jogo naquilo que é descrito pelo aparelho, pois o que permite a organização da forma do objeto e mesmo a introjeção e fixidez dessa forma parece sempre ser uma operação do sujeito nos planos simbólicos e imaginários com objetos reais, estes que são condições necessárias, mas não suficientes.

Ademais, na repetição de recuperar metodologicamente os mesmos passos apresentados sobre o esquema óptico nesta aula de 1961, Lacan realiza uma importante consideração sobre a qualidade da imagem do objeto *vaso*: ele a afirma não ser plena, mas preenchida de uma impressão de volume (LACAN, 1961/1992, p. 335). Isto nos parece muito contributivo quando há a tendência de expressar em Lacan a definição de imagem segundo o plano bidimensional e sem a aparência de substância, conforme Nasio e Dolto (2008, p. 35) afirmam seu estatuto de plana. Qual seria a implicação para o *eu* com a impressão de volume para a imagem nesta passagem de Lacan? Ou este comentário seria apenas um adendo sem grande importância para a formação do *eu* e da constituição do sujeito? Por fim, qual o impacto que vislumbraríamos para a concepção de corpo em psicanálise, no seu estatuto de imagem?

A qualidade da imagem atrelada ao imortal da vida é atrelada à própria pregnância da noção de permanência do *eu* para o sujeito, caso contrário, qualquer referência segura estaria suplantada na virtualidade do traço que o capta na imagem e na palavra. Ainda assim, essa imagem concentra a dualidade para o sujeito, fornece o quadro para o reconhecimento de si e ao mesmo tempo se sustenta na fissura que a modula em totalidade.

Existe na imagem algo que transcende o movimento, o mutável da vida, no sentido em que a imagem sobrevive ao vivo. Este é um dos primeiros passos da arte, para nós antiga – na estatuária é eternizado o morto. Essa é igualmente, na nossa elaboração do espelho, a função preenchida de uma maneira pela imagem do sujeito. Quando essa imagem chega a ser percebida por ele, alguma coisa lhe é subitamente proposta ali onde lhe não se limita a receber a visão de uma imagem em que se reconhece, essa imagem já se apresenta como uma *Urbild* ideal, algo de ao mesmo tempo na frente e atrás, algo de sempre, algo que subsiste por si, algo diante do qual ele ressalta suas próprias fissuras, por ser prematuro, e experimenta a si mesmo como ainda insuficientemente coordenado para responder a ela em sua totalidade (LACAN, 1961/1992, p. 340).

A distinção entre os temas eu-ideal e ideal do eu é constante nas elaborações sobre o *eu* e sujeito, ainda que sejam agregadas noções conceituais à cada uso do esquema óptico. Por exemplo, no relatório sobre Lagache, há a inclusão da noção de grande Outro e do conceito de significante para marcar a posição do sujeito diante da unidade do *eu*. Ao que se refere ao momento do estádio do espelho, a problemática se concentra na unidade que permite a inscrição simbólica sem que a palavra esteja em pleno funcionamento pelo *infans*. Qual seria a marca significativa inscrita pelo sujeito? Para esta questão, podemos acompanhar Lacan na modulação a respeito do ideal do eu e a resposta do outro que faz de um grito a significação de um apelo. Ou seja, a atribuição da palavra para aquilo que está num outro registro neste momento. “Assim ficam circunscritas na realidade, pelo traço do significante, as marcas onde se insere a onipotência da resposta” (LACAN, 1960/1998, p. 686).

Mas que traço seria esse? A noção de traço já é anunciada no texto de 1960, mas somente é aprofundada e inserida no contexto da teoria do estádio do espelho em 1961, na aula “A identificação por *'ein einziger zug'*”.

Nasio (1997) nos auxilia na compreensão desta inclusão a partir do conceito de identificação. Esse autor descreve três modalidades de identificação no ensino de Lacan: identificação imaginária, identificação simbólica e identificação fantasística do sujeito, que podem ser referidas resumidamente a partir da relação entre a instância psíquica e o registro com o qual se opera uma transformação no sujeito: a primeira refere-se à identificação do *eu* com a imagem, a segunda do sujeito com o significante e a terceira do sujeito com o objeto enquanto emoção. Nota-se para a definição de identificação imaginária, particularmente,

próxima dos desenvolvimentos realizados no início dos anos 50. Focaremos-nos na identificação simbólica, pois é exatamente esta que encontramos prioritariamente nos esquemas ópticos dos anos 60 e 61. Vejamos a definição dada por Nasio:

A identificação simbólica consiste precisamente no nascimento do sujeito do inconsciente, compreendido como a produção de um traço singular que se distingue ao retomarmos um a um cada significante de uma história (NASIO, 1997, p. 114).

Existem três idéias muito importantes nesta citação, a saber, (1) nascimento do sujeito correlacionado com a produção de um traço, (2) a singularidade do traço e a (3) possibilidade inaugural do Um encadeado na história significativa.

Pudemos estabelecer a relação da posição do sujeito com a cadeia simbólica, mas ainda nos restava o elemento que permitisse localizar tal inscrição em um tempo primitivo. Nos parece que este elemento é o traço unário. Lacan aproxima a instância ideal do eu pelo jogo do sujeito com o grande Outro, quando um grito é nomeado como um apelo, cujas marcas compõem as insígnias de tal posição no simbólico. “A identificação ao traço unário [...], o significante qualquer, já que, o traço unário, como Freud ressalta, pode ser tomado emprestado de uma pessoa que lhe seja indiferente, como Outro” (MILLER, 2009, p. 110) Ou seja, significantes que possam ser encadeados na história do sujeito como referências simbólicas quando Um significante o captura num traço. Este traço é singular do sujeito, ainda que encadeado num conjunto particular.

Pode-se distinguir radicalmente o ideal do eu e o eu ideal. O primeiro é uma introjeção simbólica, ao passo que o segundo é a fonte de projeção primária. A satisfação narcísica que se desenvolve com o eu ideal depende da possibilidade de referência a este termo simbólico primordial que se pode ser mono-formal, mono-semântico, *ein einziger zug* (LACAN, 1961/1992, p. 344).

A complexidade da relação entre traço unário e teoria do estágio do espelho pode ser inferida nessa citação de Lacan. O tempo da teoria do estágio do espelho conota a inscrição, primordialmente, da imagem especular  $i(a)$ , enquanto matriz da referência imaginária para o

*eu*. Porém, como nos assinala o autor, esta referência tem em sua articulação ao termo simbólico do traço unário (*ein einziger zug*), pois é o elemento que sustenta a articulação de uma identificação simbólica no sujeito em tempos precoces de *infans*, contemporâneo à primitiva marca de uma *Urbild* do *eu*.

Dunker (2002) aponta que o desenvolvimento do conceito de traço unário somado ao recurso do significante e da topologia caminha em justificar teoricamente a articulação entre o plano especular (formativo do *eu* e da alienação primordial do sujeito) com o plano do significante e mais extensamente, à linguagem. Esta tese parece corroborar com o andamento da articulação (provavelmente em sua gênese) com o esquema óptico, proposto neste momento de nossa exposição.

Por fim, no último momento de nosso percurso sobre a teoria do estágio do espelho, a partir dos temas do *eu* e do sujeito, encontraremos a inclusão do conceito de objeto *a*, e consequentemente a dimensão do registro Real, com as inflexões realizadas nas aulas compiladas no livro 10, “A angústia” (1962/1963).

Na aula em que Lacan recupera propriamente o esquema óptico, explicitamente referido ao trabalho de 1960, encontramos a correlação dos dois principais desenvolvimentos realizados até o presente momento, isto é, a identificação imaginária pela assunção de *i(a)* e da identificação simbólica ao traço unário, como operações contemporâneas e localizadas nos primeiros meses de vida do sujeito.

No artigo de que lhes falo (o artigo referido é seu relatório sobre Lagache de 1960), de onde fiz partir a dialética? De um *S*, o sujeito como possível, o sujeito porque é preciso falar dele, já que falamos, e cujo modelo nos é dado pela concepção clássica do sujeito sob a condição de que o limitemos ao fato de que ele fala. A partir do momento em que ele começa a falar, o traço unário entre em jogo. A possibilidade de dizer *l* e *l*, e mais *l*, e novamente *l* constitui a identificação primária. É sempre de *l* que é preciso partirmos. Como representa graficamente o esquema do artigo em questão, é a partir daí que se inscreve a possibilidade do reconhecimento como tal da unidade chamada *i(a)* (LACAN, 1962/2005, p. 50, parêntese nosso).

Retomando as considerações realizadas em nosso tópico anterior, a imagem *i(a)* refletida pelo espelho côncavo se torna objeto virtual para o espelho plano, que produz a imagem virtual *i'(a)*. A propriedade de alternância entre as imagens se mantém, assim como a

relação de autenticação da imagem  $i(a)$  pelo reflexo em  $i'(a)$ . Segundo Lacan, nesta citação, a possibilidade do reconhecimento da unidade  $i(a)$  só é inscrito psiquicamente em relação à identificação primária, isto é, quando há a marca do Um, do traço unário para o sujeito. Em tese, esta operação só o é como tal, em virtude de ser sujeito pela fala.

Ainda nesta inserção teórica, Lacan articula o simbólico e o imaginário, o significante e a imagem especular, afirmando que a angústia permite refazer esta articulação. No estágio do espelho, há uma relação essencial entre o momento jubilatório em que o bebê assume sua imagem especular e o movimento que faz ao se voltar para o adulto pedindo assentimento. Este pode ser considerado como o indício da ligação inaugural entre o advento da função da imagem especular  $i(a)$  e a relação com o grande Outro. Assim a relação especular encontra-se dependente do fato de que o sujeito se constitui no lugar do Outro, pelo significante.

A priori, há a tendência de conceber que a operação imaginária  $i(a)$  constitui a primeira identificação ou a identificação primária. Contudo, nesta passagem de Lacan, a identificação primária consiste na possibilidade de marcar 1 e contar 1 e 1 mais 1 etc. Portanto, permanecemos no plano da partição imaginária e simbólica, e da refração que condiciona um ao outro.

Disto, perguntamos: Como Lacan inclui na teoria do estágio do espelho a operação referente ao objeto  $a$ ?

Encontramos dois pontos de apoio para tal inclusão no esquema óptico e, conseqüentemente, na teoria do estágio do espelho. A primeira tem seu ponto de partida entre as reflexões dos espelhos e a impossibilidade do sujeito captar tais imagens diretamente e em sua totalidade, como efeito estrutural dos registros, cuja analogia com o esquema resulta na inclusão da falta imaginária pelo menos  $\phi$ , na analogia do esquema. A segunda pode ser inferida da hipótese da divisão subjetiva e da mola do desejo como causação pelo objeto  $a$ .

Vejamos. Em, “Do cosmo à *Unheimlichkeit*”, Lacan tece a seguinte alteração teórica na relação da imagem  $i(a)$  e  $i'(a)$ :

Essa  $i(a)$  é dada na experiência especular, mas, como lhes disse, é autenticada pelo Outro. [...] no nível de  $i'(a)$ , que é a imagem virtual de uma imagem real, não aparece nada. Escrevi em cima ( $-\phi$ ) porque teremos que levá-lo para lá da próxima vez. Esse *menos phi* não é mais visível, mais sensível, mais presentificável ali do que aqui, embaixo de  $i(a)$ , porque não entrou no imaginário (LACAN, 1962/2005, p. 50).

Na partição simbólica imaginária, a proeminência da relação de  $i(a)$  com  $i'(a)$  concentra a importância da marca de  $i(a)$ , enquanto *Urbild* do *eu*, e de sua inversão de simetria em  $i'(a)$  que se torna a referência da imagem inicial para o sujeito. Desta antinomia, Lacan nos afirma que  $i(a)$  encontra-se no plano impossível de ser visualizado pelo olho do sujeito.

Nesta citação de Lacan em 1962, a imagem  $i'(a)$  não aparece no plano subjetivo, em virtude da perspectiva do registro que orienta tal afirmação teórica, isto é, do simbólico. Esta diferenciação quanto ao registro é fundamental, pois assim compreendemos o entrelaçamento dos registros imaginário e simbólico, bem como do sujeito e do *eu* na teoria do estádio do espelho. A autenticação da imagem especular pelo grande Outro implica na virtualidade da imagem  $i'(a)$ , que é diretamente vinculada aos desdobramentos da referência fálica por ser orientada ao narcisismo do sujeito. Porém, segundo a perspectiva da formação da imagem, algo lhe falta, algo não é especularmente investido, ainda que isto (que falta) sirva de sustentação para a própria unidade no sujeito. No esquema, isto é posto como menos *phi*, ou a castração no plano imaginário.

O fenômeno chamado de *Unheimlichkeit*, posto no título da aula “Do cosmo à *Unheimlichkeit*”, é aproximado à experiência de Freud descrita no texto de 1919 “O estranho”, *Unheimlich*. A experiência do *unheimlich* é sempre o horror e familiar, o duvidoso e o certo, o inquietante e o estável, porque o conhecido e o desconhecido ocupam o mesmo lugar na lógica subjetiva. É por esta razão que o sujeito só tem acesso a seu desejo substituindo sempre um de seus duplos.

Que o reconhecimento de si no espelho configura uma projeção que ainda não se realizou é ilustrado de forma contundente pelos obstáculos em que esbarra esse mesmo reconhecimento. Prova-o igualmente o fato de que a proximidade em que se encontra a imagem objetivada em relação ao sujeito provoca inicialmente um sentimento de estranho inquietante em relação ao duplo especular (SAMI-ALI, 1993, p. 125)

ASSAD (2000) confere ao plano imaginário o campo revelador da castração para o sujeito. A autora nos alerta para a introdução do objeto olhar na formulação do esquema óptico nos anos seguintes a 1960, em contraponto ao objeto apreendido pelo olho ou visão. O olhar por si só é imaterial e impossível de se capturar como o objeto  $a$ , e por isso que

encontramos, por exemplo no livro de Quinet (2004) a descrição como objeto  $a$  e de caráter agalmático do objeto causa do desejo. No entanto, antes da introdução do objeto  $a$ , estamos na relação estabelecida com o menos  $\phi$  e a castração imaginária:

Entre o olho e o olhar há uma fenda que tem um efeito real. Essa fenda, essa falta que irá e representar na imagem, e é nomeada por Lacan, de *menos  $\phi$* . É uma fala fálica sustentada pelo encontro de olhares e que é signo para a castração (ASSAD, 2000, p. 39).

A imagem real  $i(a)$  funciona como o signo da unidade do corpo e matriz do *eu* para o sujeito no próprio imaginário, porém a articulação simbólica marca esta referência com a falta que aparece como negativo no outro plano: menos  $\phi$ . Isto nos parece muito importante, pois se conseguimos sustentar que a falta é inerente à própria experiência de especularização da imagem, e que neste ponto de vista há uma atividade do sujeito pela via da antecipação, poderíamos apontar para este momento, o momento representante da série com a qual o sujeito pode operar a afirmação da falta ou a forclusão da mesma, a depender do registro cuja falta é interpretada.

Por exemplo, pela via da significação simbólica do menos  $\phi$  no imaginário, a interpretação da falta possibilita o deslocamento do sujeito para a posição  $l$ , segundo o esquema óptico, isto é, da referência simbólica via traço unário. O efeito para a posição subjetiva é de fazê-lo buscar na brecha da imagem especular,  $i(a)$ , o objeto de seu desejo, o próprio  $a$ . (LACAN, 1962/2005, p. 50). Encontramos, portanto, a fórmula da fantasia neste ponto, mas também a dependência do sujeito em descobrir o que lhe falta como o objeto do próprio desejo, em relação ao grande Outro. *Che vuoi?*

O que o homem tem diante de si nunca é senão a imagem virtual  $i'(a)$  do que representei em meu esquema por  $i(a)$ . O que a ilusão do espelho esférico produz à esquerda em estado real, sob a forma de uma imagem real, é algo que o homem só tem apenas a imagem virtual à direita, sem nada no gargalo do vaso. O  $a$  (suporte do desejo na fantasia) não é visível naquilo que constituiu pra o homem a imagem de seu desejo (LACAN, 1962/2005, p. 51, parêntese nosso).

É a marcação inicial da essência da relação desejante, em que  $i'(a)$  adquire prestígio e torna-se a referência do deslocamento neurótico na busca de objetos no mundo. Contudo, Lacan marca a diferença do desejo em sua inerência com a relação narcísica e o objeto  $a$  como causação do sujeito.

A relação entre as imagens e a falta inerente desta operação posiciona o objeto  $a$  como causação para o sujeito em seu deslocamento desejante pelo significante, e ao mesmo tempo revela o lugar do  $eu$  em sua relação com a angústia. Isto é, o objeto que miticamente poderia satisfazer plenamente o sujeito é senão a própria estrutura de falta que lhe dá condições de existência, de virtualmente estar presente na ausência. Quando há o tamponamento desta falta, há o surgimento da angústia<sup>70</sup>.

A imagem refletida  $i'(a)$  é caracterizada pela falta, e esta orienta e polariza o desejo em sua função da captação. A angústia está ligada a tudo o que pode aparecer no lugar da falta, e está na função do  $eu$  sinalizar a antecipação deste tamponamento, para o sujeito, em sua essência como falta-a-ser.

A presença do objeto  $a$  e a posição do observador são fundamentais no esquema óptico, tanto para definir a imagem com a qual o sujeito se reconhece como  $eu$ , quanto no valor atribuído ao objeto que permite a formação dessa imagem, e até a morte o sujeito nunca tem acesso, e desta forma constitui a mola desejante. Ao ser atribuída ao  $eu$  a função do sinal de angústia, quando há o tamponamento da falta, podemos afirmar que tal descrição é, de certa forma, correlata à função de preservação atribuída ao  $eu$  da realidade psíquica do sujeito.

Em conformidade com o que diz Freud, a angústia é um sinal no  $eu$  [ $moi$ ] – o  $eu$  que Freud diz ser a projeção de uma superfície, o que antecipa o espelho. Mas a angústia não é um sinal para o eu, ela adverte o sujeito de um perigo, e o perigo é o de um desejo enigmático que concerne a ser como perdido e anulável, isto como *objeto a* (PORGE, 2006, p. 200).

A marcação do objeto  $a$  na teoria do estádio do espelho parte da antinomia das imagens  $i(a)$  e  $i'(a)$  e encontramos a localização do *menos phi* e a referência fálica para o sujeito, em consequência da dupla inscrição, uma pela matriz *Urbild* do  $eu$  em  $i(a)$  e outra

<sup>70</sup> “A angústia surge quando um mecanismo faz aparecer alguma coisa no lugar do *menos phi* que corresponde, do lado direito (do esquema da fig. 5 do tópico 6.1 *O ESQUEMA ÓPTICO NA TEORIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO DE J. LACAN*), ao lugar ocupado, do lado esquerdo, pelo  $a$  do objeto do desejo” (LACAN, 1962/2005, p. 51).

pelo traço significante em relação ao grande Outro, cuja operação ilustra a posição do objeto  $a$  no esquema através da hiância entre  $i(a)$  e  $i'(a)$ , no estatuto não especular de resto com o objeto  $a$ .

Então, não é sem sentido que a escolha para ilustrar esse objeto inapreensível do registro Real seja a letra  $a$ . Como indicamos em nosso tópico anterior, esta letra tem uma história no ensino de Lacan, particularmente com o esquema óptico e com a teoria do estádio do espelho.

O sujeito da psicanálise é dividido entre dois significantes como um vazio, um entre-dois. Ele não é quem fala, mas de quem se fala; falta-a-ser mais do que ser, ele não tem substância nem representação no significante. Lacan diz encontrar esse vazio do sujeito nas quedas que testemunham que o sujeito não é senão efeito da linguagem: nós as promovemos como objetos  $a$  (QUINET, 2004, p. 65).

Para concluir, retomamos a imagem célebre para a teoria do estádio do espelho. A marcação do objeto  $a$  pode ser vinculada ao objeto olhar, como nos orienta Quinet, no momento entre a cena de júbilo da criança diante do espelho e da cena que há o movimento da cabeça em relação ao outro que reconhece aquilo que ela vê. Há algo que se perde nas duas imagens vista pela criança, dela no espelho e do assentimento pelo outro: o próprio olhar é impossível de ser localizado e agregado na experiência e se perde no tempo e no espaço.

### 6.3 OS REGISTROS DO CORPO NA TEORIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO

Esta seção é construída em tom exploratório neste trabalho. Não pretendemos nos aprofundar exaustivamente nas considerações a respeito do corpo e dos três registros RSI na teoria do estágio do espelho. Primeiro porque acreditamos que o tema do corpo é fecundo e embrionário no campo psicanalítico, com o qual a teoria do estágio do espelho não permite conclusões com a mesma dimensão que o tema exige. Lacan nos diz: “Sentimo-nos sempre horrivelmente atravancados porque distinguimos mal imaginário, simbólico e real” (LACAN, 1954/1986, p. 104), sendo, então, necessária nossa segunda ressalva. Precisariamos nos sustentar sobre este tema, a partir de um método investigativo que seja suficientemente delimitado e exclusivo ao tema do corpo em psicanálise. Por exemplo, Dunker (2005) ressalta a tripartição entre corpo, carne e organismo, mas que estes conceitos ainda exigem um esforço de pesquisa que os esclareçam na metapsicologia envolvida no âmbito teórico da psicanálise.

No entanto, no tempo delimitado pela teoria do estágio do espelho poderíamos supor que a dimensão Real do corpo permanece em plano principal, em virtude da ênfase dada por Lacan na prematuração do nascimento do homem ou no aspecto de fetalização que seu corpo exibe logo ao nascer. Se o Real é o que é, nos primeiros meses de vida, esta perspectiva do corpo é interpretada pela falta, pelo aspecto de formação, pela maturação do corpo. É nesta abertura dada pela própria materialidade do corpo humano que o autor lança as hipóteses das inscrições psíquicas, na teoria do estágio do espelho, pela *i(a)* referente ao estatuto imaginário do corpo e do atravessamento simbólico da palavra pela via do traço unário. Porém, com a inserção da dimensão do *objeto pequeno a*, nos anos 60, como compreender a dimensão corporal na teoria do estágio do espelho?.

Com frequência vincula-se a organização da unidade corporal pela inscrição da imagem especular ao estágio do espelho. O principal indicador seria a natureza dos objetos disponibilizados e descritos por Lacan no modelo do esquema óptico.

O vaso será reproduzido, pelo jogo da reflexão dos raios, numa imagem real, e não virtual, sobre a qual o olho pode se acomodar. Se o olho se acomoda ao nível das flores que dispusemos, verá a imagem real do vaso vir envolver o buquê, e lhe dar estilo e unidade – reflexo da unidade do corpo (LACAN, 1954/1986, p. 146).

Esta citação remete-nos à qualidade do vaso enquanto uma imagem real, a partir da reflexão produzida no espelho côncavo. As condições, para que a ilusão seja possível, consistem na acomodação do olho em torno do objeto *bouquet* de flores, para que a imagem real do vaso a envolva numa ilusão de unidade. Esta descrição vincula-se à unidade imaginária do corpo, através da inscrição e reconhecimento da imagem especular. Tratar-se-ia do registro imaginário do corpo. A unidade do corpo refere-se ao aspecto pulsional, que a partir da imagem se constitui como unidade. A relação da imagem com o vaso pode ajudar na compreensão da idéia estabelecida.

O tempo, da constatação desta experiência, aponta para o descompasso entre o desenvolvimento da coordenação motora e o controle postural do *infans*, mas que ao mesmo tempo abre em possibilidades para a fecundidade psíquica diante desta insuficiência vital inicial, pela identificação de uma imagem ao próprio corpo. Há nesta constatação dois registros implicados, o primeiro referente ao Real do corpo, pela própria organização maturacional dos meses referentes ao estágio do espelho, e o segundo determinado pelos efeitos reguladores da interpretação imaginária do corpo próprio pelo sujeito. Esta leitura pode orientar e justificar a tão conhecida interpretação do organismo pela operação imagética sobre o corpo, e implicar para a psicanálise, a supremacia da imagem e do simbólico na perspectiva do sujeito sobre o organismo que habita.

Neste ponto, se a questão da imagem é posta em *seu* lugar de privilégio para a organização da unidade do *eu*, em adjacência aos aspectos que são levantados ao sujeito como efeito deste reconhecimento de si pela imagem, esta operação está conjugada à exterioridade da imagem do corpo, pelo recobrimento imaginário do sujeito na inscrição da *Urbiid* do *eu* no estatuto de ilusão. É a partir do objeto externo ao corpo do sujeito, via imagem do corpo, que este recobre sua materialidade orgânica enquanto ilusão de unidade. Isso é, o ser humano só se identifica com uma forma realizada fora de si.

O sujeito localiza e reconhece originalmente o desejo por intermédio não só da sua própria imagem mas também do corpo do *seu* semelhante. É exatamente aí, nesse momento, que se isola no ser humano, a consciência enquanto consciência de si. É na medida em que é no corpo do outro que ele reconhece o *seu* desejo que a troca se faz. É na medida em que o *seu* desejo passou para o outro lado, que ele assimila o corpo do outro e se reconhece como corpo (LACAN, 1954/1986, pp. 172-3).

A possibilidade do reconhecimento na imagem e a completude ilusória da imagem sobre o corpo estão diretamente vinculadas à operação de identificação imaginária a uma *i(a)*. O corpo imaginário é efeito do conjunto organizado enquanto *Gestalt* do objeto visualizado e permite a reunião num único lócus de diversas partes sentidas como desconectadas. Porém, Lacan afirma uma distinção entre a consciência e o corpo próprio:

Quando é certo que, se há para nós um dado fundamental, antes mesmo de toda emergência do registro da consciência infeliz, é a distinção da nossa consciência e do nosso corpo. Esta distinção faz do nosso corpo algo de fictício, de que nossa consciência é bem impotente para se destacar, mas de que se concebe – estes termos não são talvez os mais adequados – como distinta (LACAN, 1954/1986, p. 173).

Como articular a interpretação dada pelo sujeito sobre o corpo próprio e a circunscrição do corpo no escopo psicanalítico? Estaríamos tratando da mesma materialidade conceitual? “A imagem da forma do outro é assumida pelo sujeito. Está situada no *seu* interior, essa superfície graças à qual se introduz na psicologia humana a relação com o fora do dentro através de que o sujeito se sabe, se conhece como corpo” (LACAN, 1954/1986, p. 197).

É a significação do espaço para o organismo vivo, cuja particularidade do homem se faz pelo modo como se relaciona com a sua imagem, imagem antecipada diante da irrealidade do Real de corpo. Porém, a estruturação imaginária e o real do corpo estão sempre no mesmo nível para Lacan.

Um tal esquema lhes mostra que o imaginário e o real agem no mesmo nível. Para compreendê-lo, basta fazer um pequeno aperfeiçoamento a mais nesse aparelho. Imaginem que este aparelho é um vidro. Vocês se vêem no vidro e vêem os objetos além. Trata-se justamente disto – de uma coincidência entre certas imagens e o real. De que falamos nós, senão disso, quando evocamos uma realidade oral, anal, genital, quer dizer, uma certa relação entre nossas imagens e as imagens? Não é outra coisa senão das imagens do corpo humano, e a hominização do mundo, a sua percepção em função das imagens ligadas à estruturação do corpo. Os objetos reais que passam por intermédio do espelho e através dele, estão no mesmo lugar que o objeto imaginário. O próprio da imagem é o investimento da libido (LACAN, 1954/1986, p. 165).

Lacan utiliza a ótica, como recurso do experimento do buquê invertido, como apoio em sua argumentação sobre a organização corporal, e a relação imaginária do sujeito sobre o *seu* corpo, pela instância do *eu* (Lacan, 1954/1986). O interessante da caracterização realizada por Lacan está na noção de *contínente e conteúdo*.

Esquematizo, como vocês percebem, mas o desenvolvimento de uma metáfora, de um aparelho de pensar, necessita que no início se faça sentir para que serve. Vocês verão que esse aparelho tem uma maleabilidade que permite jogar com todas as espécies de *movimentos* (LACAN, 1954/1986, p. 96 – grifos nossos).

A teoria da constituição da realidade e o relacionamento com a forma do corpo implicam em duas inscrições sobre o recobrimento do corpo na teoria do estágio do espelho, a partir da inscrição de *i(a)*, no reflexo identificado na forma do outro e pela palavra atribuída, enquanto significante primordial pelo símbolo no qual o *eu* está em função no aparelho psíquico. No entanto, como poderíamos articular o corpo no recurso linguageiro? Há recursos teóricos suficientes, na teoria do estágio do espelho para pensarmos a ligação do corpo com o seu registro simbólico?

A fala, com efeito, é um dom de linguagem e a linguagem não é imaterial. É um corpo sutil, mas é corpo. As palavras são tiradas de todas as imagens corporais que cativam o sujeito; podem engravidar a histerica, identificar-se com o objeto do *Penis-neid*, representar a torrente de urina da ambição uretral ou o excremento retido do gozo avarento (LACAN, 1953/1998, 302).

Estes exemplos citados, por Lacan, sobre a origem das palavras no corpo e a força com que a linguagem o toca, podem nos situar no intervalo dos registros simbólico e imaginário. “[...] estamos na estruturação. exatamente onde se desenvolve toda a experiência analítica, na junção do imaginário e do simbólico” (LACAN, 1954/1986, p. 160). Qual o recurso metodológico orientado sobre a análise de fenômenos do corpo que poderiam ser mais conclusivos para a problemática da corporeidade em psicanálise?

Há aí uma relação específica do homem com seu próprio corpo, que se manifesta igualmente na generalidade de uma série de práticas sociais – desde os ritos da tatuagem, da incisão e da circuncisão, nas sociedades primitivas, até aquilo que poderíamos chamar de arbitrariedades procustiana da moda, na medida em que ela desmente, nas sociedades avançadas, o respeito às formas naturais do corpo humano, cuja idéia é tardia na cultura.

Basta escutar a fabulação e as brincadeiras das crianças isoladas ou entre si, entre os dois e os cinco anos, para saber que arrancar a cabeça e furar a barriga são temas espontâneos de sua imaginação, que a experiência da boneca só faz satisfazer (LACAN, 1948/1998, pp. 107-8).

Silva Júnior (2008) realiza importante estudo sobre a corporeidade em sua intrincada relação com os processos históricos implicados na subjetivação moderna. A perspectiva desenvolvida no texto é suplantada na argumentação freudiana e de teóricos contemporâneos, contudo, há indícios de contribuição para o escopo psicanalítico de Lacan, dada a descrição estabelecida por Lacan na citação acima, pela relação do sujeito com o próprio corpo e as experiências que se refletem em fenômenos culturais e a função da narrativa, enquanto processo de subjetivação do corpo. Caso haja uma precariedade neste recurso, há uma potencialização de fenômenos subjetivos sobre o corpo em outro registro?.

Porém, Silva Júnior afirma a decorrência de fenômenos identificatórios na cultura moderna e a supremacia imagética do corpo, em especial aos correlacionados com práticas masoquistas, pela fragilização das narrativas sociais e culturais disponíveis aos sujeitos. Como se houvesse uma predominância do corpo, enquanto reservatório de identidade pela imagem, em tempos atuais.

Com o obscurecimento dos sinais coletivos da história individual abre-se um abismo simbólico oportunamente suprido por um alargamento da extensão da adolescência. Não por acaso, a adolescência é a idade de passagem por excelência, o que foi excelentemente demonstrado por David Le Breton (1995). É então, o não lugar das passagens adolescentes que parece dar o sentido à narração do destino no sujeito durante a maior parte da vida (SILVA JÚNIOR, 2008, p. 251).

A ponte estabelecida com os três registros do corpo marca por um lado o aspecto imaginário do corpo, quando o sujeito interpreta uma unidade de si, enquanto projeção corporal, e por outro a sustentação simbólica pela palavra do corpo imaginarizado. Ou seja, na relação primordial do sujeito com o próprio corpo há um atravessamento compartilhado pela

palavra através da linguagem simbólica que o sujeito pode ser implicado, ainda que haja a necessidade de uma inscrição particular via traço unário, como sinalizamos anteriormente. Mas para que essa imagem do *eu* seja constituída e se abra a uma dialética, é preciso que intervenha, mais além do imaginário, o registro do grande Outro.

Demonstramos esta passagem com as reformulações estabelecidas por Lacan com o esquema óptico. É na medida em que o terceiro, o grande Outro, intervém na relação do *eu* com o pequeno outro que algo pode funcionar, algo que acarreta a fecundidade da própria relação narcísica (Lacan, 1960/61).

Outra inflexão do esquema consiste no detalhamento do objeto pequeno *a*, que é grafado pelo *bouquet* entre os espelhos côncavo e plano. O objeto pequeno *a* é impossível de ser visto a não ser pelas imagens produzidas. Isto resvala em considerações muito importantes pós 1960, principalmente no conceito de objeto *a*, pois neste texto encontramos as substantivações para tal objeto como objeto do desejo, objeto parcial e elemento da estrutura subjetiva e corporal do indivíduo humano (LACAN, 1960/1998, p. 689).

Lacan ainda retomaria o lugar do corpo na psicanálise a partir da noção de gozo, que é o que articula o significante ao corpo. Daí as últimas elaborações de Lacan se referirem aos tipos de gozo decorrentes da inter-relação dos registros entre si. Cuckiert (2004) afirma que o corpo na teoria lacaniana poderia ser estudado á luz dos três registros, numa perspectiva complementar, isto é, o corpo como imagem, o corpo marcado pelo significante e o corpo articulado ao gozo.

Em referência à teoria do estádio do espelho entre 1954 e 1964, o estatuto do corpo poderia ser vinculado a estes três registros: a inscrição do *i(a)*, ao traço unário e à dimensão do *objeto pequeno a*. Quanto a este último, é em sua função de resto oriundo da operação de inscrições de *i(a)* e do traço, ou seja, dos registros imaginário e simbólico, que o *objeto a* incide na operação enquanto resto. Isto ocorre por meio da lacuna na imagem especular, dado que nem todo investimento libidinal passa pelo imaginário. O que escapa à imagem especular original é o objeto *a*. “O que é o objeto *a* no nível do que subsiste como corpo e que em parte nos rouba, por assim dizer, sua própria vontade?” (LACAN, 1963, p. 121) questiona-se Lacan.

Vale destacar que Lacan realiza uma abordagem metodológica pela topologia sobre o corpo quando insere a banda de *Moebius*, como ilustrativa da relação dos três registros e

denotando a característica de não poder separá-los completamente, inclusive na reorientação do que seria definido por um exterior e um interior do corpo. Em um primeiro momento, Lacan destaca a relação que o objeto *a* tem com a função de corte, de separação, ou seja, é o objeto *a* sendo colocado como causa de desejo. Quanto à ligação entre o corpo e o objeto *a*, a possibilidade de compreensão consiste nas produções dos próprios orifícios corporais, enquanto contornos do *objeto a* - por exemplo as fezes, o olhar, a voz:

Ela consiste em partir da constituição do objeto correlato de uma primeira modalidade de abordagem, o reconhecimento de nossa própria forma. Afirma que esse reconhecimento, em si mesmo, é limitado, pois deixa escapar algo do investimento primitivo em nosso ser que é dado pelo fato de existirmos como corpo. Não será uma resposta não apenas razoável, mas controlável, dizer que é esse resto, esse resíduo não imaginado do que corpo, que, por um desvio que sabemos designar, vem manifestar-se no lugar previsto para a falta, e de um modo que, por não ser especular, torna-se impossível de situar? (LACAN, 1962/2005, p. 71).

Para concluir, seria o recurso do nó borromeano um método de orientação teórica para a pesquisa investigativa sobre o corpo, a fim de situar as articulações possíveis dos fenômenos corporais? A topologia poderia nos servir de recurso auxiliar para delimitar a extensão do tema do corpo em psicanálise? Perguntas que se seguem de orientação para projetos futuros e indicativos de que a teoria do estádio do espelho pode não ser o melhor eixo condutor de uma pesquisa sobre a corporeidade em psicanálise.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem dúvidas, esta é a parte do trabalho que mais exige do escritor, em sua habilidade de recuperar os principais desenvolvimentos e em sua capacidade de resumir as contribuições que se originaram de toda argumentação realizada anteriormente. Não acredito que haja a contemplação de todos as nuances levantadas nos capítulos desta dissertação, porém, sem melindres, aqui será possível encontrar as conclusões que julgamos pertinentes ao fim do percurso desta pesquisa.

Como insistimos, a concepção do estádio do espelho em Lacan pode ser interpretada em três perspectivas distintas, a depender do material do autor que se faz referência, isto é, entre os anos de 1936 e 1938, propriamente no ano de 1949, e nos anos subseqüentes a 1950.

No que tange à gênese da teoria, não é possível encontrar o material produzido por Lacan no ano de 1936, tanto para a reunião da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), quanto para o XIV Congresso Internacional da International Psychoanalytical Association (IPA) em *Marienbad*. Porém, pode-se hipotetizar os argumentos do autor para a concepção realizada neste ano, intitulada primordialmente de *The looking-glass phase*, a partir do texto “Os complexos familiares na formação do indivíduo” (1938/2003) e das notas publicadas por Françoise Dolto, anexadas no livro de Gérard Guillerault (2003, 2005). Ainda que estes materiais sejam indiretamente relacionados com a teoria concebida em 1936, Lacan nos auxilia com referências realizadas em outros trabalhos, por exemplo, “Para-além do princípio de realidade” (1936/1998), “Formulações sobre a causalidade psíquica” (1946/1998) e “A agressividade em psicanálise” (1948/1998).

Procuramos sustentar que há duas operações descritas simultaneamente em *The looking-glass phase*. A primeira está relacionada ao termo *complexo* e a segunda à *imago*. Lacan aproxima o *complexo* a uma operação de conhecimento, cuja especificidade do sujeito humano está implicada no desenvolvimento de inscrições subjetivas singulares a partir das relações sociais, segundo uma ordem de conhecimento inconsciente, que fornece ao sujeito uma série de formas que permitem a interpretação da realidade e a possibilidade de vida nas situações experienciadas. O termo *imago* consiste na inscrição psíquica, enquanto referência para o corpo próprio e para o *eu*, desde as introjeções moduladas pelo conjunto definido no complexo. Em síntese, a conjugação do complexo e das imagos permitiria, na perspectiva do aparelho psíquico, as primeiras regulações e organizações da subjetividade.

Embora Lacan trabalhe um momento constitutivo e estruturante do indivíduo e não faça distinção formal entre as duas operações sinalizadas acima, acreditamos que há uma

lógica inserida nas formulações que contempla tanto a temática da constituição do sujeito pela articulação simbólica do complexo, quanto para a formação do *eu* segundo a estruturação projetiva do *eu* sobre o corpo, pelo termo *imago*.

Em 1949, há a comunicação oral no XVI congresso de psicanálise em Zurique, a partir da qual Lacan concebe o texto “O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica” (1949/1998). É o primeiro material diretamente vinculado à teoria do estádio do espelho na psicanálise de orientação lacaniana. Como apresentamos em nossa *INTRODUÇÃO*, o contexto histórico e a possibilidade de contato com outros materiais de Lacan permitem diferentes leituras para este texto.

O estádio do espelho é apresentado sob a contemplação em esclarecer as origens da instância do *eu*. Lembremos do título, que de partida fornece indicadores da temática desenvolvida por Lacan. A operação descrita por estádio do espelho permite considerações a respeito do que a experiência psicanalítica fornece para a formação da função do eu. É um recorte teórico diretamente vinculado às observações clínicas da criança diante do espelho, como a cena *princeps* do momento em que o *infans* pode interpretar a organização de uma unidade de si. A denominação deste momento está correlacionada com as primeiras inscrições psíquicas da imagem corporal, como *Urbild* do eu. Para tanto, esta perspectiva pode ser atravessada com a força do símbolo desde os tempos mais precoces, a partir do conceito de matriz simbólica do *eu*. Portanto, já em 1949, Lacan sustenta sua tese para o estádio do espelho por uma dupla incidência entre os registros imaginário e simbólico. Trata-se de uma contribuição oriunda de uma sorte de referências diretas a outros autores e outros campos teóricos.

Desta forma, é extremamente sintético reduzir a teoria de 1949 a uma formulação sobre a inscrição da imagem especular em sua consonância com a matriz simbólica de maneira exclusiva a uma temática em psicanálise. Como nos diz Porge (2006), este conceito é uma vassourinha que toca diversos conceitos da psicanálise inaugurada por Freud e de teses desenvolvidas por autores dos mais variados campos teóricos.

Acreditamos que a concepção apresentada contempla uma perspectiva essencialmente subjetiva do momento definido no estádio do espelho, isto é, das operações psíquicas do sujeito diante da própria imagem, como se Lacan estivesse sinalizando que, para a constituição do sujeito e para a formação do *eu*, é necessário, mesmo que insuficiente, uma participação ativa do sujeito diante de sua própria encruzilhada. Por um lado isso nos abriria em possibilidade clínica para a noção de *ser do sujeito*, que anos posteriores Lacan lançará mão, e por outro, ainda mais importante, é que qualquer patologia não estaria exclusivamente

vinculada aos cuidados da mãe ou de condições ambientais disponíveis para o sujeito. Caso não houvesse qualquer participação do sujeito em sua própria realidade psíquica, Lacan não descreveria diversas vezes uma aproximação com uma ficção do sujeito ou mesmo ator de seu próprio drama. Nesta perspectiva como seria possível conceber um modelo óptico para este momento descrito em 1949? Acreditamos que não é sem razão que há limites para o esquema óptico, inclusive, por exemplo, para ilustrar metaforicamente o que está apontado no texto lacaniano.

Por fim, o terceiro momento definido para a teoria do estádio do espelho compreende o intervalo entre 1954 e 1964, no qual ocorre a inserção do esquema óptico, inspirado em Henri Bouasse. (1866-1953).

Esperamos ter apontado que é possível vincular à teoria do estádio do espelho a tríplice inscrição da operação referente ao objeto pequeno *a*, do traço unário e da imagem especular. Esta nos parece a concepção mais interessante para a teoria do estádio do espelho, dado que contempla as principais inscrições dos três registros definidos por Lacan: Real, Simbólico e Imaginário (RSI).

As últimas três considerações finais cercam as possibilidades de entendimento para: o espelho, as conseqüências de distinguir entre *Je* e *Moi* e a qualidade da imagem na teorização do estádio do espelho, na concepção definida por Lacan.

Pesquisando as origens do termo “*looking-glass*” e a idéia subjacente a ele, não acreditamos que Lacan atribua necessariamente a presença inexorável da superfície refletora no jogo descrito pelo estádio do espelho. Aliás, esta hipótese pode ser aventada tanto para 1949 quanto para os anos posteriores. Lembremos da ressalva realizada em 1954, no livro “Os escritos técnicos de Freud”, “Para compreendê-lo, basta fazer um pequeno aperfeiçoamento a mais neste aparelho. Imaginem que este espelho é um vidro. Vocês se vêem no vidro e vêem os objetos além.” (LACAN, 1954/1986, p. 165).

Esta consideração convoca a crítica histórica realizada por Sloterdijk, sobre a presença de espelhos nas casas antes do século XX, que por não ser uma realidade factível em anos medievais, a formulação lacaniana seria então um teorema vazio de conteúdo. Contudo, como indicamos acima, Lacan utiliza a presença do espelho ao tom de uma ilustração pelo modelo óptico, a tal ponto de que este aparelho, para ser melhor ilustrativo do momento, deveria ser concebido pela transparência.

A distinção entre *Je* e *Moi* são considerações teóricas em psicanálise de orientação lacaniana para distinguir duas categorias subjetivas: o primeiro comumente descrito enquanto “sujeito do inconsciente” e o segundo referente ao *eu*. Porém, para a teorização que

entendemos por estádio do espelho (inscrição tríplice para a subjetividade) e o tempo que Lacan configurou para tal concepção, não encontramos necessariamente impacto destes termos para nosso objeto de estudo, a não ser a partir dos efeitos posteriores com as identificações secundárias descritas em outras teorias, como por exemplo a teoria do Édipo. No entanto, no estádio do espelho, em qualquer dos três momentos, o que nos importa é a possibilidade teórica das três inscrições primordiais no tempo de *infans* do sujeito.

Ao que se refere à qualidade da imagem, em 1936, há a possibilidade de formular que Lacan concebe a imagem pela característica de não fixa e sustentada pela tendência relacionada às vivências no choque com o real. Portanto, a imagem seria a síntese da dialética entre a forma (representativo de uma etapa vivida da objetivação) e o conteúdo (no que tange ao objeto). Em 1949, o autor também fornece indícios de que a operação de formação da imagem ocorre pelo elemento que lhe falta, através das contribuições de Roger Caillois. Além de se questionar sobre o relevo que lhe é inerente, o autor marca a inversão e a turbulência que são constitutivas em relação ao corpo próprio do sujeito. Nos anos subsequentes, além da dimensão faltante da imagem, pelo *menos phi* e da localização do *objeto a* no esquema óptico, Lacan reafirma a importância necessária da impressão de volume da imagem, para que ela seja concebida como se fosse um objeto de fato para o sujeito.

Ao tom de concluir, retomaremos as principais perguntas levantadas em nossa *INTRODUÇÃO* a partir das críticas realizadas por Sloterdijk:

Será que a interpretação de Lacan para o termo “corpo despedaçado” é enviesada no sentido atribuído pelo autor pós-winnicottiano?

A nosso ver, a contemplação sobre o corpo despedaçado em Lacan é a própria fantasia interpretativa realizada pelo sujeito, enquanto construção mítica de um momento anterior ao experienciado pelo reconhecimento de si numa unidade imagética. Em virtude dos efeitos produzidos pela assunção da imagem especular e da inscrição de uma *Urbild* do eu, instauram-se as construções fantasísticas tanto de uma imagem de corpo despedaçado quanto de uma unidade ortopédica. Desta maneira, a crítica de Sloterdijk não parece incidir diretamente a uma concepção desenvolvida por Lacan em 1949 ou em anos posteriores, mas ao próprio enviesamento teórico com que o autor recobre a teorização lacaniana.

A concepção do estádio do espelho é uma medida de intervenção clínica ou apenas uma descrição teórica para conceitos em psicanálise?

A teoria do estádio do espelho de Lacan, independente do momento a que se faça referência, não condiz com qualquer tipologia clínica ou de intervenções interpretativas na condução do tratamento. Assim sendo, o objeto inerente à construção lacaniana consiste em

iluminar teoricamente problemas para a psicanálise a respeito da constituição subjetiva e dos processos formativos para o *eu*.

A extensão conceitual que pudemos trazer em tom de contribuição para a teoria do estágio do espelho concentra a possibilidade de compreendê-la em três momentos na obra de Lacan: em sua gênese nos anos 30, no momento mais famoso em 1949 e nos anos condizentes com as reformulações e inserções através do esquema óptico. Caso definamos um conceito em torno do nome estágio do espelho, a definição consistiria em demarcar os momentos em que há a possibilidade da tripla inscrição e enodamento dos três registros, Real Simbólico Imaginário (RSI), pela inscrição do *objeto a*, do traço unário e da imagem especular.

Em termos indicativos de trabalhos futuros, retornaremos com o tema do corpo na procura de um método que seja condizente com a complexidade que este tema exige.

## BIBLIOGRAFIA

ANQUETIL, N. Saussure e Lacan in MELMAN, C. et Al. *O significante a letra e o objeto*. Companhia de Freud. Rio de Janeiro, 2004.

ARANTES, P. E. *Hegel no espelho do Dr Lacan*. Rev. Psicologia USP, v. 6, nº 22, 1992.

ARAÚJO, C.A.S. *Considerações acerca do "Estádio do espelho", de Lacan, em Dolto e Winnicott*. Pulsional Revista de Psicanálise – v.1 n.1 (out. 1987), pp7-14. Ed. Escuta, São Paulo, 1987.

BASTOS, A. B. B. I. *A construção da pessoa em Wallon e a constituição do sujeito em Lacan*. Editora Vozes. Petrópolis, 2003.

BEHAR, H.M.B. *Narcisismo: o imaginário da palavra*. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1994.

BENVENUTO, B. Era uma vez: o bebê na teoria lacaniana. In Burgoyne, B & Sullivan, M. *Diálogos Klein-Lacan*, pp. 29-46. Via lettera Editora e livraria. São Paulo, 2001.

BERGÈS, J. *O corpo na neurologia e na psicanálise – lições clínicas de um psicanalista de crianças*. Ed. CMC. Porto Alegre, 2008.

BONI JÚNIOR, J. O. *Uma aproximação psicanalítica da Lipodistrofia*. Monografia – Programa de Aprimoramento Profissional em Psicologia Clínica Hospitalar em aids, SEAP/HIVaids – Divisão de Moléstias Infecciosas e Parasitárias do hospital das Clínicas, HCFMUSP. São Paulo, 2008.

BORNHEIM, G. Da superação a necessidade: o desejo em Marx e Hegel. In NOVAES, A. (org) *O Desejo* Companhia das Letras, 1990.

BÜHLER, C. *Infancia y juventude*. Espasa-calpe. Buenos Aires, 1946.

CABAS, A. G. *O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 2009.

CAMPOS, S.C. da S. C. *A imagem corporal e a consituição do eu. Reverso.* Ano 29, n. 54, pp.63-70. Belo Horizonte, 2007.

CESAROTTO, O. e LEITE, M. P. DE S. *Jacques Lacan: uma biografia intelectual.* São Paulo, Iluminuras, 1993.

COMARU, M. *Notas sobre a concepção lacaniana da Angústia.* Papéis no.1 , março de 1995.

CUKIERT, M. *Considerações sobre o corpo e linguagem na clínica e na teoria lacaniana.* Psicologia USP, 15(1/2), pp. 225-241, São Paulo, 2004.

DANTAS, P. S. *Para conhecer Wallon – uma psicologia dialética.* Brasiliense. São Paulo, 1983.

DOLTO, F. *A imagem inconsciente do corpo.* Perspectiva. São Paulo, 2004.

DOLTO, F. & NASIO, J.D. *A criança do espelho.* Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2008.

DOR, J. *Introdução à leitura de Lacan. Vol 2 estrutura do sujeito.* Artes médicas. Porto Alegre, 1995.

DUNKER, C. I. L. A questão do sujeito: construção, constituição e formação. In: Dunker, C.I.L. e Passos, M.C.. (Org.). *Uma Psicologia que se Interroga.* 1 ed., v. 1, p. 19-82, São Paulo: Edican, 2002

DUNKER, C.I.L. *Uso Clínico da Noção de Traço Unário.* Revista Acheronta, 2002.

DUNKER, C. I. L. *Corpo, carne e organismo..* (Apresentação de Trabalho/Seminário). 2005.

DUNKER, C. I. L. *Octave e Maud Mannoni - O fio vermelho da psicanálise lacaniana.* Coleção memória da psicanálise: psicanalistas contemporâneos. Org. Graziela Costa Pinto. São Paulo: Dueto Editorial, 2009.

FAGES, J-B. *Para compreender Lacan.* Editora Rio. Rio de Janeiro, 1971.

FARIA, M.R. *Constituição do sujeito e estrutura familiar – o complexo de Édipo, de Freud a Lacan.* Cabral Editora e Livraria Universitária. Taubaté, SP, 2010.

FERRARI, A.G. & ALCÂNTAR, J.V. *Estádio do espelho, identificação e constituição subjetiva: algumas considerações*. Pulsional, Revista de Psicanálise, ano XVII, n. 178, pp. 7-14; 2004.

FREUD, A. (1937) *O ego e os mecanismos de defesa*. Artmed. Porto Alegre, 2006.

FREUD, S. (1911) Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In HANNS, L. A. (trad). *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Volume 1. Imago Ed., Rio de Janeiro, 2004.

FREUD, S. (1914) À guisa de introdução ao narcisismo. In HANNS, L. A. (trad). *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Volume 1. Imago Ed., Rio de Janeiro, 2004.

FREUD, S. (1915) O inconsciente. In HANNS, L. A. (trad). *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Volume 2. Imago Ed., Rio de Janeiro, 2006.

FREUD, S. (1915) Pulsões e destinos da pulsão. In HANNS, L. A. (trad). *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Volume 1. Imago Ed., Rio de Janeiro, 2004.

FREUD, S. (1917) Conferência XVIII: Fixação em traumas – o inconsciente. In *Obras completas*, volume XVI. Ed. Imago. Rio de Janeiro, 2006.

FREUD, S. (1923) O Eu e o Id. In HANNS, L. A. (trad). *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Volume 3. Imago Ed., Rio de Janeiro, 2004.

FREUD, S. (1932) O eu e o id. In HANNS, L. A. (trad.) *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Volume 3. Imago. Ed. Rio de Janeiro, 2004.

FREUD, S. (1937). Um exemplo de trabalho psicanalítico. Edição Standard Brasileira *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago. vol. XXXIII, 1969.

GALLOP, J. *Lendo Lacan*. Imago Ed. Rio de Janeiro, 1992.

GARRETT, H.E. (1930) *Great experiments in psychology*. D. Appleton-Century Company. United States of America, 1930.

GONÇALVES, C.S. *Desilusão e história na psicanálise de Sartre*. Ed. Nova Alexandrina. São Paulo, 1996.

GUILLERAULT, G. *Dolto, Lacan y el estadio del espejo*. Ediciones Nueva Visión. Buenos Aires, República Argentina, 2005.

GUIMARAES, M. M M., GRECO, D. B., O. JUNIOR, A. R. de et al. *Distribuição da gordura corporal e perfis lipídico e glicêmico de pacientes infectados pelo HIV*. Arq Bras Endocrinol Metab., vol. 51, no. 1 [citado 2007-05-17], pp.42-51. [on-line]. 2007.

Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0004-27302007000100008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-27302007000100008&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 0004-2730. doi: 10.1590/S0004-27302007000100008.

HUOT, H. *Do sujeito à imagem – uma história do olho em Freud*. Escuta. São Paulo, 1991.

IMANISHI, H.A. *A metáfora na teoria lacanianiana: o estágio do espelho*. Boletim de Psicologia, Vol. LVIII, nº 129; pp. 133-145, 2008.

JUNG. C. G. *O eu e o inconsciente*. Editora Vozes. Rio de Janeiro, 2003.

KLEIN, M. *Amor, culpa e reparação – e outros trabalhos de 1921 – 1945*. Ed. Imago. Rio de Janeiro, 1996.

KÖHLER, W. (1929) *Psicologia da Gestalt*. Editora Itatiaia Limitada. Belo Horizonte, 1968.

KOJÈVE, A. *Introdução à leitura de Hegel*. Contraponto. EDUERJ. Rio de Janeiro, 2002.

LACAN, J. (1938) Os complexos familiares na formação do indivíduo – ensaio de análise de uma função em psicologia. In LACAN, J. *Outros escritos*, pp.23 – 90, Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 2003.

LACAN, J. (1946) Formulações sobre a causalidade psíquica. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 152 - 194. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1998.

LACAN, J. (1948) A agressividade em psicanálise. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 104 – 126. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1998.

LACAN, J. (1949) Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique. In LACAN, J. *Écrits I*, pp. 89-97. Coll. Points. 1971.

LACAN, J. (1949) O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos revela a experiência psicanalítica. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 96 – 103. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1998.

LACAN, J. (1954) Análise do discurso e análise do eu. In LACAN, J. *Os escritos técnicos de Freud*, livro 1, pp. 77-86, Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 1986.

LACAN, J. (1954). A tópica do imaginário. In *Os escritos técnicos de Freud*. Livro 1. pp. 89 - 106. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1986.

LACAN, J. (1954). Ideal do eu e eu-ideal. In *Os escritos técnicos de Freud*. Livro 1. pp. 152 - 167. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1986.

LACAN, J. (1954). Os dois narcisismos. In *Os escritos técnicos de Freud*. Livro 1. pp. 140 - 151. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1986.

LACAN, J. (1954). Sobre o narcisismo. In *Os escritos técnicos de Freud*. Livro 1. pp. 128 - 139. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1986.

LACAN, J. (1954). ZEITLICH - ENTWICKELUNGSGESCHICHTE. In *Os escritos técnicos de Freud*. Livro 1. pp. 168 - 186. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1986.

LACAN, J. (1956). A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em psicanálise. In LACAN, J. *Escritos*. pp. 402 – 437. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1998.

LACAN, J. (1956). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 238 – 324. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1998.

LACAN, J. (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 496 – 536. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1998.

LACAN, J. (1957). *Seminário sobre 'A carta roubada'*. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 13 – 68. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1998.

LACAN, J. (1958). Juventude de Gide ou a letra e o desejo. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 749 – 775. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1998.

LACAN, J. (1959). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 537 – 590. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1998.

LACAN, J. (1960). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache 'Psicanálise e estrutura da personalidade'. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 653 – 691. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1998.

LACAN, J. (1960) Subversão do Sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 807 – 842. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1998.

LACAN, J. (1960) Respostas a estudantes de filosofia. In LACAN, J. *Outros escritos*, pp. 210-218. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 2003.

LACAN, J. (1961). A identificação por “*Ein einziger zug*”. In *A transferência*. Livro 8. pp. 333 – 347. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1992.

LACAN, J. (1961). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 591 – 652. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1998.

LACAN, J. (1964). Análise e verdade ou o fechamento do inconsciente. In *Os quatro conceitos fundamentais*. Livro 11. pp. 135 – 146. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 2008.

LACAN, J. (1966). De nossos antecedentes. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 69 – 76. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1998.

LACAN, J. (1966). De um silabário a posteriori. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 725 – 733. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1998.

LACAN, J. (1967) O engano do sujeito suposto saber. In LACAN, J. *Outros escritos*, pp. 329 – 340, Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 2003.

LACAN, J. (1972) O aturdido. In LACAN, J. *Outros escritos*, pp. 448 – 500, Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 2003

LACAN, J. (1966) *Escritos*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 1988.

LACAN, J. *A angústia*. Livro 10. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 2005.

LECLAIRE, S. *Psicanalisar*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LÉGER, C. Que outro é esse então, ao qual sou mais apegado do que a mim mesmo?. In *LACAN*. pp. 24 – 44, Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 1989.

LE POULICHET, S. *O tempo na psicanálise*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1996.

LE POULICHET, S. O conceito de narcisismo. In NASIO, J. D. *Lições sobre os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise*. pp 47-74, Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 2003.

MACIEL, L.C. *Sartre vida e obra*. Editora Paz e Terra; 5º ed. Rio de Janeiro, 1986.

MERLEAU-PONTY, M. (1945). *Fenomenologia da percepção*. Martins Fontes. São Paulo, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. (1948). *Conversas-1948*. Martins Fontes. São Paulo, 2004

MERLEAU-PONTY, M. *Merleau-Ponty na Sorbonne – resumo de cursos Filosofia e Linguagem – 1949-1952*. Editora Papirus. Campinas, SP, 1990.

MEZAN, R. *A trama dos conceitos*. Perspectiva. São Paulo, 2008.

MIGLIACCIO, L. Hieronymus Bosch. In: Marques, Luiz (org.) *Catálogo do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand: Arte da península Ibérica, do centro e do norte da Europa*. pp 83-87. Prêmio. São Paulo, 1998.

MIJOLLA, A. A psicanálise e os psicanalistas na França entre 1939 e 1945. In *Revista Internacional da História da Psicanálise. Psicanálise e psicanalistas no mundo durante a segunda guerra*. N1/1988. Rio de Janeiro, Imago Ed., 1990.

MILNER, J.C. Lacan and the ideal of science. In Leupin, A. *Lacan and the human sciences*. University of Nebraska, 1991.

MULLER, J. P e RICHARDON, W.J. *A guide to ride the Ecrits*, 1982.

MULLER, J.P.; RICHARDSON, W.J. *Lacan and language: a reader's guide to Écrits*. International Universities Press, Inço. New York, 1985.

MURCHISON, C. *Psychologies of 1930*. Arno Press. New York, 1975.

MS (MINISTÉRIO da SAÚDE). *Recomendações para terapia Anti-retroviral em adultos e adolescentes infectados pelo HIV*. Disponível em <<http://www.aids.gov.br>>, 2009.

NASIO, J. D. *Lições sobre os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise*. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 2003.

NASIO, J. D. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 2003.

NASIO, J.D. *Meu corpo e suas imagens*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 2009.

OLGIVIE, B. *Lacan: a formação do conceito de sujeito*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 1998.

PALMIER, J.M. *Lacan*. Edições Melhoramentos. Editora Universidade de São Paulo. São Paulo, 1977.

PAULS, A. *O passado*. Cosac Naify, São Paulo, 2007.

PORGE, E. *Jacques Lacan, um psicanalista – um percurso de um ensino*. Editora Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

PRISZKULNI, L. *Jogo e ilusão*. Dissertação de mestrado pela Universidade de São Paulo. São Paulo, 1986.

QUINET, A. *Um olhar a mais – ver e ser visto na psicanálise*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 2004.

RAGLAND-SULLIVAN, E. *Jacques Lacan and the philosophy of psychoanalysis*. University of Illinois, 1986.

RAMACHANDRAM, V.S. & OBERMAN, L.M. As metáforas do espelho. In PINTO, G.C. *Doenças do cérebro: autismo*. Mente e cérebro, 2. Duetto, São Paulo, 2010.

REGNAULT, F. Lacan and experience. In Leupin, A. *Lacan and the human sciences*. University of Nebraska, 1991.

RICHARDSON, W.J. *Heidegger: through phenomenology to thought*. The Hague: Nijhoff, 1963.

ROUDINESCO, E. *História da psicanálise na França*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 1988.

ROUDINESCO, E. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. Companhia das letras. São Paulo, 1994.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 1998.

ROUDINESCO, E. & DOLTO, F. (1986) Elementos para uma história – *uma conversa*. In Aubry, J. et al. *Seguindo os passos de Françoise Dolto*. Papirus, Campinas, 1989.

ROUDINESCO, E. The mirror stage: an obliterated archive. In *The Cambridge companion to Lacan*. Syndicate of the University of Cambridge. Cambridge, UK, 2003.

RUSSEL, B. *História da filosofia ocidental*. Obras filosóficas - livro terceiro. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969.

SALES, L.S. *Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário*. Revista do Departamento de Psicologia – UFF, v. 17 – nº 1, pp. 113-127, Jan/Jun. 2005.

SILVA JÚNIOR, N. O corpo identidade numa cultura sem destino. In VOLICH, R.M.; FERRAZ, F.C. & RANÑA, W. (orgs) *Psicossoma IV: corpo, história, pensamento*. Casa do psicólogo, pp. 243-254. São Paulo, 2008.

SIMANKE, R. T. *Metapsicologia lacaniana – os anos de formação*. UFPR Ed. 2002.  
WALLON. H. (1934) *As origens do caráter na criança*. Difusão Européia do livro, 1971.

VALEJO, A. *Topologia de J. Lacan: del narcisismo*. Ed. Helguero. Buenos Aires, 1979.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. Martins Fontes. São Paulo, 2007.

WINNICOTT, D. W. (1967) O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In *O brincar e a realidade*. Imago Ed. Rio de Janeiro, 1975.

ANEXO A<sup>71</sup>

NOTAS DE FRANÇOISE DOLTO NA S.P.P., DE 16 DE JUNHO DE 1936<sup>72</sup>.

1. O Sujeito e o *Eu* [*Je*]<sup>73</sup>
2. O Sujeito e o *Eu* e o Corpo próprio
3. A expressividade da forma humana
4. A libido da forma humana
5. A imagem do duplo e a imagem *especulativa* [sic]
6. Libido do desmame e instinto de morte. Destruição do objeto vital = o narcisismo
7. O vínculo com o simbolismo fundamental do conhecimento humano
8. O objeto reencontrado no Édipo
9. Valor dos sintomas narcísicos. Os gêmeos

A teoria do *Eu* é o que se tem - trabalhado na teoria psic., reconhecida pelo próprio Freud. Quando se encara este tema muito resistente por si mesmo, elevam-se resistências muito embaraçosas.

Se tratará de metafísica, não de dados clínicos.

Exposição de concepções das pulsões do *Eu* somente.

Prática e reflexões sobre as psicoses nos levam a observações profundas do *Eu*.

1/ Elem. capital aportado por psic. = substituição de “instinto” pela noção de complexo, organização das tendências relacionadas com uma situação vital concreta do passado do sujeito.

A exposição mostrou que a cada complexo se correspondia uma cert. ordem de conhecimento.

Conhecimento inconsciente.

Há traços no psiquismo da cert. Imago do peito materno.

---

<sup>71</sup> Tradução nossa, porém ocupemos de manter as disposições dos parágrafos, bem como as contrações de palavras.

<sup>72</sup> Nota do autor: Hemos decidido reproducir en bruto estas notas de un informe de trabajo, es decir, en su estado inicial – incluyendo abreviaturas e incorrecciones -, a fin presentarlas de acuerdo con su configuración primera.

<sup>73</sup> Nota do autor: A lo largo de este Anexo, el término Yo (com o sin mayúscula) traduce el francés Je. Em los casos em que traduce moi, se consigna este término entre corchetes.

Este objeto não tem nada que ver com o que é “categórico” no conhecimento do adulto. Co-nascimento.

O *EU* conheceria os objetos em si mesmos, tal como são.

A primeira teoria anal. = por um lado há pulsões com esse co-nascimento, fantasma regido princípio de prazer, por outro lado está o *EU* princípio da realidade tanto int. como ext. Porém há um problema do *EU* que não se explicaria de maneira tão simples. Freud mesmo disse que algumas das pulsões eram contra o impulso vital. J.<sup>74</sup> a dizer “instintos de morte”.

Retorno do recalçado – traum. do desmame – instinto de morte para Freud = masoquismo primitivo.

- Portanto, inconsciente complicado – pulsões e contra pulsões

- o *EU* como afirmador da realidade

e negador por ex. em cert. psicoses a negação da realidade.

2/ A teoria analítica é por suposto [?] de uma entidade única = a libido

o *EU* não é sujeito puro.

o inc. é tudo o que ele conhece.

o *EU* é o corpo próprio. É sua maneira de situar no mundo objetivo.

Não quero discutir as crenças dos primitivos que identificam o *EU* com objetos inanimados na natureza.

Sem ir tão longe, sonho e delírio, transformações “ectopias” do *EU*, do corpo próprio.

O lactante (descobrimto dos próprios membros) não faz a síntese de seu corpo próprio.

Fisiologicamente para o homem, retardo da mielinização das neuronas inf.<sup>Rs</sup> da medula.

“Prematuração”

admitamos a existência de uma etapa na síntese do corpo próprio = etapa do corpo fragmentado.

3/ Fenômenos de expressividade = de cert. formas percebidas desencadeiam no sujeito certos número de movtos., posturas, tendências a reproduzir cert. movimentos similares desta forma – tem uma função vital capital (desencadeiam por ex. a fuga da horda quando o chefe percebeu um perigo).

---

<sup>74</sup> Nota do autor: Tal cual em el original, sentido incierto.

No macaco se vê a postura similar à forma expressiva, não [?] d 1 interesse vital da banda senão por julgar.

Aqui está quizás a fonte da síntese do corpo próprio.

No homem, a causa da etapa do corpo fragmentado, esta é todavia mais difícil. A imitação, palavra não empregada a propósito, já que é secundária, enquanto que fenóm. de expressividade é uma construção.

Comportamento de 2 meninos sozinhos. menos regido pelas razões individuais que pelo par psicológico realizado - “Sincretismo indiferenciado” de Wallon, no a consequência por fenóm. de expressividade senão que cada um está tomado pelo lado *espectacular* e seu espectador.

Esta situação é sem dúvida uma intrusão. O *Eu* não formado todavia do sujeito é eclipsado pelo *Eu* de outro.

4/ Invest. libidinal do objeto, o sorriso. Signo da satisfação social e sociabilidade em si. A homossexualidade infantil está invest. libidinal dessa imagem similar [sic]. por outra parte “escoptofilia” merece ser posta no mesmo marco.

5/ Creio que há que concebre esta imagem como imagem “espectacular” [sic]

Invest. libidinal comporta – 1) invest. visual predomina.

2) imagem ilusória, fantasma, ruptura com a realidade

em parte

3) esta imagem especular comporta as caract. que a análise genética encontra “correponde” [sic] a este estadio de 8 a 16 meses (época deste estádio) realismo intelectual.

Ela evoluciona essa imagem especular na vida mas quando reaparece nos fantasmas do adulto aparece com as caract. (paranóia) da imago do duplo.

*Para controlar que a imagem do duplo se relacione com a etapa da imagem especular.*

Ch. Buhler (pares infantis) condições de que a diferença de idade não seja demasiado grande (3 meses máx.) é preciso que o sujeito entre nas caract. de la imagem especular do outro – correspondência postural, simpática fisiológica necessárias.

Como reage o lactante à imagem especular mesma, enquanto que não tem nenhuma necessidade biológica dela.

O animal depois de ter-se visto uma vez já não tem nenhuma atração pelo espelho, não volta a ele. O chimpanzé, em cambio, volta, logo porém nada permite inferir que se reconhece

-

O lactante ao contrário faz muito rapidamente a referência da imagem ao objeto.

37<sup>a</sup> semana, menino chamado por seu nome se refere ao espelho.

“Ah!” exclamação que precede em uns 6 meses a busca detrás do espelho como o chimpanzé, mas está já fixado sobre o resultado ao contrário do chimpanzé.

Atividade de reunião do diverso em um todo.

Precedentemente etapa do corpo fragmentado e o feito é que se chega pela imagem especular à reunião do diverso num todo.

6/ De onde vem o interesse, a libido afetada a essa imagem, libido de toda uma etapa, da etapa narcísica

O menino antes desta época padece de impotência biológica, desmame, fragmentação de suas funções vitais.

*O fenômeno mental da imagem do duplo deve conceber-se como uma compensação a esta fase crítica de deficiência vital.*

Assim como a destruição do objeto recalcado pelo lactante é uma luta por repetir o desmame e destruir assim a ferida, afirmação de sua própria morte.

7/ Gn parentesco entre narcisismo correspondente à etapa de corpo fragmentado e do desmame – afirma a unidade de seu corpo fragmentado.

o objeto vital, peito da mãe, que ele não o encontrará de imediato, é a fonte de simbolismo.

que um objeto passe a ser o representante de uma

em animais, certo esboço do conhecimento da forma zoomórfica, mas para os macacos + inteligentes e todavia o objeto é difícil separável da utilidade imediata.

8/ Para o homem, o objeto é tudo antes de ser o que é. É antropomorfizado, assim. de cada objeto a um órgão do homem

fenômeno ligado ao simbolismo em relação com estágio narcísico

Em suma isto não conduz a fonte de simbolismo

Mas, o que faz?

Isto nos move à compreensão de complexo de Édipo.

9/ O psiquismo humano entra na fase objetal, o objeto se reencontra  
 Todo um edifício se sacode. O retorno da sexualidade abala esta síntese particular da  
 fase narcísica (sem interv. de perigos externos).

Por isso a necessidade interna de repressão da sexualidade.

A luta contra a sexualidade é liderada pelo Supereu.

Que é? É uma identificação da coação.

O *EU* armazenado no momento da crise sexual do Édipo, se refugia na imago do duplo  
 – o *EU* quer ser o que tinha visto ser.

A rivalidade do pai para o filho é um perigo, entretanto é uma ajuda preciosa – o duplo  
 passa a ser a imagem do pai. A imago do duplo é o molde da identificação paterna e do *EU*  
 para o estudo do Édipo nos 2 sexos.

A aparição da pulsão sexual no filho reativa a imago do objeto perdido do peito  
 materno, quiçá explica que a defesa narcísica é mais violenta no filho e seu Supereu muito  
 mais contra-vital.

10/ Consequências práticas

Necessidade de manter-se no estágio do corpo fragmentado com energia feroz

Grande importância nesta fase narcísica do “humano”.

Questão da repressão e da interdição dos complexos escotofílicos

o rosto se realiza uma entidade muito precoce, então seu papel de reativação da  
 angústia (esta interna) da imagem espectacular [sic]

está o perigo externo (a mãe que diz – não te olho tu serás o diabo).

- Problemas dos gêmeos lendas de heroísmo – insignia de realização objetal mais  
 precoce

- A natureza da transferência e de seu fracasso.

cert. transferências se fazem segundo o modo do duplo e não sobre a imagem do  
 objeto, do pai.

Sujeitos os percebem “como seu duplo”. Outros “como o intruso”, então desconfiar de  
 psicose neste caso.

\*

*Discussão:*

M<sup>e</sup> Bonaparte: textos mesmos de Freud

É o *EU* inconsciente o que é fonte das contra pulsões no estágio da repressão.

O caso do menino que destrói o objeto, no instinto de morte, no desmame – mas faz partir e voltar a mãe.

Lagache: *Eu* = corpo próprio?

Intrusão (caso casal de meninos) quiçá estádio do “lobo”

A 1ª vez que o menino se vê não se reconhece.

Muito antes de haver-se identificado, há identificado a imagem especular de seu pai.  
fantasma = imagem especular?

Variações na idade do desmame não é posta em jogo nesta teoria.  
gемelidade não precisa não interesse por outros meninos.

*Parcheminey*: papel dos estádios na adaptação própria do homem difícil de criticar

*Loewenstein*: não [?] necessidade do narcisismo para luta contra perigo da situação objetal

Ter em conta o plano tópico – e plano da libido que se encontra noutra plano do psiquismo.

Supereu e instintos de morte não tem nenhuma relação – Supereu não expressão de instinto de morte ao contrário – função puramente [?] vital que permite ao indivíduo compreender as exigências da sociedade e adaptar-se a ela.

Laforgue: Para a questão do duplo (patológico) e de sua aplic. em psic. normal

“reflexão”, somente tem possib. segundo um padrão de medida – em quê medida o duplo passa a ser esse padrão.

- Civiliz. egípcia - a + narcísica. Faraó e seu duplo.

- Cert. sujeitos somente fazem eleição objetal segundo sua própria imagem – É m estado normal ou não?

perigo de tomar por patol. algo normal -

Público: [?] Codet Pichon sobre bipolarização depois desmame traumático  
impressão de ver defesa o reparação narcísica no processo de essa união [?] mas acreditávamos que era um caso especial.

[???], Laforgue necessita refletir.

Schiff.

- interesse de relações entre união, identificação, imagem espectacular [sic]

- Reversibilidade do duplo está em relação com masoquismo, enfermo que tinha 5 ou 6 personalidades marido, mulher [?], amante, etc.

- papel interessante não estudado do signo do espelho em cegos de nascimento que reencontram o objeto

- papel do espelho em D.P. [?] ao começo

*Loew:* o complexo de Édipo está precedido por descobrimentos de sensações sexuais no estado narcísico mesmo e não só autoerótico e estas formas não são reconhecidas como perigosas pelo menino – nem proibido, nem censurado; nos meninos que não conhecem o espelho.

Para *Eu [Moi]-Eu*

*Eu [moi]* seria para o *eu [moi]* tópico

*Eu*, para a personalidade.

*Laf.* *Eu* empregado por ele no sentido de Federn e de Nunberg concepção que leva a uma concepção que aquela dada na origem.

mais rica que a de Freud, adinâmica em ts casos Anna é d  
esta opinião.

Odier

estado intermediário comum a diferenciar de seu *Eu [moi]* do mundo exterior-interior entre estadio estadio do espelho e estadio do Édipo.

Fato observado = enfermos que tomam consciência de suas pulsões projetando-as primeiro sobre o mundo ext.

Há concordância entre corpo fragmentado e “alma fragmentada”?

Quais serviços prestam ao menino o Édipo?

Todos Piaget, Buhler, Baldwin, 5 anos, estadio objetivo – enorme progresso nesse momento.

Édipo não somente um perigo pois que empurra o menino a tomar consciência de si mesmo com rel ao objeto.

Lacan responde

a Lagache: - não confunde o *Eu* e o corpo próprio.

- intrusão espectacular [sic] é o principal elemento deste estadio.

- o menino não se reconhece imediat. mas quando se vê reconhece

a situação [?], ela não é vital

desmame = prematuraçãõ biológica do nascimento do homem.

Eu insisto nisso.

a Parcheminey, não creio que o homem se adapte à realidade, a adapta a si – o que nós vemos é uma afirmação do sujeito. Ao *Eu [moi]* crê-se nova adaptação à realidade mas nós buscamos manter a coesão com este duplo.

A Loew. : [?] dramatização justa da sit. dos 6 primeiros meses  
 instinto de morte não suporte do Supereu senão indireto  
 o amor objetal como máx. há sempre narcisismo.  
 o altruísmo [?] form. narcísica como as outras.

[?]

(Conhecimento paranóico)

a Loew. Libido autoerótica .

Libido = conceito energético

E autoerótica é sexual?

Anerótica diz Pichon

casos (gêmeos e sonhos de mortos de Loew. [?])

- a agressividade contra o duplo não está no mesmo plano que a agressividade pragmática – fonte do masoquismo primitivo – o ser vive sobre um plano narcísico

a Odier: o processo dos cuidados essenciais para reconhecer o de mim e o não de mim

utilidade do Édipo = precisa o sexo do objeto

a crise não resulta

insuficiência da pulsão sexual – psicótico instância [?] muito insuf.

## ANEXO B|

Onde começam os erros de Lacan<sup>75</sup>*Sphären I. Blasen*, Excurso 9

Peter Sloterdijk

A ênfase na imago das teorias psicanalíticas do relacionamento, problemática desde o início, foi levada ao extremo por Lacan, com seu lendário teorema do “estágio do espelho como formador da função do Eu<sup>76</sup>”, de 1949. Lacan pressupõe uma situação infantil primitiva que, desde sempre, foi combatida pela impossibilidade de se sustentar a si mesmo. Para Lacan, cada lactente é despedaçado pelos estados de aniquilamento incuráveis. Desde o início e de forma inevitável, a psicose é sua verdade e realidade. Ele é lançado ao mundo, impotente e atraído, como o já sempre despedaçado corpo, que dificilmente pode manter unidos seus fragmentos. A verdade seria que o despedaçamento precederia a totalidade e que a primeira palavra pertenceria, por toda parte, a uma psicose originária. É compreensível – caso sigamos por um momento as sugestões do analista francês – que, para um ente tão dissociado no seu fundamento, fervendo na sua perdição, a visão da sua própria imagem, de perfil estável, lá no espelho deva ser sumamente edificante, já que o sujeito poderia finalmente, *pela primeira vez*, perceber-se naquele lá imaginário com a forma de um todo, sem fenda e sem mácula. Aqui, a auto-imagem no espelho entraria em jogo como libertadora de um sentimento de si mesmo insuportável. Somente a imagem lá no espaço do espelho me provaria, contra meu evidente sentimento de mim mesmo, que eu não sou nenhum monstro, mas uma criança humana bem sucedida, dentro dos belos limites da sua forma orgânica. Reconhecer-se no espelho como “isso, sim, sou eu mesmo” significaria, portanto: rir para uma imagem subitamente reluzente, sentir sua integridade como uma mensagem da salvação e ascender, em júbilo e liberto, a um céu imaginário de imagens totais, no qual a anterior dilaceração real e verdadeira nunca mais necessitaria ser confessada. Finalmente o *infans* poderia deixar para trás seu despedaçamento humilhante e sua impotência furiosa; ser-lhe-ia dada, de repente, a possibilidade de, recém-invulnerável, atravessar flutuando o vidro do espelho, chegar ao espaço de imagens e ingressar, tal como um herói transfigurado, no reino de uma integridade demente – radiante,

<sup>75</sup> [www.Centrowinnicott.com.br/saopaulo/uploads/c93cf7194-32a9-4989.pdf](http://www.Centrowinnicott.com.br/saopaulo/uploads/c93cf7194-32a9-4989.pdf) (acessado em junho/2010).

<sup>76</sup> Cf. *Écrits*, Paris, 1966, p. 93-100.

salvo da miserável condição primária, para a qual ele, de agora em diante, pensa nunca mais ter que voltar, supondo que o escudo onírico da imagem do eu incorruptível se afirme contra todas as perturbações posteriores. De acordo com isso, o desenvolvimento do eu deveria iniciar-se, sempre e inevitavelmente, com um auto-desconhecimento salvador: a aparição imaginária lá fora e do outro lado – minha imagem como sã, total, libertadora – tirou-me, enquanto eu *a* admito radicalmente no meu lugar, do inferno sem imagens de minha vida inicialmente sentida e me oferece a promessa maravilhosamente enganosa de eu sempre poder, no futuro, viver dessa imagem – como sob uma proteção ilusória. Minha imagem ilusória de mim lá fora na visibilidade – no imaginário ou no visual transfigurado – seria, pela sua boa forma e totalidade, como que um evangelho escrito só para mim, seria uma promessa que me antecipa e me consolida. Assim que eu a recebesse em mim, ela repousaria no fundamento de mim mesmo como a feliz mensagem de minha ressurreição do aniquilamento inicial. Minha imagem, meu engano originário, meu anjo da guarda, minha loucura.

É possível mostrar sem muito esforço que este inicial e mais famoso fragmento teórico do corpo da doutrina lacaniana apresenta uma brilhante construção enganosa que se erige na base da voluntariosa e patética falsa avaliação da comunicação inicial diádica entre a criança e seu acompanhante-complemento, o qual via de regra é a mãe, sem falar nos meios de complementação pré-natais. A imagem própria especular, como tal, não pode acrescentar à “auto”-averiguação da criança nada que não estivesse plantado desde há muito no nível dos jogos de ressonância vocais, táteis, interfaciais e emocionais e dos sedimentos internos destes. Antes de todo e qualquer encontro com a própria imagem no espelho um *infans* não descuidado “sabe” muito bem e com precisão o que significa viver de maneira não traumatizada no interior de uma dualidade continente e sustentadora. Numa estrutura psíquica de dois-em-um, suficientemente bem sucedida, emerge a percepção imaginal de si mesmo na criança que nota, ocasionalmente, seu reflexo num meio vítreo, metálico ou aquático, como uma camada perceptiva adicional que diverte e atiça a curiosidade sobre um tecido de experiências de ressonância já espesso e confiável; a imagem no espelho não surge de forma alguma como a *primeira* e abrangente informação sobre o próprio poder-ser-total; ela dá, contudo, uma indicação inicial da sua entrada em cena como corpo coerente entre corpos coerentes no espaço visual real. Mas este ser-corpo-imagem integral não significa quase nada perante as certezas pré-imaginárias, não-eidéticas, da integridade dual emocional e sensível. Uma criança que cresce em um contínuo suficientemente bom é, há muito, bastante instruída a partir de outras fontes sobre os fundamentos da sua continência numa forma de realização. Seu interesse pela coerência é mais ou menos satisfeito muito *antes* da informação eidética

especular. Mediante sua imagem vista no espelho ela não vem a conhecer nenhuma possibilidade de ser ou de felicidade radicalmente nova, fundada exclusivamente no imaginário visual. De resto, cabe notar que – como observado anteriormente<sup>77</sup> – antes do século XIX a maioria dos lares da Europa não possuía espelho, de forma que já sob o mais simples aspecto históricocultural, o teorema de Lacan, apresentado como um dogma antropológico válido atemporalmente, é vazio de conteúdo.

Decerto, se o jogo de ressonâncias entre a criança e seu contraposto complementar é carregado de ambivalências, descuidos ou sadismos, abrir-se-á na criança, naturalmente, uma inclinação a se apegar aos magros momentos positivos de experiência de complementariedade – sejam as precárias amabilidades das pessoas com as quais se relaciona, os sonhos auto-eróticos regressivos ou as identificações com os heróis invulneráveis das lendas e dos mitos. Do ponto de vista empírico permanece sem qualquer esclarecimento a pergunta de saber se a visão precoce da própria imagem no espelho realmente ajuda as crianças psicóticas, que estão no limite entre o estágio de lactente e o da primeira infância, nas ressurreições imaginárias mediante fantasias de integridade embasadas ópticamente. O caso particular, exagerado por Lacan, de que o sujeito em desenvolvimento se lança para fora de si, na imagem, a fim de evitar a desproporção sentida na própria pele despedaçada e tornar-se, no mundo-da-imagem, uma totalidade ilusória, apresenta, em todo caso, se é que possui uma realidade casuística, tão somente um significado patológico. Este caso poderia ter seu lugar na vida somente no meio e na estrutura familiar empobrecidos com uma inclinação para o malcuidado crônico do lactente. De fato, para toda fundação do eu que foi realizada assim, mediante a fuga para a ilusão imaginal de totalidade intacta, poder-se-ia prever aquela labilidade paranóide que Lacan, partindo da sua auto-análise, pretendeu explicitar ilegitimamente como marca distintiva universal da psique nas culturas de todos os tempos. Ainda assim, se no fundamento de um si mesmo fosse possível, efetivamente, encontrar um imaginário auto-ofuscante desse tipo, também seria esclarecido porque o sujeito em um universo lacaniano poderia encontrar sua salvação ou, ao menos, sua ordem, somente no simbólico. Somente a submissão à lei simbólica salva da psicose constitutiva. Mas, o que é isto senão a continuação do catolicismo por meios aparentemente psicanalíticos? Com certeza, ninguém irá farejar com tanta clareza furiosa as feridas vindas de toda parte como aquele sujeito que tornou o seu poder-sertodo dependente da defesa das imagens do próprio eu, ofuscantes e exageradas fantásticamente;

---

<sup>77</sup> Cf. acima a seção final do capítulo 2: “Entre as faces. Sobre o surgimento da esfera íntima interfacial”, p. 201ss.

contudo, a afirmação de que as formações egóicas básicas no imaginário seriam, dessa forma, a regra universal, só pode ser sustentada por alguém que apoia uma extravagância em uma outra. Isto significa colocar a própria psicologia a serviço da psicose. Já no início, o próprio Lacan entregou-se a um dogmatismo da psicose originária, cujos motivos não eram psicanalíticos, mas provenientes de interesses cripto-católicos, surrealistas e para-filosóficos. De acordo com sua tendência e tonalidade, o estupefaciente teorema de Lacan do estágio do espelho é uma paródia da doutrina gnóstica da libertação através do auto-conhecimento; de acordo com esse paradigma problemático, aqui o pecado original fica substituído pela ilusão original, sem que jamais fique claro se a ilusão seria algo a conservar ou a ultrapassar. Trata-se, em todo caso, do desconhecimento inicial de si mesmo que proporciona aos sujeitos as tão indispensáveis quanto fatais imagens enganosas – Lacan fala ocasionalmente da função “ortopédica” da imagem enganosa primária. Quem poderia, portanto, sem esse esteio da auto-ilusão sobreviver psiquicamente íntegro – e quem deveria ter interesse em quebrar essa ilusão ao sujeito? Ao mesmo tempo, porém, a ilusão deve ser o que ela é – uma imagem enganosa que tem que ser desfeita à medida em que partem dela as atrações fatais. Conhecer-se ou não a si mesmo – essa é a questão aqui. Pior para aqueles aos quais nunca adveio, de um pretensão imaginário – e, muito menos ainda, de um amor verdadeiro –, a imagem confiável do próprio poder-ser-total.

*Tradução de Zeljko Loparic*<sup>78</sup>

---

<sup>78</sup> Essa tradução valeu-se de uma versão anterior, elaborada por Caesar Souza, PUCRS.

## ÍNDICE 1

*REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DE CITAÇÕES REFERENTES  
AO ESTÁDIO DO ESPELHO NA OBRA "ESCRITOS" E "SEMINÁRIOS" DE  
JACQUES LACAN*

1. "Formulações sobre a causalidade psíquica" (1946/1998, pp. 149- 160)
2. "A agressividade em psicanálise" (1948/1998, pp 107-8 e p. 115).
3. "Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia" (1951/1998, pp 149-150.);
4. "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise" (1956/1998, pp. 250-252, pp. 263-265, pp. 281-282 e p. 302);
5. "A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em psicanálise" (1955/1956, p. 416 e pp. 428-431);
6. "Seminário sobre 'A carta roubada'" (1957/1998, p. 45 e pp 57-58);
7. "A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud" (1957/1998, pp. 515-516);
8. "Juventude de Gide ou a letra e o desejo" (1958/1998, pp. 757-758);
9. "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose" (1959/1998, pp. 558-559, p. 574, p. 577);
10. "Observação sobre o relatório de Daniel Lagache 'Psicanálise e estrutura da personalidade'" (1960/1998, p. 656, p. 664, pp. 674-687).
11. "À memória de Ernest Jones: *Sobre a teoria do simbolismo de Jones*" (1960/1998, pp. 717-719);
12. "Subversão do Sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano" (1960/1998, pp. 817-819 e pp. 831-833);
13. "A direção do tratamento e os princípios de seu poder" (1961/1998, p. 616);

14. “Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina” (1962/1998, pp. 735-736)
15. “Posição do inconsciente” (1964/1998, pp. 861-863);
16. “*De nossos antecedentes*” (1966/1998, pp.73-4)
17. “*De um silabário a posteriori*” (1966/1998, p.731)
- 18.. Seminário 1. “*Os escritos técnicos de Freud*” (1986, p. 91; p. 182; pp. 142-147; pp. 160-3; pp. 165-169; pp. 187-188 e pp. 312-3 ).
19. Seminário 8. “*A transferência*” (1992, p.398; pp. 402-4; pp. 410-4; p. 421; pp. 434-7 e p. 456).
20. Seminário 10. “*A angústia*” (2005, pp.48-9; p.105 e pp.132-3).
21. Seminário 11. “*Os quatro conceitos fundamentais*” (2008, pp. 135-146)